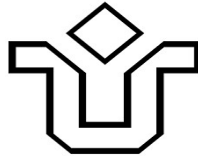


UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL - PPGMS

**CÁSSIA COSTA ROCHA DANIEL DE DEUS**

SEMEANDO ENTRE AS CINZAS DA SEÇÃO DE MEMÓRIA E ARQUIVO DO MUSEU  
NACIONAL: memórias, emoções e práticas afetivas

RIO DE JANEIRO  
2024



CÁSSIA COSTA ROCHA DANIEL DE DEUS

**SEMEANDO ENTRE AS CINZAS DA SEÇÃO DE MEMÓRIA E ARQUIVO DO  
MUSEU NACIONAL: memórias, emoções e práticas afetivas**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Memória Social.

Área de concentração: Estudos Interdisciplinares em Memória Social.

Linha de pesquisa: Memória e Linguagem.

Orientadora: Diana de Souza Pinto.

Rio de Janeiro  
2024

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

CD486s Costa Rocha Daniel de Deus, Cássia  
Semeando entre as cinzas da Seção de Memória e Arquivo do  
Museu Nacional: memórias, emoções e práticas afetivas /  
Cássia Costa Rocha Daniel de Deus. -- Rio de Janeiro, 2024.  
238f.

Orientador: Diana Souza Pinto.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do  
Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Memória Social,  
2024.

1. Memória. 2. Emoção . 3. Prática Afetiva . I. Souza  
Pinto, Diana , orient. II. Título.

CÁSSIA COSTA ROCHA DANIEL DE DEUS

**SEMEANDO ENTRE AS CINZAS DA SEÇÃO DE MEMÓRIA E ARQUIVO DO  
MUSEU NACIONAL: memórias, emoções e práticas afetivas**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Memória Social.

Área de concentração: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

Linha de pesquisa: Memória e Linguagem.

Aprovada em: 05/03/2024.

Banca examinadora:

---

Diana de Souza Pinto (orientadora) - UNIRIO

---

Francisco Ramos de Farias – UNIRIO

---

Eliezer Pires da Silva – UNIRIO

---

Naomi Orton – PUC-RIO

---

Regina Maria Macedo Costa Dantas - UFRJ

---

Glenda Cristina Valim de Melo – UNIRIO (Suplente)

---

Tamara de Souza Campos – UNIGRANRIO (Suplente)

Rio de Janeiro  
2024

Dedico esta tese a minha família, Maria Alice,  
Guilherme e Luiz Felipe.

## AGRADECIMENTOS

A escrita da tese é uma tarefa árdua e solitária. No meu caso, ela seria impossível sem a minha fé, família, orientadora, amigos e um ensinamento do meu pai, Luiz Carlos (*in memoriam*). Aprendi com ele que devo ser como um bambu: envergar, mas nunca quebrar perante as dificuldades da vida. Durante a jornada de elaboração desta tese, eu enverguei, cheguei a ficar muitas vezes por um fio, mas escolhi não desistir e lutar. Não quebrei. Obrigada, pai, por me ensinar tanto com uma simples analogia. Tenho certeza de que você está orgulhoso aí em cima!

Agradeço a Deus, o meu Criador. Tudo o que tenho e sou é graças a ti. Obrigada por me permitir realizar o sonho de ingressar no doutorado, por me sustentar e me conceder sabedoria para chegar até aqui.

À Diana, minha orientadora, por sua dedicação em me guiar nesta jornada, por aconselhar-me nos momentos de dúvidas, ouvir-me nos momentos de desespero e sempre me acalmar. Sua humanidade, empatia, perspicácia e inteligência são impressionantes. Admiro-te como pessoa e professora. Graças também a ti, recomecei a acreditar que este dia seria possível.

À Bibliotecária Maria das Graças. Faltam-me palavras para agradecer sua confiança, gentileza e carinho. Obrigada por ser um exemplo de dedicação, competência e resistência.

À equipe da SEMEAR, Jorge e Gustavo, meu muito obrigada por me permitirem contribuir com o processo de reconfiguração, pelas informações concedidas e pelas entrevistas.

Ao grupo de trabalho do projeto Colheita, aprendi muito nas nossas reuniões e apresentações.

Ao meu marido, amor da minha vida, com você e nossos filhos eu irei até o fim do mundo. Mas vamos tentar ficar no Rio de Janeiro por muitos anos! Obrigada, Luiz Felipe, por me amar, respeitar os meus limites, por ser meu melhor amigo, por cuidar de mim e dos nossos filhos.

A minha filha, Maria Alice, minha maior incentivadora, todos os dias antes de ir para escola, no meu período de licença, ela desejava: “Bom estudo mamãe!”. Nos momentos de desespero, ela dizia: “Mãe você vai conseguir!”. Obrigada, Maria Alice, pelo apoio constante e por compreender as minhas ausências, mesmo com algumas reclamações. Filha, finalmente, acabou!

Ao meu filho, Guilherme, que me ensinou a contemplar o mundo sob outra perspectiva, a valorizar as pequenas vitórias e a não me calar perante as injustiças. Os seus sorrisos me incentivam a prosseguir, a lutar e a acreditar no seu desenvolvimento.

A minha avó, Amélia (*in memoriam*), por me criar com seu amor incondicional e pelas lembranças que aquecem minh'alma.

A minha mãe, Rita de Cássia, por ser meu esteio, por me amar por inteiro e sempre acreditar em mim.

Ao meu irmão, Alex, por me amar, respeitar, ouvir e ser meu amigo.

Ao meu padraсто, Pedro, por ser rede de apoio sempre que precisamos. Por seu carinho e preocupações.

A minha tia-mãe, Fátima, por me amar, compreender e sempre cuidar de mim.

A minha tia Ane, mesmo distante fisicamente, sempre se fez presente por mensagens inspiradoras e incentivadoras, obrigada pelo carinho.

Ao meu primo, Matheus, que me ajudou com a formatação das transcrições e por ser rede de apoio.

À Grasielle Monteiro, por me incentivar a ingressar no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e me apresentar à Diana.

À amiga Cristiane, pelas mensagens, carinho e por me ligar no momento que mais precisei.

Aos amigos Állan, Luciele, Camila, Clóvis e Joseane por ouvirem minhas angústias e frustrações; pelos conselhos e apoio; como é revigorante poder compartilhar experiências com quem entende os desafios de ser pai/mãe atípico(a). Juntos somos mais fortes!

Às amigas Angelina e Heloísa, por nossas conversas acadêmicas, desabafos e incentivo;

Ao professor Dr. Francisco, por me ouvir quando estava imersa no caos, por compor a banca, pelas aulas enriquecedoras e contribuições.

À professora Dra. Jô Gondar, por sua gentileza, contribuições assertivas e ensinamentos da teoria de Henri Bergson.

À professora Dra. Naomi, por participar da banca, pelas recomendações valiosas e envio dos textos que fundamentaram a escrita sobre as narrativas.

Ao professor Dr. Eliezer, por me permitir assistir como ouvinte à disciplina, por me instigar a lançar outro olhar às práticas afetivas, validar a escrita sobre a SEMEAR, e compor a banca.

À professora Dra. Regina Dantas, pelas palavras de incentivo no início da minha pesquisa, por participar da banca, mesmo à distância, pelo tempo dedicado à leitura desta tese e pelas contribuições;

Às professoras Glenda e Tamara por aceitarem o convite de suplentes.

Às amigas Thais e Érica, pela troca, palavras de conforto e parcerias nos trabalhos do doutorado.

Às chefes Anaize, Paula e Celeste, por confiarem em mim e me concederem a licença qualificação;

Às amigas que a UFRJ me deu para vida, Zoraide (mãe adotiva), Cíntia, Luciana, Heloísa, Dani, Patrícia, Iloene, Daniele, Roberta, Adriana, Akemi, Márcia e Débora. Obrigada por tudo!

Enfim, meu agradecimento especial à UNIRIO, instituição onde comecei a minha trajetória acadêmica, que forjou meus conhecimentos na área de Biblioteconomia e Memória Social, por meio de aulas inspiradoras, ministradas por professores abnegados e dedicados.



Give in  
Don't give up  
Breathe  
Don't you stop  
[...]  
Whatever you want or need  
Wherever you have to be  
Whatever you have to believe  
I'm in  
Begin

(I'm in – Aha)

DEUS, Cássia Costa Rocha Daniel de. **Semeando entre as cinzas da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional: memórias, emoções e práticas afetivas.** 2024. 238 f. Tese (Doutorado em Memória Social) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

## RESUMO

O incêndio do Museu Nacional, em dois de setembro de 2018, representa um marco na história devido à perda de bens materiais e imateriais da história da Monarquia no Brasil, sobretudo, da Ciência e da Cultura, em âmbito nacional e mundial. Diante das perdas ocasionadas, a reestruturação da infraestrutura e das coleções se tornou imperativa para a continuação das atividades de ensino, pesquisa, extensão e divulgação científica da instituição. Nesse contexto, a proposta da pesquisa é analisar o processo de reconfiguração da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional à luz da Memória Social. A inserção no campo de pesquisa ocorreu em uma reunião emergencial na Biblioteca Central da instituição, no dia seguinte ao desastre, na qual manifestei o meu apoio à ex-chefe da seção. Desde então integro o grupo de trabalho da SEMEAR. Em linhas gerais, o objetivo é investigar em que medida as lembranças e emoções acerca do incêndio impulsionam as práticas afetivas dos participantes desta pesquisa em torno do processo de reconfiguração da seção. A tríade teórica, que não apenas fundamenta, mas também se conforma como um dos objetivos específicos da pesquisa, é a relação entre memória, emoções e práticas afetivas. Vale ressaltar que não há publicações a respeito dessa relação sob a ótica da teoria de Henri Bergson, adotada como prisma norteador para as discussões, associações e análises das entrevistas engendradas. O *corpus* da pesquisa é constituído por relações teóricas e quatro entrevistas, sendo os entrevistados dois pesquisadores e os dois funcionários da SEMEAR. Os pesquisadores foram selecionados após um mapeamento, realizado a partir de uma lista das consultas ao acervo da seção, e a aplicação do questionário “Perfil dos Pesquisadores da SEMEAR”. A narrativa foi eleita como gênero discursivo para as análises das entrevistas e interpretada, nesta pesquisa, como contração discursiva da memória, enquanto as práticas afetivas são qualificadas como ações densificadas pela memória. Desse modo, a pesquisa é caracterizada como qualitativa, norteadas pelas seguintes questões: quais lembranças e emoções acerca do incêndio são suscitadas nas narrativas dos entrevistados? Quais práticas e/ou interseccionalidades afetivas podem ser identificadas nos discursos dos entrevistados? Em que medida essas práticas e/ou interseccionalidades afetivas são impulsionadas pelo processo de atualização das lembranças e das emoções acerca do incêndio durante a construção do fluxo narrativo? Os resultados alcançados demonstram o elo indissociável entre as emoções e a memória, como também identificam as tonalidades afetivas que perpassam as narrativas dos entrevistados, a saber: tristeza, espanto, indignação, entre outras. Conclui que as lembranças do incêndio e as emoções criadoras, implicadas na oportunidade construção/criação de um mundo possível para o acervo da SEMEAR após o desastre, impulsionam as práticas afetivas, ou seja, as ofensivas sensíveis desse processo.

**Palavras-chave:** Museu Nacional. Memória. Emoções. Práticas afetivas.

DEUS, Cássia Costa Rocha Daniel de. **Sowing among the ashes of the Memory and Archive Section of the National Museum: memories, emotions and affective practices.** 2024. 238 f. Tese (Doutorado em Memória Social) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

## ABSTRACT

The fire at the National Museum, on September 2, 2018, represents a milestone in history due to the loss of material and immaterial assets from the history of the Monarchy in Brazil, especially Science and Culture, nationally and worldwide. Given the losses caused, the restructuring of infrastructure and collections became imperative for the continuation of the institution's teaching, research, extension and scientific dissemination activities. In this context, the research proposal is to analyze the process of reconfiguring the Memory and Archive Section of the National Museum in the light of Social Memory. I entered the research field at an emergency meeting in the institution's Central Library, the day after the disaster, in which I expressed my support for the former head of the section. Since then, I have been part of the SEMEAR working group. In general terms, the objective is to investigate to what extent memories and emotions surrounding the fire drive the affective practices of the participants in this research around the process of reconfiguring the section. The theoretical triad, which not only underlies but also serves as one of the specific objectives of the research, is the relationship between memory, emotions and affective practices. It is worth mentioning that there are no publications regarding this relationship from the perspective of Henri Bergson's theory, adopted as a guiding principle for the discussions, associations and analyzes of the interviews generated. The research corpus consists of theoretical relationships and four interviews, with two researchers and two SEMEAR employees being interviewed. The researchers were selected after mapping, carried out based on a list of consultations on the section's collection, and the application of the "Profile of SEMEAR Researchers" questionnaire. The narrative was chosen as a discursive genre for the analysis of the interviews and interpreted, in this research, as a discursive contraction of memory, while affective practices are qualified as actions densified by memory. Therefore, the research is characterized as qualitative, guided by the following questions: what memories and emotions about the fire are evoked in the interviewees' narratives? What affective practices and/or intersectionalities can be identified in the interviewees' speeches? To what extent are these affective practices and/or intersectionalities driven by the process of updating memories and emotions about the fire during the construction of the narrative flow? The results achieved demonstrate the inseparable link between emotions and memory, as well as identifying the affective tones that permeate the interviewees' narratives, namely: sadness, astonishment, indignation, among others. It concludes that the memories of the fire and the creative emotions, involved in the opportunity to construct/create a possible world for the SEMEAR collection after the disaster, drive the affective practices, that is, the sensitive offensives of this process.

**Keywords:** National Museum. Memory. Emotions. Affective practices.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 -</b>	<b>Locações do Paço de São Cristóvão e do Horto Florestal</b>	28
<b>Figura 2 -</b>	<b>Primeiro incêndio do Museu Nacional em 1942</b>	31
<b>Figura 3 -</b>	<b>Organograma do Museu Nacional</b>	33
<b>Figura 4 -</b>	<b>Incêndio do Museu Nacional</b>	41
<b>Figura 5 -</b>	<b>Logomarca da campanha “Museu Nacional Vive”</b>	43
<b>Figura 6 -</b>	<b>Localização do <i>Campus</i> de Ensino e Pesquisa do Museu Nacional</b>	45
<b>Figura 7 -</b>	<b>Documentos da SEMEAR compactados pela água</b>	49
<b>Figura 8 -</b>	<b>Fragmentos de documentos incinerados da SEMEAR</b>	49
<b>Figura 9 -</b>	<b>Documentos da SEMEAR bloqueados pelo fogo</b>	50
<b>Figura 10 -</b>	<b>Negativos de vidro da SEMEAR após o incêndio</b>	50
<b>Figura 11 -</b>	<b>Álbum da Exposição do Centenário da Independência do Brasil</b>	52
<b>Figura 12 -</b>	<b>O cone invertido de Bergson</b>	83
<b>Figura 13 -</b>	<b>Coeficiente afetivo e impulso vital</b>	93
<b>Figura 14 -</b>	<b>Davi Lopes com violões produzidos com os restos de madeira do incêndio</b>	109
<b>Figura 15 -</b>	<b>Vik Muniz com algumas obras produzidas com as cinzas do incêndio.</b>	109

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 - Fundos da SEMEAR</b>	36
<b>Quadro 2 - Modelo da planilha do mapeamento</b>	152
<b>Quadro 3 - Mapeamento dos pesquisadores</b>	230
<b>Quadro 4 - Faixa etária dos pesquisadores do questionário</b>	234
<b>Quadro 5 - Afiliação dos pesquisadores do questionário</b>	234
<b>Quadro 6 - Contribuição dos documentos consultados</b>	235
<b>Quadro 7 - Objetivos da consulta aos documentos doados para SEMEAR</b>	235
<b>Quadro 8 - Vinculação ao Museu Nacional na época da pesquisa</b>	235
<b>Quadro 9 - Vínculo atual dos pesquisadores do questionário</b>	236
<b>Quadro 10 - Como os pesquisadores tomaram conhecimento sobre o incêndio</b>	236
<b>Quadro 11 - Participação dos pesquisadores em entrevista online.</b>	236
<b>Quadro 12 - Convenções de transcrição</b>	ANEXO A
-	

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	15
<b>1.1</b>	<b>Objetivos</b>	20
1.1.1	Objetivos gerais	21
1.1.2	Objetivos específicos	21
<b>1.2</b>	<b>Abordagem teórico-metodológica</b>	21
<b>2</b>	<b>MUSEU NACIONAL E SEMEAR: BREVE PANORAMA ANTES E APÓS O INCÊNDIO</b>	27
<b>2.1</b>	<b>Museu Nacional e SEMEAR antes do incêndio</b>	27
<b>2.2</b>	<b>Museu Nacional e SEMEAR após o incêndio</b>	40
<b>3</b>	<b>MEMÓRIAS, EMOÇÕES E PRÁTICAS AFETIVAS</b>	55
<b>3.1</b>	<b>Emoções, práticas afetivas e interseccionalidade afetiva</b>	60
<b>3.2</b>	<b>Memória e emoções em Bergson: relação com as práticas afetivas</b>	69
3.2.1	Duração, intervalo de indeterminação, memória e impulso vital: apontamentos sobre algumas noções de Henri Bergson	71
3.2.2	Impulso vital, intervalo de indeterminação emoções e moral aberta: vínculos teóricos	90
3.2.3	Práticas e interseccionalidade afetivas como ações densificadas pela memória na construção de mundos possíveis	103
<b>4</b>	<b>NARRATIVAS: REFLEXÕES TEÓRICAS E CATEGORIAS DE ANÁLISE</b>	114
<b>4.1</b>	<b>Traçando o caminho de escolha das narrativas</b>	114
<b>4.2</b>	<b>Os múltiplos usos e significados das narrativas</b>	116
<b>4.3</b>	<b>Componentes estruturais da narrativa: tipos de avaliação</b>	122
<b>4.4</b>	<b>A narrativa como construção e o tempo narrativo</b>	129
<b>5</b>	<b>ANÁLISES DAS NARRATIVAS: PERSPECTIVAS, CATEGORIAS E CONSTRUÇÃO DO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA</b>	132
<b>5.1</b>	<b>As entrevistas como <i>locus</i> de coconstrução de narrativas</b>	134
<b>5.2</b>	<b>Narrativa como construção de identidades: footing e agência</b>	137
<b>5.3</b>	<b>Narrativa como contração discursiva da memória e prática afetiva discursiva</b>	140
<b>5.4</b>	<b>Construção do <i>corpus</i>: aspectos metodológicos e perfil dos entrevistados</b>	150
5.4.1	Construção do <i>corpus</i> : aspectos metodológicos	150
5.4.2	Construção do <i>corpus</i> : perfil dos entrevistados	153
<b>6</b>	<b>SEMEANDO ENTRE CINZAS: MEMÓRIAS, EMOÇÕES E PRÁTICAS AFETIVAS NAS NARRATIVAS SOBRE O PROCESSO DE RECONFIGURAÇÃO</b>	157

<b>6.1</b>	<b>O incêndio do museu nacional e da SEMEAR: “<i>eu vi a minha sala queimar</i>”</b>	157
6.1.1	Confrontação com o incêndio do Museu Nacional: “ <i>então foi um choque né</i> ”	158
6.1.2	Vínculos com o Museu Nacional: “ <i>eu tive oportunidade de experimentar o Museu Nacional em diversas condições</i> ”	169
6.1.3	Condições pré-existentes que contribuíram para o incêndio: “ <i>tragédia muito anunciada</i> ”	175
<b>6.2</b>	<b>Tonalidades afetivas das perdas do incêndio: “<i>tristeza associada a tudo que a gente perdeu</i>”</b>	180
6.2.1	Tonalidades afetivas das perdas do Museu Nacional: “ <i>houve a perda de vida, de partes de vidas inteiras dedicadas aquele Museu</i> ”	180
6.2.2	Tonalidade afetivas das perdas da SEMEAR: “ <i>porque a SEMEAR [...] reunia a memória institucional</i> ”	185
<b>6.3</b>	<b>Práticas afetivas do processo de reconfiguração da SEMEAR: “<i>ainda tem gente querendo ajudar</i>”</b>	191
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	204
	<b>POSFÁCIO</b>	213
	<b>REFERÊNCIAS</b>	218
	<b>APÊNDICE A – EXEMPLO DO MAPEAMENTO DOS PESQUISADORES</b>	228
	<b>APÊNDICE B - TEXTO DAS SOLICITAÇÕES DE DOAÇÕES PARA SEMEAR E DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA</b>	229
	<b>APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO PERFIL DOS PESQUISADORES DA SEMEAR</b>	230
	<b>APÊNDICE D – RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO</b>	233
	<b>APÊNDICE E - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS SERVIDORES</b>	236
	<b>APÊNDICE F - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS PESQUISADORES</b>	237
	<b>ANEXO A - CONVENÇÕES ADOTADAS NAS TRANSCRIÇÕES</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

O espanto, a incredulidade, a raiva, a incerteza, a esperança e o choro são algumas das emoções que provavelmente atravessaram os expectadores do incêndio no Museu Nacional do Rio de Janeiro, sobretudo dos servidores, colaboradores e visitantes, devido ao vínculo de pertencimento, às experiências vividas e ao reconhecimento de sua importância. Divulgado em tempo real nas mídias, o incêndio do dia 02 de setembro de 2018, certamente, marcou a trajetória da instituição e a história do país, com reflexos mundiais, visto que uma parte da história antropológica e científica da humanidade se tornou cinzas.

Não é possível mensurar a perda material e imaterial de um acervo construído ao longo de 200 anos, por meio do trabalho de inúmeros pesquisadores, técnicos, e cientistas do Brasil e de diversos países. Na esfera do dizível, o incêndio atingiu coleções únicas, como por exemplo: o acervo com mais de cinco milhões de insetos, um dos maiores da América do Sul, a maior coleção de artefatos egípcios da América Latina, a coleção de arte e artefatos greco-romanos da Imperatriz Teresa Cristina, o mais antigo fóssil humano conhecido do Brasil, apelidado de “Luzia”, os registros linguísticos e artefatos de povos indígenas, a Biblioteca de Antropologia Social e a Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR), entre outras coleções importantes para a Cultura, a Ciência e a Memória, algumas em níveis mundiais.

No dia seguinte ao incêndio, a indignação e o choro eram visíveis na maioria dos semblantes dos que compareceram ao ato que começou nos portões da Quinta da Boa Vista, local que abriga o Museu Nacional. A entrada do público foi vedada, até que “[...] no início da tarde, um grupo de cerca de 300 estudantes, funcionários do museu e outros manifestantes forçaram a entrada.” (Sampaio, 2018). O ato teve continuidade à noite, no Centro do Rio de Janeiro e, segundo “[...] o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro estima-se que cerca de 25 mil pessoas compareceram.” (Dias; Ming; Henrique, 2018). A participação efetiva dos estudantes deve-se principalmente ao vínculo institucional do Museu Nacional, com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que vigora desde 1946<sup>1</sup>, e viabilizou, em 1968, a fundação do primeiro Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do país.

A extensão da comoção pública em relação ao incêndio do Museu Nacional do Rio de Janeiro pode ser atestada por meio da enorme quantidade de pessoas que se mobilizaram para protestar, bem como pelas cartas de solidariedade redigidas por crianças de diversos estados do

---

<sup>1</sup> Regulamentado pelo Decreto-Lei nº 8.689 de 16 de janeiro de 1946.



Brasil e do exterior<sup>2</sup>, pela entrega de vestígios do acervo, encontrados nos lares dos moradores da redondeza, pelas mensagens de apoio publicadas nos perfis das redes sociais da instituição, pelas notas de pesar de entidades nacionais e internacionais, entre outros. Por um lado, a comoção pública denota a relevância do patrimônio atingido e a insatisfação com as políticas públicas de preservação dos bens culturais. Por outro, o incêndio do Museu Nacional ocasionou diversas experiências emocionais, compreendidas por Whethell (2013) como a relação entre os objetos e sujeitos, em um determinado contexto, o que mobiliza corpos, cérebros e mentes em diversos níveis. No âmbito do incêndio da instituição, os níveis de mobilização são perceptíveis nas diferentes formas de apoio, na contribuição e no envolvimento com o processo de reconstrução.

De fato, a transmissão ao vivo do incêndio nos canais de televisão aberta e fechada, nacionais e internacionais, assim como nas mídias sociais, contribuíram para o compartilhamento coletivo de uma experiência emocional, que desencadeou emoções conflitantes, perceptíveis nos comentários das redes sociais do Museu Nacional, dos jornalistas durante a transmissão, nas reações dos manifestantes, no dia seguinte à tragédia, nos grupos do *whatsapp*, entre outros. Essas emoções conflitantes são descritas por Fabre (2013)<sup>3</sup> como nuances de raiva e compaixão, indignação e melancolia, ódio e amor, entre outras.

O primeiro contato com o campo de estudo foi motivado por emoções contagiosas conflitantes quando, sensibilizada pela tragédia, compareci voluntariamente ao ato do dia 3 de agosto, da Quinta da Boa Vista, e participei da reunião emergencial, organizada de forma improvisada pela coordenação do Sistema de Informação e Bibliotecas (SiBI), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), enquanto Bibliotecária da rede. Nessa reunião, algumas ideias foram propostas para recompor o acervo da Biblioteca Francisca Keller; entretanto, nenhum plano foi discutido para a reconfiguração da Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR). Afinal, como seria possível recompor um acervo de documentos únicos que constituíam os fundos do Museu Nacional e de pesquisadores renomados na Ciência?

Após a reunião, os laços de amizade com a Bibliotecária Maria das Graças Freitas Souza Filho, responsável na época pela Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR), me permitiram demonstrar solidariedade e disponibilidade para contribuir com o processo de reconstrução da Seção. A Seção de Memória e Arquivo foi instituída desde o primeiro regulamento do Museu

---

<sup>2</sup> Para mais informações acesse: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/14/politica/1536952432\\_403154.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/14/politica/1536952432_403154.html)

<sup>3</sup> Autor pioneiro nos estudos sobre emoção patrimonial, que trata sobre como o patrimônio pode desencadear emoções na sociedade, em situações específicas como em desastres, reformas e durante o processo de destituição/instituição.

Nacional<sup>4</sup>, entretanto, de acordo com Santos e Estevão (2007), só conquistou reconhecimento institucional em 2002, quando recebeu a sua atual designação e espaço próprio no Paço de São Cristóvão. O acervo da SEMEAR se subdividia em arquivo institucional, com documentos relacionados ao Museu Nacional e Paço de São Cristóvão e arquivos privados de cientistas expoentes em suas áreas de atuação. Segundo Souza Filho (2018), estima-se que o acervo era constituído por 500 metros de documentos textuais, 20.000 documentos iconográficos, além de materiais cartográficos, sonoros e tridimensionais. É importante esclarecer que apenas uma parte do acervo foi identificada, tratada e organizada em 54 fundos (categorias) até ser acometida pelo incêndio.

No mês seguinte aos eventos mencionados, aceitei o convite para participar do grupo de trabalho multidisciplinar, composto por servidores da SEMEAR<sup>5</sup> e pesquisadores de outras instituições<sup>6</sup>, que tinha como meta a reconfiguração do acervo. A oportunidade de participar de alguma forma da reconstrução do Museu Nacional, local que frequentei enquanto criança e como profissional da UFRJ, foi ao encontro de meu desejo em colaborar desde que acompanhei a transmissão do incêndio. Após a inserção no grupo, participei de diversas reuniões, eventos e colaborei diretamente com as apresentações do Colheita<sup>7</sup>. O Colheita configura a proposta de um sistema de informação, que visa agregar diferentes tipologias documentais, como arquivos históricos, mapas, fotos, ilustrações, publicações e dados das pesquisas realizadas no acervo da SEMEAR. A expectativa inicial era a de inserir no Colheita as doações dos documentos consultados pelos pesquisadores da SEMEAR e os desdobramentos dessas consultas, como artigos, teses, projetos, entre outros. Contudo, em março de 2020, o advento da pandemia de Covid-19 paralisou as atividades do grupo, não retomadas até fevereiro de 2024.

A paralização das atividades inviabilizou a continuação da pesquisa de doutorado sobre a configuração do Sistema Colheita. Entretanto, o interesse em contribuir com a seção permaneceu, porque as imagens que presenciei da destruição do Paço de São Cristóvão, do

---

<sup>4</sup> Regulamento n. 123 de 1842.

<sup>5</sup> Em 2018, a equipe era constituída por três servidores, Maria das Graças Souza Filho (Bibliotecária/ Ex-Coordenadora – SEMEAR/UFRJ) afastada por problemas de saúde que se agravaram após o incêndio; Jorge Dias da Silva Junior (Arquivista/ Coordenador - SEMEAR/UFRJ) e Gustavo Alves Cardoso Moreira (Historiador – SEMEAR/UFRJ).

<sup>6</sup> Amauri Marques da Cunha (Engenheiro /Analista de Sistema – NCE/ UFRJ), Maria José Veloso da Costa Santos (Professora Adjunta/ Chefe do Departamento de Biblioteconomia –FCC/UFRJ), Maria de Nazaré Freitas Pereira (Bibliotecária/ Pesquisadora em Ciência da Informação – IBICT), Paulo Rogério Marques Sily (Historiador/ Pesquisador –UERJ) e Cássia Costa Rocha Daniel de Deus (Bibliotecária – SiBI/ UFRJ)

<sup>7</sup> Para mais informações acerca do Colheita: DEUS, C. C. R. D. de; PINTO, D. de S. O projeto de reconfiguração da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional na perspectiva da informação e da memória. **Informação & Informação**, Londrina, v. 26, n. 2, p. 1-25, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/40134> . Acesso em: 29 dez. 2022.

desespero dos servidores, estudantes, manifestantes, sobretudo, da ex-chefe da SEMEAR na reunião de que participei, ainda estão vívidas em minhas lembranças. Essas lembranças aliadas à sensação de perda/inconformismo e, ao mesmo tempo, de alegria em poder colaborar continuam a me estimular. Por esse motivo, o contato com os servidores da seção não foi interrompido, mesmo durante o hiato do grupo de trabalho, que ainda perdura.

O projeto de reconfiguração foi interrompido, mas as atividades da SEMEAR continuaram durante a pandemia. Alocada temporariamente em uma sala do Arquivo Nacional<sup>8</sup>, os dois servidores da Seção atendem, na medida do possível, às solicitações de pesquisa com o material que resistiu ao incêndio e tratam o acervo iconográfico. Os documentos digitais do HD externo da Seção<sup>9</sup> constituem uma das principais fontes de informação, salvos pela ex-coordenadora, em virtude do término do projeto de fomento do Programa de Apoio ao Desenvolvimento dos Arquivos Ibero-Americanos<sup>10</sup>. Entre os documentos, destacam-se “[...] 2030 (duas mil e trinta) folhas digitalizadas do Arquivo Administrativo Histórico Científico do Museu Nacional (1810-1880).” (Deus; Pinto, 2021, p.2).

Outra fonte importante da Seção é o acervo iconográfico, composto “[...] por um conjunto de documentos fotográficos e fitas magnéticas de vídeo que registram as atividades do Museu Nacional e seus diferentes projetos.” (Deus; Pinto, 2021, p. 2). O acervo iconográfico não foi atingido pelo incêndio, porque estava abrigado em uma sala do Horto Florestal. No momento é o único acervo físico da SEMEAR e contém registros importantes como, por exemplo, um exemplar que documenta fotograficamente a exposição comemorativa do Centenário da Independência, em 1922, com fotografias das visitas ilustres de Albert Einstein e Marie Curie, entre outros. Vale ressaltar que as temáticas e a abrangência do acervo iconográfico ainda não podem ser discriminadas em sua integralidade, porque estão no estágio de inventário (identificação), em vias de tratamento técnico pertinente.

As demandas de pesquisa da SEMEAR sobre cientistas expoentes e o próprio Museu Nacional, em evidência após o incêndio, despertou o interesse da coordenação da Seção em antecipar uma das etapas do projeto de reconfiguração. Essa etapa seria a coleta das documentações consultadas pelos pesquisadores por meio de um formulário eletrônico e de uma campanha pública para incentivar as doações. Contudo, como o projeto está parado, a coordenação solicitou a minha colaboração, para coletar os documentos por meio do contato

---

<sup>8</sup> Após o incêndio, a Seção funcionou em uma sala da Biblioteca do Horto, devido ao seu fechamento para reforma; em abril de 2020 a SEMEAR foi alocada no Arquivo Nacional.

<sup>9</sup> O material ainda está em processo de identificação e organização no drive da SEMEAR.

<sup>10</sup> O edital de fomento refere-se à Convocatória de Iberarquivos 2018, vinculado à Secretaria Geral Ibero-Americana (SEGIB).

direto com cada pesquisador registrado na planilha de controle das pesquisas da Seção. Na planilha, constam apenas: o registro do assunto pesquisado, o nome do pesquisador e a data da pesquisa; não contêm os contatos dos pesquisadores, o que representa um desafio. No total, são 870 registros que abarcam o período de 2002 a 2017. As pesquisas de 2018 não estão contempladas, porque supostamente foram atendidas por e-mail. A prioridade definida pela coordenação, a princípio, é tentar recuperar documentos sobre o Museu Nacional solicitados com frequência.

A minha contribuição diante da referida etapa do processo de reconfiguração descortina duas vertentes, que podem ser exploradas como temáticas de pesquisa: a primeira seria tratar exclusivamente do processo de recuperação dos documentos, mais especificamente, analisar as doações a partir dos conceitos de vestígios, restos e rastros. Cada documento doado será sempre uma parte, de sua íntegra ou de um fundo e do acervo. Daí advém algumas questões teóricas: os documentos remanescentes são vestígios ou rastros? Quais critérios serão determinantes para essa distinção? Os vestígios devem ser os primeiros a serem inseridos no acervo digital, por sua vez, devido à característica do rastro de poder “não ser mais reconhecido como signo de algo que assinala” (Gagnebin, 2012, p. 27), provavelmente devem ser reunidos e tratados de outra forma. Como os rastros serão inseridos no acervo da SEMEAR? Afinal, qual a representatividade dos documentos doados para a SEMEAR sob a perspectiva da lembrança e do esquecimento?

Outra vertente seria compreender qual a motivação para a doação desses documentos, ou seja, em que medida a comoção gerada pelo incêndio é preponderante, quais emoções e memórias estimulam o envolvimento dos pesquisadores, como também dos servidores da seção com o processo de reconfiguração. Essa última vertente foi a escolhida para ser desenvolvida neste projeto de tese, em função do meu envolvimento como colaboradora e, principalmente, por conta do interesse em estudar a relação da memória e da emoção, que desperta alguns questionamentos iniciais: Quais preceitos/teorias/aspectos podem explicar o vínculo entre a memória e a emoção? Quais as motivações dos pesquisadores para as doações dos documentos? Quais emoções e memórias estão implicadas no processo de reconfiguração da SEMEAR?

Diante dessas questões, eu pretendo analisar o processo de reconfiguração da SEMEAR, sob a perspectiva da tese apresentada por Gondar (2016), de que não existem memórias fora de um contexto afetivo. Para a autora, a memória não pode ser reduzida ao campo das representações, porque abrange “[...] as forças que nos afetam, e também forças pelas quais afetamos. Podemos articular o afeto e a representação na produção da memória como partes integrantes de um mesmo processo [...]” (Gondar, 2016, p. 37). As forças mencionadas pela

autora são interpretadas, nesta pesquisa, como as emoções implicadas nas lembranças do incêndio, as mesmas que se desdobram no modo como o desastre afetou tanto os servidores quanto os pesquisadores, e como eles são motivados por essas emoções a afetarem a SEMEAR, ou melhor, a contribuírem com a reconfiguração da seção. Ainda na perspectiva do afeto, Le Breton (2019) alega que o ser humano sofre permanentemente a influência dos acontecimentos ao seu redor e, conseqüentemente, é tocado por eles a todo o momento. Desse modo, até as ações ou reações mais “frias” e “racionais”, em algum nível, sofrem o efeito das emoções, enquanto, nas situações subjetivas, as emoções podem atuar como a causa das ações.

Ora, como seres afetivos, as emoções estão sempre presentes; logo, toda experiência é, de certa forma, emotiva. Entretanto, é possível identificar a atuação das emoções com mais clareza em situações singulares e inesperadas, porque desencadeiam ações mais contundentes. Um exemplo simples ocorre quando, inesperadamente, tropeçamos em uma pedra e machucamos nosso pé; a dor é frequentemente expressa com interjeições, como “ai!”. Outro exemplo acontece quando o time ou o esportista para quem torcemos conquista um título ou uma medalha, situação na qual a reação mais comum é a de demonstrar nossa alegria com sorrisos, aplausos, gritos – outros até se emocionam ao ponto de chorar. Em uma escala mais complexa – devido à relevância da instituição no âmbito internacional e, principalmente, nacional, a proporção inesperada do incêndio e as perdas ocasionadas – o incêndio do Museu Nacional precipitou ações diversas nos indivíduos e na sociedade. As reações mais evidentes foram os atos no dia seguinte ao desastre, considerando as manifestações nas redes sociais, a repercussão na mídia mundial, as doações internacionais e nacionais.

A partir das reflexões empreendidas até aqui, a hipótese inicial da pesquisa é a de que as emoções afloradas com o incêndio, atualizadas com a lembrança do desastre, desencadeiam, até hoje, ações em torno do processo de reconfiguração da SEMEAR. Assim, a proposta desta pesquisa é investigar quais lembranças e emoções estão circunscritas em torno desse processo, mais especificamente, em que medida elas impulsionam as ações, ou melhor, as práticas afetivas dos pesquisadores e dos servidores da seção, sujeitos desta pesquisa.

## **1.1 Objetivos**

Os objetivos que direcionam a proposta de pesquisa serão apresentados a seguir.

### 1.1.1 Objetivos gerais

Compreender, com base nas análises das narrativas dos entrevistados, a relação entre a memória, emoções e práticas afetivas no contexto do incêndio do Museu Nacional, com o propósito de investigar em que medida as lembranças e emoções acerca do desastre, convergem para práticas afetivas em torno do processo de reconfiguração da SEMEAR.

### 1.1.2 Objetivos específicos

A pesquisa almeja:

Construir a relação entre memória, emoção e práticas afetivas, em consonância principalmente com a teoria de Henri Bergson;

Identificar as lembranças e emoções suscitadas nas narrativas dos entrevistados acerca do incêndio do Museu Nacional e da SEMEAR, atentando para como ambas são atualizadas discursivamente;

Analisar as práticas afetivas e/ou interseccionalidades afetivas enunciadas nas narrativas dos entrevistados, no que tange ao processo de reconfiguração da SEMEAR;

Investigar em que medida as práticas afetivas e/ou interseccionalidade afetivas identificadas nas narrativas são acionadas pelas emoções implicadas nas lembranças do incêndio.

## 1.2 Abordagem teórico-metodológica

A pesquisa será fundamentada na relação entre três eixos teóricos: memória, emoção e práticas afetivas. Esse último eixo foi adicionado com o objetivo de direcionar o tipo de ações que pretendo identificar nas narrativas dos entrevistados, ou seja, ações/práticas advindas de um estremecimento afetivo que impele o engajamento dos envolvidos. As práticas afetivas, segundo Wetherell (2012), estão relacionadas às configurações mutáveis, dinâmicas e com padrões flexíveis das práticas do participante, sob a atuação das emoções, em um determinado contexto. O contexto em análise é o pós-incêndio do Museu Nacional, com o enfoque para o processo de reconfiguração da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional. Nesse cenário, as práticas afetivas, no caso dos servidores, devem ser identificadas nas narrativas quando mencionarem as ações, tanto no âmbito local quanto no institucional, relacionadas de alguma

forma a esse processo. No caso dos pesquisadores, as práticas afetivas abarcam as doações dos documentos consultados anteriormente.

Os eixos emoção e práticas afetivas serão respectivamente elucidados, com base nos estudos de Le Breton (2019), da Antropologia; Didi-Huberman (2016), da Filosofia; e de Margaret Wetherell (2012, 2013, 2014), da área de Psicologia e do Discurso, e precursora da teoria de práticas afetivas; enquanto o eixo memória têm como fundamento a teoria de Henri Bergson (2011, 2020, 2022), da área de Filosofia, adotado também em diversos estudos da área de Memória Social. Outros autores foram utilizados como aporte teórico no eixo memória, a saber: Gondar (2021, 2015, 2016) da Memória Social; Worms (2010), Deleuze (2012) e Maciel Júnior (2017) da Filosofia. As associações teóricas da tríade serão construídas a partir de reflexões engendradas sobre o prisma dos autores citados, com o acréscimo dos estudos de Lazzarato (2006) e Sztulwark (2023), que contribuirão para interpretação das práticas e interseccionalidades afetivas como ofensivas sensíveis em prol da construção de um mundo possível para SEMEAR após o incêndio.

No que concerne as análises das entrevistas, a narrativa foi eleita como gênero discursivo, devido ao seu vínculo com a memória e ao seu potencial de atualização das experiências. Nesse contexto, o estudo de Linde (2009) alega que a narrativa evoca os acontecimentos do passado e, ao mesmo tempo, sugere significados; logo, anuncia o valor desses eventos com base na percepção atual de suas implicações morais; a partir desse pressuposto a narrativa seria uma forma de organizar e atualizar as lembranças acerca de algum evento. Nessa linha de raciocínio, os estudos de Bastos (2005), Bastos e Biar (2015), Riessman (1999, 2008), Mishler (2002), entre outros, associados a teoria bergsoniana, ancoram a interpretação da narrativa como contração discursiva da memória, questão que será abordada posteriormente. Outro aspecto da narrativa considerado relevante para esta pesquisa é a possibilidade de trazer à tona significados atrelados a experiência, que são atualizados e negociados durante o relato. Sendo assim, o estudo das narrativas lançará luz sobre as implicações da perda do Museu Nacional, sobretudo, do acervo documental para os sujeitos entrevistados, com o objetivo de examinar o significado implícito além dos documentos, os valores intangíveis, ou melhor, as emoções/tonalidade afetivas que se traduzem em posicionamentos e práticas afetivas.

Em vista do exposto, a concepção de memória de Henri Bergson entrecruzarão todas as reflexões teóricas desta pesquisa, como também embasará as análises das narrativas. A teoria do autor foi construída em uma vertente contrária ao pensamento cartesiano, amplamente difundido na época em que publicou suas obras. Em razão disso, de acordo com Gondar (2021), as obras de Henri Bergson tratam da vida como criação, isto é, os modos da vida resistir às

determinações inatas e sociais. Entre as obras do autor, o destaque desta pesquisa será para *Matéria e Memória*, que aponta para a realidade da matéria e do espírito, e a relação entre ambas sobre a memória. Um dos principais pontos da teoria bergsoniana é a compreensão de que os dias não se repetem; eles se sucedem como um fluxo ininterrupto de mudanças. Desse modo, cada dia algo novo acontece, conseqüentemente, cada experiência vivida no presente imediato (aqui e agora) agrega-se ao meu passado e influencia a ação futura do meu ser. Essas constantes mudanças no fluxo da vida são engendradas pelo impulso vital presente em todos os seres vivos, esse ímpeto criador no ser humano encontra o seu ápice, na liberdade de escolha operada pela consciência e direcionada por sua inteligência. Em linhas gerais, o impulso vital pode ser interpretado como o desejo de criação, que no ser humano ora é arrefecido pelas obrigações sociais e interesses egoístas, ora é retomado por emoções criadoras que contribuem para construção de uma sociedade de moral aberta, que contemple o todo. De fato, os constructos de Bergson suscitam diversas questões no campo da Memória Social. O destaque aqui será para o elo das emoções com o processo de atualização das lembranças no presente sensório-motor, bem como a sua atuação na esfera da moral fechada e da moral aberta, noções que serão pormenorizadas adiante, com o intuito de estabelecer o vínculo entre as emoções, memória e a teoria de práticas afetivas.

A relação entre os três eixos teóricos que fundamentam as reflexões acerca do processo de reconfiguração da SEMEAR constitui um dos desafios desta pesquisa, visto que não há publicações a respeito. Portanto, a intenção aqui é explorar, de forma embrionária, os vínculos da tríade memória, emoção e práticas afetivas sob a ótica da teoria bergsoniana, não apenas para compreender o objeto de estudo, como também para evidenciar o campo profícuo da temática e fomentar discussões no bojo do campo da Memória Social em outros contextos. Desse modo, a discussão que será empreendida extrapola a função de fundamentação teórica e adquire também o status de objetivo do *corpus* da pesquisa.

Assim, o *corpus* deste estudo é constituído por uma discussão teórica em torno dos três eixos, memória, emoção e práticas afetivas, que abarca reflexões acerca das narrativas, como também a pesquisa empírica que envolve o processo de mapeamento e aplicação de questionário – os resultados podem ser consultados no Apêndice D - para a identificação e seleção dos dois pesquisadores participantes, assim como, as entrevistas de pesquisa dos servidores e pesquisadores e as análises das narrativas que integram essas entrevistas. O roteiro das perguntas formuladas para os servidores e pesquisadores pode ser consultado, respectivamente, no Apêndice E e Apêndice F.



Em suma, a partir das considerações teóricas e metodológicas desta pesquisa, é possível observarmos o leque diversificado de autores que a fundamentam, característica predominante também do campo da Memória Social, que aborda a memória sob os diferentes vieses. Além disso, cabe ressaltar a relevância desta pesquisa no campo, uma vez que abordar o processo de reconfiguração da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional (SEMEAR), representa uma oportunidade ímpar de analisar a conformação de uma parte da memória circunscrita ao escopo de reconstrução de uma instituição, amplamente reconhecida como patrimônio científico e cultural.

O texto da tese compreende sete capítulos e um posfácio. Após a introdução, no capítulo dois apresentarei um panorama acerca do Museu Nacional e da SEMEAR, antes e após o incêndio, logo, o capítulo é subdividido em duas seções. Na primeira seção exploro o cenário anterior ao desastre, apresentando um breve histórico da instituição, assim como destacando a sua relevância científica e cultural. Em relação à SEMEAR, a carência de publicações a respeito da sua fundação e atividades desenvolvidas ao longo dos anos na instituição impossibilitou a escrita de um panorama aprofundado. Contudo, as informações reunidas evidenciam a importância desta seção para a memória institucional e para as pesquisas científicas.

Na segunda seção do capítulo dois, descrevo sobre o contexto do pós-incêndio do Museu Nacional e da SEMEAR. No que diz respeito ao Museu Nacional, aponto as principais iniciativas empreendidas pelo seu corpo social logo após o desastre. Além disso, elenco os principais projetos, parcerias e contribuições financeiras nacionais e internacionais direcionados a sua reconstrução. Por sua vez, no âmbito da SEMEAR, a escassez de publicações sobre o seu panorama pós-incêndio resultou no uso de relatórios sobre visitas técnicas realizadas por comissão do Arquivo Nacional, da dissertação de Jorge Dias da Silva Junior (atual chefe da SEMEAR) e de alguns trechos das entrevistas de pesquisa realizadas com os servidores, a fim de situar o leitor em relação às perdas ocasionadas pelo incêndio, às mudanças sofridas e às perspectivas futuras da seção.

No terceiro capítulo, abordo a relação entre os três eixos teóricos (memória, emoções e práticas afetivas), com base na teoria bergsoniana. Antes de abordar o vínculo entre os eixos, faço uma breve contextualização do campo da Memória Social e ressalto o vínculo indissociável entre a memória e as emoções, utilizando a analogia do caleidoscópio. Em seguida, assinalo que a abrangência dos pensamentos de Henri Bergson, aliada à possibilidade de uma associação dos mesmos à teoria de práticas afetivas, de Margaret Wetherell, foram determinantes para considerá-lo como o prisma teórico da pesquisa.

Após as considerações iniciais, o terceiro capítulo é subdividido em duas seções. Na primeira seção, trato sobre as emoções, práticas afetivas e interseccionalidade afetiva, de acordo com percurso teórico desenvolvido por Wetherell (2012), que contempla os conceitos de emoções básicas, as regras de sentimento e a atmosfera afetiva. Na segunda seção, exploro as principais categorias de Henri Bergson, tais como duração, espaço, mundo material, inteligência, intuição, percepção, memória pura, memória lembrança, memória contração, presente sensório-motor, impulso vital, emoção criadora, moral fechada e moral aberta, com o aporte teórico dos estudos de Worms (2010), Deleuze (2012) e Maciel Júnior (2017). A partir das reflexões teóricas dessas categorias, finalizo a seção com a associação da moral fechada e da moral aberta, respectivamente, com mundos normatizados e mundos possíveis do estudo de Lazzarato (2016), bem como das práticas e interseccionalidades afetivas, com ofensivas sensíveis de Sztulwark (2023).

No quarto capítulo, abordo as narrativas, os seus múltiplos usos e conceitos, assim como os componentes estruturais indicados no estudo de Labov (no prelo)<sup>11</sup>. Entre esses componentes, os tipos de avaliação são explicados, posto que a avaliação é parte fundamental da análise das entrevistas. Com base nos estudos de Mishler (2002), Bastos (2005) e Fabrício (2006), as narrativas são consideradas construções situadas, influenciadas por aspectos socioculturais e interativos, e regidas pelo tempo da experiência. Nesse contexto, também exploro o conceito de ponto de virada de Mishler (2002) e sua relação com a teoria bergsoniana. A partir dessa explanação, justifico o seu uso nas análises das narrativas dos entrevistados.

As demais categorias empregadas nas análises das narrativas são apresentadas no quinto capítulo, a saber: pistas de contextualização verbais e não verbais de Gumperz (2013), *footing* de Goffman (2013), agência de Ahearn (2001), entre outras. Além disso, descrevo as etapas que compõem o mapeamento dos pesquisadores da SEMEAR, a aplicação do questionário “Perfil dos Pesquisadores da SEMEAR” (cujos resultados podem ser consultados no Apêndice D), os critérios empregados na seleção dos pesquisadores participantes desta pesquisa, e traço um breve perfil dos entrevistados.

No sexto capítulo, desenvolvo as análises das narrativas dos entrevistados, ancoradas nas construções teóricas e categorias analíticas expostas previamente. Essas análises estão estruturadas em três eixos delineados a partir dos dados obtidos e dos objetivos específicos desta pesquisa. O primeiro eixo, “O incêndio do Museu Nacional e da SEMEAR”, visa compreender como foi a confrontação dos entrevistados com o desastre, ou seja, como tomaram

---

<sup>11</sup> Utilizarei como base a versão traduzida do estudo de Lavov (1979), publicada no livro que ainda está no prelo, organizado por Ribeiro e Bastos (202?).

conhecimento e como se lembram do incêndio no momento da entrevista. O eixo “Tonalidades afetivas das perdas do incêndio” tem o objetivo de examinar as colorações das lembranças evocadas acerca das perdas ocasionadas pelo desastre, para o Museu Nacional e, especialmente, para a SEMEAR. Por último, o eixo “Práticas afetivas do processo de reconfiguração” investiga em que medida as ações enunciadas podem ser interpretadas como práticas afetivas e/ou interseccionalidades afetivas resultantes das lembranças e emoções do incêndio, dos entrevistados e dos personagens mencionados no fluxo narrativo.

As considerações finais são elaboradas no último capítulo, no qual saliento os caminhos teóricos revelados por esta pesquisa, temáticas não exploradas nas análises das entrevistas e os resultados alcançados. Entre os resultados, destaco a relação das práticas e interseccionalidade afetivas identificadas com as lembranças e emoções acerca do incêndio, com ênfase para a atuação das emoções criadoras na construção de um mundo possível para a SEMEAR e o Museu Nacional após o desastre. No posfácio, por sua vez, escrevo um relato sobre como as circunstâncias pessoais afetaram o processo de elaboração desta tese.

## **2 MUSEU NACIONAL E SEMEAR: BREVE PANORAMA ANTES E APÓS O INCÊNDIO**

Neste capítulo apresento um panorama sucinto acerca do Museu Nacional, desde um breve histórico do Paço de São de Cristóvão, do prédio acometido pelo incêndio e sede da instituição, até a sua missão, seu organograma e acervos de destaque. O objetivo aqui é compreender a atuação do Museu Nacional, a sua vinculação à Universidade Federal do Rio de Janeiro e sua organização administrativa. Esse cenário será importante para contextualizar a SEMEAR na instituição e apontar a relevância do seu acervo, tanto no que tange à memória do Paço de São Cristóvão e sua trajetória institucional, quanto às pesquisas científicas. Este capítulo está dividido em duas seções: a primeira abordará o Museu Nacional e a SEMEAR, antes do incêndio; a segunda tratará sobre o Museu Nacional, após o incêndio, com foco nos desdobramentos do desastre para a SEMEAR. Esses desdobramentos serão embasados nos relatórios técnicos do Arquivo Nacional, sobre a avaliação do acervo após o incêndio e em alguns trechos das entrevistas dos servidores realizadas nesta pesquisa. Os trechos selecionados enunciam os desafios do processo de reconfiguração do acervo e as mudanças no reconhecimento da seção na instituição.

### **2.1 Museu Nacional e SEMEAR antes do incêndio**

O Museu Nacional possui duas características marcantes; a primeira está relacionada ao seu passado vinculado à Monarquia e à independência do Brasil. A segunda está associada ao seu reconhecimento como primeira instituição de pesquisa científica do país, que promove desde a sua fundação, atividades importantes de desenvolvimento, divulgação, ensino e popularização da Ciência, por meio de expedições, publicações, exposições, eventos e projetos de extensão. Sendo assim, a história da instituição, de acordo com Sá, D., Sá, M. e Lima (2018), remonta tanto à formação do Brasil como nação soberana, quanto à história científica no país.

O principal prédio do Museu Nacional antes do incêndio era o Palácio Imperial ou Paço de São Cristóvão, ambas denominações utilizadas para o prédio com “área útil de 13.616,79 m<sup>2</sup> distribuída pelos seus três pavimentos, contendo um total de 122 salas, assim distribuídas: 63 salas do primeiro pavimento, 36 no segundo e 23 no terceiro” (Dantas, 2007, p. 77). O Paço de São Cristóvão abrigava as exposições, os laboratórios, as reservas técnicas, a biblioteca Francisca Keller, as aulas dos cursos de pós-graduação, os departamentos da instituição e a Seção de Memória e Arquivo. Os prédios da Biblioteca Central e dos Departamentos de

Botânica e Vertebrados encontram-se no Horto Florestal<sup>12</sup>, localizado também na Quinta da Boa Vista<sup>13</sup>, no bairro de São Cristóvão, só que afastado do Paço de São Cristóvão; por esse motivo suas coleções não foram atingidas pelo incêndio. Na imagem a seguir, observa-se a distância das locações:

**Figura 1 – Locações do Paço de São Cristóvão e do Horto Florestal**



**Fonte:** Adaptado de Museu Nacional Vive (2022).

O Paço de São Cristóvão, antes conhecido como “grande casa”, segundo Dantas (2007), foi adquirido em 1803, pelo comerciante luso-libanês, Eli Antun Lubbus, que o reformou em “estilo oriental” e o apresentou a D. João, em 1 de janeiro de 1809. Desde então, a “grande casa” ficou conhecida como Palácio Imperial por se tornar a principal moradia da família real no Brasil. O edifício passou por diversas reformas, de acordo com Dantas (2007), o Palácio Real da Ajuda (atual Palácio Nacional da Ajuda) foi utilizado como modelo para as intervenções. As

<sup>12</sup> O Horto Florestal é conhecido também como anexo Alípio Miranda Ribeiro, de acordo com Duarte (2019) foi construído em 1957. Com alocação de pequenos prédios da Botânica (inclusive Ecologia), inaugurados em 1962, e do prédio da Biblioteca Central, erigido em 1989, seguidos na década posterior dos prédios do Departamento de Botânica e Vertebrados.

<sup>13</sup> A Quinta da Boa Vista é um dos maiores parques urbanos da cidade do Rio de Janeiro, localizada na Zona Norte da cidade, no bairro de São Cristóvão. Anteriormente, segundo Duarte (2019), conhecida como Chácara de São Cristóvão, foi doada juntamente com a grande casa, para o imperador D. João, em 1809. Recebeu o nome de Quinta da Boa Vista devido a sua localização privilegiada, que permitia, na época, a visualização do mar, de um lado, e, do outro, uma visão da Floresta da Tijuca e do Corcovado. Segundo Silva Júnior (2019), o parque foi tombado pela União em 1938, por possuir grande valor histórico como complexo paisagístico público; é administrado pela prefeitura do município do Rio de Janeiro. Além do Museu Nacional, o Zoológico (Bioparque do Rio de Janeiro) também fica localizado na Quinta da Boa Vista, frequentada principalmente nos finais de semana. O público da Quinta da Boa Vista é diverso, com presença maior da população do entorno e dos bairros vizinhos.

alterações no Palácio Imperial/ Paço de São Cristóvão continuaram mesmo após a independência do Brasil para atender as necessidades do corpo social da instituição.

É importante esclarecer que o acervo do Museu só foi transferido para o Paço de São Cristóvão após a Proclamação da República no Brasil. Antes disso, o Museu era denominado como Casa de História Natural, mais conhecida como Casa dos Pássaros. Criada em 1774, funcionava no Campo de Santana como um local que abrigava artefatos indígenas, espécies de aves empalhadas e peças de mineralogia. “A casa foi transformada em Museu Real em 1818, constituindo a primeira instituição científica fundada pela corte portuguesa na capital do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves” (Sá, D.; Sá, M.; Lima, 2018, p. 2). O decreto imperial de 6 de junho de 1818 marca o início da instituição e do desenvolvimento das coleções de pesquisa e de exposição, principalmente nas áreas de Ciências Naturais.

A fundação da instituição integra a política de transformação da colônia em capital da monarquia portuguesa. Assim, D. João VI recriou no Brasil as principais instituições régias, com destaque para: a Academia de Belas-Artes, a Biblioteca Real (atual Biblioteca Nacional), o Jardim Botânico, a Imprensa Régia, o Museu Real, entre outros. Em relação ao acervo do Museu Real, o estudo de Frenkel (2012) ressalta as doações de D. João VI, dentre elas, uma taça-cofre de prata dourada; um pé de mármore com alparcata grega; uma arma de fogo da Idade Média e uma coleção de quadros a óleo. Além disso, segundo Duarte (2019), em 1819, o Museu incorporou a “Coleção Werner”<sup>14</sup> de Mineralogia.

O Museu Real teve o seu nome alterado, em 1824, para Museu Imperial e Nacional (Decreto 19/11/1824), devido à independência do Brasil. Nesse mesmo ano, as coleções de Mineralogia, Etnografia, Zoologia e Botânica foram acrescidas de vários itens de diversos países. De acordo com Sá, D., Sá, M. e Lima (2018), isso ocorreu graças aos intercâmbios internacionais e à iniciativa de José Bonifácio de Andrada e Silva. Ele propôs aos naturalistas estrangeiros a doação de objetos de História Natural para o Museu em troca de proteção e facilidades em suas expedições. Em 1824, o primeiro laboratório químico foi implementado para pesquisas médicas e mineralógicas e, segundo os autores citados, o espaço foi utilizado também por alunos dos cursos de Engenharia e Medicina da Corte e do Colégio Pedro II.

Outro marco ocorreu em 1842, com o novo regulamento, que organizou a instituição em seções. Conforme Sá, D., Sá, M. e Lima (2018), o regulamento estabeleceu as seções de Anatomia Comparada e Zoologia; Botânica, Agricultura e Artes Mecânicas; Mineralogia,

---

<sup>14</sup> A coleção é prestigiada mundialmente, porque foi formada e organizada por Abraham Gottlob Werner (1750-1817), antes de ser doada para o Museu Real. De acordo com Duarte (2019), Werner é reconhecido como o pai da Mineralogia.

Geologia e Ciências Físicas; Numismática, Artes Liberais, Arqueologia e Usos e Costumes das Nações Antigas e Modernas. Essa mudança na configuração do Museu incentivou o aumento de pesquisas em diferentes especialidades. Daí em diante, o Museu foi palco de diversas conferências e cursos públicos, os seus pesquisadores promoveram expedições e projetos científicos, que ocasionaram o aumento do acervo e, conseqüentemente, a abertura de novas salas de visitação. Segundo os autores supracitados, o Museu Imperial Nacional só era aberto para visitação pública às quintas-feiras. As visitas só foram ampliadas na primeira década do Século XX, quando o Museu começou a receber o público diariamente, exceto as segundas, das 8:00h às 17:00h.

O aumento da produção científica institucional proporcionou a criação do periódico *Archivos do Museu Nacional*, em 1876, a fim de divulgar os trabalhos produzidos pelos pesquisadores. Segundo Duarte (2019), ele é considerado o primeiro periódico científico do país e ainda está em circulação de forma intermitente. Antes da mudança da instituição para o Paço de São Cristóvão, entre 1889 e 1891, o prédio abrigou a Primeira Assembleia Constituinte da República. Em 1892, de acordo com Sá, D., Sá, M. e Lima (2018), o Museu recebeu a sua atual denominação, assim como teve a sua sede e acervos transferidos para o Paço de São Cristóvão na Quinta da Boa Vista. Os acervos foram acrescidos das coleções e peças que a família imperial doou para o Museu Nacional. Entre elas, Dantas (2007) elenca a coleção mineralógica e numismática da imperatriz Leopoldina (1797-1826), enquanto Duarte (2019) destaca os presentes recebidos nas viagens de D. Pedro II, com destaque para coleção de conchas fósseis, além da coleção de sua esposa, imperatriz Teresa Cristina (1822-1889), que abarcava a coleção de testemunhos da cultura egípcia clássica de materiais etruscos e greco-romanos.

Desde a mudança de sede e de denominação, a instituição continuou a sua expansão, tanto em números de pesquisadores, servidores e laboratórios, quanto na produção científica e na formação de acervos. Os acervos aumentaram após as participações dos pesquisadores em expedições científicas que, segundo Sá, D., Sá, M. e Lima (2018), foram fundamentais, sobretudo, para a formação das coleções de botânica e zoologia, do Museu Nacional, que representavam a diversidade da fauna e da flora nacional. Os autores supracitados mencionam também um diretor importante, o antropólogo Edgard Roquette-Pinto, que geriu a instituição no período de 1926 a 1935, e inaugurou novas exposições, a filmoteca, o serviço de assistência ao ensino e auditório equipado para aulas de história natural. Para Roquette-Pinto, o Museu Nacional deveria ser a “universidade do povo”, registrando-se um momento em que as iniciativas em prol da atuação da instituição nas escolas tiveram o apoio de diversos

pesquisadores. Entre eles, a professora e antropóloga Heloísa Alberto Torres, vice de Roquette-Pinto, primeira mulher que assumiu a direção do Museu Nacional, no período de 1938 a 1955. Sua gestão foi marcada pelo incentivo ao intercâmbio de pesquisadores estrangeiros bem como pelo treinamento dos jovens pesquisadores. Em 1942, ocorreu o primeiro incêndio do Museu Nacional no qual algumas salas do Paço de São Cristóvão foram queimadas, conforme Gustavo Alves Cardoso Moreira, historiador da Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR), enuncia na entrevista realizada no dia 18 de fevereiro de 2022:

*Só que eu lembrava sempre do incêndio de 1942, na época da gestão da professora Heloísa, que foram queimadas algumas salas, mas conseguiram debelar o incêndio com os recursos da época né. Isso gerou um certo trauma né, um certo, um certo impacto na sociedade. Mas a destruição foi relativamente pequena.*

O acervo iconográfico da SEMEAR contém alguns registros fotográficos do primeiro incêndio do Museu Nacional, que estão disponíveis para consulta<sup>15</sup>.

**Figura 2 - Primeiro incêndio do Museu Nacional em 1942**



**Fonte:** Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional (1942).

Ainda na gestão da diretora Heloísa Alberto Torres, em 1946, o vínculo do Museu Nacional à Universidade do Brasil foi implementado. Anteriormente, a instituição fora subordinada a diferentes Ministérios (Agricultura, Justiça e Educação). A Universidade do Brasil foi fundada em 5 de julho de 1937, pela Lei n.º 452, que instituiu também a referida vinculação do Museu Nacional, o que só ocorreu, efetivamente, em 1946. O nome da

<sup>15</sup> A foto em destaque foi enviada voluntariamente por Gustavo Moreira após a entrevista de pesquisa.



Universidade foi alterado para Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 20 de agosto de 1965, pela Lei n.º 4.759, que padronizou o nome das instituições de ensino superior federais. No organograma da UFRJ, o Museu Nacional, até o momento, está associado ao Fórum de Ciência e Cultura<sup>16</sup>.

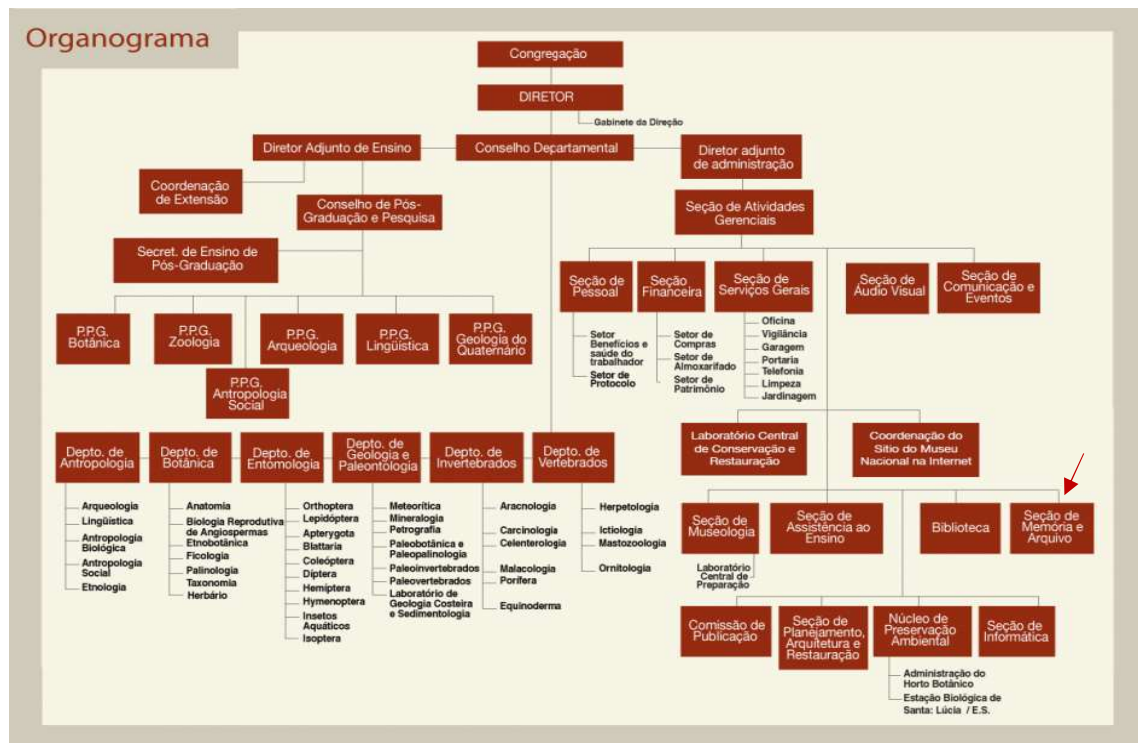
A vinculação à UFRJ proporcionou a ampliação do escopo do Museu Nacional, ao tripé ensino, pesquisa e extensão, áreas em que o museu já atuava de certa forma, uma vez que essas instâncias estão contempladas desde o seu décimo regulamento, instituído pelo Decreto nº 19.801, de 27 de março de 1931. O ensino ao qual o regulamento se refere, segundo Bessa (2017), está associado ao ensino de formação escolar. Sendo assim, a inserção na UFRJ diversificou a atuação do Museu Nacional e proporcionou a criação de cursos de pós-graduação, bem como o estabelecimento de outros convênios com instituições de ensino e pesquisa em níveis nacional e internacional, além da troca de conhecimentos e colaborações com os institutos e cursos da UFRJ de áreas afins ao Museu Nacional. No que tange às colaborações, Duarte (2019) destaca que dois programas desenvolvidos pioneiramente no museu migraram para a UFRJ, “o Programa de Ecologia, [...] no Departamento de Botânica, seguiu para o Instituto de Biologia, e o Programa de Linguística, [...] no Departamento de Antropologia, seguiu para Faculdade de Letras” (Duarte, 2019, p. 371).

No organograma do Museu Nacional (Figura 3), os cursos de pós-graduação estão vinculados ao Conselho de Pós-Graduação e Pesquisa, que, por sua vez, está subordinado à Diretoria de Adjunta de Ensino e Pesquisa. A estrutura da Direção conta com o apoio de duas Diretorias Adjuntas, a saber: Diretoria Adjunta Administrativa e Diretoria Adjunta de Ensino e Pesquisa. A Diretoria Adjunta Administrativa abarca os setores administrativos do Museu Nacional, dentre eles, encontra-se a Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR) subordinada à Seção de Atividades Gerenciais.

---

<sup>16</sup> A proposta é que o Museu Nacional tenha a sua posição hierárquica alterada para Estrutura Média da UFRJ, assim ele ficará no mesmo nível que o Fórum de Ciência Cultura, vinculado diretamente à Reitoria. Ainda não há data definida para essa alteração, mas o processo de mudança tem o apoio do atual Reitor Roberto de Andrade Medronho.

Figura 3 – Organograma do Museu Nacional



Fonte: Museu Nacional (2022).

A partir do organograma do Museu Nacional, é possível observarmos o vínculo da Seção de Memória e Arquivo à gestão administrativa da instituição, que procede desde a sua fundação. A origem da seção, mesmo que de forma preliminar, remonta ao primeiro regulamento<sup>17</sup>, o qual determina a sua vinculação à Diretoria do Museu Nacional. Por esse motivo, o secretário da direção e o seu ajudante assumiram, de forma incipiente, a responsabilidade de organizarem o “[...] registro das deliberações do Conselho; da correspondência com os Museus estrangeiros; e do arranjo, guarda, e conservação do Archivo, e Bibliotheca [...]” (Brasil, 1842, p. 1). Os sucessivos regulamentos da instituição, conforme Santos e Estevão (2007), mencionam apenas diretrizes para os demais setores em relação à encadernação de correspondências e à criação de livros de registros que deveriam ser enviados para o arquivo, o que gerou seriação<sup>18</sup> mantidas no acervo até o incêndio. Desse modo, o seu reconhecimento como uma seção com o mínimo de estrutura para atendimento só ocorreu no relatório de 1919, na administração do diretor Bruno Lobo (1915-1922). No relatório, as autoras supracitadas apontam para o fato de que uma

<sup>17</sup> Regulamento n. 123 de 1842.

<sup>18</sup> É um agrupamento classificatório, que corresponde a unidades documentais derivadas de uma mesma atividade e de características semelhantes. No caso do Museu Nacional, os documentos eram organizados e encadernados por seção e ano.

seção é dedicada ao “Arquivo” e trata da organização dos documentos por ano de publicação, com fichas contendo resumos do conteúdo.

O Arquivo do Museu Nacional sofreu um processo de descentralização nas décadas de 1970 e 1980, quando cada seção da instituição ficou responsável pela organização e salvaguarda de seus documentos. Essa descentralização do arquivo ocasionou a dispersão e a falta de uma padronização na organização dos documentos; em razão disso, ainda existiam coleções desse período em tratamento pela equipe da SEMEAR antes do incêndio<sup>19</sup>. Segundo Santos e Estevão (2007), a descentralização do arquivo ocorreu devido à falta de pessoal, de condições técnicas e operacionais. Ainda de acordo com as autoras, a seção retomou as suas atividades no âmbito institucional, no início da década de 1990, com a implementação do Projeto Memória do Museu Nacional, que proporcionou, em 1994, a informatização<sup>20</sup> do catálogo existente. Contudo, apenas em 2002, a seção obteve o reconhecimento institucional, ao receber a denominação de Seção de Memória e Arquivo, como também espaço próprio para o desenvolvimento de suas atividades e ao ser incluída no organograma da instituição.

A SEMEAR foi alocada no Paço de São Cristóvão, mais especificamente no terceiro andar, “[...] sua extensão era de 279,36 m<sup>2</sup>, dividida em três salas: atendimento ao pesquisador, sala de trabalho da equipe e salão com acervo, sendo composto de arquivos deslizantes e estantes de aço, com a documentação.” (Silva Júnior, 2019, p. 115). O corpo técnico da SEMEAR era constituído, em 2002, por um arquivista, um historiador, dois técnicos administrativos e pela Bibliotecária Maria José Veloso da Costa Santos, responsável pela seção. A estimativa de Santos e Estevão (2007) é a de que o acervo compreendia cerca de quinhentos metros de documentos textuais e aproximadamente 15.000 documentos iconográficos. Desde a sua abertura ao público, o horário de atendimento é de segunda à sexta, das 9:00h às 17:00h, e o acesso ao acervo restrito aos servidores. As principais responsabilidades da seção são:

- a) propiciar a salvaguarda, a valorização, a integridade física e o acesso ao patrimônio arquivístico do Museu Nacional da UFRJ, subsidiando o desenvolvimento de pesquisas sobre a história da instituição, do Palácio Imperial da Quinta da Boa Vista e sobre a institucionalização das ciências no Brasil;
- b) dar visibilidade à contribuição do Museu Nacional para a ciência brasileira, assim como para o avanço do conhecimento científico da humanidade; e
- c) dar suporte à curadoria do acervo científico, associando-o à documentação, principalmente a que trata da chegada ao Museu Nacional de exemplares representativos da biodiversidade de nosso país, além de fósseis, objetos etnográficos e arqueológicos, fruto de coletas de cientistas que por aqui passaram, constituindo-se em verdadeiro testemunho da origem do acervo

<sup>19</sup> Essas informações foram obtidas em conversa com a equipe da SEMEAR, uma vez que não há publicações sobre o tema.

<sup>20</sup> Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN).

científico e das exposições públicas do Museu Nacional (Museu Nacional, 2019).

O convênio com o Arquivo Nacional, estabelecido em 2002, conforme Santos e Estevão (2007), foi fundamental para a identificação e o tratamento técnico do acervo em consonância às normas de descrição arquivísticas, que não serão pormenorizadas aqui<sup>21</sup>. A abordagem técnica adotada viabilizou, em um período de três anos, resultados substanciais. “Tomando dados de abril de 2005, em atualização, 33 fundos e coleções, institucionais e pessoais, acham-se já cadastrados no principal instrumento de recuperação da informação utilizado.” (Santos; Estevão, 2007, p. 201).

O processamento técnico do acervo continuou ao longo dos anos, bem como o recebimento de doações de arquivos privados. Nesse sentido, é importante esclarecer que o acervo da Seção se subdividia em arquivo institucional, com documentos administrativos e das coleções do Museu Nacional, bem como de sua história e do Paço de São Cristóvão; e arquivos privados, de cientistas expoentes em áreas de interesse da instituição ou que tiveram algum vínculo com ela. Nesse contexto, Assman (2000) salienta que o arquivo é ao mesmo tempo um armazenador da memória institucional e de conhecimentos, em que se lastreia também, em seus acervos, documentos que perderam a função legal/política e, em contrapartida, adquiriram valor histórico. Portanto, é possível qualificarmos a SEMEAR como um arquivo armazenador da memória institucional, com documentos históricos que registram a trajetória do Museu Nacional, desde a sua fundação, e de conhecimentos científicos de áreas afins ao escopo da instituição, por meio da salvaguarda dos documentos provenientes de projetos, exposições e expedições dos seus pesquisadores, bem como dos arquivos privados de cientistas renomados.

A abrangência do acervo da SEMEAR pode ser constatada no quadro a seguir, que corresponde às coleções mapeadas no último levantamento realizado antes do incêndio. Esse levantamento identificou 56 fundos (Quadro 1), perfazendo cerca de quinhentos e cinquenta metros lineares de documentos textuais. O acervo ainda abarcava “[...] aproximadamente 20 mil peças iconográficas, 416 itens, entre mapas, quadros, desenhos e gravuras, 822 publicações (dentre as quais livros, teses e dissertações) e 70 objetos tridimensionais.” (Silva Júnior, 2019, p. 126). No quadro a seguir, em que os fundos aparecem discriminados, cabe esclarecer que cada código é composto pela sigla do Brasil (BR), do Museu Nacional (MN) e por último com a sigla formada com as letras iniciais do nome do fundo.

---

<sup>21</sup> Para informações acerca das normas adotadas sugiro consultar a dissertação de Silva Junior (2019).

**Quadro 1 – Fundos da SEMEAR**

<b>FUNDOS</b>	<b>CÓDIGOS DE REFERÊNCIA</b>
1. Adolf Lutz	BR MN AL
2. Alberto José de Sampaio	BR MN AJS
3. Alípio de Miranda Ribeiro	BR MN AMR
4. Amaro Barcia e Andrade	BR MN ABN
5. Ângelo Costa Lima	BR MN ACL
6. Anna Timotheo da Costa	BR MN ATC
7. Arnaldo Campos Coelho	BR MN ACC
8. Baldomero Barcia González	BR MN BBG
9. Bertha Lutz	BR MN BL
10. Cândido Firmino de Melo Leitão Júnior	BR MN CML
11. Cândido Simões Ferreira	BR MN CSF
12. Carlos Alberto Campos Seabra	BR MN CCS
13. Comissão de Censura Cinematográfica	BR MN CCC
14. Comissão Geológica do Império	BR MN CGI
15. Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG)	BR MN CTG
16. Diana Mussa	BR MN DMU
17. Domingo Sérgio de Carvalho	BR MN DSC
18. Edgard Roquette Pinto	BR MN ERP
19. Emmanoel de Azevedo Martins	BR MN EAM
20. Fausto Luiz de Souza Cunha	BR MN FSC
21. Gualter Adolf Lutz	BR MN GAL
22. Gustavo Rumbelsperger	BR MN GRU
23. Haroldo Pereira Travassos	BR MN HPT
24. Helena Volrath	BR MN HVO
25. Helio Vianna	BR MN HVI
26. Heloísa Alberto Torres	BR MN HAT
27. Hugo de Souza Lopes	BR MN HSL
28. Imperatriz Leopoldina	BR MN ILP
29. India Maria Borba Moreira	BR MN IBM
30. João Barbosa Rodrigues	BR MN JBR
31. Johann Becker	BR MN JBK
32. Jorge Alberto de Mello	BR MN JAM
33. José Cândido de Carvalho	BR MN JCC
34. José Feio	BR MN JF
35. José Henrique Millan	BR MN JHM
36. José Olímpio dos Santos	BR MN JOS
37. José Vidal	BR MN JV
38. José Francisco Zikán	BR MN JFZ
39. Júlio César Diogo	BR MN JCD
40. Luiz Emigdio	BR MN LE
41. Lygia Maria Sigaud	BR MN LS
42. Margareta Luce	BR MN MLC
43. Maria da Paz Pereira Manhães	BR MN MPM
44. Maria Helena Dias Monteiro	BR MN MHM
45. Maria Heloisa Fenelón Costa	BR MN MHF
46. Museu Nacional	BR MN MN
47. Nilo e Lysia Bernardes	BR MN NLB
<b>Continuação do quadro na página seguinte</b>	

FUNDOS	CÓDIGOS DE REFERÊNCIA
48. Paula Laclette	BR MN PLA
49. Paulo de Miranda Ribeiro	BR MN PMR
50. Renato Joaquim de Lima	BR MN RJL
51. Ruy Maurício de Lima e Silva	BR MN RLS
52. Sebastião Ernani de Almeida Bueno	BR MN SAB
53. Sociedade dos Amigos do Museu Nacional	BR MN SOL
54. Solon Leontsinis	BR MN AS
55. Janira Martins Costa	BR MN JMC
56. Giralda Seyfert	BR MN GS

Fonte: Silva Júnior (2019).

Os arquivos privados dos cientistas do Museu Nacional, principalmente os diários de campo e fotografias, constituíam-se também como fontes de informação dos objetos do museu, porque “tornam possível apreender aspectos essenciais das coleções, tais como suas identidades materiais e temporais específicas” (Fabian, 2010, p. 66). No que concerne aos arquivos privados, deve-se destacar o da Bertha Lutz<sup>22</sup> que, de acordo com Silva Júnior (2009), angariava maior visibilidade por conta do engajamento científico internacional e, especialmente, da importância de sua titular na construção do movimento feminista no Brasil. Devido a sua relevância, o fundo obteve o título de Memória do Mundo junto à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) com o projeto “Feminismo, ciência e política – o legado Bertha Lutz”. Como a documentação física foi totalmente perdida em decorrência do incêndio, a organização concedeu-lhe, pela primeira vez, um Registro Nacional do Brasil de Patrimônio Documental Perdido ou Desaparecido. Além do fundo Bertha Lutz, Silva Júnior (2019) destaca também o último fundo tratado pela equipe<sup>23</sup>, da professora Giralda Seyferth<sup>24</sup>, doado por sua família em 2017, que versava sobre a colonização europeia no Brasil, imigração, nacionalismo e racismo.

<sup>22</sup> Bertha Lutz exerceu o cargo de secretária, assistente do setor de Botânica, tradutora, assessora técnica, naturalista, especializada em anfíbios anuros, além de zoóloga no Museu Nacional. A atuação de Bertha não é linear na instituição, porque se ausentou temporariamente para exercer brevemente o cargo político de deputada pelo Distrito Federal, no ano de 1936, e para representar o Brasil em eventos internacionais associados ao feminismo. Ingressou no Museu Nacional por meio de concurso público, em 1919, e recebeu o título de “Professora Emérita”, em 1965. Foi condecorada nacional e internacionalmente por suas contribuições científicas e políticas.

<sup>23</sup> De acordo com relato da ex-coordenadora da SEMEAR, Maria das Graças Souza Filho, o tratamento do fundo foi finalizado dias antes do incêndio. Para compreensão da relevância de alguns fundos da SEMEAR, consultar a dissertação de Silva Júnior (2019).

<sup>24</sup> Pesquisadora, professora, historiadora e antropóloga do Museu Nacional. Começou na instituição em 1970, como auxiliar de ensino, onde se manteve como professora permanente e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, até o seu falecimento em 2017.

Outro provável fundo foi doado pela professora Deise Dias Rêgo Henriques<sup>25</sup>, do departamento de Geologia e Paleontologia, dias antes do incêndio, com documentos de todas as pesquisas desenvolvidas na instituição no período de 1985 até 2016, quando se aposentou. Infelizmente, no contato estabelecido com a professora por conta da presente pesquisa de doutorado, descobrimos que a documentação não fora digitalizada antes da doação para SEMEAR. Esse é apenas um exemplo de apagamento da memória, provocado pelo incêndio, porque a equipe ainda estava envolvida com o processo de identificação e tratamento do acervo. De fato, nunca será possível dimensionar a quantidade de fundos e conteúdos perdidos, ou melhor, da memória potencial esvanecida nas cinzas. O arquivo, como Assman (2011) assinala, adquire o status de pré-condição material para memórias culturais futuras, quando lastreia documentos classificados/interpretados como fontes históricas. No caso da SEMEAR, essa característica se potencializa por estar atrelada a uma instituição bicentenária, que desde a sua fundação sempre esteve envolvida com a trajetória histórica e, sobretudo, científica do país.

O Museu vem formando, desde a sua criação, um acervo de documentos que retratam o seu cotidiano no contexto político, econômico e social em uma determinada época, bem como revelam as suas relações com outras instituições congêneres em nível nacional e internacional. São documentos que registram os primórdios do trabalho científico no Brasil e as alterações que se processaram no cenário internacional das ciências, além do trabalho de cientistas de renome, portanto, de valor histórico inestimável não só para o resgate da memória da instituição e do palácio imperial que a abriga, como também para o resgate da história das ciências no Brasil, que tem, no Museu Nacional, o embrião das raízes científicas nacionais (Santos; Estevão, 2007, p. 195).

A partir do exposto, constata-se a relevância da SEMEAR, primeiramente, para o Museu Nacional, como lugar que materializa a memória da instituição. E segundo, para a sociedade, como lugar que materializa a memória do Palácio Imperial/ Paço de São Cristóvão (Monarquia no Brasil) e, especialmente, parte importante da memória científica nacional, uma vez que abarca a memória tanto das coleções (procedência, constituição e trajetória) quanto das pesquisas resultantes das análises das coleções, como também das produções de cientistas reconhecidos nacional e internacionalmente. Talvez, por esse motivo, o acervo atendia a um público diversificado, segundo Silva Júnior (2019), composto por pesquisadores e servidores da instituição, bem como usuários externos de diferentes níveis de escolaridade, de diversos estados do país, alguns até de outros países, como França, Rússia e Estados Unidos.

---

<sup>25</sup> Bióloga do setor de Paleovertebrados e professora do curso de especialização Geologia do Quaternário do Museu Nacional.

Vale mencionar que a atuação da SEMEAR não se restringia apenas a salvaguarda da documentação e atendimentos de pesquisas (realizados presencialmente ou à distância, por correio ou e-mail), visto que concedia visitas monitoradas ao seu acervo em duas modalidades: educativa e técnica. A primeira era voltada para estudantes de Arquivologia e áreas afins; a segunda, direcionada para pesquisadores. Ambas “[...] visavam o conhecimento do acervo, além da conscientização da importância de se preservar do patrimônio documental do país.” (Silva Júnior, 2019, p. 147).

No que diz respeito à divulgação do acervo, deve-se destacar a participação da seção nas atividades culturais promovidas pelo Museu Nacional, como exposição e oficinas. A inserção da seção nessas atividades – conforme Silva Júnior (2019) – começou em 2008, quando participou da comemoração dos 190 anos da instituição, no projeto Ciência, História e Cultura na Quinta da Boa Vista<sup>26</sup>, no qual expôs documentos arquivísticos, que tinham “[...] como objetivo trazer à sociedade a história de cientistas que se destacaram na instituição, na ciência e na cultura brasileira, e motivar a população a buscar conhecimento relacionado à ciência, tornando-se cidadãos mais críticos [...]” (Silva Júnior, 2019, p. 150). Além das exposições, o autor supracitado destaca a promoção de oficinas para o público infanto-juvenil em 2013, 2014 e 2017, por meio da parceria da SEMEAR com a Seção de Assistência ao Ensino (SAE) e com financiamento da Pró-Reitora de Extensão (PR/5). O objetivo das oficinas era aproximar, de forma lúdica, o universo infantil da história da Ciência no Brasil. Ainda de acordo com Silva Júnior (2019), as consultas à documentação da seção aumentaram gradativamente após as participações sucessivas nos eventos de popularização da Ciência do Museu Nacional, que continuaram mesmo após o incêndio.

Os quatro bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX/UFRJ) também participaram da oficina de 2017 sobre Adolpho Lutz. A SEMEAR obteve bolsas de estudo para que os alunos de graduação participassem do projeto “Preservação do Arquivo Histórico do Museu Nacional: contribuição ao resgate da memória científica e cultural da UFRJ” durante o período de 2012 até 2017<sup>27</sup>. O projeto visava à realização do treinamento dos bolsistas em ações de preservação e conservação, assim como ensinar e promover, concomitantemente, o tratamento técnico do acervo. No final de cada ano do projeto, segundo Silva Júnior (2019), um fundo específico era divulgado como produto das intervenções dos

---

<sup>26</sup> Devido ao sucesso do Projeto, ele continuou nos anos seguintes, para comemorar o aniversário do Museu Nacional junto à população.

<sup>27</sup> Desde 2017, a SEMEAR conta com a colaboração da professora Regina Maria Macedo Costa Dantas do Museu Nacional, que atua como pesquisadora do laboratório da seção. O laboratório congrega todas as atividades de divulgação científica da SEMEAR.



alunos. Além desse convênio, outro que perdurou até o início da pandemia de Covid-19, em 2019, foi o Programa de Iniciação Científica – PIC Junior, com alunos do ensino médio, retomado em 2021. A SEMEAR é uma das seções que integram o programa estabelecido entre o Colégio Pedro II e o Museu Nacional, que tem o objetivo de proporcionar a interação dos alunos com profissionais da instituição para o aprendizado e a colaboração com as rotinas de trabalho da área de interesse. A última atividade dos bolsistas do PIC Júnior antes do incêndio, segundo Silva Júnior (2019), foi uma organização e um tratamento técnico do fundo Giralda Seyfert, finalizado dois dias antes do desastre.

## **2.2 Museu Nacional e SEMEAR após o incêndio**

A imagem do Museu Nacional sendo devastado pelo fogo, que o iluminava e o consumia, na noite do dia 2 de setembro de 2018, é emblemática para a memória nacional e internacional. Nesse dia, uma grande parte da história antropológica e científica da humanidade se tornou cinzas. Em tempo real, acompanhamos o esforço dos bombeiros para controlar o incêndio que começou no térreo e se espalhou rapidamente por todo o Paço de São Cristóvão, bem como o desespero dos servidores e moradores da região que se aglomeraram na frente do edifício. A cena das chamas se alastrando parecia ficção; a falta de água nos hidrantes da Quinta da Boa Vista atrasou o trabalho dos bombeiros, que só conseguiram controlar o fogo no fim da madrugada<sup>28</sup>. Quando evocamos a lembrança do incêndio, provavelmente, a imagem do Paço de São Cristóvão em chamas (figura 4) será evocada como símbolo da destruição de um valioso patrimônio histórico, científico e cultural.

---

<sup>28</sup> O incêndio começou em torno de 19:30h e mobilizou 80 bombeiros de 12 quartéis, e o fogo só foi controlado no fim da madrugada. A Polícia Federal, responsável pelas investigações do incêndio, apontou como causa um curto-circuito no aparelho de ar-condicionado, instalado inadequadamente. Para mais informações, acesse: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/07/06/incendio-que-destruiu-museu-nacional-comecou-em-aparelho-de-ar-condicionado-afirma-pf.ghtml>

**Figura 4 – Incêndio do Museu Nacional**

**Fonte:** Muniz (2020).

O desastre ocasionou a perda de um acervo construído ao longo dos duzentos anos da instituição científica mais antiga do país e, de acordo com Kellner (2018), o quinto maior acervo do mundo foi incendiado, destruindo milhões de itens. A riqueza do acervo perdido é imensurável, uma vez que cada item poderia ser explorado em inúmeras pesquisas sob diferentes abordagens. Ainda não é possível dimensionar os desdobramentos do incêndio para a instituição, bem como para os servidores e para a sociedade, o que, talvez, seja uma tarefa infundável. Nesse contexto, só é plausível afirmar que “[...] o incêndio e a perda do patrimônio do museu afetaram todos os aspectos da existência dessa comunidade e instituição, com a desorganização de suas redes materiais e simbólicas [...]” (Pinheiro; Deus; Pinto, 2021, p. 2). No entanto, indiscutivelmente, o desastre colocou o Museu Nacional em evidência e acionou, segundo Vieira (2020), o grau de pertencimento à instituição. Assim, a transmissão ao vivo do incêndio nos canais de televisão e a repercussão nas mídias sociais despertaram emoções, expressas, principalmente, em relatos nas redes sociais do Museu Nacional, entrevistas jornalísticas, nos protestos no dia seguinte ao incêndio, nas cartas dos alunos das escolas públicas, manifestações artísticas<sup>29</sup>, entre outros. Além de mobilizarem ações em nível local, nacional e internacional, para a reconstrução do Paço de São Cristóvão e conformação dos acervos. Essas ações são fundamentais para o processo de recuperação, pois, “[...] como em todo desastre, o Museu Nacional não pode se reconstruir sozinho, pois depende da ajuda de

---

<sup>29</sup> Entre as manifestações artísticas, Vieira (2020) ressalta a iniciativa do artista Vick Muniz, que reproduziu o Paço de São Cristóvão com as cinzas do incêndio, bem como criou outras obras com o mesmo material. As vendas dessas obras foram revertidas para a reconstrução do Museu Nacional.

outros agentes estatais, parceiros institucionais e da mobilização da sociedade.” (Pinheiro; Deus; Pinto, 2021, p.2).

Em relação às ações em nível internacional, diversas manifestações de solidariedade e apoio ocorreram após o incêndio. Uma das mais contundentes foram as doações financeiras do governo alemão. De acordo com a Ministra adjunta no Ministério Federal das Relações Externas da Alemanha, “[...] desde o início, especialistas da Alemanha e do Brasil têm trabalhado lado a lado para salvar e restaurar os tesouros do Museu.” (Müntefering, 2021, p. 15). A primeira doação foi realizada em 2018, no valor de 180,8 mil euros, para a aquisição de equipamentos como câmeras fotográficas, computadores e lupas. A segunda, em 2019, com o envio de 145 mil euros para a recuperação de toda a parte elétrica do Museu Nacional. O auxílio mais recente do país foi em 2020, quando se comprometeu com o repasse de R\$ 2,7 milhões para as obras de reconstrução do Paço de São Cristóvão. Outras doações financeiras foram realizadas pelos governos de Portugal, da França e do *British Council*, mas o quantitativo não foi divulgado no site do Museu Nacional.

Outra ação de destaque no âmbito internacional foi a concessão de bolsas de estudos e oportunidades de intercâmbio dos discentes dos programas de pós-graduação do Museu Nacional, por instituições parceiras, sobretudo, do Museu *Smithsonian* que “[...] forneceu bolsas para 14 alunos cujas pesquisas foram afetadas diante da perda das coleções, com o governo estadunidense arcando com os custos da viagem.” (Vieira, 2019, p. 107). Ainda podemos elencar a doação da Coleção Luckesh, do Universal Museum Janneum de Graz da Áustria, composta de material etnográfico pertencente aos povos indígenas do Alto Xingu<sup>30</sup> e o comprometimento de doação de acervos do Consulado de Portugal. Outra parceria relevante no cenário internacional é a atuação contínua da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). A agência da Organização das Nações Unidas (ONU) enviou, logo após o incêndio, uma comissão de peritos para a averiguação de fatos. Desde a visita dessa comissão, a UNESCO está envolvida nos projetos relacionados à reconstrução do Museu Nacional.

No nível nacional, algumas ações ocorreram no dia seguinte ao incêndio, quando o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) garantiu o redirecionamento de um contrato assinado, ainda em junho de 2018, com a Associação Amigos do Museu Nacional

---

<sup>30</sup> Para mais informações sobre a coleção acesse: <https://recompoe.mn.ufrj.br/acervos-recebidos/>

(SAMN)<sup>31</sup>, no valor de R\$ 21,7 milhões, para a reconstrução do Museu. E o Ministro da Educação à época, Rossieli Soares, anunciou o repasse imediato de R\$ 10 milhões para as obras emergenciais. As últimas ações expressivas no âmbito nacional são as doações da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj), no valor de R\$ 20 milhões, do BNDES com um novo repasse na ordem de R\$ 28,3 milhões, do Bradesco e da Vale, com o incentivo de R\$ 50 milhões cada. Além das contribuições financeiras, o apoio técnico da Academia Brasileira de Ciências (ABC) e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) deve ser mencionado, uma vez que essas instituições integram o comitê do projeto de reconstrução do Museu Nacional.

No que concerne às ações em nível local, a mais proeminente/notória é a campanha “Museu Nacional Vive”, lançada logo após o incêndio, nas mídias e nas redes sociais pela Seção de Comunicação e Eventos, após a aprovação do corpo social. Desde então, a logomarca elaborada para a divulgação (figura 5) é utilizada nos perfis das redes sociais, camisas, eventos, apresentações e em alguns documentos da instituição. A campanha visa a “[...] reforçar o posicionamento da instituição em se manter ativa e viva na produção e geração de conhecimento.” (Bauman, 2019, p. 1). Entre as iniciativas da campanha, destacam-se as exposições de acesso público em outros espaços culturais, como a primeira realizada após o incêndio: *Quando nem tudo era gelo – novas descobertas no continente antártico*, no Centro Cultural Casa da Moeda, no período de janeiro até maio de 2019<sup>32</sup>. Houve, também, a retomada das atividades nas escolas, com a proposta “Museu Nacional Vive nas escolas”, que proporcionou a ida de servidores para as salas de aula, bem como o empréstimo de materiais didáticos e um roteiro de visita focada em Botânica e Zoologia, usando os jardins históricos do Horto Botânico do Museu Nacional.

**Figura 5 – Logomarca da campanha “Museu Nacional Vive”**



**Fonte:** Universidade Federal do Rio de Janeiro (2022).

---

<sup>31</sup> A Associação Amigos do Museu Nacional foi fundada em 1937, com objetivo de apoiar as atividades do Museu Nacional, assim como promover ou participar de ações para o desenvolvimento da ciência e cultura no país. Para mais informações acesse: <https://www.samn.org.br/>

<sup>32</sup> Para mais informações acesse: <https://veja.abril.com.br/cultura/museu-nacional-apresenta-primeira-exposicao-apos-incendio/>

Outras três frentes de ação começaram com a campanha “Museu Nacional Vive”: a arrecadação de recursos para a reconstrução do Paço de São Cristóvão, especialmente por meio de doações para a Associação Amigos do Museu Nacional; a promoção das edições do “Festival Museu Nacional Vive”, que mobiliza a comunidade na Quinta da Boa Vista com programação educativa e cultural, desenvolvida por pesquisadores, técnicos e alunos da instituição; e o Núcleo de Resgate de Acervos do Museu Nacional, instituído no dia 09 de setembro de 2018, cujas atividades *in loco* no Paço de São Cristóvão começaram em 21 de setembro de 2018. Segundo Pinheiro, Deus e Pinto (2021), uma equipe multidisciplinar de servidores, alunos e bolsistas da instituição realiza o trabalho de “Resgate”, que consiste na recuperação, identificação, tratamento dos fragmentos e peças dos acervos localizados nos escombros<sup>33</sup>.

Atualmente, todas as atividades da “Campanha Museu Nacional Vive” integram o “Projeto Museu Nacional Vive”. Com raio de atuação amplo e diverso, o projeto tem o objetivo de reunir instituições brasileiras e internacionais<sup>34</sup> empenhadas na revitalização e reconstrução do Museu Nacional, bem como divulgar todas as ações inerentes aos processos por meio de site específico<sup>35</sup>, no qual consta que o orçamento global está estimado em 450 milhões de reais. O projeto foi lançado em 03 de março de 2020 e abrange todas as atividades relacionadas ao escopo da reconstrução do Paço de São Cristóvão, composição dos novos acervos<sup>36</sup> e construção do Campus de Ensino e Pesquisa da instituição.

O cronograma do “Projeto Museu Nacional Vive” é extenso<sup>37</sup>, mas cabe destacar há a previsão de que todas as obras sejam finalizadas até 2028. A reabertura das exposições do Museu Nacional para o público, de acordo com Monterastelli (2023), será realizada em etapas. A primeira etapa, prevista para setembro de 2024, visa liberar o acesso a sala do meteorito e a escadaria monumental, enquanto a segunda etapa deve ocorrer em 2026, como a reabertura de 50% a 60% das exposições. A terceira e última etapa consiste na reabertura total do Paço de São Cristóvão em 2028, com 3.000 metros quadrados de área expositiva e 500 metros de área

---

<sup>33</sup> Para mais informações sobre o Resgate acesse:

[https://museunacional.ufrj.br/destaques/docs/500\\_dias\\_resgate/livreto\\_500\\_dias\\_de\\_resgate.pdf](https://museunacional.ufrj.br/destaques/docs/500_dias_resgate/livreto_500_dias_de_resgate.pdf)

<sup>34</sup> As instituições que participam do projeto até o momento são: UFRJ, Associação Amigos do Museu Nacional, Instituto Cultural Vale, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Bradesco, Vale e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), com o apoio da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj), Congresso Nacional (Bancada Federal do Rio de Janeiro) e Ministério da Educação. Para mais informações acesse o site do projeto:

<https://museunacionalvive.org.br/apresentacao/>

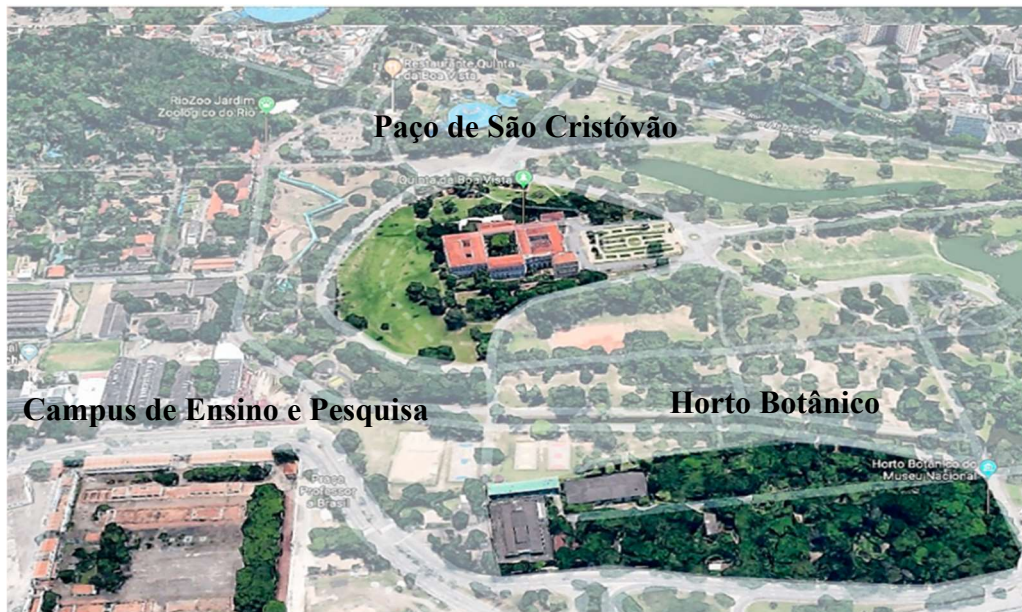
<sup>35</sup> Site do projeto: <https://museunacionalvive.org.br>

<sup>36</sup> Para mais informações acesse site específico da campanha de composição dos novos acervos, que conta com doações nacionais e internacionais: <https://recompoe.mn.ufrj.br/>

<sup>37</sup> Para mais informações sobre o cronograma acesse: <https://museunacionalvive.org.br/cronograma/>

educativa. As reservas técnicas e as demais áreas dos cursos de pós-graduação, que outrora ocupavam o Paço, serão transferidas para o novo Campus de Ensino e Pesquisa da instituição, o qual está alocado em um terreno de 44 mil metros quadrados, em frente à Quinta da Boa Vista (figura 6). Pleiteado antes do incêndio, o terreno foi concedido ao Museu Nacional por meio de doação do Ministério da Economia em 16 de dezembro de 2020, contudo, a execução das obras só começou em 2022, com previsão de término em 2028.

**Figura 6 – Localização do *Campus* de Ensino e Pesquisa do Museu Nacional**



**Fonte:** Museu Nacional Vive (2022).

A imagem anterior identifica também os pontos de intervenção do “Projeto Museu Nacional”, que abarca a reconstrução do Paço de São Cristóvão<sup>38</sup> e a revitalização dos jardins históricos; o terreno em frente à Quinta da Boa Vista, no qual está sendo construído o *Campus* de Ensino e Pesquisa; e a Biblioteca Central do Museu localizada no Horto Botânico. Essa última foi responsável por abrigar a maior parte dos setores administrativos alocados anteriormente no Paço de São Cristóvão, entre eles, a SEMEAR, que ficou localizada em uma sala do terceiro andar até o início das obras de reforma e ampliação do prédio da Biblioteca Central, em 02 de dezembro de 2020, financiada por projeto submetido ao BNDES no valor de R\$ 12 milhões. O primeiro prazo para a reinauguração foi dezembro de 2021; como não se concretizou, a expectativa é a de que as obras terminem no primeiro semestre de 2024. De

<sup>38</sup> A fachada do Paço de São Cristóvão foi totalmente restaurada e inaugurada no dia 3 de setembro de 2022, para integrar as comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil. Para mais informações acesse: <https://museunacionalvive.org.br/fachada-principal-do-museu-nacional-esta-restaurada/>

acordo com a entrevista de pesquisa concedida por Jorge Dias da Silva Júnior (Arquivista e atual coordenador da SEMEAR), no dia 11 de agosto de 2022, o Paço de São Cristóvão abrigará apenas as exposições, enquanto a SEMEAR será alocada no novo edifício da Biblioteca Central do Museu Nacional.

Em face dessa realidade, a SEMEAR precisou ser realocada em uma sala cedida pelo Arquivo Nacional. Desse modo, desde novembro de 2020, o tratamento do acervo fotográfico<sup>39</sup> e os atendimentos estão sendo realizados na sala a ela destinada, de segunda à sexta, das 9:00h às 17:00h. Essa transferência de espaço foi resultante também das tratativas efetuadas entre a coordenação da SEMEAR e o Arquivo Nacional, iniciadas em 2019, que a princípio estavam restritas a uma colaboração técnica para tratamento e a um acondicionamento adequado do acervo iconográfico, mas, devido à necessidade, culminou na mudança da equipe. A previsão é a de que a sala da SEMEAR, no novo edifício da Biblioteca Central, seja menor que a anterior no Paço de São Cristóvão, conforme Gustavo Alves Cardoso Moreira esclarece:

*Nós tivemos acesso, já há bastante tempo, à planta da sala, que vai ter 101 metros quadrados agora. Como estamos reduzidos ao acervo da seção de fotografia, é um espaço suficiente.*

Outra mudança significativa para a seção após o incêndio foi uma redução da equipe, segundo Gustavo Alves Cardoso Moreira, considerando o fato de que três servidores se aposentaram, sendo dois auxiliares e uma Bibliotecária, além da ex-chefe Maria das Graças Souza Filho, que se desvinculou da instituição, em janeiro de 2020. Por esse motivo, no momento, apenas dois servidores atuam na SEMEAR: Jorge Dias da Silva Júnior (Arquivista e atual coordenador da SEMEAR) e Gustavo Alves Cardoso Moreira (Historiador). Ainda durante a gestão da Maria das Graças, a custódia do acervo iconográfico foi concedida à SEMEAR por Alexander Kellner, diretor do Museu Nacional. Além disso, conforme mencionado anteriormente, por meio de convite de Maria das Graças, atuei como colaboradora

---

<sup>39</sup> O acervo fotográfico faz parte do acervo iconográfico, conforme mencionado na introdução, ele não foi consumido pelo fogo porque estava alocado na antiga seção de fotografia no Horto Botânico. No momento, os servidores da SEMEAR estão fazendo o tratamento técnico do arquivo fotográfico, por isso, o levaram para o Arquivo Nacional.

externa no grupo de trabalho multidisciplinar<sup>40</sup>, que visa à reconfiguração do acervo por meio do sistema Colheita<sup>41</sup>.

O sistema Colheita intenciona disponibilizar, em uma única plataforma de acesso, os documentos digitais remanescentes da SEMEAR, que abarcam os documentos salvos no HD externo da Seção<sup>42</sup> e os registros do acervo obtidos por meio de doações, bem como os desdobramentos derivados das consultas realizadas pelos pesquisadores. Sendo assim, como aponta Deus e Pinto (2019), a proposta contempla três subsistemas: os dados de pesquisa (documentos históricos, mapas, ilustrações e fotos digitalizados), as publicações científicas (teses, dissertações, artigos, trabalhos apresentados em eventos, documentários e exposições) e a gestão da pesquisa (projetos de pesquisa, relatórios, órgãos de fomento, instituições e pesquisadores). As especificidades técnicas do sistema não serão abordadas aqui, visto que não se trata do objeto de estudo da pesquisa; no entanto, é importante salientar que o sistema Colheita consiste na primeira e principal proposta de reconfiguração da seção após o incêndio. Ainda de acordo com Deus e Pinto (2021), o sistema colheita representa uma iniciativa de resistência à perda do acervo, bem como de enfrentamento a falta de recursos financeiros e de políticas públicas em prol das entidades científicas e culturais brasileiras, ao possibilitar a reestruturação do acervo, principalmente por meio do trabalho voluntário do grupo de colaboradores e das doações dos pesquisadores. Por esse motivo, a proposta pode ser interpretada também como “[...] exemplo de construção coletiva da memória, por contar com o envolvimento de diferentes atores em sua formação.” (Deus; Pinto, 2021).

A estagnação da proposta do Colheita é um dos desafios do processo de reconfiguração da SEMEAR, os demais são elencados nas entrevistas de Jorge Silva Júnior e Gustavo Moreira. Em ambas, a alocação em novo espaço e a reconstrução/recebimento de novos acervos físicos são ações citadas como desafios.

*É primeiro como disse o espaço né, o novo espaço para receber acervo e pra tratamento de acervo e atendimento ao público [...]. O outro é recuperação, reconstrução, é ter mais equipe né, porque boa parte da equipe aposentou*

---

<sup>40</sup> O Grupo de trabalho é composto por uma equipe multidisciplinar, com os servidores da SEMEAR e membros externos de instituições parceiras, a saber: Maria das Graças Freitas Souza Filho (Bibliotecária/ ex-coordenadora – SEMEAR/UFRJ – no momento, está afastada por motivos pessoais), Jorge Dias da Silva Junior (Arquivista - SEMEAR/UFRJ), Gustavo Alves Cardoso Moreira (Historiador – SEMEAR/UFRJ), Amauri Marques da Cunha (Engenheiro /Analista de Sistema – NCE/ UFRJ), Maria José Veloso da Costa Santos (Professora Adjunta/ Chefe do Departamento de Biblioteconomia – FCC/UFRJ), Maria de Nazaré Freitas Pereira (Bibliotecária/ Pesquisadora em Ciência da Informação – IBICT/UFRJ).

<sup>41</sup> O projeto do Sistema Colheita está atualmente paralisado, devido à falta de recursos e pessoal, agravados com a recente pandemia do Coronavírus.

<sup>42</sup> O HD externo da Seção foi retirado pelo ex-coordenadora Maria das Graças, dois dias antes do incêndio, em virtude do término do projeto de fomento do Programa de Apoio ao Desenvolvimento dos Arquivos Ibero-Americanos. Programa vinculado à Secretaria Geral Ibero-Americana (SEGIB). O edital de fomento refere-se à Convocatória de Iberarquivos 2018.



*[...] A gente já teve uma conversa com o diretor do Museu atual, ele falou que agora não pode fazer nada, não tem perspectiva de concurso, não tem perspectiva de chegar novos servidores [...]. Então assim tem uma série de dificuldades. Então, a gente vai conseguir primeiro o espaço e conseguir novos servidores. E a partir daí trazer novos acervos.*

Jorge Silva Júnior assinala outro desafio: a falta de servidores, entendida como um complicador para o avanço das atividades do processo de reconfiguração. A falta de concursos no setor público atinge o Museu Nacional e, conseqüentemente, a SEMEAR, que está com o quadro funcional defasado, e sem perspectiva de solução até o momento da entrevista. Por sua vez, Gustavo Moreira ressalta a dificuldade em disponibilizar os documentos na internet, algo que perpassa tanto questões técnicas complexas, quanto questões políticas institucionais que estão fora da alçada da equipe da SEMEAR, como a escolha do repositório. Esses fatores, segundo Gustavo Moreira, transformam uma atividade aparentemente fácil em árdua; em suas palavras, o processo “*acaba ficando obstaculizado*”:

*[...] Mas nós vamos reconstruir um acervo físico. Além do que, nós recebemos virtualmente, tão logo a gente tenha espaço, nós vamos em busca de material científico, o acervo de antigos funcionários né naturalistas, técnicos. [...] um grande desafio que eu não acreditava que ia ser assim, essa questão de disponibilização na internet. É nós fomos descobrindo quanto é complicado lidar com... além da questão técnica de qual programa suporta o que, da própria escolha de repositório, isso acaba envolvendo questões políticas. Então, as vezes o que seria fácil, acaba ficando obstaculizado.*

No que tange à perda documental, o relatório elaborado por três representantes do Arquivo Nacional<sup>43</sup>, em visita técnica realizada aos escombros do Paço de São Cristóvão, no dia 17 de abril de 2019, enfatiza a destruição total do acervo da SEMEAR. “Alguns documentos estão totalmente incinerados e bloqueados (compactados), tendo em vista que muitos foram molhados durante o combate ao incêndio, o que dificulta o manuseio, pois estão totalmente frágeis e vulneráveis ao toque” (Domingues; Peralta; Elias, 2019, p. 2) – figura 7. Além dos documentos molhados, no relatório consta que foram localizados fragmentos de documentos incinerados (figura 8) e outros “bloqueados” (figura 9), que estavam acondicionados em gavetas metálicas que foram retorcidas, em decorrência da alta temperatura. Os negativos de vidro no formato (10x15cm), que retratavam a fauna e a flora das pesquisas científicas realizadas nas expedições dos pesquisadores do Museu Nacional, foram encontrados derretidos, estilhaçados ou retorcidos (figura 10).

---

<sup>43</sup> Representantes do Arquivo Nacional: Mauro Domingues (Assessor da Coordenação Geral de Processamento e Preservação do Acervo – COPRA), Lúcia Peralta (Coordenação de Preservação do Acervo – COPAC) e Aluf Alba V. Elias (Arquivista da Coordenação de Preservação do Acervo – COPAC).

**Figura 7 – Documentos da SEMEAR compactados pela água**



**Fonte:** Domingues, Peralta e Elias (2019).

**Figura 8 – Fragmentos de documentos incinerados da SEMEAR**



**Fonte:** Domingues, Peralta e Elias (2019).

**Figura 9 - Documentos da SEMEAR blocados pelo fogo**



**Fonte:** Domingues, Peralta e Elias (2019).

**Figura 10 – Negativos de vidro da SEMEAR após o incêndio**



**Fonte:** Domingues, Peralta e Elias (2019).

A perda do acervo ocasionada pelo incêndio, para os servidores da SEMEAR, modificou o reconhecimento da seção dentro da própria instituição. De acordo com o historiador Gustavo Moreira, antes do desastre, a seção era considerada uma “referência” de informações sobre

diversos assuntos. O uso do termo “referência” traduz, na perspectiva de Gustavo, o reconhecimento da seção na instituição como um local prioritário para a busca de informações. Após o incêndio, segundo Gustavo Moreira, a repercussão de que “o acervo queimou completamente” ocasionou a redução das buscas por documentação por parte dos pesquisadores e alunos da instituição. Em contrapartida, de forma recorrente, os pesquisadores externos continuam solicitando levantamento de documentação:

*[...] porque nós éramos referência de uma seção que podia ter informação sobre tudo, não era garantia, mas as pessoas que iam lá, normalmente elas tinham algum tipo de retorno. [...] Eu acho que agora ficou muito a visão do acervo que queimou completamente, ainda que pelo menos uma vez por semana, às vezes mais, chega a gente por e-mail determinadas demandas [...], mas aí normalmente de pesquisadores externos, pouca gente do Museu tem recorrido a nós, para tentar levantar documentação.*

No que diz a respeito ao arquivista Jorge Silva Júnior, o discurso construído durante a entrevista aponta para uma insatisfação com o reconhecimento considerado inadequado da seção, mesmo antes do incêndio. Para ele, a direção e alguns professores do Museu Nacional reconheciam a seção como um “tesouro dentro do baú”. Essa analogia sugere a relevância do acervo e, ao mesmo tempo, uma espécie de descaso associado à sua preservação e divulgação. Assim, segundo Jorge, o acervo estaria “guardado” e “quieto” para futuras intervenções, que foram inviabilizadas por conta do incêndio. Após o desastre, o valor da seção como “tesouro”, isto é, de preciosidade/prestígio foi perdido. Desde então, a seção é reconhecida como “setor administrativo”:

*[...] porque dentro da minha perspectiva, do meu olhar, a SEMEAR nunca foi, nunca teve o reconhecimento que ela deveria ter tido. [...] antes e eu vi aquilo muito, fazendo uma analogia assim que eu acho que tinha da direção, de alguns professores, enfim em relação a SEMEAR. A SEMEAR era um tesouro dentro de um baú. Eu sei que tem um tesouro ali, mas está guardado, deixa lá quieto, não vou mexer com isso agora. Depois que veio o incêndio foi “ih, levaram né, perdi.” E na atual conjuntura a gente não é mais visto como um tesouro, como tinha algo assim muito valioso. Hoje em dia a SEMEAR é um setor administrativo. Mas devido à importância e também a unicidade do acervo fotográfico que a gente tem, em algumas conversas e atendimentos de algumas pesquisas de divulgação do Museu, a gente tá voltando a ter uma notoriedade.*

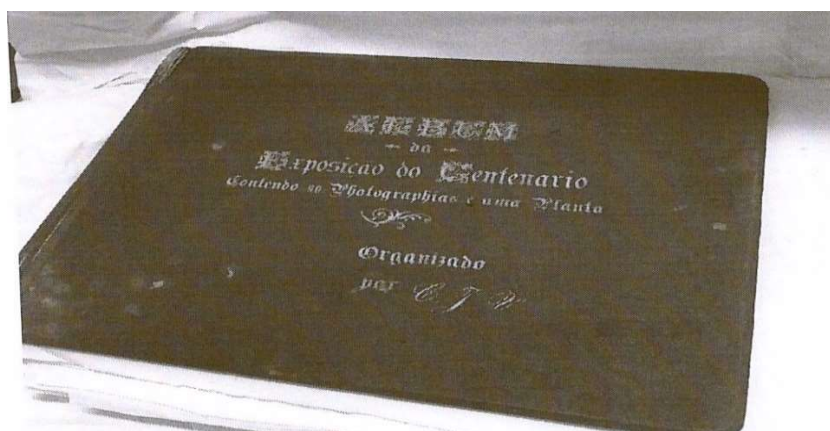
A conquista de alguma “notoriedade” da seção, após o incêndio está atrelada à “unicidade do acervo fotográfico”. Essa coleção de fotografias compõe o acervo iconográfico, que pertencia ao antigo Setor de Fotografia do Museu Nacional, localizado no Horto Botânico. Esse setor estava desativado desde a aposentadoria do último funcionário em 2010. A custódia do acervo foi cedida pelo diretor do Museu Nacional à SEMEAR dias após o incêndio. Atualmente, o acervo iconográfico constitui o único acervo físico da SEMEAR e abrange os documentos e

equipamentos tanto fotográficos quanto cinematográficos relevantes para a história da ciência e da instituição.

Seu acervo abrange dois conjuntos, um deles composto por documentos fotográficos e fitas magnéticas de vídeo e o outro por equipamentos fotográficos, cinematográficos e de laboratório fotográfico. O primeiro, apesar da predominância de itens mais recentes, constitui praticamente a única maneira de se pesquisar através de registros visuais a história da Instituição nos últimos 80 a 140 anos. O segundo inclui câmeras com acessórios que provavelmente foram utilizadas por Marc Ferrez no século XIX, além de material da primeira metade do século XX associado às iniciativas de Edgard Roquette-Pinto no sentido de implantar uma estrutura de recursos audiovisuais a serviço da difusão e do ensino da ciência. (Silva Júnior; Moreira, 2019, p. 1).

O relatório elaborado por profissionais do Arquivo Nacional sobre o acervo iconográfico, em visita técnica realizada em primeiro de abril de 2019, aponta para a estimativa de “[...] 5.000 fotografias (armazenadas em 56 álbuns fotográficos) e 2.000 negativos fotográficos (acondicionados em 11 caixas *box*) de eventos do Museu Nacional. Nesse ambiente, há equipamentos, inclusive um projetor cinematográfico para filmes 35 mm [...]” (Domingues; Peralta; Elias, 2019, p. 2). Além disso, os avaliadores indicam o bom estado de conservação do álbum com fotografias da Exposição do Centenário da Independência do Brasil (figura 11). Esse é um dos destaques do acervo iconográfico, que possui também registros fotográficos das expedições dos pesquisadores do Museu Nacional e das visitas de cientistas ilustres no cenário internacional; alguns desses registros podem ser acessados no site da SEMEAR<sup>44</sup>, como a visita de Marie Curie e Albert Einstein, entre outros.

**Figura 11 – Álbum da Exposição do Centenário da Independência do Brasil**



**Fonte:** Domingues, Peralta e Elias (2019).

<sup>44</sup>Disponível em: [https://www.museunacional.ufrj.br/semear/Galeria\\_de\\_Fotos/fotospessoalidades.html](https://www.museunacional.ufrj.br/semear/Galeria_de_Fotos/fotospessoalidades.html)

No que concerne aos registros fotográficos, o discurso de Gustavo Moreira indica os números contabilizados até o dia anterior da entrevista, além de enfatizar a dimensão do trabalho de tratamento técnico desse acervo, como algo “para vida toda”, uma vez que, até o momento, a seção possui apenas dois servidores. O uso da expressão “para vida toda” indica uma contraposição à sua ideia inicial, logo após o incêndio, de que voltariam para o Museu Nacional “sem ter o que fazer”. Outro ponto significativo de seu discurso é o reconhecimento da importância do que não foi consumido pelo incêndio:

*Eu achei que no primeiro momento nós voltaríamos sem ter o que fazer, mas depois eu fui ganhando a noção do quanto é importante o pouco que sobrou. O acervo fotográfico, nós herdamos [...] o acervo da extinta seção de fotografia. Então, ontem o Jorge estava contabilizando, já são pelo menos 79.000 itens, fotografias, negativos e material similar. Quer dizer, estamos só nós dois, atualmente na seção, nós temos trabalho ali para o resto da vida.*

O tratamento técnico do acervo iconográfico é uma das prioridades da equipe da SEMEAR, que antes da pandemia contou com apoio dos alunos do PIC Junior para o início do inventário das fotografias. A previsão é a de que os alunos continuem a contribuir com o processo, ainda em andamento, após o retorno da SEMEAR para o prédio da Biblioteca Central que, como já foi assinalado, está em reforma para a alocação de outros setores do museu. Antes da paralização das atividades, os alunos apresentaram, com a equipe da SEMEAR, um dos resultados parciais do inventário do acervo fotográfico: as fotos dos primeiros laboratórios da instituição, no estande da seção, do evento comemorativo dos 201 anos do Museu Nacional. O evento ocorreu na Quinta da Boa Vista, nos dias 8 e 9 de junho de 2019, e contou com a parceria do SESC do Rio de Janeiro. No estande da SEMEAR, as fotos dos laboratórios foram expostas em *banners*, e réplicas de alguns deles foram reproduzidas em desenho e distribuídas para as crianças colorirem. Durante o evento, os alunos e servidores se revezavam nas explicações sobre os documentos da SEMEAR atingidos pelo incêndio e os remanescentes, bem como sobre os laboratórios expostos.

As demais atividades prioritárias dos servidores da seção são: identificação e tratamento técnico dos arquivos digitais do HD externo e obtidos por doação dos pesquisadores, e, sobretudo, o atendimento das pesquisas, que continuaram, mesmo após o incêndio. Entre os documentos do HD externo da seção, encontram-se registros das atividades do Museu Real (1819-1824), do Museu Nacional e Imperial (1824-1825); do Museu Imperial e Nacional (1825-1842) e do Museu Nacional a partir de 1842. Nesse contexto, deve-se enfatizar que “os arquivos servem de base para a construção de narrativas históricas, que elaboram ou reelaboram a

memória de um indivíduo, de uma instituição ou de uma comunidade” (Santos; Venâncio, 2015, p. 60).

Em relação às doações de documentos digitais, é importante esclarecer que a coleta dessas doações consistia em uma das etapas do escopo da proposta do Colheita. Anteriormente, a intenção era coletar os documentos da SEMEAR e seus desdobramentos por meio de formulário disponível no *site* da Museu Nacional, que seria divulgado por campanha nacional e internacional. Entretanto, a pandemia e a falta de recursos tanto de pessoal quanto financeiros inviabilizaram a efetivação da proposta e, conseqüentemente, dessa etapa nos moldes planejados. Devido à necessidade dos atendimentos de pesquisa, o atual coordenador da seção, o arquivista Jorge Dias da Silva Junior, atribuiu-me a tarefa de solicitar doações de arquivo digitais da SEMEAR. As etapas e a metodologia referentes à coleta das doações serão exploradas no capítulo cinco. Os documentos digitais doados pelos pesquisadores conformam parte do novo acervo da SEMEAR, que será formado por vestígios do passado consumido nas chamadas, como do passado construído no presente – como, por exemplo, dos projetos da reforma do Paço de São Cristóvão e das novas exposições permanentes<sup>45</sup> - com vistas ao porvir. Essa reflexão foi formulada com base na concepção de memória de Bergson (2011), que será apresentada no próximo capítulo.

---

<sup>45</sup>Os projetos mencionados devem ser enviados para SEMEAR após o término das obras. Essa informação foi obtida em entrevista de pesquisa realizada com o atual coordenador da seção, no dia 26 de outubro de 2021.

### 3 MEMÓRIAS, EMOÇÕES E PRÁTICAS AFETIVAS

A ordem das palavras utilizadas para nomear o presente capítulo não deve ser compreendida como uma sequencialidade, porque acredito que as mesmas estão entrelaçadas. O objetivo aqui é apresentar como a memória é imbuída de emoções, isto é, o vínculo indissociável entre elas, sob o preâmbulo de alguns autores, mais especificamente da teoria de Bergson (2011). Algumas categorias do autor serão apresentadas de forma sucinta, como duração, espaço, mundo material, inteligência, intuição, percepção, memória pura, memória lembrança, memória contração, presente sensório-motor, intervalo de indeterminação, impulso vital, emoção criadora, com o propósito de fundamentar a perspectiva de que as concepções de memória e de emoção criadora propostas em sua teoria podem ser associadas às práticas afetivas.

Os três eixos (memória, emoções e práticas afetivas) que ancoram as principais reflexões teóricas desta pesquisa serão abordados neste capítulo em duas seções. A primeira seção, Emoções, práticas afetivas e interseccionalidade afetiva, visa elencar algumas concepções de emoção que estão em consonância e embasam tanto o conceito de práticas afetivas quanto o de interseccionalidade afetiva. Esses conceitos serão explicados de acordo com a produção de Wetherell (2012, 2013, 2014), precursora da teoria de práticas afetivas. Em seguida, a seção Memória e emoções em Bergson: relação com as práticas afetivas apresenta algumas categorias da teoria de Bergson (2011), com o aporte do estudo de Worms (2010), Deleuze (2012) e Maciel Júnior (2017), a fim de criar um cenário elucidativo para explicitar os elos da memória com as emoções e as práticas afetivas.

Práticas afetivas é um conceito proposto por Wetherell (2012) e, em linhas gerais, podem ser compreendidas como ações promovidas essencialmente pelas emoções em um determinado contexto. O contexto em análise é o pós-incêndio do Museu Nacional, mais especificamente, o processo de reconfiguração da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional. As práticas afetivas serão identificadas/analizadas nas narrativas dos servidores da SEMEAR e dos/das pesquisadores(as) da seção, que se disponibilizaram a participar da presente pesquisa. O interesse em ouvir os pesquisadores advém do desejo de observar quais lembranças e emoções motivaram seu envolvimento com o processo de reconfiguração da seção, por meio da doação dos documentos consultados. Além disso, o envolvimento desses pesquisadores, mesmo que de modo diferente, de certa forma, pode ser considerado análogo a minha contribuição com a seção. A minha intuição sugere que, assim como aconteceu comigo, os/as pesquisadores(as) se envolveram não apenas para cumprir uma obrigação social/institucional, mas por um desejo em



participar voluntariamente, motivados pelas emoções e lembranças atualizadas acerca do incêndio, com o intuito de contribuir de alguma forma para a reconstrução do arquivo da SEMEAR.

Desde a inatividade do grupo de trabalho responsável pelo sistema Colheita, o interesse de pesquisa só mudou de foco, porque o questionamento central sempre foi identificar em que medida as emoções implicadas na lembrança do incêndio, enunciadas nas narrativas, mobilizam ações em torno da reestruturação da SEMEAR. O conceito de práticas afetivas só veio direcionar o tipo de ações que gostaria de abordar e identificar nas narrativas dos entrevistados, ou seja, as ações essencialmente afetivas que advêm de um engajamento pessoal e/ou coletivo e que estão atreladas às lembranças do incêndio. Além disso, o conceito de práticas afetivas me lançou em um desafio teórico de vislumbrar como poderia associá-lo a teoria de Bergson (2011).

Os três eixos (memória, emoções e práticas afetivas) que fundamentam a intuição norteadora da pesquisa serão abordados aqui de forma exploratória, uma vez que a complexidade de cada um acarreta diversas discussões teóricas e possibilidades de relações, principalmente, no que concerne à memória. A memória não pode ser definida em um conceito, porque ela é diversa, como um caleidoscópio em que a cada giro ocorre uma mudança da conjunção das cores e um novo desenho se forma. O conceito de memória se molda dependendo do contexto em que está inserida e do prisma a que se associa. Como campo de estudos, a Memória Social é multidisciplinar, pois apresenta sinergia de diferentes cores, isto é, perspectivas teóricas. Uma não invalida a outra, assim como, no caleidoscópio, elas se separam e convergem de acordo com o prisma, que muda a partir do giro de observação. Segundo Gondar (2008), a Memória Social é fruto do entrecruzamento de diversas disciplinas; por esse motivo, constitui um território polissêmico, segundo o qual ela comporta diversos sentidos. Ao articularmos essa ideia com o exemplo do caleidoscópio, observamos que a polissemia da área são os diversos prismas que resultam em desenhos diferentes (concepções e sentidos para a memória), de acordo com a posição do observador, ou melhor, do giro de observação.

No caso desta pesquisa, o prisma adotado será a perspectiva de memória do filósofo Henri Bergson (2011)<sup>46</sup>, construída em um período em que o determinismo científico era difundido, e a ciência positivista imperava. Nesse contexto, conforme Gondar (2021), a teoria do autor é inovadora, pois aponta para a compreensão de como, ou em que medida, a memória é criativa.

---

<sup>46</sup> Henri Bergson (1859-1941) nasceu em Paris. Estudou na *École Normale Supérieure* de 1877 a 1881, onde lecionou nos dezesseis anos seguintes, como professor de filosofia. Em 1900, tornou-se professor no Collège de France e, em 1927, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura.

Ainda segundo a autora, a teoria de Bergson sobre a memória tem o escopo mais amplo, porque a analisa em todas as esferas (individual, social, política, entre outros). Já o campo da Memória Social, instituído pelo sociólogo Maurice Halbwachs, se dedica principalmente às questões sociais. Vale mencionar que Halbwachs foi aluno de Bergson, na *École Normale Supérieure de Paris*, e mesmo que o trabalho do seu mentor o tenha influenciado, ele seguiu outro caminho reflexivo sobre a memória. Em síntese, na teoria de Bergson (2011), a memória não é uma propriedade do cérebro, mas do espírito, porque é uma virtualidade. Assim, a abordagem de Bergson é subjetiva, de acordo com Deleuze (2020), e a intuição é seu método filosófico para expor as suas ideias. O prisma da teoria de Bergson em relação à memória foi escolhido por possibilitar nexos com os outros eixos teóricos que ancoram a pesquisa.

A analogia do caleidoscópio é útil também para introduzir a associação da memória com a emoção, que será analisada na segunda seção deste capítulo, à luz da teoria de Bergson (2011). Para explicar a analogia, no momento, eu irei me pautar na teoria de Goethe que aborda o efeito sensível e moral das cores. Nos seus experimentos e reflexões, Goethe (1993) aponta para a percepção de que cada cor tem um elemento objetivo atrelado à perspectiva simbólica do seu uso. Em outras palavras, de acordo com Possebon (2009), o elemento objetivo consiste na atuação da cor no indivíduo que desperta diferentes sensações, reações e comportamentos similares. A perspectiva simbólica é o contexto em que a cor foi utilizada; por exemplo, em um quadro, a mesma cor pode suscitar diferentes interpretações. A associação das emoções à percepção das cores e da memória, na analogia do caleidoscópio, nos permite inferir que ora tanto as cores – quanto o próprio desenho formado no caleidoscópio – despertam emoções no observador (elemento objetivo), ora a percepção da tonalidade das cores, isto é, a vivacidade do desenho, surge associada também às emoções de quem vê (perspectiva simbólica). Ao transpor para o contexto da memória, as lembranças podem suscitar emoções<sup>47</sup>, assim como as emoções circunscritas no aqui e agora de quem recorda influenciam na forma como o sujeito observa, interpreta e relata as lembranças.

As lembranças são construções da memória acerca de uma experiência, que pode ter sido vivenciada ou adquirida por tabela<sup>48</sup>. Como fragmento ela apresenta características provenientes do todo ao qual está vinculada. Ao considerarmos, conforme Gondar (2016), que

---

<sup>47</sup> Cabe esclarecer que a lembrança pode ser também desprovida de qualquer tonalidade afetiva. E que existem tonalidades afetivas que não são comunicáveis, porque nem sequer foram elaboradas pelas pessoas.

<sup>48</sup> A lembrança por tabela está associada ao conceito de Pollak (1992), quando ocorre o fenômeno de projeção ou identificação com um determinado passado do qual o indivíduo não participou diretamente. Mas devido à relevância dos acontecimentos para o grupo ou coletividade a qual se sente pertencer, ele se apropria, “herda” essa memória.

a memória é um processo deflagrado por relações e afetos, podemos alegar que a memória é indissociável do contexto afetivo no qual é gestada. O contexto afetivo é constituído primordialmente por emoções<sup>49</sup>, uma vez que os sentimentos advêm das emoções. Para Le Breton (2019), o sentimento é a tonalidade afetiva que instala a emoção no tempo. “A emoção é a própria propagação de um acontecimento passado, presente ou vindouro, real ou imaginário, na relação do indivíduo com o mundo. Ela consiste em um momento provisório, originando-se de uma causa precisa onde o sentimento se cristaliza [...]” (Le Breton, 2019, p. 140). Sendo assim, as lembranças acerca de uma experiência podem aflorar emoções, provenientes do contexto afetivo no qual a memória foi construída. Nesse sentido, Rossi (2010) afirma que a memória sempre implica uma participação emotiva em relação ao passado, “[...] que é sempre vaga, fragmentária, incompleta, sempre tendenciosa em alguma medida [...]” (Rossi, 2010, p. 28).

Essa participação emotiva em relação ao passado pode ser associada a uma das características da memória: a seletividade. A seleção ocorre a partir do contexto afetivo em que o indivíduo está inserido, no qual escolhas são feitas; seja de forma consciente ou inconsciente, elas moldam as lembranças. De acordo com Gondar (2016), elas determinam a forma como o passado será revisitado e, simultaneamente, o que será relegado ao esquecimento. A partir dessa noção é possível constatar o aspecto fluído da memória, pois ela não é estática ou consolidada; na verdade, a cada momento a memória é construída e atualizada com base, segundo Pollak (1992), nas preocupações e interesses da esfera pessoal e política do presente. Além do presente, Gondar (2016) menciona outro elemento que conforma a memória: o futuro, o qual direciona também as escolhas sobre o que e como o passado deverá ser lembrado, pois o “[...] conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja.” (Gondar, 2005, p.17).

O presente é vivenciado em um determinado momento, o aqui e o agora, do qual, de acordo com Gondar (2016), selecionaremos como impressões e lembranças aquilo que nos afeta. Assim, as emoções que sentimos no momento que evocamos a experiência influenciam no que será selecionado como lembrança. Essa seleção implica na atualização da memória – que na segunda seção deste capítulo será apresentada, na teoria de Bergson (2011), como uma contração – e incide também sobre as emoções, porque “existe um trabalho do tempo e da

---

<sup>49</sup> O contexto afetivo é constituído também por relações (do indivíduo com os personagens envolvidos e com a sua interpretação da situação), atravessamentos socioculturais e reações corporais. Essas reações corporais, ou melhor, “expressão direta da percepção do fato excitante”, segundo Le Breton (2019), permitem a consciência das emoções. Por exemplo, a partir do choro, eu fico triste ou quando tremo, eu constato que estou com medo ou nervoso.

memória sobre as emoções, um trabalho significativo, que leva, por vezes, à modificação da forma como um acontecimento é experimentado” (Le Breton, 2019, p. 146). Dessa forma, podemos observar de forma preliminar o vínculo entre a memória e a emoção. Essa última está circunscrita tanto ao contexto afetivo de quando a memória é construída, quanto ao momento em que a memória é evocada. A partir das reflexões apresentadas é plausível afirmar que a memória é constituída, construída e atualizada também pelas emoções, enquanto as lembranças ao se atualizarem suscitam emoções.

Para ilustrar a atualização concomitante da memória e das emoções, utilizarei um exemplo pessoal que, creio, será útil para análises posteriores. A lembrança do meu filho com um ano e quatro meses de idade andando na praia olhando para mim e sorrindo, quando o chamei pelo nome; hoje, essa cena precipita emoções mais intensas do que anteriormente. Antes, a mesma lembrança me remetia apenas a um dia feliz de descontração com a família, da qual sua alegria naquele dia era a imagem mais vívida. Após o diagnóstico de autismo regressivo, a imagem mais vívida da mesma lembrança é o seu olhar em direção ao meu, é o sorriso compartilhado, é a resposta imediata ao chamado, é a interação em si associada à alegria dele. A percepção e o significado da lembrança, bem como as emoções que sinto ao recordá-la, se atualizam neste momento em que escrevo. Além disso, a forma como lembro e relato sobre esse dia na praia é diferente, porque sou influenciada pelo contexto afetivo do momento, isto é, do aqui e agora. Certamente, essa lembrança e as emoções que ela suscita continuarão a se atualizar e poderão ter outra nitidez e tonalidade no futuro.

As reflexões delineadas acerca da tonalidade das lembranças, vivacidade das lembranças, o desenho das lembranças e, especialmente, no que tange à atualização das lembranças e das emoções desvelam, mesmo que de forma elementar, o elo indissociável entre a memória e as emoções. Esse elo será aprofundado sob a perspectiva teórica de Henri Bergson, que propicia a associação com a teoria das práticas afetivas de Margaret Wetherell. Os conceitos de práticas afetivas e interseccionalidade afetiva, conforme mencionei anteriormente, fundamentam os tipos de ações, ou melhor, de práticas que pretendo identificar e analisar em torno do processo de reconfiguração da SEMEAR. Isto posto, o percurso teórico que será engendrado nas próximas seções deste capítulo subsidiará as análises das narrativas dos entrevistados desta pesquisa, que serão apresentadas no capítulo seis.

### 3.1 Emoções, práticas afetivas e interseccionalidade afetiva

As emoções podem ser explicadas por diferentes vertentes; por estudos que contemplem a sua constituição biológica/fisiológica, psicológica, social e espiritual. O contexto social seria a escolha mais plausível, a princípio, para associar as emoções à memória. No entanto, os estudos de Wetherell (2012, 2013, 2014), que norteiam a presente pesquisa, são mais amplos e abordam a relação psicológica social do afeto, para fomentar o conceito de práticas afetivas e interseccionalidade afetiva. A perspectiva de Wetherell é influenciada por sua formação como psicóloga e em estudos do discurso, logo, os seus trabalhos apresentam como foco a psicologia aplicada a pesquisas biológicas, sobretudo, socioculturais do afeto e emoções. Cabe esclarecer que esses dois termos, na maior parte dos seus textos, são empregados como sinônimos: “Por afeto, quero me referir à construção de significado corporificado. Principalmente, isso será algo que poderia ser entendido como emoção humana” (Wetherell, 2012, p. 4, tradução nossa)<sup>50</sup>. As distinções entre afeto e emoção só ocorrem quando a autora faz menção à teoria de outros autores.

O percurso teórico para a construção do conceito de práticas afetivas e, posteriormente, a interseccionalidade afetiva é complexo, porque Wetherell (2012, 2013, 2014) utiliza diversos autores de correntes teóricas distintas para fundamentar seus estudos. Um ponto convergente em seus textos reside em refutar a vertente que reconhece as emoções como meramente psicobiológicas, isto é, em um conjunto de “emoções básicas”. Nesse contexto, a autora contraria a concepção de emoção difundida na década de 60, desenvolvida a partir do trabalho de Tomkins e Paul Ekman, que alega ainda ser influente nos estudos sobre afetos. Em linhas gerais, a concepção de “emoções básicas” visa categorizar os estados afetivos. Segundo Wetherell (2012, 2014), eles foram estabelecidos para especificar, definir e organizar a gama de respostas afetivas. A lista de tais estados afetivos ou “emoções básicas” varia de acordo com o pesquisador, mas frequentemente seis emoções são elencadas como principais, a saber: raiva, alegria, surpresa, medo, tristeza e nojo. Essas emoções são consideradas universais humanas e as demais seriam os “primos emocionais”. Para Wetherell (2012, 2014), as “emoções básicas” envolvem a experiência afetiva em uma caixa preta, porque menosprezam/ignoram que a experiência afetiva está constantemente fluindo, fundindo-se, desenvolvendo-se e mudando. Tal característica pode ser associada à concepção de Le Breton (2019) de que a emoção não é

---

<sup>50</sup> “By affect, I will mean embodied meaning-making. Mostly, this will be something that could be understood as human emotion.” (Wetherell, 2012, p. 4).

fixa, porque ela pode ser alterada ou amenizada e acentuada, de acordo com as experiências pessoais ao longo do tempo. Portanto, a categorização das emoções é uma solução inadequada para definir as diversas respostas afetivas a uma situação ou objeto, uma vez que ela configura as emoções somente como algo inato e irracional.

Na esteira dessas considerações, os estudos de Wetherell (2012, 2014) alertam que é um equívoco simplificar as emoções como algo irracional. Outro autor que apresenta reconhecimento similar é Le Breton (2019), que explica que as emoções obedecem a lógicas pessoais e sociais, logo, têm também a sua razão. “Um homem que pensa é sempre um homem afetado, alguém que reúne o fio de sua memória impregnada de certo olhar sobre os outros.” (Le Breton, 2019, p. 144). Ao mesmo tempo em que admite certa racionalidade nas emoções, Wetherell (2014) aponta para o fato de que elas podem provocar reações involuntárias. Para exemplificar essas reações, a autora cita o estudo de Damásio (1999), que faz uma analogia das emoções ao espirro, pois, em alguns momentos, elas também são incontroláveis. As emoções têm o potencial de serem agentes ativos, quando as artimanhas de distração fracassam e elas se manifestam em reações corporais, como o choro inesperado. Daí advém a ideia de Wetherell (2014) de que as emoções fornecem algumas demonstrações contundentes dos limites da agência humana. Essa questão está em consonância com a palestra de Didi-Huberman (2021), na qual aponta para a inevitabilidade de sermos acometidos pelas emoções, porque frequentemente alguma emoção nos toma e nos toca, “[...] sem que saibamos o porquê, nem exatamente o que ela é: sem que possamos representá-la para nós. Ela age sobre mim, mas, ao mesmo tempo, está além de mim.” (Didi-Huberman, 2021, p. 26).

Ao analisar os estudos de Wetherell (2012, 2013, 2014), é possível inferir que o “sobre mim” é o agir imponderável da emoção, enquanto o “além de mim” são os atravessamentos socioculturais circunscritos nas experiências do indivíduo. Segundo Wetherell (2014), as emoções são compostas pela dualidade, algo que consiste, por um lado, na “falta de potencial de controle” e, por outro, no “controle potencial”. O controle potencial advém da apropriação pessoal que o indivíduo faz das normas coletivas implícitas ao contexto cultural no qual está inserido, que o orientam sobre como deve agir ou reagir emocionalmente a determinadas situações. Assim, o controle potencial seria uma “regulação emocional”, que oscila entre a distração, supressão e o encorajamento de algumas formas de afeto. Um exemplo da regulação emocional ocorre quando estamos em uma festa do trabalho, evento que enseja um comportamento descontraído comedido; em vista disso, geralmente, evitamos demonstrações exacerbadas de alegria que possam comprometer a nossa imagem/reputação. A partir das elucidações expostas podemos considerar que as emoções são “[...] emanações sociais ligadas

às circunstâncias morais e à sensibilidade particular do indivíduo. Elas não são espontâneas, mas ritualmente organizadas. Reconhecidas em si e exibidas aos outros, elas mobilizam um vocabulário e discursos.” (Le Breton, 2019, p. 149).

Na concepção de Wetherell (2012), as emoções não são somente espontâneas, pois elas também envolvem a mobilização de discursos, própria do controle potencial das emoções. Para explicar essa mobilização, a autora utiliza a noção de Hochschild (1983) de “regras do sentimento”, estabelecida nas investigações desenvolvidas no livro “*The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling*”. Essa obra, segundo Wetherell (2014), é um clássico na área de psicologia social, porque aborda a luta entre a biologia e a cultura, isto é, a luta entre os aspectos involuntários com o gerenciamento ativo das emoções. A ideia de regras do sentimento de Hochschild (1983) surgiu a partir da pesquisa de campo realizada no curso de formação de comissários da companhia aérea ‘Delta’, na qual foram avaliadas algumas questões, entre elas, as formas de autorregulação envolvidas no atendimento de passageiros em uma aeronave. Desse modo, o estudo observou as dimensões normativas do afeto reguladas pelo que denominou de “regras de sentimento”. De acordo com Wetherell (2014), essas regras funcionam como ferramentas culturais que circunscrevem os direitos e obrigações afetivas, bem como os tipos de emoções apropriadas em diferentes situações. Tais regras preconizam a força e a duração esperadas de uma emoção, em outras palavras, as “regras de sentimento” simbolizam o que o mundo espera do coração e, ao mesmo tempo, contribuem diretamente para a manutenção da “civildade social”. Ainda segundo Wetherell (2014), a mudança afetiva em relação ao comportamento esperado, originária das emoções espontâneas, acarreta julgamento, discriminação, advertência e sanções severas. Por esse motivo, a pesquisa de Hochschild (1983) aponta para o ensino de técnicas no curso de formação para a supressão das mudanças afetivas, ao ponto de promoverem a *performance* profunda dos comissários no trabalho. O potencial do indivíduo em administrar, gerir e regular as suas emoções, denominado por Wetherell (2012, 2014) como afeto realizado, constituem um ponto significativo da pesquisa de Hochschild (1983), que foi aplicado na teoria das práticas afetivas.

Outro mérito da pesquisa de Hochschild (1983), conforme Wetherell (2012, 2014), foi dar visibilidade ao afeto espontâneo de forma desvinculada da concepção de “emoções básicas”, inatas e universais. Para Hochschild (1983), o afeto espontâneo é um substrato natural que sinaliza mensagens para o indivíduo. Nesse caso, o medo indicaria para o indivíduo que ele está em uma situação de perigo. Os sinais advindos das emoções espontâneas, na concepção de Hochschild (1983), não são totalmente naturais, uma vez que também são nutridos pelas expectativas e entendimentos sociais do indivíduo. É nesse ponto que Wetherell (2012, 2014)

critica o trabalho de Hochschild (1983), porque ele estabelece uma divisão entre a sociedade (ação predefinida), sinais construídos e aspectos biológicos. Assim, Hochschild (1983) foca apenas em demarcar a luta entre as emoções espontâneas e o gerenciamento ativo/consciente do afeto. Além disso, Wetherell (2014) critica a delimitação da capacidade cognoscente do indivíduo, que é apenas cooptado em “seguir as regras do sentimento”. Dessa forma, não considera o poder de interpretação e apropriação do sujeito que podem desencadear nuances ou não aplicação das regras. Em suma, para a autora supracitada, o trabalho de Hochschild (1983) apontou para a atuação/agência da emoção espontânea e incitou debates acerca do papel do corpo *versus* papel da sociedade. Em contrapartida, o conceito de atmosfera afetiva de Anderson (2009) destaca os agenciamentos materiais, as relações sociais e tecnológicas na promoção dos afetos.

A abordagem de Ben Anderson (2009) é mencionada nos estudos de Wetherell (2012, 2014), quando ela aborda como os aspectos exteriores/circundantes podem estimular a emergência de emoções. O conceito de atmosfera afetiva, segundo Wetherell (2012, 2014), sofre influência deleuziana. Nessa perspectiva, o afeto é genérico, ou melhor, uma força impessoal associada a todas as relações, não restrito às emoções. Um exemplo utilizado por Wetherell (2014) é a ação da onda na praia; a onda afeta a distribuição da areia, porque ocasiona uma mudança de estado. Portanto, o ser humano, os animais e as coisas são constantemente afetados por circunstâncias distintas. A partir desse entendimento, Anderson (2009) constrói o conceito de atmosfera afetiva “sem sujeito”, algo que, conforme Wetherell (2014), consiste na análise das dimensões pré-pessoais (impessoais) ou transpessoais da vida existencial e afetiva.

As dimensões afetivas são diversas como evidenciam os exemplos citados no estudo de Anderson (2009): como a atmosfera matinal, a atmosfera de um local de encontro, a atmosfera do espaço do culto, a atmosfera de uma época, a atmosfera de uma cidade, a atmosfera da sala de reunião, entre outros. Desse modo, na interpretação de Wetherell (2014), a atmosfera afetiva seria uma propriedade associada ou emanada de espaços, locais, eventos e situações. Uma atmosfera afetiva resulta da configuração, na qual o que está em evidência é o fluxo contínuo do espaço e do acontecimento, como ambos organizam significações e formulações discursivas entre participantes humanos e não humanos. Nessa teoria, a agência humana fica restrita à forma como o indivíduo internaliza, isto é, em como ele é afetado pela atmosfera. Em outras palavras, a atmosfera se configura em uma experiência emocional à medida que o indivíduo se identifica ou se move através dela. Essa parte da teoria da atmosfera afetiva é criticada por Wetherell (2012, 2014), porque o autor não especifica a agência humana ativa, presente desde a



capacidade de montar/gerar atmosferas até nas formas de sentir, interpretar, agir, regular e construir para si mesmo e para os outros os significados delas.

No âmbito da pesquisa em curso, o conceito de atmosfera afetiva se aplica à fundamentação da motivação do envolvimento dos servidores e pesquisadores com o processo de reconfiguração da SEMEAR. A motivação estaria associada à atmosfera afetiva vinculada à lembrança do incêndio do Museu Nacional. Nesse caso, é interessante notarmos que a atmosfera afetiva apresenta dois vieses que se fundem: a atmosfera afetiva que envolve a instituição e a atmosfera do evento do incêndio. O primeiro viés está relacionado à vocação institucional do Museu Nacional, reconhecido socialmente como um lugar de memória. Os lugares de memória são: “[...] museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhos de outra era [...] sinais de reconhecimento e de pertencimento de um grupo numa sociedade.” (Nora, 1993, p. 13). Para Nora (1993), os lugares de memória têm a função de materializar a memória que será relegada às próximas gerações. Ao considerarmos o propósito dos lugares de memória, articulado à compreensão do conceito de atmosfera afetiva como uma propriedade vinculada à configuração de espaços/lugares, que tem o potencial de afetar o indivíduo, assim, observaremos que os lugares de memória são constituídos por atmosferas afetivas. No entanto, as atmosferas afetivas dos lugares de memória são construídas e instituídas pela agência humana de grupos específicos. Por hora, é relevante para a discussão o reconhecimento da atmosfera afetiva atribuída ao Museu Nacional, que foi amplificada com a atmosfera afetiva própria do incêndio.

O incêndio em qualquer esfera é uma situação que geralmente afeta os envolvidos e pode sensibilizar os não atingidos pela catástrofe, de acordo com a proporção da perda e com as implicações sociais. As perdas materiais e imateriais do Museu Nacional foram enormes, conforme mencionado anteriormente, decerto não podem ser dimensionadas em sua totalidade. Mas o que importa aqui é destacar que as duas atmosferas se fundiram em um único evento, gerando assim uma forte atmosfera afetiva. Talvez essa reflexão possa explicar as diversas comoções institucionais e públicas em torno do incêndio da instituição. Entretanto, ela não é suficiente para compreender por que alguns indivíduos não envolvidos diretamente com a instituição foram mais afetados do que outros. Por que a lembrança do incêndio do Museu Nacional não se restringe apenas à mudança do estado afetivo, uma vez que ainda mobiliza diversas iniciativas em torno da sua reconstrução? O conceito de atmosfera afetiva não abarca essas questões, mas nos permite compreender que a forte atmosfera do evento afetou diversos indivíduos e entidades, bem como propiciou um palco para comoções.

As comoções, sobretudo as institucionais, também poderiam ser analisadas sob a ótica das “regras de sentimento”. Por sua importância para as Ciências nacional e internacional, as manifestações de solidariedade em prol do Museu Nacional, tanto das instituições culturais ao redor do mundo e no Brasil, quanto da população, já eram esperadas dentro do enredo de valorização social do conhecimento e dos lugares de memória. Contudo, será que ocorreu uma luta entre as emoções espontâneas e a gestão dos afetos? As comoções públicas não podem ter sido invocadas também por emoções espontâneas? O choro dos manifestantes no dia seguinte ao incêndio foi apenas ritualizado?

Os conceitos de “emoções básicas”, “regras de sentimento” e “atmosfera afetiva” constituem um preâmbulo sucinto para a apresentação da teoria de práticas afetivas de Wetherell (2012, 2013, 2014). Para a referida autora, ambas as teorias falham em analisar os fluxos dos afetos, que não podem ser explicados por meio de contraposições entre o corpo semiconsciente/autônomo e o ator social reflexivo. Por esse motivo, ela busca compreender o entrelaçamento das emoções espontâneas com o afeto realizado e as atmosferas afetivas, por meio das práticas afetivas. As práticas afetivas, segundo Wetherell (2012), podem ser compreendidas como uma prática social. As principais abordagens de prática social enfatizam a “corporificação reflexiva”; isso significa que o indivíduo pode ser influenciado pelo ambiente ou circunstâncias, mas, ao mesmo tempo, é um ser consciente, envolto em práticas culturais e engajado com os outros na negociação de seus mundos. Para Wetherell (2012), a prática afetiva é uma “corporificação reflexiva das emoções”, porque consiste em um fluxo contínuo de formação e mudanças de reações corporais, estados subjetivos e ações, que se transformam constantemente em resposta ao contexto em mudança.

Uma prática afetiva é uma figuração na qual as possibilidades do corpo e rotinas são recrutadas ou emaranhadas com a construção de sentido e com outras configurações sociais e materiais. É um complexo orgânico em que todas as partes se constituem por relações (Wetherell, 2012, p. 19, tradução nossa).<sup>51</sup>

Esse complexo orgânico, em alguns momentos, pode ser categorizado, interpretado e analisado por padrões semiestruturados, que podem ser configurados e reconfigurados de acordo com as histórias de práticas passadas, aqui interpretadas também como memórias das práticas apreendidas. Nesse sentido, de acordo com Wetherell (2012), as práticas afetivas são vagamente determinadas pelo que aconteceu antes, porque também são flexíveis e criativas de

---

<sup>51</sup> “An affective practice is a figuration where bodypossibilities and routines become recruited or entangled together with meaningmaking and with other social and material figurations. It is an organic complex in which all the parts relationally constitute each other.” (Wetherell, 2012, p. 19).

acordo com a situação, a apropriação dos padrões sociais e negociações de sentido do indivíduo. “A prática passada define apenas parte do contexto para a prática atual. Uma prática é um agenciamento para agora que se baseia em agenciamentos passados e influencia a forma da atividade futura” (Wetherell, 2014, p. 9-10, tradução nossa)<sup>52</sup>. Mesmo que a autora não utilize o termo *atualização*, ao analisar as suas explicações acerca da prática afetiva, acredito que seja condizente. Nesse ponto, é possível relacionar a prática afetiva à atualização da memória e das emoções mencionadas anteriormente. A diferença reside no fato de que a emoção foi abordada sob o aspecto do sentido, estado emocional. No caso da prática afetiva, segundo Wetherell (2012), a emoção e o afeto são utilizados como sinônimos. Mas o afeto engloba o sentido e a sensibilidade, logo, trata-se de algo prático, comunicativo e passível de ser organizado. Assim, “[...] a prática afetiva centra-se no emocional como ele aparece na vida social e tenta acompanhar o que os participantes fazem.” (Wetherell, 2012, p. 4, tradução nossa)<sup>53</sup>. Quando a autora utiliza a expressão “o que os participantes fazem”, ela se refere a todo um universo de práticas, que envolvem comportamentos, discursos e ações impulsionadas pela confluência de configurações mutáveis e flexíveis de fluxos em um momento específico.

[...] A prática afetiva é um momento de recrutamento, articulação ou engajamento, quando muitos fluxos complicados através dos corpos, subjetividades, relações, histórias e contextos se enredam e se entrelaçam para formar justamente esse momento, episódio ou atmosfera afetiva com suas classificações particulares possíveis (Wetherell, 2014, p. 22, tradução nossa)<sup>54</sup>.

Ao retomarmos a narrativa de experiência pessoal do passeio da praia com o meu filho é possível identificarmos não apenas o que seriam as práticas afetivas, como também algumas formas, ou melhor, “classificações possíveis”. A prática afetiva seria o próprio uso que faço dessa lembrança, a partir da ressignificação dela para explicar a relação entre a atualização da memória que suscita emoções, como também o próprio discurso circunscrito no relato da experiência. Além disso, a prática afetiva seriam os desdobramentos dessas lembranças e emoções associadas ao afeto realizado, ou seja, em como irei geri-las. Em alguns momentos, eu posso me isolar de tudo, ao me entregar à tristeza associada à lembrança do olhar do Guilherme quando o chamei pelo nome; em outros, eu posso ter um comportamento otimista, ao encarar como uma meta a ser alcançada com as intensas terapias as quais ele está sendo

<sup>52</sup> “*Past practice sets only part of the context for present practice. A practice is an assemblage for now which draws on past assemblages and influences the shape of future activity.*” (Wetherell, 2014, p. 9-10).

<sup>53</sup> “*Affective practice focuses on the emotional as it appears in social life and tries to follow what participants do.*” (Wetherell, 2012, p. 4)

<sup>54</sup> “[...] *affective practice is a moment of recruitment, articulation or enlistment when many complicated flows across bodies, subjectivities, relations, histories and contexts entangle and intertwine together to form just this affective moment, episode or atmosphere with its particular possible classifications.*” (Wetherell, 2014, p. 22)

exposto. Na perspectiva social que não considera as dificuldades do universo atípico, eu deveria seguir as “regras do sentimento”. Nesse caso, elas consistem em não extravasar/compartilhar as minhas angústias e preocupações, adotar apenas a postura de “mãe guerreira” e conformada, que não luta pelos direitos de inclusão social do filho. Em contrapartida, eu posso utilizar as minhas lembranças do diagnóstico e das experiências, para criar ferramentas informacionais e/ou gerar iniciativas que ajudem outras mães atípicas. Outra possibilidade de prática afetiva seria a negação da realidade; algumas mães não aceitam ou não buscam o diagnóstico, porque acreditam que é apenas uma fase. Essa ideia muitas vezes é reforçada por um tipo de discurso pseudopedagógico, segundo o qual “cada criança tem seu tempo”. Nesse contexto, a “lembrança do olhar” seria a comprovação da capacidade do filho em agir da forma esperada, e não como uma habilidade perdida.

O exemplo acima ilustra como um único episódio emocional pode desencadear diferentes práticas afetivas, como afirma Wetherell (2012). Sendo assim, a prática afetiva pode ser um comportamento, um discurso e ações tanto negativas quanto positivas, como também pode oscilar entre as duas. Além disso, a prática pode ser criativa e atualizada, no aqui e agora, com vistas a uma intenção/meta futura. Devido à sua diversidade, de acordo com Wetherell (2012), a pesquisa empírica sobre prática afetiva deve ser centrada em parâmetros ou ciclos de atividades de um evento situado. Dessa forma, será possível analisar as conexões socioculturais, em alguns casos institucionais, nas *performances* emocionais dos envolvidos. Como a autora supracitada sempre enfatiza, os parâmetros são repetições reconhecíveis, mas não consistem em duplicatas precisas porque serão moldadas pelos indivíduos de acordo com a situação.

As práticas variam, é claro, em seu grau de restrição. Algumas práticas afetivas são extremamente flexíveis e improvisadas; a agência e a atividade dos participantes são altamente visíveis e decisivas no que acontece a seguir. Enquanto outras práticas afetivas são canônicas, centrípetas, autoritárias e institucionais. [...] Às vezes, os limites entre as práticas serão vívidos, com limites claros e, às vezes, borrados e incompletos. Os participantes podem passar de um para o outro ou orientar-se lentamente para mudar os fluxos de atividade, retroceder, mover-se automaticamente ou com resistência de uma cena para outra, combinar e reunir diferentes orientações, às vezes brincando com elas, às vezes profundamente agarrado e sempre personalizando à medida que vão para o contexto. As práticas afetivas são funcionais e consequenciais, banais e dramáticas (Wetherell, 2013, p.235-236, tradução nossa)<sup>55</sup>.

<sup>55</sup> “Practices vary, of course, in their degree of constraint. Some affective practices are extremely flexible and improvised; the agency and activity of the participants are highly visible and decisive in what happens next. Other affective practices are canonical, centripetal, authoritative and institutional. [...] Sometimes the boundaries between practices will be vivid, with clear thresholds, and sometimes blurred and incomplete. Sometimes the boundaries between practices will be vivid, with clear thresholds, and sometimes blurred and incomplete. Participants might snap from one to another, or orientate slowly to changing activity flows, backtrack, move automatically or with resistance from one scene to another, combine and pull together different orientations, sometimes toying with them, sometimes deeply gripped and always customising as they go for the

No que concerne à agência, a atividade efetiva dos participantes da atmosfera afetiva ou do episódio afetivo é mais perceptível, conforme Wetherell (2012), quando a prática afetiva é subversiva, isto é, quando apresenta algum elemento que repercute a lógica do “poderia ser diferente”. Essa lógica, geralmente, está relacionada às práticas afetivas improvisadas, inovadoras e até mesmo decisivas para o contexto. É interessante notarmos também a personalização das práticas afetivas até quando são orientadas por questões socioculturais e/ou institucionais. Por essa razão, Wetherell (2012) alega que as pesquisas devem focar na análise dos participantes, porque eles são fundamentais para a identificação e o reconhecimento das mudanças de orientação das práticas afetivas. Outra consideração importante, mas pouco explorada no estudo de Wetherell (2012), é a interseccionalidade afetiva. Para a autora, o estudo de práticas afetivas em formações sociais deve ser “interseccional” igual aos estudos de identidade. As pesquisas sobre identidade, em geral, focam nos pontos comuns de identificação do indivíduo e de práticas de criação de identidade nas diferentes relações sociais. No campo de estudo de práticas afetivas, a interseccionalidade afetiva consiste na mobilização de pessoas, por meio da conjunção de repertórios afetivos<sup>56</sup> diversificados e práticas afetivas interligadas a uma determinada atmosfera afetiva.

[...] as pessoas provavelmente serão capazes de se mobilizar (e serem mobilizadas por) repertórios bastante amplos e diversificados de práticas afetivas intimamente ligadas ao contexto. É provável que haja misturas complicadas de repertórios afetivos disponíveis para qualquer indivíduo ou grupo social a qualquer momento, incluindo algumas práticas afetivas que são difundidas, por exemplo, e que são muito estáveis, e algumas que são muito locais e extremamente transitórias, específicas para locais de trabalho, para algumas famílias, para algumas ruas por apenas alguns meses, e para determinados momentos históricos (Wetherell, 2012, p. 118-119, tradução nossa).<sup>57</sup>

O incêndio do Museu Nacional certamente é considerado um momento histórico, devido à representatividade da instituição em níveis nacional e internacional e, sobretudo, pelas perdas materiais e imateriais ocasionadas. A forte atmosfera afetiva do evento propiciou um ambiente

---

*context. Affective practices are functional and consequential, banal and dramatic”* (Wetherell, 2013, p.235-236).

<sup>56</sup> Segundo Wetherell (2012) os repertórios afetivos são as biografias afetivas do indivíduo, tipos particulares de processos de figuração das emoções em determinados contextos.

<sup>57</sup> “*that people are likely to be able to mobilise (and be mobilised by) quite wide-ranging and diverse repertoires of affective practices closely linked to context. There are likely to be complicated mixes of affective repertoires available to any one individual or social group at any one moment, including some affective practices that are widespread, for instance, and which are very stable, and some which are very local and exceedingly transient, specific to particular workplaces, to some families, to a few streets for just a few months, and to quite particular historical moments.*” (Wetherell, 2012, p. 118-119).

oportuno para diversas comoções públicas e iniciativas em prol da instituição, algumas delas elencadas no capítulo dois desta pesquisa. Mas, tal como já questionei, a atmosfera afetiva não contempla a agência dos envolvidos na reconstrução da instituição no período pós-incêndio. Por outro lado, a perspectiva da prática afetiva descortina um universo de possibilidades que podem ser exploradas, uma vez que proporciona a compreensão de como as subjetividades da atmosfera afetiva do incêndio são operadas pelos envolvidos. Em outras palavras, a prática afetiva permite compreender como os envolvidos absorvem, sentem, interpretam, regulam e constroem para si mesmos e para os outros os significados da lembrança do incêndio. Além disso, segundo Wetherell (2014), a noção de prática afetiva abarca como essas subjetividades são afetadas também pelas histórias, ou melhor, trajetórias e memórias particulares dos participantes. E, especialmente, como essa confluência pode trabalhar ativamente para provocar, alterar, manter, resistir e desafiar as atmosferas afetivas.

A partir dessas considerações, podemos concluir que cada iniciativa no contexto pós-incêndio pode ser analisada pelo prisma da prática afetiva. Entre as iniciativas, a campanha “Museu Nacional Vive” pode ser considerada uma prática afetiva institucional que resiste e desafia a atmosfera de destruição ocasionada pelo incêndio. O mesmo exemplo, quando analisado de forma mais minuciosa, pode ser interpretado também como uma interseccionalidade afetiva, pois envolve diversas práticas afetivas e mobiliza diversos agentes em seu escopo. Esse foi apenas um exemplo de vários que poderiam ser inseridos aqui; no entanto, o foco desta pesquisa é o processo de reconfiguração da SEMEAR. Mais especificamente, quais são as práticas afetivas envolvidas nesse processo, e em que medida elas são impulsionadas pelas lembranças e emoções atualizadas do incêndio. Essa ideia advém da menção que Wetherell (2012) faz da memória como um dos elementos que são reunidos no “complexo orgânico” que fundamentam as práticas afetivas. A diferença é que, nesta pesquisa, a memória ganha destaque à luz da teoria de Bergson (2011), que aborda também a atuação das emoções, ou melhor, seu potencial em promover ações.

### **3.2 Memória e emoções em Bergson: relação com as práticas afetivas**

O filósofo francês Henri Bergson nasceu em Paris, em 1859, sendo o segundo filho de sete irmãos de pais judeus. Em sua juventude, se distanciou da religião judaica e se formou com honras no colégio Liceu. Na mesma instituição, em outra unidade, atuou como professor de Filosofia, logo após a sua formação em Letras, em 1881. O autor obteve o título de doutor em 1889, na Universidade de Paris. No ano seguinte, Henri Bergson assumiu o cargo de professor

de História da Filosofia Antiga, no Colégio de França, onde lecionou até 1924. Em 1925, o agravamento do reumatismo o impossibilitou de dar continuidade à sua carreira acadêmica como docente. A dificuldade de locomoção o impediu também de comparecer à cerimônia do Prêmio Nobel de Literatura, com o qual foi agraciado em 1927. Desde a primeira publicação, em 1889, do livro *“Ensaio sobre os dados imediatos da consciência”*, fruto da sua tese de doutoramento, o autor publicou diversas obras, entre elas, as mais conhecidas são: *“Matéria e Memória”* (1896); *“O riso”* (1900); *“Introdução à Metafísica”* (1903); *“A Evolução Criadora”* (1907); *“A energia Espiritual”* (1919); *“Duração e simultaneidade”* (1922) e *“As duas fontes da moral e da religião”* (1932). Em seus últimos anos de vida, o autor se aproximou do Catolicismo, mas não se converteu. O povo judeu já sofria com o Nazismo, quando veio a falecer em 1941, em Paris.

Os estudos de Bergson contrapõem as teorias do idealismo e realismo de sua época. Um dos diferenciais de sua obra é considerar o espírito como um elemento importante que retêm a virtualidade da memória pura. Por esse motivo, alguns pensadores o afiliaram ao espiritismo, uma vez que o autor era conterrâneo de Allan Kardec. Entretanto, as explicações baseadas em estudos científicos sobre afasias e outros, assim como as referências constantes às teorias da Psicologia e as reflexões filosóficas engendradas em seus trabalhos, o afastam dessa corrente. A obra de Bergson é essencialmente filosófica, em alguns momentos, biológica, poética, complexa e inovadora, logo, não deve ser associada a um movimento ou corrente teórica específica; como Gondar (2021) menciona, o autor é um pensador da vida. Outro autor que apresenta reconhecimento similar é Worms (2010), ao alegar que a filosofia de Bergson não consiste em apenas diferenciar conceitos e pensamentos, pois ela vai além, uma vez que distingue condutas e intervenções voltadas para a reformulação ou transformação da vida.

Diante da abrangência e da profundidade das obras de Henri Bergson, é importante destacar que ambiciono elucidar, de forma objetiva, os principais elementos que conformam sua teoria e, ao mesmo tempo, se relacionam com a compreensão de memória. Sendo a memória o ponto-chave, a obra do autor que orientará as explicações será *“Matéria e Memória: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito”*, lançada em 1896. A versão utilizada nesta pesquisa é a segunda tiragem da quarta edição traduzida, da editora Martins Fontes, de 2011. Esse livro, como o próprio título menciona, aborda a relação do corpo e o espírito, mais especificamente, como a lembrança “[...] representa precisamente o ponto de intersecção entre o espírito e a matéria” (Bergson, 2011, p. 5). Para compor as considerações acerca de outros conceitos importantes, tais como: duração, impulso vital, intervalo de indeterminação, emoção criadora e moral aberta, que não foram aprofundados na obra que ancora a pesquisa, outros estudos serão

citados, a saber: Maciel Júnior (2017), Deleuze (2012) e Worms (2004, 2010). Por último, com base nos elementos apresentados, trilharei um caminho reflexivo acerca da associação entre práticas afetivas com as “duas memórias” e as “duas morais” de Bergson (2011). Além disso, de forma preliminar, indicarei sob qual perspectiva tanto a prática afetiva quanto a interseccionalidade afetiva podem ser consideradas como ações densificadas pela memória. Essas relações visam ancorar teoricamente a intuição norteadora desta pesquisa: como as emoções e as lembranças são atualizadas acerca do incêndio, no momento da narrativa dos entrevistados, e contribuem diretamente para o engajamento dos narradores em práticas afetivas em torno da reconfiguração da seção. Essas práticas afetivas, no escopo do pós-incêndio, serão interpretadas também como ofensivas sensíveis em prol da construção de um mundo possível para SEMEAR; para o embasamento teórico, ressaltarei os vínculos da teoria de Henri Bergson com o estudo de Lazzarato (2006) e de Sztulwark (2023).

### 3.2.1 Duração, intervalo de indeterminação, memória e impulso vital: apontamentos sobre algumas noções de Henri Bergson

A melodia é composta por diversas notas musicais e, quando tocadas em uma determinada sequência/arranjo, compõem uma música. Para Bergson (2020), ao apreciarmos uma música, não a dividimos em partes (início, meio e fim), porque a ouvimos como uma corrente contínua de som que flui no tempo, ou seja, em sua duração real. A duração não é um conceito, para dizer o essencial, “[...] a duração real é o que sempre se chamou tempo, mas o tempo percebido como indivisível.” (Bergson, 2006, p. 16). Na verdade, a duração é uma noção instituída na filosofia do autor, para contrapor a ideia do tempo como uma sucessão/movimento quantificável da Ciência, sistematizado por instrumentos simbólicos de espacialização (relógio, calendário, tábua das marés, entre outros). Nesse sentido, de acordo com Deleuze (2012) e Worms (2004, 2010), a principal divisão bergsoniana ocorre entre a duração e o espaço.

Todas as outras divisões, todos os outros dualismos a implicam, dela derivam ou nela terminam. [...] A divisão se faz entre a duração, que “tende”, por sua vez, a assumir ou a ser portadora de todas as diferenças de natureza (pois ela é dotada do poder de variar qualitativamente em relação a si mesma), e o espaço, que só apresenta diferenças de grau (pois ele é homogeneidade quantitativa) (Deleuze, 2020, p. 25).

O espaço é reconhecido por Bergson (2011) como meio vazio homogêneo com divisibilidade infinita. “Em se tratando de espaço, pode-se levar a divisão tão longe quanto se queira; com isso não se altera em nada, a natureza do que se divide.” (Bergson, 2011, p. 242). Desse modo, é possível fazermos uma analogia do espaço com a reta na concepção geométrica.



A reta pode ser traçada a partir de dois pontos, mas ela é infinita em ambas as direções, conformando um conjunto de pontos em um comprimento sem fim. Sendo assim, ela só pode ser representada em um plano, quando é segmentada em um determinado intervalo. Essa ideia de segmentação da reta foi aplicada inicialmente pela Ciência, para estruturação e quantificação do tempo no espaço. Posteriormente, ela foi incorporada na organização e no “controle” do tempo na sociedade.

A quantificação do tempo é algo enraizado em nosso cotidiano; ele é dividido em segundos, minutos, horas, dias, semanas, anos e séculos. E, frequentemente, todas as atividades da vida secular, laboral e familiar são regidas por essa organização espaço-temporal. Nós temos o horário de acordar, comer, trabalhar, estudar, dormir, entre outros. No contexto socioeconômico capitalista, o tempo é sinônimo de dinheiro e, sob essa lógica, muitas vezes somos esmagados pela pressão social de “correr contra o tempo” para dar conta das inúmeras responsabilidades assumidas. Ao que tudo indica, o nosso cotidiano é impregnado do tempo quantificado voltado para uma ação. Por esse motivo, Bergson (2011) reconhecerá que esse tempo está a serviço da inteligência, uma vez que ela preconiza a sobrevivência do indivíduo de forma funcional e adaptativa. Dessa forma, conforme Gondar (2021), a inteligência por si só, ao reter apenas o que é pertinente às suas necessidades imediatas, não consegue apreender as coisas e a vida na duração, uma vez que, para ter êxito, ela precisaria coagular aquilo que está fluindo: o tempo.

Em contrapartida, a duração bergsoniana para Gondar (2021) é a noção do tempo como indivisível e a criação permanente do novo. O tempo da duração não pode ser dividido, porque é um fluxo contínuo, que traz novidades ininterruptas. Vale esclarecer que essas novidades consistem nas transformações dos seres e objetos no tempo. Antes de avançarmos nessa discussão, a ideia de fluxo será esclarecida a partir da concepção de duração pura. “A duração totalmente pura é a forma que toma a sucessão de nossos estados de consciência quando nosso eu se deixa viver, quando ele se abstém de estabelecer uma separação entre o estado presente e os estados anteriores” (Bergson, 2020, p. 74-75). Nesse sentido, para Deleuze (2012), a duração pura seria a sucessão interna do tempo, sem exterioridade. Por esse ângulo, a duração pura é caracterizada como intrínseca aos nossos “estados de consciência”, vinculada aos processos psíquicos, em que o tempo é subjetivo. A duração como processo psíquico é explicada, segundo Worms (2010), na obra *“Ensaio sobre os dados imediatos da consciência”*, por sua distinção ao espaço na análise do conceito de número, que conduz à constatação de duas multiplicidades. Por um lado, no âmbito do espaço, as multiplicidades são quantitativas, descontínuas e atuais; por outro, na esfera da duração, as multiplicidades são qualitativas, contínuas e virtuais.

O número, para Kant, de acordo com Worms (2010), é o resultado de um processo temporal de adição, enquanto para Bergson o número é o momento espacial da operação temporal de adição que o conforma. Desse modo, o número é divisível em partes no espaço; por mais que existam múltiplas formas de dividi-lo, ele sempre será atual, ou seja, o mesmo. Por sua vez, a operação de adição se constitui por meio do acréscimo de elementos/unidades, o que Bergson (2020) denominou de retenção de imagens sucessivas. Além disso, a operação de adição é um processo temporal virtual, segundo a qual o número existe em potência, pois ele ainda não está realizado; se durante o processo, eu adicionar mais um elemento, ou seja, unidade, outro número será formado, com outra grandeza e com outra qualificação. Portanto, “a adição de um elemento altera a estrutura e o sentido mesmo do todo [...], as multiplicidades ocorrem, primeiro, em suas diferenças, suas mudanças, seus limiares” (Worms, 2010, p. 52).

De fato, as duas multiplicidades, segundo Maciel Júnior (2017) e Worms (2010), nos remetem a duas ordens de fenômenos: aos “fatos da consciência” situados na experiência psíquica e aos “objetos materiais” atrelados ao plano material. Nessa concepção, conforme Gondar (2021) e Maciel Júnior (2017), o pensamento de Henri Bergson é dualista, segundo o qual a duração é concebida como tempo subjetivo não aplicável à matéria. No entanto, em *Matéria e Memória*, o autor engendra um pensamento monista do tempo, que preconiza a duração como tempo real, na qual tudo dura, tanto a matéria quanto os seres vivos e o universo. “Em *Matéria e Memória*, [...] a duração é concebida como real, logo, como um tempo heterogêneo coextensivo ao universo material” (Maciel Júnior, 2017, p. 60). Dessa constatação, emergem duas questões que devem ser esclarecidas: a primeira é o universo material, isto é, o que é a matéria na concepção bergsoniana, e a segunda é a heterogeneidade do tempo.

De forma sucinta, podemos compreender a matéria como “[...] o conjunto de imagens, e de percepção da matéria essas mesmas imagens relacionadas à ação possível de uma certa imagem determinada, meu corpo.” (Bergson, 2011, p. 17). O corpo, para Bergson (2011), no universo material, também é uma imagem que recebe e devolve movimento. A única diferença do corpo para as demais imagens é que ele “[...] parece escolher, em uma certa medida, a maneira de devolver o que recebe [...] Meu corpo, objeto destinado a mover objetos, é, portanto, um centro de ação; ele não poderia fazer nascer uma representação” (Bergson, 2011, p. 14). Desse modo, o corpo, para Bergson (2011), ocupa o que ele denomina de “posição privilegiada”, uma vez que é capaz de exercer uma ação real e nova sobre as imagens que o cercam. Além disso, as propriedades das imagens circundantes se alteram à medida que meu corpo se aproxima delas, como por exemplo: a força dos odores, a intensidade dos sons, a maciez de um objeto, entre outros. E quando o corpo se afasta dessas imagens, elas tendem a

ser indiferentes para ele, porque o horizonte se alarga. Sendo assim, a “minha percepção” das imagens muda de acordo com a posição do objeto e a partir da relação de necessidade que estabeleço com ele. Nessa relação, o meu corpo, movido pela inteligência, só percebe as imagens da matéria que interessam para uma ação/reação direcionada para propósitos funcionais/adaptativos. Assim, não há dúvidas de que, na matéria, há mais elementos do que observamos, mas “não pode haver nela outra coisa, algo de natureza distinta” (Bergson, 2011, p. 75). Por esse motivo, Bergson (2011) afirma que a matéria não tem potência oculta nem virtualidade, logo, ela tem natureza extensiva. Em suma, os objetos e seres vivos são constituídos de matéria (imagens em movimento), sendo que os seres vivos têm potência oculta, isto é, espírito/memória, na qual estão circunscritas as imagens apreendidas/assimiladas da própria matéria, das experiências e do universo. Outras noções importantes da teoria bergsoniana advêm da percepção da matéria voltada para uma ação sobre o mundo; no entanto, para dar continuidade à discussão empreendida, elas serão abordadas posteriormente nesta seção, quando tratarmos do impulso vital e do intervalo de indeterminação.

Após a explicação da matéria e do universo material, a segunda questão a ser explorada é do “tempo como heterogêneo”. Essa ideia está relacionada aos “limiares” da duração, isto é, às diferenças de natureza, exemplificada também por Bergson (2011), como a diferença absoluta entre as cores, como também a passagem de uma cor a outra. Nessa perspectiva, as diferenças de natureza correspondem às distintas maneiras de ser no tempo. E o que seria o “ser”? De acordo com Deleuze (2012), o ser, na teoria de Bergson, é alteração,

[...] a alteração é substância. E é bem isso que Bergson denomina duração, pois, todas as características pelas quais ele a define [...] voltam sempre a isto: a duração é o que difere ou o que muda de natureza, a qualidade, a heterogeneidade, o que difere de si mesmo (Deleuze, 2012, p. 108).

O exemplo do pedaço de açúcar no prisma, adotado por Deleuze (2012), nos permite compreender o que seriam essas diferenças. O ser do açúcar será definido por sua duração, isto é, por um modo de durar, por sua alteração no tempo que flui. Essa alteração se revela em parte durante o seu processo de dissolução, que é diferente da duração de outras coisas, de si mesmo e da duração do indivíduo que o observa. Daí advém a ideia de multiplicidades na duração, que está vinculada aos diferentes ritmos de ser, isto é, das alterações dos seres no tempo.

minha própria duração, tal como eu a vivo, por exemplo, na impaciência das minhas esperas, serve de revelador para outras durações que pulsam com outros ritmos, que diferem por natureza da minha. E a duração é sempre o lugar e o meio das diferenças de natureza, sendo inclusive o conjunto e a multiplicidade delas, de modo que só há diferenças de natureza na duração – ao passo que o espaço é tão somente o lugar, o meio, o conjunto das diferenças de grau (Deleuze, 2012, p. 26).

Desse modo, a citação anterior, a princípio, pode suscitar um retorno ao dualismo das multiplicidades. Mas não é o caso, porque na explicação de Deleuze (2012), o espaço é só o lugar, o meio, onde observamos as diferenças de grau. As diferenças de grau, de acordo com Maciel Júnior (2017), não existem em si, mas em nós, isso significa que correspondem: “[...] a tendência atual mediante a qual a matéria se apresenta para o espírito. A matéria é fluente em si mesma – [...] dura e expressa uma mudança qualitativa no todo ou na duração. Só que o faz em um ritmo diferente do vivo” (Maciel Júnior, 2017, p. 62). Essa perspectiva está em consonância com Bergson (2011), pois, para o autor, existem diversos ritmos diferentes de duração que coexistem no tempo real, sendo alguns mais lentos e outros mais rápidos.

O incêndio do Museu Nacional pode ser utilizado como exemplo para ilustrar os diferentes ritmos de duração. O ritmo do incêndio para os bombeiros que tentavam contê-lo, certamente, foi diferente do ritmo da duração do evento para quem o acompanhou de casa, e, sobretudo, diferente para os servidores que acompanharam o incêndio presencialmente. Na verdade, para alguns servidores, a duração do incêndio ainda não terminou; talvez, só terminará quando finalizarem as obras e os projetos de reconstrução da instituição. Ainda em relação ao incêndio, o evento em si teve a sua própria duração, o tempo de destruição do Paço de São Cristóvão nas chamas. Essa duração está ligada à matéria, à alteração/consumação dela, enquanto os diferentes ritmos estão vinculados ao espírito, em como cada indivíduo que acompanhou o incêndio percebeu, ou melhor, foi afetado pela destruição. Mesmo diferentes por natureza, as durações começaram simultaneamente e estão submersas na duração da vida.

A dificuldade de identificarmos a duração e os seus diferentes ritmos, segundo Worms (2010), é que vivemos na duração, mas pensamos no espaço. Isso significa que “[...] o corpo orientado para ação tem, por função essencial limitar, em vista da ação, a vida do espírito” (Bergson, 2011, p. 207). Sendo assim, como é possível observar as diversas durações? De acordo com Bergson (2011), Gondar (2021) e Maciel Júnior (2017), apenas pelo método da intuição é possível abstrairmos as durações. “A intuição não é a própria duração, a intuição é o movimento pelo qual nós nos servimos de nossa duração para afirmar e reconhecer imediatamente a existência de outras durações acima ou abaixo de nós” (Deleuze, 2012, p. 26). Na sequência do texto de Deleuze (2012), ele explica que as palavras inferior e superior designam apenas diferenças de natureza. E alega que a intuição como método é o que permite dissociar a duração dos estados psicológicos, logo, a intuição supõe a duração.

Ainda de acordo com Deleuze (2012), a intuição é um dos métodos mais elaborados da Filosofia; em razão disso, não deve ser confundida com o pensamento do senso comum, como

algo meramente conhecido, de assimilação simples ou sentimento de inspiração. A intuição é descrita por Gondar (2021) como o método que permite à teoria bergsoniana refutar três ilusões da inteligência: os universais, o real esvaziado da sua heterogeneidade e a espacialização do tempo. Em síntese, conforme Deleuze (2012), a intuição respectivamente: identifica os problemas inexistentes e mal colocados do universalismo/generalismo próprio da Ciência, reencontra as diferenças de natureza no real e pensa o tempo em termos de duração. Nesse contexto, o estudo de Maciel Júnior (2017) aponta para a intuição como ato do espírito que esclarece e denuncia as ilusões da inteligência: “Pensar intuitivamente é – em princípio – apreender imediatamente o espírito. Com a intuição o espírito se vê ou tem uma visão de si por si, encontrando as condições de ultrapassar a via limitada pelos interesses práticos” (Maciel Júnior, 2017, p. 91). Em seguida, o mesmo autor explica que, como ato do espírito, a multiplicidade qualitativa e as diversidades de fluxos simultâneos da duração são acessadas pela intuição, “que ocupa intuitivamente o intervalo de indeterminação” (Maciel Júnior, 2017, p. 92).

Em linhas gerais, como a própria denominação sugere, o intervalo de indeterminação corresponde ao período/hiato entre o recebimento/percepção dos estímulos externos (movimentos das imagens do mundo material) e a resposta a esses estímulos/movimentos. Sendo assim, como apontam Gondar (2021) e Maciel Júnior (2017), existem duas faces especializadas no intervalo de indeterminação: a face que recebe/percebe os estímulos/os movimentos das imagens (face sensorial) e a face que responde a esses movimentos (face motora). “Em outros termos, o humano, graças ao intervalo que impinge a matéria, não recebe e devolve movimentos pelas mesmas faces, trazendo consigo uma hesitação mais complexa que condiciona a sua atividade enquanto ser consciente” (Maciel Júnior, 2017, p. 35).

Diante dessa perspectiva, convém compreendermos minimamente como funcionam a face sensorial e a face motora. A face sensorial tem a função de receber/perceber os estímulos externos/os movimentos das imagens do mundo material. Nesse ponto, vale esclarecer que, durante o processo de percepção, ela também é afetada, porque “não há percepção sem afecção” (Bergson, 2011, p. 60). Assim, os estados afetivos/emoções para Bergson (2011) advêm das sensações que sentimos em nossos corpos, quando recebemos/percebemos um estímulo/movimento. Essa questão será aprofundada na próxima seção, portanto, para a discussão em pauta, nos importa a compreensão de que a face sensorial, além de ser afetada pelos estímulos/movimentos, conservará também as imagens que julgar úteis para ações futuras. Em razão disso, “[...] o ser humano [...] impõe à consciência atada aos interesses práticos uma atividade seletiva do mundo com o qual interage, fazendo com que esta retenha

tão somente o que for do seu interesse [...]” (Maciel Júnior, 2017, p. 35). Por sua vez, a face motora é encarregada de executar os movimentos, ou melhor, de devolver uma reação/ação ao movimento recebido. Dessa forma, a duração do intervalo de indeterminação determinará como o indivíduo responderá ao estímulo, e como será a atuação da intuição como ato do espírito.

Por um lado, quanto menor o intervalo, menor será o esforço da intuição em reconhecer o comportamento pertinente, logo, a ação do corpo será reativa/automática como um instinto. Para explicar essa reação/ação automática, Bergson (2011) utiliza o exemplo do fogo. Em qualquer circunstância em que aproximo minha mão do fogo, a reação natural e imediata do meu corpo será retirá-la da exposição para não queimar. Essa reação é como um reflexo automático, um hábito adquirido em prol da minha sobrevivência, do meu bem-estar; na verdade, ela é fruto dos propósitos adaptativos da minha inteligência. Por outro lado, quanto maior for o período de hesitação da face da resposta, maior será o intervalo de indeterminação e, conseqüentemente, maior será o esforço da intuição em buscar no espírito/na memória imagens correlatas que contribuam para a reação/resposta ao estímulo. Além disso, quanto maior for o tempo de indeterminação da resposta, maior será o nosso grau de liberdade de escolha sobre como reagir/agir perante as nossas experiências no mundo material. “Essa escolha se inspira, sem dúvida nenhuma, em experiências passadas, e a reação não se faz sem um apelo a lembrança que situações análogas foram capazes de deixar atrás delas.” (Bergson, 2011, p. 68). Essas experiências passadas se apresentam como imagens-lembranças que se diferem das imagens-percepção, segundo Maciel Júnior (2017), em função da “marca” do passado que carregam, de algo que se destaca do presente.

O exemplo do encontro com um “amigo desconhecido” é utilizado por Bergson (2011) para demonstrar como ocorre o intervalo de indeterminação com maior período de hesitação, que impele a nossa intuição a buscar em nossa memória imagens similares, isto é, lembranças que auxiliem a nossa ação no momento presente. O reconhecimento dessas imagens será abordado posteriormente, como reconhecimento atento. Mas retornemos ao exemplo do amigo desconhecido, que consiste no encontro com alguém que nos causa um estranhamento, uma sensação de já tê-lo visto em outro lugar, ou a de que ele nos reconhece, mas nós não nos lembramos de onde. Em ambos os casos, nos defrontamos com o intervalo de indeterminação, no qual tentamos reconhecer o “amigo” que percebemos, porém como o reconhecimento não é automático, a hesitação se instala em nós sobre como devemos agir. Nesse período de incerteza, a nossa intuição para evocar um período da nossa história de vida nos permite saltar no passado

em geral<sup>58</sup> a fim de localizar, mais especificamente, o que Bergson (2011) denomina de “certa região do passado” compatível com a nossa necessidade atual. Nessa região, “[...] a lembrança que tende a reaparecer é àquela que se parece com a percepção por um certo aspecto particular, aquele que pode esclarecer e dirigir o ato em preparação [...]” (Bergson, 2006, p. 62). A partir desse esclarecimento, escolherei como devo cumprimentar e me portar, ou seja, qual será a minha reação perante a presença deste “amigo” outrora desconhecido.

A distinção das faces do intervalo de indeterminação, como face sensorial e face motora, é apenas um recurso elucidativo sobre como elas operam no processo de percepção consciente do universo material realizado, principalmente, pelo ser humano, que tem uma capacidade cognitiva maior que os demais seres vivos. As duas faces conformam o intervalo de indeterminação praticado nas diversas experiências do nosso presente, o que, conforme Bergson (2011), se mostra como essencialmente sensório-motor: “Meu presente, portanto, é sensação e movimento ao mesmo tempo; e já que meu presente forma um todo indiviso, esse movimento deve estar ligado a essa sensação, deve prolongá-la em ação” (Bergson, 2011, p. 161). Ao retomarmos a concepção da duração, segundo a qual tudo e todos estão inseridos no tempo fluido e “indiviso”, compreendemos outra proposição de Bergson (2011), a qual assinala o nosso intervalo de indeterminação também como um fluxo contínuo, que prolonga o passado no presente inclinado para o futuro. Aliás, como se dá o prolongamento do passado no presente? Como o passado e o presente inclinados para o futuro coexistem na duração da vida?

As respostas a esses questionamentos desembocam diretamente na questão-chave, na compreensão do que é o espírito, ou melhor, a memória na teoria bergsoniana. Como mencionei anteriormente, o espírito é apontado como potência oculta/virtualidade, “[...] um poder absolutamente independente da matéria. Se, portanto, o espírito é uma realidade, é aqui, no fenômeno da memória, que devemos abordá-lo experimentalmente.” (Bergson, 2011, p. 77-78). A memória está inserida e permeia todas as nossas ações sobre o mundo, bem como o nosso “ser” no tempo. Na verdade, Deleuze (2020) e Maciel Júnior (2017) afirmam que a duração é essencialmente memória, porque é nela que se conservam, se acumulam e se atualizam os instantes contínuos/sucessivos do tempo fluido da nossa existência.

A duração é uma memória, porque ela prolonga o passado no presente, seja porque o presente encerra distintamente a imagem sempre crescente do passado, seja, sobretudo, porque ele, pela sua contínua mudança de qualidade, dá testemunho da carga cada vez mais pesada que alguém carrega em suas

---

<sup>58</sup> O salto é importante porque “jamais atingiremos o passado se não nos colocarmos nele de saída” (Bergson, 2011, p. 158). Em relação ao passado em geral, ele será explicado posteriormente como passado puro, ou seja, memória pura.

costas à medida que vai cada vez mais envelhecendo (Bergson, 1969, p. 201 apud Deleuze, 2012, p. 113).

A duração enquanto memória, segundo Deleuze (2012) e Maciel Júnior (2017), é apresentada por Bergson de duas formas: memória lembrança e memória contração. A memória contração, de acordo com Bergson (2011) é um fragmento, um recorte, um “grau”, ou melhor, uma atualização da memória pura regida pelas necessidades do presente. Daí é possível inferirmos que existem três memórias: a memória lembrança ou imagem-percepção, a memória contração ou imagem-lembrança e a memória pura ou memória cósmica<sup>59</sup>/universal. De forma objetiva, segundo os autores supracitados, a memória cósmica/pura/universal é pura virtualidade, logo, não é constituída por presentes que passaram porque não consiste em um passado regido por interesses individuais.

Em outros termos, o virtual, conforme Deleuze (2012), é lembrança pura que significa diferença, porque nenhuma lembrança se assemelha a outra, ela é única, “ela é uma vez, o que será sempre: a diferença é objeto da lembrança, como a semelhança é objeto da percepção” (Deleuze, 2012, p. 138). Por esse motivo, a lembrança pura não sucede a percepção, ela coexiste com a percepção que ocorre no presente. Na verdade, a lembrança pura que conforma a memória pura/cósmica não é uma representação de algo que tenha sido, mas é algo que é, ou seja, é uma lembrança do presente em seu status mais simples/despretensioso. Desse modo, ela é uma memória de tudo o que é passado, que caminha conosco em potência. Para explicar a memória pura, Gondar (2021) estabelece uma analogia com a nebulosa. Na Astronomia, a nebulosa é uma nuvem interestelar composta por poeira e gases em constante formação, um espectro no espaço; no caso da teoria de Bergson (2011), a memória pura é uma nuvem com diversas imagens da totalidade do passado que paira sobre nós. Essa nuvem pode se condensar de diversas maneiras, ou melhor, se atualizar de acordo com a contração que faço desse passado no presente que passa.

Na teoria bergsoniana do tempo há a coexistência de um passado puro – o virtual – com o presente atual que agora passa, ou seja, o atual e o virtual são dois aspectos coexistentes do real. Sendo assim, há um passado puro cuja totalidade coexiste com o nosso presente que passa; e este passado é real, testemunhando a existência de uma gigantesca memória cósmica, memória-mundo que, como puro virtual, subsume a totalidade temporal (Maciel Júnior, 2017, p. 57).

Assim, o passado puro coexiste com o presente que passa, segundo Bergson (2011), e o “momento presente” é o próprio decorrer do tempo, ou seja, o presente é o instante em que o

---

<sup>59</sup> As variações das denominações das memórias são atribuídas pelo estudo de Maciel Júnior (2017).



passado decorre. Desse modo, o passado é contemporâneo do presente, e “o presente só passa em função de um passado que o faz passar” (Maciel Júnior, 2017, p. 56). E esse presente, denominado por Bergson (2011) como “real”, “vivido”, está relacionado também à percepção pura. Essa percepção do presente constituirá o passado puro, uma vez que absorve todos os detalhes das nossas experiências, sem intenção de utilidade prática, pois, simplesmente, armazena “o passado pelo mero efeito de necessidade natural” (Bergson, 2011, p. 88). Em outras palavras, a cada minuto que passa todos os nossos sentidos captam o mundo ao nosso redor, o que ouvimos, vemos e sentimos, o todo, que irá compor a nebulosa, a memória cósmica. Nesse sentido, conforme Bergson (2011), a percepção pura é a imagem do todo, que “em sua instantaneidade, é infinitamente mais vasta e complexa que a nossa, já que esse ponto recolhe e transmite as ações de todos os pontos do mundo material” (Bergson, 2011, p. 36). Em contrapartida, a “nossa” percepção consciente do plano material é seletiva, conforme mencionei anteriormente, ela resulta das nossas necessidades, isto é, da “nossa” ação possível sobre os corpos, em função dos nossos propósitos adaptativos no mundo. É por meio da percepção consciente do mundo material, durante o intervalo de indeterminação, que nós acionamos as outras duas memórias:

Por mais breve que supunha uma percepção, com efeito, ela ocupa sempre uma certa duração, e exige conseqüentemente um esforço da memória, que prolonga, uns nos outros, uma pluralidade de momentos. [...]. Em suma, a memória sob estas duas formas, enquanto recobre com uma camada de lembranças, um fundo de percepção imediata, e também enquanto ela contrai uma multiplicidade de momentos, constitui a principal contribuição individual da percepção, o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas (Bergson, 2011, p. 31).

No trecho em destaque, o autor menciona de forma indireta dois tipos de memória, a memória lembrança (camada de lembranças) e a memória contração (contrai a multiplicidade de momentos). Para diferenciá-las teoricamente, Bergson (2011) utiliza o exemplo da aprendizagem de uma lição. Por um lado, a aprendizagem se dá pela repetição da lição, que gera a lembrança da lição aprendida de cor. Por outro, a aprendizagem pode ocorrer também pela “conservação” da lembrança de uma das leituras que fez durante o processo de assimilação da lição. No primeiro caso, ocorre a memória lembrança ou imagem-percepção, na qual o aprendizado da lição advém de forma progressiva por meio da sua repetição, em certo número de vezes, ao ponto de conseguir reproduzi-la de forma automática, como um hábito. Um exemplo disso é a fala, que pressupõe todo um processo mnemônico, de associação do som aos objetos, ações e seres; após diversas repetições, essas associações tendem a ser imediatas. No momento preciso em que aprendi minha lição de cor, “dizemos que ela tornou-se lembrança,

que ela se imprimiu em minha memória” (Bergson, 2011, p. 85). Posteriormente, Bergson (2011) esclarece que, uma vez aprendida a lição, ela “não contém nenhuma marca que revele suas origens e a classifique no passado; ela faz parte do meu presente da mesma forma que meu hábito de caminhar ou escrever, ela é vivida, ela é agida, mais que representada.” (Bergson, 2011, p. 87-88). Mesmo assim, segundo o autor, ela não deixa de ser memória, porque representa a consciência de todo um passado de esforços voltados para a ação, além de prolongar o efeito útil deste passado até o momento presente, por meio de “movimentos inteligentemente coordenados”. Por esse motivo, o autor supracitado menciona que a memória lembrança é uma repetição interior desses movimentos aprendidos convertidos em ação no presente com vistas ao futuro.

No caso da memória contração, Bergson (2011) a associa ao exame sobre o modo pelo qual a lição foi aprendida, ou seja, as circunstâncias das diversas leituras do processo de assimilação. Portanto, “[...] cada uma dessas leituras torna a passar diante de mim como um acontecimento determinado de minha história. [...] Dir-se-á ainda que essas imagens são lembranças, que elas se imprimiram em minha memória” (Bergson, 2011, p. 86). Desse modo, a lembrança particular de uma dessas leituras contém essencialmente uma data, ela abarca um “acontecimento da minha vida”, conseqüentemente, não pode repetir-se. Sendo assim, a “[...] lembrança de determinada leitura é uma representação, e não mais que uma representação, diz respeito a uma intuição do espírito que posso, a meu bel-prazer, alongar ou abreviar; eu lhe atribuo uma duração arbitrária” (Bergson, 2011, p. 87). Essa duração arbitrária está relacionada ao tempo com que essa lembrança se apodera, se instala, no presente em que a rememoro. Quando a recordo posso sintetizá-la como um “quadro” geral das diversas imagens da experiência vivida ou me ater a uma imagem específica. Essa escolha será orientada pela utilidade dessas imagens-lembranças no meu presente. Nesse sentido, de acordo com o autor supracitado, por meio da memória contração é possível buscar no passado puro as representações mais pertinentes para a direção da ação presente. Mas as percepções das representações da memória contração são inibidas constantemente pela memória lembrança, porque ela só reconhece/aceita dela “[...] apenas o que é capaz de esclarecer e completar utilmente a situação presente” (Bergson, 2011, p. 93).

A bem da verdade, segundo Bergson (2011), as lembranças adquiridas pela repetição – conquistadas de forma voluntária pelo esforço orientado para fins práticos, que conformam a memória lembrança – são excepcionais. Porém, as lembranças resultantes dos registros de todos os momentos da duração são constantes. No entanto, como a memória lembrança é mais acionada, ou melhor, mais útil nas rotinas diárias, como hábitos adquiridos, nós a reconhecemos

com mais frequência. E esses hábitos só são reconhecidos como lembranças porque nos lembramos de tê-los adquiridos ao apelarmos à memória espontânea/pura, por meio da memória contração. Por esse motivo, Bergson (2011) considera a memória lembrança como “hábito esclarecido pela memória”, e a memória contração como “memória por excelência”.

Independentemente da designação atribuída, Bergson (2011) reconhece que o passado se conserva e coexiste no presente de duas formas, como memória lembrança e memória contração. Por um lado, a primeira é fruto do nosso esforço, e funciona por mecanismos motores que utilizam o passado como um conjunto de réplicas comportamentais impessoais (lições aprendidas de cor), para responder as interpelações exteriores. Por outro, a segunda representa o passado por meio de “imagens-lembranças pessoais que desenham todos os acontecimentos dele com seu contorno, sua cor e seu lugar no tempo [...], completamente espontânea, é tanto volúvel em reproduzir quanto fiel em conservar” (Bergson, 2011, p. 97). O aspecto volúvel da memória contração está vinculado diretamente ao “recorte” e à atualização do passado puro/memória pura ou cósmica. De fato, como a memória pura é virtual, uma nebulosa em constante formação, ela nunca será alcançada em sua plenitude, apenas algumas partes dela são passíveis de serem evocadas e, ao mesmo tempo, atualizadas pela memória contração, que ocorre no presente.

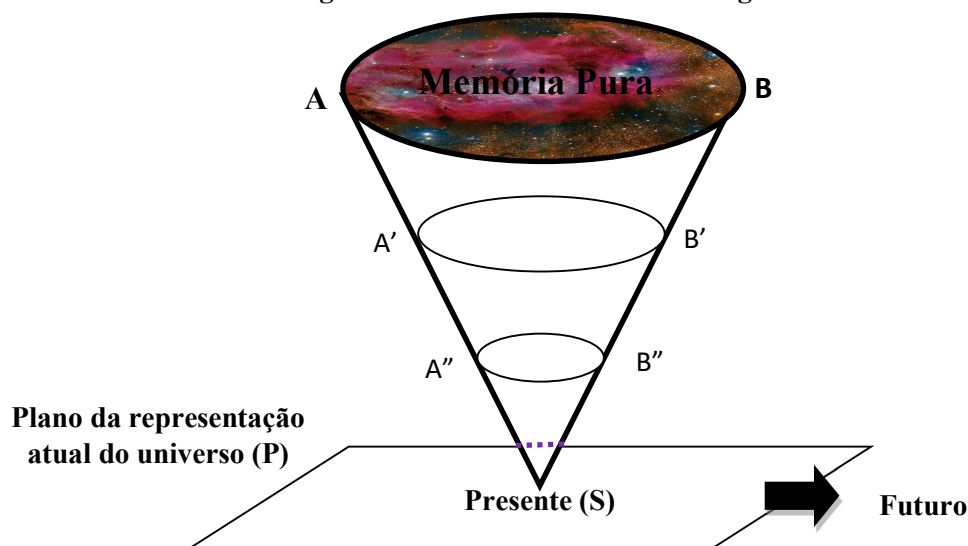
A contraposição teórica entre a memória lembrança e a memória contração, segundo Bergson (2011), não impede que ambas coexistam no plano espiritual, porque como o autor afirma por diversas vezes em sua obra, a memória em suas diferentes formas não está alocada no cérebro, uma vez que, assim como o corpo, ele é apenas imagem. Portanto, é um contrassenso uma imagem abrigar outras imagens, logo, o corpo é só o “lugar de passagem” dos movimentos recebidos e devolvidos no universo material; isso significa que o corpo é apenas “[...] o traço de união entre as coisas que agem sobre mim e as coisas sobre quais eu ajo, a sede, enfim dos fenômenos sensório-motores” (Bergson, 2011, p. 177). Outro vínculo entre as duas memórias reside na concepção do presente que passa com vistas ao porvir; conforme explicado anteriormente, o presente é o instante que o passado decorre. Sendo assim, a nossa percepção do presente consiste principalmente na percepção do passado imediato, conseqüentemente, a nossa consciência do presente já é memória. Essa relação é abordada com mais clareza pelo autor supracitado:

Se, [...], você considerar o presente concreto e realmente vivido pela consciência, pode-se afirmar que esse presente consiste em grande parte do passado imediato. Na fracção de segundo que dura a mais breve percepção possível de luz, trilhões de vibrações tiveram lugar, sendo que a primeira está separada da última por um intervalo enormemente dividido. A sua percepção, por mais instantânea, consiste, portanto, numa incalculável quantidade de

elementos rememorados, e, para falar a verdade toda percepção é já memória. Nós só percebemos, praticamente, o passado, o presente puro sendo inapreensível avanço do passado a roer o futuro (Bergson, 2011, p. 197-198).

Nessa linha de raciocínio, Maciel Júnior (2017) caracteriza a consciência como ligação do antes e depois do presente vivo, que retém o que já não é, e, ao mesmo tempo, antecipa o que ainda será. Por sua vez, Gondar (2021) alega que a consciência já implica memória, mas uma memória do passado imediato e do futuro iminente. Além disso, é no presente que ocorre a percepção pura do plano material, cujas imagens espontâneas da matéria compõem a memória pura/cósmica. Essa memória é expressa por algumas representações obtidas pela memória contração, que ocorre também no presente voltado para uma ação. Em suma, as memórias se acumulam, se retroalimentam e se entrelaçam no presente sensório-motor. O presente sensório-motor significa que “meu presente consiste na consciência que tenho do meu corpo. Estendido no espaço, meu corpo experimenta sensações e ao mesmo tempo executa movimentos” (Bergson, 2011, p. 162). Portanto, de acordo com o autor, o presente é ao mesmo tempo sensações e movimentos, que são definidos a cada momento da duração. E para explicar a relação de coexistência entre a memória pura/cósmica com a memória contração e a memória lembrança no presente sensório-motor, Bergson (2011) utiliza a ilustração do cone invertido, que reproduzo de forma adaptada a seguir:

**Figura 12 - O cone invertido de Bergson**



Fonte: A autora (2024); adaptado de Bergson (2011).

A memória pura concentra a totalidade das lembranças acumuladas de forma involuntária, ela está representada na base AB da ilustração. Nessa memória, “[...] o passado se conserva por si mesmo, automaticamente. Inteiro, ele nos segue a todo instante [...]” (Bergson, 2006, p. 47).

Portanto, memória pura paira sobre o presente, como uma nebulosa em constante formação, contudo, por estar assentada no passado permanece imóvel, e inacessível em sua totalidade. Ao contrário do presente sensório motor, que sempre tende para o futuro, “[...] a todo o momento meu presente, avança sem cessar, e sem cessar também toca o plano móvel P, de minha representação atual do universo” (Bergson, 2011, p. 178). Por sua vez, a memória lembrança está situada na parte móvel do cone (parte pontilhada), o que se revela como um conjunto de hábitos organizados, enquanto a memória contração está representada nas apreensões/cortes da memória pura, interpretadas também como estados possíveis da memória pura, com graus que variam em distensão A’ e B’, e contrações A” e B”. Esses distintos graus de tensão ou de vitalidade da memória, segundo Bergson (2011), correspondem às diversas formas de associação por semelhança que evocamos na percepção imediata do universo (Plano P). Sendo assim, no ponto S (presente), a memória contração se manifesta em seu grau mais contraído, em que exerce uma pressão para inserir a maior parte possível de si, como imagens lembranças que têm a “marca do passado” e são condizentes à ação no presente sensório-motor.

Para Bergson (2011), quando nos desprendemos do presente e nos permitimos sonhar, nós estamos voltados para o universo da memória pura; em contrapartida, quando nos concentramos em apenas responder as excitações sensoriais com ações motoras, nós estamos voltados para o presente. No primeiro caso, as pessoas que vivem no passado por mera satisfação, que despertam lembranças o tempo todo, mas sem fins práticos, serão consideradas sonhadoras. No segundo caso, as pessoas que estão voltadas apenas para a praticidade da vida, ou seja, em viverem apenas o presente puro por meio de respostas imediatas serão consideradas impulsivas. Em vista disso, o autor supracitado menciona que não devemos viver nas extremidades do cone, mas nos mover entre elas, adotar posições que nos permitam viver o presente tendendo para futuro, com base nos aprendizados, ou melhor, nas (re)significações das nossas experiências. Segundo Bergson (2011), normalmente, não nos atentamos para o fato de que nossas decisões são frutos da condensação da nossa história de vida, de que nosso caráter é formado por nossa trajetória, por nossa duração no tempo, desde disposições pré-natais até o momento presente que visa ao porvir:

É certo que pensamos apenas com uma pequena parte de nosso passado; mas é com nosso passado inteiro, inclusive com nossa curvatura de alma original, que desejamos, queremos, agimos. Nosso passado, pois, manifesta-se-nos integralmente por seu ímpeto e na forma de tendência, embora apenas uma tênue parte dele se tome representação (Bergson, 2006, p. 48).

A partir dessa constatação, uma questão se interpõe como fundamental: Como o passado tanto da memória contração quanto da memória lembrança é acionado/evocado no presente

sensório-motor? De acordo com Bergson (2011), o reconhecimento é o “ato concreto” pelo qual “reavemos o passado no presente”, e esse ato ocorre no intervalo de indeterminação de duas formas, como reconhecimento automático e como reconhecimento atento. O reconhecimento automático está vinculado à memória lembrança, ao reconhecimento da ponta tracejada do cone. Nessa perspectiva, não há hesitação da face motora ao estímulo recebido pela face sensorial, logo, o intervalo de indeterminação é curto e a resposta praticamente automática, pois reproduz um hábito adquirido para a situação que se apresenta. Ao contrário do reconhecimento atento, atrelado sempre à memória contração, que ocorre quando o intervalo de indeterminação é mais expandido, quando há hesitação sobre como agir. Nessa situação, a nossa intuição salta no nosso passado puro, “na nebulosa”, “nas regiões do passado”, em busca de imagens lembranças análogas ao momento presente, que possam orientar a nossa ação.

Outro fator importante que acontece durante o reconhecimento atento no intervalo de indeterminação é a atualização das experiências evocadas, uma vez que elas só se reproduzem em imagens-lembranças quando atualizadas na consciência. Essa atualização, de acordo com Maciel Júnior (2017) e Bergson (2011), está associada ao nosso “presente vivo”, isto é, ao aqui e agora que transmite por meio da face sensorial os elementos fundamentais a essa operação: as sensações e as imagens percebidas. Nesse processo, é possível observarmos o movimento que Bergson (2011) denominou como rotação da lembrança pura sobre si mesma, algo que acontece quando apenas a “face mais útil” dessas lembranças é contraída, relegando assim as demais faces ao esquecimento. Em síntese, o modo como percebemos e somos afetados pela vida ao nosso redor refletirá nas escolhas das imagens que evocamos/contrainos da memória pura e, sobretudo, em como (re)significamos, ou melhor, atualizamos esse passado na ação presente.

Um exemplo acerca da atualização da memória é a famosa xícara de chá e a *madeleine* de Proust<sup>60</sup>, mencionados por Gondar (2021). Nesse caso, o reconhecimento do sabor evocado em seu paladar só pode ser reconhecido quando Proust dá um salto no passado, que o remete a algumas lembranças de sua infância (tia, rua, aromas, sabores etc.), as quais propiciaram apreciar com grande intensidade, com algum saudosismo, um simples momento. Ainda de acordo com a autora, de uma simples xícara de chá sai todo um passado atualizado sob a ótica do presente, sob um novo ângulo, conformado também pelas sensações/emoções desse

---

<sup>60</sup> Esse exemplo, citado por Gondar (2021), foi retirado de uma passagem do primeiro volume da obra: *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust. A obra é dividida em três volumes, publicados em Paris, entre 1913 e 1927. Ela é considerada um clássico da literatura europeia e mundial e, como teve várias edições, não é possível referenciar qual foi utilizada pela autora.

presente, em que, ao mesmo tempo, são intensificadas com as emoções afloradas no meu corpo pelas lembranças atualizadas.

O processo de atualização da memória por excelência está relacionado diretamente com a concepção de duração apresentada logo no início desta seção, compreendida como movimento/fluxo contínuo que traz novidades ininterruptas. A constatação dessas novidades está relacionada as duas operações do próprio intervalo de indeterminação. A primeira consiste na impossibilidade de reprodução fiel da memória pura, porque cada vez que evocamos o passado, o virtual, ele se atualiza de forma diferente, em consonância com as circunstâncias do presente sensorio-motor. Então, essa diferenciação que acontece durante a passagem da atualização da lembrança pura à imagem lembrança, segundo Gondar (2021) e Deleuze (2012), deve ser compreendida como um processo criador. A segunda operação está relacionada ao teor de indeterminação do intervalo. Conforme Gondar (2021) e Maciel Júnior (2017), quanto maior for o nosso estremeamento afetivo, maior será o intervalo de indeterminação, o qual nos proporciona o reencontro com a nossa capacidade criativa advinda do impulso vital, que promove desde as transformações do nosso ser no tempo até inovações (tecnológicas, científicas, filosóficas, artísticas e políticas), questão que será aprofundada na próxima seção.

Antes de passarmos para a próxima seção, a última categoria que será elucidada é o impulso vital ou *elã vital*. O impulso vital é considerado por Bergson (2009) como o *elã* criador responsável pela evolução da vida, logo, consiste em um ímpeto interior presente em todas as espécies do universo, desde os vegetais, pequenas massas de *platoplasmas* até no ser humano. “Dizíamos que a vida, desde as suas origens é continuação de um só e mesmo *elã*, que se dividiu entre linhas de evolução divergentes, algo cresceu, algo se desenvolveu por uma série de adições que foram, todas elas, criações.” (Bergson, 2022, p. 46). Nessa perspectiva, Henri Bergson engendra um pensamento diferente no que tange a evolução da vida, como por exemplo o Darwinismo, pois para o filósofo a evolução da vida não é a concretização de um plano dado de antemão, não é a realização de possíveis direcionados por uma causa final, não é resultante de condições pré-estabelecidas para cada espécie, porque a vida é fundamentalmente criação, e suas linhas de evolução divergentes são atualizações do impulso vital.

A evolução da vida – dirá Bergson – faz-se antes por criação, onde nela o indivíduo criado resulta da diferenciação do impulso criador. Em outros termos: a evolução se dá no vetor de uma virtualidade que se diferencia e o impulso vital é esta virtualidade que cria formas diferentes ao atualizar-se. Assim, há a diferenciação entre o virtual – de onde procede a evolução – e a atualização criada que é o organismo (Maciel Júnior, 2017, p. 126).

Desse modo, as espécies são criações do impulso vital, que sofre diversos processos de atualização à medida que cada ser se depara com os obstáculos materiais encontrados ao longo de sua duração. O organismo, ao desenvolver meios de superar as dificuldades, ou seja, os problemas impostos pela matéria inorgânica, está evoluindo, efetuando as suas tendências, forjando as suas particularidades e desenvolvendo suas potencialidades. Essa superação de obstáculos só é possível graças ao impulso vital, o qual é atualizado de forma divergente, em consonância com as escolhas do organismo perante os problemas enfrentados.

A alegação de que o impulso vital é um movimento contínuo é calcada no estudo de Bergson (2009), no qual o autor reflete que é impossível pensar na evolução da vida sem observarmos a existência desse ímpeto, pois sem ele a vida e os organismos poderiam deter-se numa forma definitiva, estariam paralisados/imutáveis desde a era paleozoica. As transformações e inovações são frutos desse movimento, que impede a limitação da vida apenas a adaptação as condições criadas pelo meio. Ora, mas se o impulso vital propicia mudanças ao longo da duração do organismo, por que em algumas linhas de evolução o torpor é imperativo? E por que no ser humano este ímpeto, segundo Bergson (2009), pode atuar de forma diferente do que o faz nas demais espécies, desencadeando ações com teor de liberdade maior?

Para responder o primeiro questionamento é necessário abordarmos minimamente a tese de coexistências virtuais, na qual “... cada ser vivo coexiste com uma totalidade das manifestações da vida que, na sua linhagem diferenciada, não puderam atualizar-se.” (Maciel Júnior, 2017, p. 128). Portanto, para Bergson (2009), em cada organismo vivo existe, mesmo que em estado rudimentar, latente ou virtual, todas as características essenciais da maioria das manifestações da vida. Contudo, a atualização do impulso vital se deu por vias divergentes em cada espécie, por esse motivo, o movimento criativo em alguns casos parou, em outros retroagiu e avançou. No caso dos vegetais, no qual o torpor impera, ainda assim, de acordo com Maciel Júnior (2017), existe uma consciência latente própria dos animais, enquanto nos animais é possível verificar também o estado vegetativo. Mesmo que seja possível encontrarmos características de um em outro, o que corrobora para compreensão que todos os seres têm como origem comum o impulso vital, os reinos foram conformados por divergência e diferenciação entre as espécies<sup>61</sup>.

Ao distinguir as espécies de acordo com as suas tendências, Bergson (2009) obteve, a princípio, dois grandes reinos: vegetal e animal. Não pretendo enveredar por todas as diferenciações que o autor elenca em seus trabalhos, como também não irei abordar a

---

<sup>61</sup>Para aprofundamento sobre divergência e diferenciação, sugiro o segundo e o quarto capítulo de “A evolução criadora” de Henri Bergson, bem como a tese de Maciel de Júnior (1997).



complementação entre esses dois reinos. De fato, a principal diferença entre o reino vegetal e o reino animal consiste na renúncia ao movimento engendrada pelos vegetais. Essa renúncia viabilizou a produção de alimentos, mas, ao mesmo tempo, relegou os vegetais ao estado de torpor, ou seja, ao estado de inconsciência e automatismo. Nesse caso, “... a liberdade imanente à força evolutiva ainda se manifesta pela criação de formas imprevistas que são autênticas obras de arte, mas essas formas imprevisíveis, uma vez criadas, vão se repetindo maquinalmente: o indivíduo não escolhe.” (Bergson, 2009, p. 19). Assim o torpor de algumas espécies, sobretudo dos vegetais, está vinculado a renúncia do movimento espontâneo, do ímpeto criador, presente na liberdade de escolha operada pela consciência.

A consciência é considerada por Bergson (2009) como sinônimo de escolha. Para o autor, toda consciência é memória (acumulação do passado no presente e antecipação do futuro), e para escolher é preciso prever e lembrar. Sendo assim, as escolhas operadas pela consciência para solução de problemas, durante o intervalo de indeterminação do presente sensório-motor do organismo, tendem a desencadear criações advindas do impulso criador. Em outras palavras, as relações entre impulso vital, intervalo de indeterminação, consciência e memória ficam evidentes nas escolhas empreendidas pelo organismo perante os obstáculos impingidos pela matéria.

Em resumo, a matéria é inércia, geometria, necessidade. Mas com a vida aparece o movimento imprevisível e livre. O ser vivo escolhe, ou tende a escolher. Seu papel é criar. Num mundo onde o todo o restante é determinado, tem ao seu redor uma zona de indeterminação. Como, para criar o futuro, é preciso preparar algo dele no presente, como a preparação do que será só pode ser feita utilizando o que foi, a vida empenha-se desde o início em conservar o passado e antecipar o futuro numa duração em que passado e presente se encavalam e formam uma continuidade indivisa: essa memória e essa antecipação são, como já vimos, a própria consciência. (Bergson, 2009, p. 12)

No reino animal, a consciência está presente até no organismo mais simples, logo, é possível observamos a atuação do impulso vital na ameba. A ameba, segundo Bergson (2009), apresenta um sistema nervoso rudimentar, devido à simplicidade extrema do organismo. Todavia, a consciência está presente de forma elementar, nesse caso, o automatismo e a escolha estão mesclados ao ponto de não notarmos as suas diferenças na reação do organismo. De qualquer forma, a ameba ainda hesita e tateia na busca de alimento; quando encontra uma substância que possa servir para esse fim, ela lança filamentos para capturar os corpos estranhos. Esses filamentos, conforme Bergson (2009), podem ser considerados como órgãos temporários criados para essa ocasião, os quais sinalizam uma escolha, mesmo que simplória da ameba, de se lançar ao desconhecido e criar meios (os pseudópodes) para suprir a necessidade de alimentação do seu corpo.

Apesar da consciência estar presente em todas as espécies do reino animal, apenas duas linhas de evolução, conforme Bergson (2009), obtiveram sucesso na transposição das resistências encontradas na matéria. Na primeira linha, a dos artrópodes, o sucesso foi parcial, com destaque para os instintos dos insetos; enquanto na segunda linha, a dos vertebrados, o sucesso foi total, já que nela encontramos no topo da cadeia evolutiva a inteligência humana. “Portanto, estamos autorizados a crer que a força que evolui trazia inicialmente em si, mas confundidos, ou melhor, implicados um no outro, instinto e inteligência.” (Bergson, 2009, p. 19). Os animais, por meio do instinto (conhecimento inato) realizam atividades que asseguram a sua sobrevivência e evolução. Contudo, o impulso criador desta linha se limita aos temas de rotina:

No animal, a invenção jamais passa de variação sobre o tema de rotina. Encerrado nos hábitos da espécie, ele chega sem dúvida a ampliá-los por sua iniciativa individual; mas só escapa do automatismo por um momento, precisamente o tempo de criar um automatismo novo. Com o homem, a consciência rompe a corrente. No homem, e apenas no homem, ela se liberta. (Bergson, 1979, p. 119 apud Maciel Júnior, 1997, p. 112).

O ser humano tem o potencial para se libertar do automatismo, por meio da consciência, contudo, assim como os demais animais, ele pode se voltar apenas para os interesses sociais, o seu bem-estar e prazer. Nesses casos, o ser humano não estaria preso a um ciclo de automatismo? Ora, quando as ações do ser humano são automáticas, quando evocamos apenas a memória hábito, quando apenas reproduzimos padrões de comportamentos esperados pela sociedade, não estamos alienados de nossa consciência? A resposta objetiva para essa pergunta é sim, de acordo com Bergson (2009), quando as nossas ações se tornam automáticas, a consciência retira-se delas. Mas antes disso, como já verificamos, a consciência está presente no aprendizado do hábito, e, como veremos, na decisão de reprodução dos padrões sociais, mesmo quando esses são contrários aos nossos interesses. Essa questão será retomada na seção a seguir sobre moral fechada e moral aberta. No entanto, para a discussão em pauta, é importante compreendermos que o ser humano se difere dos demais animais por possuir um sistema nervoso mais complexo, ou seja, por ter a inteligência, que possibilita respostas mais elaboradas para os obstáculos materiais; conseqüentemente, o ser humano consegue produzir ações com teor de liberdade maior.

Outro fator importante é a capacidade que o ser humano tem de ser afetado por emoções, especialmente por emoções criadoras, as quais viabilizam a retomada do impulso vital que rompe as correntes, ao gerar criações/ações criativas que propiciam a configuração de uma sociedade aberta ao todo, a todos, que abarca as diferenças. Na próxima seção abordarei, em

linhas gerais, a moral aberta e a moral fechada, bem como a diferença entre emoções superficiais e emoções criadoras. E a relação das emoções criadoras com o impulso vital, o qual, com base nas reflexões empreendidas até aqui, pode ser interpretado como um movimento criativo contínuo, uma pulsão pela vida e pelo indeterminado, desejo de criação e alento criador. O objetivo é demonstrar na última seção deste capítulo como o alento criador pode ser associado às práticas afetivas, com destaque para as práticas afetivas subversivas, que considero importantes no contexto de reconfiguração da SEMEAR.

### 3.2.2 Impulso vital, intervalo de indeterminação, emoções e moral aberta: vínculos teóricos

O impulso vital é um movimento criativo contínuo inerente a todos os seres vivos, atualizado em tendências/particularidades e potencialidades, a cada escolha realizada ao longo da duração da vida dos seres. Sendo assim, ele é o responsável por gerar as zonas/os intervalos de indeterminação, os que ocorrem tanto na ameba quanto no ser humano. A diferença reside na forma em que o impulso é atualizado, em como o intervalo de indeterminação gerado por ele é respondido. O ser humano, como já verificamos, se difere dos demais animais, porque utiliza a inteligência para operar ora o reconhecimento automático, ora o reconhecimento atento, a fim de reagir/agir no mundo material. Nesse contexto, conforme Gondar (2023), é possível compreendermos que o impulso vital cria tudo, desde a subjetividade pragmática do intervalo de indeterminação curto, até a subjetividade criadora do intervalo de indeterminação mais longo. Em suma, o impulso vital, como movimento contínuo, segue se ramificando e se complexificando à medida que encontra resistência e atravessa as dificuldades impostas pela matéria. Essas dificuldades são constatadas a partir da percepção do presente sensório-motor; por esse motivo, nesta seção, o enfoque será para como as circunstâncias, mais especificamente, como os afetos/as emoções desse presente sensório-motor estão relacionados com o teor de indeterminação das escolhas. E, principalmente, como as emoções podem contribuir para a retomada do impulso criador liberto, o que quebra as correntes. Quando utilizo a terminologia impulso criador liberto, refiro-me ao impulso vital que gera a subjetividade criativa voltada para o todo, para a moral aberta. Nesse cenário de capacidade inventiva, as emoções são denominadas por Maciel Júnior (2017) como emoções criadoras. Aliás, o que são os afetos, ou melhor, as emoções na teoria bergsoniana? E qual é a relação das emoções criadoras com o impulso vital, o intervalo de indeterminação e a moral aberta? Cabe destacar que essas questões são relevantes para esta tese, pois o objetivo é associar as práticas e interseccionalidade afetivas

em torno do processo de reconfiguração da SEMEAR, considerando-as como frutos das emoções criadoras circunscritas no escopo da moral aberta.

As emoções em *Matéria e Memória* (2011) estão circunscritas no âmbito das sensações e estados afetivos do corpo, o qual tem o papel de ser um instrumento de análise com relação aos movimentos recebidos pela face sensorial e de instrumento de seleção, no que tange ao movimento executado pela face motora. A análise da face sensorial, segundo Bergson (2011), tem como função principal observar e reter as imagens do mundo material que interessam aos propósitos adaptativos e ações possíveis do indivíduo. Mas não se restringe a isso, porque durante esse processo de análise, o corpo também está exposto às ações exteriores, aos movimentos da matéria. Sendo assim, o corpo não “[...] se limita a receber a ação de fora; ele luta, e absorve algo dessa ação. Aí estaria a origem da afecção, [...], se a percepção mede o poder refletor do corpo, a afecção mede seu poder absorvente.” (Bergson, 2011, p. 58).

Assim, as afecções/as emoções estão relacionadas à forma como o corpo absorve os movimentos externos da matéria, portanto, advêm da diferença que cada ser estabelece naturalmente entre uma imagem e uma sensação que surge em seu corpo ao percebê-la. Na medida em que o distanciamento do meu corpo em relação ao movimento da matéria diminui, maior será a intensidade das afecções, conseqüentemente, maior será a urgência do “perigo” e do cumprimento da promessa. Em vista disso, a ação deixa de ser uma perspectiva e passa a ser uma realidade, ou seja, a ação outrora virtual da matéria se torna real. “A ação virtual concerne aos outros objetos e se desenha nesses objetos; a ação real concerne ao próprio corpo e se desenha por consequência nele” (Bergson, 2011, p. 58-59). Em síntese, a ação virtual e a ação real se relacionam constantemente no presente sensório-motor, portanto, de acordo com Bergson (2011), não há percepção sem afecção, “[...] a afecção é, portanto, o que misturamos, do interior do nosso corpo, à imagem dos corpos exteriores; é aquilo que devemos extrair inicialmente da percepção para reencontrar a pureza da imagem.” (Bergson, 2011, p. 60). Na verdade, Bergson (2011) reconhece que a afecção não é a essência da percepção, mas a “impureza” que a turva. Essa impureza nos impede de captar a pureza da imagem, porque a nossa ótica é influenciada por ela e, conseqüentemente, a nossa ação no mundo. Dessa forma, as afecções “[...] vêm sempre se intercalar entre os estímulos que recebo de fora, e os movimentos que vou executar, como se elas devessem exercer uma influência mal determinada, sobre o procedimento final.” (Bergson, 2011, p. 11-12). Desse modo, é possível constatar o que Deleuze (2012) e Maciel Júnior (2017) pontuaram em seus estudos: a afetividade ocupa o período de incerteza do intervalo de indeterminação, enquanto a memória lembrança e a

memória contração o preenchem. Mas por que, geralmente, não percebemos essa influência mal determinada?

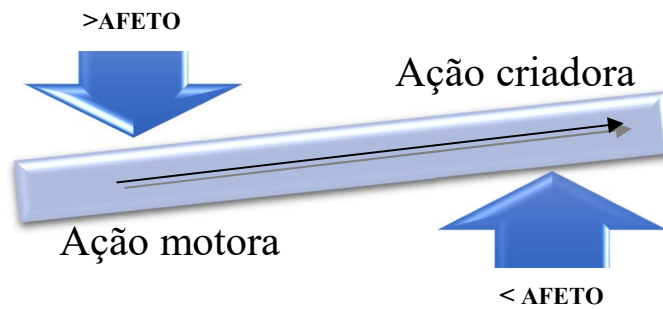
As afecções, segundo Bergson (2011), assumem a forma de sentimento ou sensação por meio da consciência da existência delas e se transformam de acordo com a atividade exercida no presente. Em outras palavras, elas correspondem à forma como absorvemos às diferentes experiências das nossas vidas e, assim como nós, as afecções/as emoções estão em constante transformação. “Tenho calor ou tenho frio, estou alegre ou estou triste, trabalho ou não faço nada [...]. Sensações, sentimentos, volições, representações, são essas as modificações entre as quais minha existência se divide e que a colorem alternadamente. Portanto, mudo sem cessar.” (Bergson, 2006, p. 1). Nesse caso, a alusão das cores é utilizada pelo próprio autor para abordar todo o espectro da subjetividade humana no qual as emoções estão inseridas.

Na maioria dos casos, as afecções/as emoções se eclipsam e desaparecem, algo que se dá no momento em que a atividade se torna automática; em outros, elas são marcantes, perceptíveis e estimulam as mudanças do indivíduo.

[...] é cômodo não prestar atenção a essa mudança ininterrupta e só notá-la quando se toma grande o suficiente para imprimir uma nova atitude ao corpo, uma nova direção à atenção. Nesse momento preciso, descobrimos que mudamos de estado. A verdade é que mudamos sem cessar e que o próprio estado já é mudança (Bergson, 2006, p. 2).

No fluxo da duração da vida do ser humano, o impulso vital, gera inúmeros intervalos de indeterminação, em função disso, as faces se especializaram ao ponto de não nos atentarmos, geralmente, para as constantes mudanças do nosso ser no tempo. Mas, em algumas situações, as diversas alterações ininterruptas eclodem em uma mudança contrastante, em uma nova atitude e/ou criação, sendo, assim, identificada por nossa consciência. Essa nova atitude é denominada por Maciel Júnior (2017) e Gondar (2021) como uma ação criadora derivada do impulso vital, observado com mais clareza no intervalo de indeterminação mais longo, que permite a escolha do indivíduo acerca da decisão e da ação a serem tomadas. Assim, o potencial criativo das nossas ações no mundo será proporcional ao intervalo de incerteza, ao intervalo de hesitação, entre a face sensorial e a face motora. Nesse contexto, Maciel Júnior (2017) indica a relação do coeficiente afetivo com o intervalo de indeterminação representada no esquema a seguir:

**Figura 13 - Coeficiente afetivo e intervalo de indeterminação**



Fonte: A autora (2024).

No esquema acima, as setas na cor azul representam a incidência dos afetos/das emoções sobre a balança do intervalo de indeterminação: quanto menor a força dos afetos absorvidos pela face sensorial, menor será o intervalo de indeterminação, que resultará em ações motoras atreladas à memória lembrança. Nesse caso, segundo Maciel Júnior (2017), os afetos operam apenas como sinalizadores das operações utilitárias empreendidas pelo ser humano por meio da inteligência e nos demais seres vivos pelo instinto. Ao retomarmos o exemplo da mão no fogo, a dor ocasionada pelo contato com a chama sinaliza para o meu corpo a necessidade de uma ação imediata, que é operada por meio do reconhecimento automático da memória lembrança, denominada também de memória hábito.

Em contrapartida, quanto maior a força dos afetos absorvidos, ou seja, o estremecimento afetivo, mais extenso será o intervalo de indeterminação, que resultará em ações criadoras derivadas do impulso vital. Essas ações criadoras são ações conscientes; por esse motivo, são inspiradas nas imagens lembranças evocadas pela intuição, empreendida no reconhecimento atento da experiência atual. As ações criadoras derivadas do impulso vital, conforme Gondar (2021), não consistem apenas em criações/ inovações artísticas, políticas, científicas e tecnológicas; esses casos acontecem quando atingimos o alento criador mais intenso, quando o alento criador está à flor da pele. Sendo assim, as ações criadoras abarcam também as nossas mudanças e escolhas em relação ao nosso modo de agir, pensar e sentir as experiências da vida. Em virtude disso, Maciel Júnior (2017) alega que o afeto possibilita ao indivíduo a exploração intuitiva de todo um movimento qualitativo do impulso vital, o que consiste na compreensão mais detalhada e complexa do seu mundo, do seu ser no tempo.

No plano temporal os afetos são devires. Eles se encontram no intervalo de movimento entre o passado imediato dos fenômenos percebidos e o futuro iminente das ações que serão desencadeadas. Para um espírito consciente de si, voltado à apreensão da afetividade via intervalo, o afeto nos abre a possibilidade de análise de uma outra linha cujo prolongamento irá nos conduzir ao abismo do ser do passado equivalente à totalidade do tempo (Maciel Júnior, 2017, p. 146).

Os afetos como “devires” denotam os movimentos que os seres vivos passam de um estado a outro, isto é, as suas transformações no fluxo contínuo da duração. Na teoria bergsoniana, esses movimentos ocorrem durante os diversos intervalos de indeterminação proporcionados pelo impulso vital, que desencadeiam ações motoras e ações criadoras. Em relação ao “abismo” a que o autor se refere, ele consiste na diferenciação, isto é, na atualização das lembranças puras, que correspondem à totalidade do tempo, em imagens lembranças condizentes com as necessidades utilitárias do presente sensório-motor. Nesse caso, os afetos/as emoções estão inseridos em duas operações, por um lado, como já verificamos, ocasionam o estremeamento afetivo, algo que instaura uma hesitação maior durante o intervalo e que oportuniza escolhas, mudanças e criações em seu *status quo*; por outro lado, segundo Bergson (2011), as lembranças puras retiram sua vida das sensações e afecções do presente no qual se materializam. Isso significa que como as nossas percepções envolvem afecções, a nossa percepção pura retém espontaneamente as imagens do plano material, sob a “coloração” das nossas emoções. E quando a lembrança pura se atualiza em imagem lembrança, ela carrega consigo não a emoção propriamente dita, alocada no corpo, mas uma identificação, uma tonalidade própria. Dessa forma, a “[...] lembrança pura, à medida que se atualiza, tende a provocar no corpo todas as sensações correspondentes [a sua coloração]” (Bergson, 2011, p. 152). Mesmo que a lembrança pura, ao se atualizar em imagem lembrança, provoque sensações, de acordo com o autor supracitado, neste exato momento em que a atualizo, ela perde a designação de lembrança e assume a função de “coisa presente”, vivida, no aqui e agora da experiência atual. Nessa situação, só restituirei o seu status de lembrança ao me reportar à operação pela qual a evoquei do meu passado virtual. Mas o que importa, para esta pesquisa, é nos atermos no modo como os afetos, mais especificamente, como as emoções estão circunscritas de alguma forma, tanto na composição implícita das lembranças puras, quanto no processo de atualização da memória contração no presente-sensório motor. Nesse processo de atualização, verificamos como as emoções podem ser intensificadas com as imagens lembranças suscitadas, como também contribuem para a constatação do potencial do alento criador dos homens. Na verdade, conforme expliquei anteriormente, em todos nós existe o alento criador, mas alguns indivíduos são mais sensíveis a ele, à medida que se desprendem das ações utilitárias da moral fechada e são impulsionados a agir iluminados pelas emoções criadoras da moral aberta.

A moral fechada e a moral aberta serão abordadas aqui de acordo com a obra de Maciel Júnior (2017), uma vez que não foram contempladas no livro *Matéria e Memória* (2011), que

ancora esta pesquisa. De fato, essas concepções são introduzidas ao longo de sua teoria, mas são aprofundadas e consolidadas em *As duas fontes da moral e da religião* (2005). É importante esclarecer que a teoria bergsoniana trata da evolução de todos os seres vivos, com ênfase para o ser humano que consegue superar as condições adaptativas. Essa superação corresponde à liberdade de escolha e a liberdade de criação, ambas vinculadas ao teor de indeterminação maior do que os demais seres vivos. No entanto, esse privilégio do ser humano é relativo, porque, frequentemente, é condicionado pelos interesses práticos, que visam ao prazer e ao bem-estar consolidados por meio dos hábitos sociais, os quais representam um risco dele se fechar. O risco de fechamento, portanto, é regido pela inteligência e pelas obrigações sociais que promovem a coesão social e, ao mesmo tempo, as condições de alienação social.

O convívio em sociedade preconiza o cumprimento de obrigações sociais para a sua organização e coesão. Essas obrigações podem ser compreendidas como moralização dos costumes, isto é, convenções normativas estabelecidas como base em hábitos úteis à manutenção social. Nesse cenário, a vida social seria:

um sistema de hábitos que, exercendo certa pressão sobre a nossa vontade, corresponde às exigências da comunidade. [...] Os hábitos sociais se evidenciam como obrigações morais para o todo da vida social [...], na medida em que trazem consigo a autoridade geral do conjunto (Maciel Júnior, 2017, p. 161).

Essa autoridade do conjunto imprime uma pressão no indivíduo em agir de acordo com o esperado socialmente, para garantir o seu bem-estar e a aceitação na comunidade. Nesses termos, a ação como fruto dessa pressão social não é apenas um dever, mas antes um hábito sujeito aos interesses adaptativos da inteligência. Entretanto, em algumas situações, não há explicação racional para os deveres que devem ser postos em prática, nesses casos, a inteligência não encontra razões plausíveis para justificar as ações e, como resultado, ela colide com a máxima social “é preciso porque é preciso”. Mesmo assim, geralmente, ela continua a cumprir esses deveres sociais. Por que isso ocorre?

Para Maciel Júnior (2017), isso acontece porque a vontade de contrariar as obrigações morais infundadas ou divergentes dos nossos interesses individuais é arrefecida pelo hábito do cumprimento do dever. Nesse contexto, Gondar (2021) menciona que o hábito de contrair hábitos é universal; ele orienta os indivíduos a obedecerem à coesão social, ou seja, a colocarem em prática as obrigações morais estabelecidas pela sociedade. Ainda sob essa lógica, Worms (2010) destaca que o hábito de contrair hábitos configura a base da sociedade e, ao mesmo tempo, condiciona a sua existência. Mas há casos considerados exceções, em que a inteligência a serviço da intuição apontará para alternativas à norma vigente. Desse percurso despontam as



angústias morais, conforme Maciel Júnior (2017), que emergem como elementos punitivos, em todas as situações em que temos a intenção de nos desviarmos do dever para satisfazermos os nossos interesses pessoais. Então, a possibilidade de transgressão das obrigações sociais introduz a culpa nos indivíduos, que se sentem coagidos a agirem conforme o esperado socialmente. O último motivo, assinalado pelo mesmo autor, é o esforço que a inteligência opera para encontrar “razões plausíveis” para as obrigações sociais que contrariam os nossos interesses pessoais. Essa operação é denominada como função fabuladora e, de acordo com Deleuze (2012), ela é responsável por persuadir a inteligência a ratificar as obrigações morais. Quando isso ocorre, a inteligência subverte o seu papel de atuar criticamente em função dos nossos interesses egoístas.

Quando [a inteligência] se mostra laboriosa na justificativa das obrigações morais o faz persuadida de que as ratificações dessas obrigações são do seu interesse. Ao se render à força da pressão social, a inteligência colabora com o curso da servidão e do fechamento (Maciel Júnior, 2017, p. 163).

O fechamento que o autor menciona está relacionado à moral fechada, que se estabelece na maioria dos casos quando o “eu social” sobrepuja o “eu individual”, quando a nossa vontade “... curva-se ante os hábitos sociais, ou seja, a elementos adaptativos que corroboram para coesão e sedimentação da sociedade...” (Maciel Júnior, 2017, p. 164). Mas um duplo fechamento também pode se instaurar quando há um conflito entre os interesses individuais e as obrigações morais, quando a oscilação, ou melhor, o impulso vital está na órbita da via adaptativa para ambos os lados. Nessa órbita, quando pendemos para os nossos interesses egoístas, o fechamento é engendrado por nossa inteligência. Ao contrário, quando estamos voltados para os hábitos sociais<sup>62</sup>, o fechamento é operado pela sociedade, por suas arbitrarias leis e “códigos” de conduta. A partir dessa perspectiva, a princípio, as pessoas estariam em um ciclo sem fim, ora sendo guiadas por seus deveres e aceitação social, regidos por suas identificações familiares, nacional, linguística, entre outras, ora por suas satisfações e prazeres egoístas, por meio das transgressões às obrigações morais. Diante desse cenário, como podemos explicar as criações/inoações advindas do impulso vital no contexto da moral fechada? Ressalto a relevância da diferença das criações circunscritas na moral fechada e na moral aberta, pois identifico o processo de reconfiguração da SEMEAR dentro do escopo da moral aberta, uma vez que o referido acervo constitui tanto patrimônio institucional quanto científico.

As criações e inovações ocorrem na moral fechada, mas no sentido de rotina, como observamos anteriormente, com propósitos adaptativos, no escopo da sociedade de controle. A

---

<sup>62</sup> Para mais informações, acerca das injunções políticas, filosóficas e religiosas que instituem e reforçam os hábitos sociais, sugiro a leitura do quarto capítulo de Worms (2010).

concepção de sociedade de controle que adotarei nesta pesquisa advêm do estudo de Lazzarato (2006), no qual o autor se apropria de diferentes teorias filosóficas para abordar diversas questões políticas do Capitalismo, sobretudo a política das multiplicidades e da representatividade das minorias. Entre as teorias adotadas pelo autor, encontra-se a teoria bergsoniana, mas antes de abordar as suas relações<sup>63</sup>, cabe esclarecer qual é a sua perspectiva de sociedade de controle.

Para Lazzarato (2006), viver em sociedade consiste em estar junto, apesar das diferenças irreduzíveis, ou seja, é uma forma de “possessão recíproca” de todos para cada um. Essa possessão ocorre por meio da persuasão, através do amor, do ódio, de crenças, de desejos e pela produção de riquezas. Sendo assim, a “... cada interação, quer comunicacional quer prática, somos conduzidos ou condutores. As relações sociais são então predefinidas por jogadas estratégicas que consistem em conduzir as condutas dos outros.” (Lazzarato, 2006, p. 37). A partir dessa concepção de sociedade, em linhas gerais, podemos caracterizar a sociedade de controle como formas de condução do mundo social, de modular tanto a diferença (transformações/ inovações) quanto a repetição (hábitos sociais), por meio da afetação das almas, isto é, das mentes com o emprego das “tecnologias de ação a distância”.

Em suma, “[...] nas sociedades de controle, as relações de poder se expressam pela ação a distância de uma mente sobre a outra, pela capacidade de afetar e ser afetado dos cérebros, midiaticizada e enriquecida pela tecnologia” (Lazzarato, 2006, p. 76). Essas tecnologias são descritas por Lazzarato (2006), como o rádio, a televisão, a internet e redes sociais, que buscam exercer o controle da opinião, da linguagem, da circulação de saberes e do consumo. Com base nessas reflexões, a sociedade de controle é tomada aqui como uma sociedade de moral fechada, visto que promove a regulação da vida social dos indivíduos, inclusive das inovações, ponto que desejo destacar. Outro ponto que será explorado na próxima seção é a capacidade de afetação dos indivíduos na sociedade de controle, que está associada principalmente à memória e à captação da atenção por meio dos afetos. E como os afetos, isto é, o sensível constitui um campo de batalha de ideias/ideais da sociedade, o qual desencadeia políticas e ações, associadas aqui as práticas afetivas.

Ao retomarmos a pergunta que deflagrou a explanação acerca da sociedade de controle, as inovações ocorrem na sociedade fechada, primeiramente, porque o impulso vital é um movimento ininterrupto, uma compulsão interior à vida. No entanto, na sociedade de controle, as transformações e inovações são promovidas dentro dos limiares da moral fechada, logo, o

---

<sup>63</sup> Abordarei brevemente suas relações na próxima seção.

impulso vital está circunscrito no âmbito do duplo fechamento. Nesse contexto, o impulso vital ora é atualizado de acordo com os interesses sociais, ora por interesses individuais. Em alguns casos, aparentemente, as inovações podem expressar uma preocupação com o todo, mas ao analisarmos seu real propósito sob a ótica da moral fechada/da sociedade de controle, observamos que a manutenção do sistema Capitalista é a prioridade, a exemplo das eco inovações; à primeira vista, elas visam à sustentabilidade, ao criar formas de produção que consumam menos insumos naturais e poluam menos o meio ambiente. Contudo, as eco-inovações, segundo Deus (2014), têm o propósito de manter o padrão de consumo da sociedade, de prolongar o Capitalismo, mesmo perante as crises ambientais que o próprio sistema deflagrou. Nesse cenário, como seria possível romper com esse ciclo de propósitos adaptativos da moral fechada? Como pode ser feita a passagem da moral fechada a moral aberta? Aliás, o que seria a moral aberta na teoria bergsoniana?

Tal ruptura ou passagem, de acordo com Worms (2010), só pode ser efetuada por meio de um salto radical, uma vez que há uma diferença de natureza entre o fechado e o aberto, uma distância entre o finito e o infinito. A principal diferença de natureza reside que na moral e na religião fechadas apenas um número de indivíduos é contemplado, enquanto os demais são excluídos. Todavia, na moral e na religião abertas toda a humanidade é considerada, com todas as suas diferenças socioculturais.

Serão “fechadas” [...], as morais e religiões que se distinguem uma das outras por exclusão mútua, como grupos por fronteira, conduzindo assim, por essência, segundo Bergson, à guerra. Serão abertas [...], as morais e as religiões que se endereçam sem nenhuma exceção a todo mundo, sem traçar nenhum limite em nenhum espaço! Poderá decerto ainda subsistir uma diferença entre essas morais e religiões “abertas”, mas, vê-se não poderia tratar de uma diferença de território ou de identidade, uma vez que elas logo cessariam de ser abertas, para se tornarem novamente fechadas! Essa será uma diferença de intensidade ou de grau no seio de uma mesma intenção de unidade que é abertura e que contém em si a ideia de paz (Worms, 2010, p. 286-287)

A analogia da guerra à moral fechada e da paz à moral aberta exemplifica como pode ocorrer o salto radical. A guerra é interpretada geralmente como fruto dos conflitos de interesses geopolíticos, econômicos e, sobretudo, da manutenção/defesa da soberania nacional, vide o exemplo atual da guerra entre a Rússia e a Ucrânia e o da Primeira Guerra Mundial, contexto que inspirou de certa forma Henri Bergson a escrever o livro que fundamenta a teoria das duas morais e religiões. Em síntese, as guerras personificam o fechamento dos países em torno dos seus interesses. Por outro lado, a paz é o símbolo da abertura, quando os interesses mencionados não suplantam a segurança e o bem-estar da humanidade. Mas na teoria bergsoniana a guerra

não se resume à oposição entre duas nações, e a paz não é apenas uma conciliação de interesses em prol da humanidade. Segundo Worms (2010), o âmago de tudo é o ser humano, que é influenciado por duas forças; “uma força que o vincula a um poder imenso, sempre presente, sempre aumentado por sempre mais meios, para extermínio da outra [nação], e uma outra força que atrai não somente em direção ao patriotismo aberto, mas para uma abertura total e uma paz universal” (Worms, 2010, p. 292-293). A primeira força, como já verificamos, é exercida pela sociedade fechada, que institui e reforça os hábitos sociais. Esses são reproduzidos/obedecidos principalmente pelo hábito de contrair hábitos do ser humano e por seu pertencimento social. Nesse cenário, no caso da guerra, o que a fundamenta de forma elementar é o sentimento de nacionalismo.

A segunda força é exercida pela moral aberta, segundo Maciel Júnior (2017), regida por um chamado, que impulsiona o salto radical, a ruptura com o ciclo da moral fechada. Em razão disso, as ações não são executadas como obrigações, mas como resposta a um apelo irresistível, “[...] na moral aberta, a vontade é determinada à ação [...] por força de emoções causadas, na nossa sensibilidade, por produtos resultantes de um ato de criação de uma personalidade singular.” (Maciel Júnior, 2017, p. 179). Dessa forma, na moral aberta, a emoção é o chamado ou o apelo irresistível; contudo, não é qualquer emoção, mas uma emoção que provoca o estremecimento afetivo da alma, uma emoção oriunda de um ato criador, denominada por Worms (2010), Deleuze (2012) e Maciel Júnior (2017) como emoção criadora. Essa emoção advém do espírito, em razão disso, Maciel Júnior (2017) a caracteriza como puro afeto pelo todo, gênese da abertura da alma, algo que nos insere no domínio da criação do impulso vital liberto. No exemplo da guerra, ela impulsionaria o estabelecimento da paz, que é uma criação gerada pela abertura da alma para o amor à humanidade.

A emoção criadora, segundo os autores supracitados, deve ser diferenciada das demais emoções, consideradas como superficiais, uma vez que elas estão circunscritas aos nossos interesses egoístas orquestrados por nossa inteligência, como também no exercício dos deveres, das obrigações morais impostas pela sociedade. Nesses dois casos, a emoção superficial está vinculada a uma representação, seja individual ou social, que subordina a nossa vontade aos interesses adaptativos. A valer como verdade, as emoções superficiais mobilizam apenas partes do nosso ser, porque as ações derivadas delas são precedidas pela sensação de que poderíamos ter feito outra escolha, tomado outra atitude. “Diremos então que as emoções superficiais, tais como amor à família, amor à pátria, amor aos amigos, são emoções suaves inseparáveis de hábitos e obrigações” (Maciel Júnior, 2017, p. 190). Porém, conforme Deleuze (2012), a emoção criadora é geradora de ideias novas, precede a representação, porque é um elemento

puro que não tem um objeto. Desse modo, consiste em uma essência transcendente que se propaga sobre diversos objetos e toda natureza, com o potencial de nos tocar, nos arrebatando ao ponto de mobilizar o nosso querer, não deixando espaço para alternativas, cujo efeito é um movimento de abertura irrefutável. Antes de abordarmos esse movimento, cabe compreendermos o poder de atração e de mobilização da emoção criadora, exemplificados por Deleuze (2012) e Maciel Júnior (2017), com a passagem sobre a emoção musical:

Parece-nos, enquanto ouvimos, que não poderíamos querer outra coisa senão o que a música nos sugere, e que precisamente assim agiríamos naturalmente, se não parássemos de agir ao escutar. Somos a cada instante o que a música exprime, seja a alegria, a tristeza, a piedade, a simpatia. Não apenas nós, mas também muitos outros, mas todos os outros também. Quando a música chora, é a humanidade, é toda natureza que chora com ela. Na verdade, ela não introduz esses sentimentos em nós, antes ela nos introduz neles, como transeuntes que se compelissem a uma dança. Assim procedem os iniciadores em moral. A vida tem para eles ressonâncias de sentimentos insuspeitadas, como as que produziriam uma sinfonia nova; eles nos fazem entrar com eles nessa música, para que nós a traduzamos em movimentos (Bergson, 1978, p. 33 apud Maciel Júnior, 2017, p. 180-181).

Enfim, o poder de atração da emoção criadora consiste no seu potencial de nos introduzir nos sentimentos vinculados a sua procedência. Em outros termos, a emoção criadora nos arrebatando porque nos inclui nela, assim o nosso querer é mobilizado pela essência que emana da criação quando a apreciamos, “como transeuntes que se compelissem a uma dança”. Essa essência é a memória cósmica que, de acordo com Deleuze (2012) e Maciel Júnior (2017), se atualiza no artista/criador como emoções criadoras.

Sendo assim, a emoção criadora não seria outra coisa senão a presença da memória cósmica, atualizando-se em todos os níveis, para liberar o homem do plano ou do nível que lhe era próprio, e fazer dele um criador adequado a todo movimento da criação (Maciel Júnior, 2017, p. 209).

Tal libertação do plano material ocorre nos homens notáveis da sociedade (artistas, filósofos, “santos”, entre outros), considerados como “moralistas” ou “personalidades singulares”, denominados também por Deleuze (2012) como “almas privilegiadas”.

Superior é o ponto de vista do moralista. Somente no homem, sobretudo nos melhores dentre nós, o movimento vital prossegue sem obstáculo, lançando através dessa obra de arte que é o corpo humano e que ele criou ao passar, a corrente indefinidamente criadora da vida moral. O homem, incessantemente convidado a apoiar-se na totalidade do seu passado para pressionar ainda mais poderosamente o futuro, é o grande êxito da vida. Mas o criador por excelência é aquele cuja ação, sendo intensa, é capaz de intensificar também a ação dos outros homens. (Bergson, 2009, p. 24)

Esses “criadores por excelência” rompem o ciclo do duplo fechamento por meio da atuação não cerceada do impulso vital, em razão disso, inspiram outros homens, como um

modelo a ser seguido. As emoções criadoras transmitidas por suas produções e/ou condutas, geralmente, despertam nos demais desde ações qualitativamente melhores até a execução de outras inovações, porque estimulam a retomada do impulso vital, mas de um impulso vital liberto dos interesses adaptativos da Sociedade de Controle. O próprio Henri Bergson deve ser considerado uma “alma privilegiada”, porque as suas obras inspiraram outros filósofos, cientistas e sociólogos; entre eles, Maurice Halbwachs, que foi arrebatado, certamente, por emoções criadoras, para desenvolver a sua teoria dos quadros sociais da memória, que fundamentam o campo da Memória Social, e se estabelecer como outro moralista na sociedade.

Na verdade, a emoção criadora não gera outras emoções, porque ela é vivenciada tanto por quem produz a criação quanto de algum modo por quem a aprecia; de qualquer forma a emoção criadora nos insere no domínio da criação.

Em suma, a emoção é criadora primeiramente, porque ela exprime a criação em sua totalidade; em seguida, porque ela própria cria a obra na qual ela se exprime; finalmente, porque ela comunica aos expectadores ou ouvintes um pouco dessa criatividade (Deleuze, 2012, p. 97).

Assim, ao ser introduzido de algum modo nas emoções criadoras, o apreciador da criação é acometido pela retomada do impulso vital como movimento de abertura da alma, o que provoca a produção de outra criação. Ainda de acordo com o autor, o intervalo nesse contexto é outro, pois ele é resultante do conflito da inteligência (interesses do indivíduo) com a sociedade (pressão das obrigações morais). Esse conflito, geralmente, ocasiona o duplo fechamento em torno dos propósitos adaptativos, ora pela inteligência ora pela sociedade, via “função fabuladora”. Mas a diferença aqui é o rompimento do ciclo adaptativo, algo que ocorre durante o impulso vital do conflito, compreendido aqui como impulso vital liberto. Ele ocorre, mais especificamente, quando a memória cósmica é encarnada em emoção criadora nas almas privilegiadas ou quando os apreciadores da criação o retomam, mas com o seu querer mobilizado pela emoção criadora.

Desse modo, quando a emoção criadora estabelece a retomada do impulso vital liberto, ela ocasiona um estremeamento afetivo ao ponto de impelir a vontade do indivíduo, ou melhor, de mobilizar a inteligência em prol do ato da criação/da ação criadora. Quando a inteligência é submetida às emoções criadoras, nós podemos inferir que a inteligência trabalha a serviço da intuição, uma vez que a “[...] emoção criadora é a gênese da intuição na inteligência [...]” (Deleuze, 2012, p. 250). Nesse contexto, é possível observarmos o que Gondar (2021) denominou de inversão da marcha do pensamento, porque a inteligência não atua em função da vida utilitária do indivíduo; ela altera a sua cadência, passa a ser movida pelas emoções criadoras. Nessa inversão do pensamento, o esforço da inteligência é direcionado para

solucionar os problemas do domínio da criação, sob o prisma da moral aberta e do plano do espírito, no qual o amor ao próximo e a humanidade são considerados, seja nas escolhas, no seu comportamento e na própria criação.

a emoção criadora antes de ser um estado afetivo associado a representações objetais, é um estremeamento afetivo do todo que mobiliza o ser humano numa tarefa criadora. Uma embriaguez da vontade deflagrada por uma autoafetação do espírito, do impulso vital expressando-se em uma emoção adequada a totalidade aberta. Sendo amor, o é pela vida, sendo alegria, o é pelo todo. Trata-se de um amor pela humanidade como um todo condizente com a abertura da alma que comove a alma, colocando-a em movimento de pura alegria. Em suma, é amor e alegria do impulso liberto (Maciel Júnior, 2017, p. 190).

Durante a escolha do intervalo de indeterminação gerado pelo impulso vital liberto, podemos nos reconectar com o nosso alento criador, mudar e criar de acordo com os interesses da nossa alma, regidos pelas emoções criadoras. Assim, “[...] a abertura da alma ocasionada pela emoção introduz no sujeito uma mudança qualitativa no modo de viver. A alma aberta define assim um modo de vida expressivo, onde nele as ações livres tornam-se necessárias.” (Maciel Júnior, 2017, p. 200). Nesse cenário, a via da obrigatoriedade é abolida, e as ações livres são cruciais, mas como cada indivíduo é afetado pela emoção criadora de uma forma, o modo de vida expressivo, normalmente, é diverso. Para alguns indivíduos, a alma aberta é adotada como estilo de vida divergente do habitual em sua cultura; enquanto para outros as ações livres são a lufada de ar fresco, a virada de chave, a mudança necessária, a expressão de sua liberdade criativa e a novidade inspiradora. Além das criações/transformações no âmbito individual, a propagação do impulso vital liberto estimulado/retomado pelas emoções criadoras possibilita que a sociedade fechada encontre a sua condição de abertura, execute o salto para a moral aberta, esteja aberta para o todo, contemple a diversidade social e os interesses atuais da humanidade. Essa propagação do impulso vital liberto, de acordo com Deleuze (2012), pode acontecer quando vários indivíduos da sociedade fechada são compelidos a agirem motivados pelas emoções criadoras: “a cada membro de uma sociedade fechada, se ele se abre à emoção criadora, esta comunica a ele uma espécie de reminiscência, uma agitação que lhe permite prosseguir e, de alma em alma, ela traça o desenho de uma sociedade aberta, sociedade de criadores” (Deleuze, 2012, p. 98).

No entanto, não vivemos completamente em uma sociedade de criadores, uma vez que todos nós temos o potencial do alento criador, mas, na verdade, o ciclo adaptativo da vida utilitária da sociedade fechada/sociedade de controle, normalmente, rege a maior parte da nossa existência, que está impregnada com a espacialização do tempo. Sendo assim, raramente,

apreciamos atentamente as criações ao nosso redor, bem como vislumbramos as frequentes mudanças dos nossos estados afetivos, sobretudo as nossas constantes transformações na duração da vida. Mas a questão fundamental para esta pesquisa é a observação de que a vontade humana está sempre à mercê dos estados afetivos, tanto na subjetividade pragmática quanto na subjetividade criativa do impulso vital, o qual, normalmente, está circunscrito nos limiares da moral fechada/sociedade de controle, sendo influenciado pelas emoções superficiais, como também no contexto da moral aberta, sob o efeito das emoções criadoras, como impulso vital liberto. Em suma, “[...] é sempre a força do afeto que determina o movimento do nosso querer” (Maciel Júnior, 2017, p. 188). Ora esse movimento gera ações motoras/ações utilitárias, ora ações criadoras/criações. A partir dessas considerações, na próxima seção, relaciono essas ações com as práticas afetivas, assim como ilustro, de modo geral e preliminar, como as memórias, as emoções e as práticas afetivas estão presentes no contexto pós-incêndio do Museu Nacional.

### 3.2.3 Práticas e interseccionalidade afetivas como ações densificadas pela memória na construção de mundos possíveis

Objetivo, nesta seção, apontar as práticas afetivas como ações densificadas pela memória contração, resultantes do impulso vital que ocorre tanto na esfera da moral fechada (mundos normatizados), quanto da moral aberta (mundos possíveis). Durante esse percurso reflexivo, com base no estudo de Lazzarato (2006), abordo brevemente o uso político da memória e como ela se entrelaça com as emoções na construção e execução dos mundos mencionados. A proposta, portanto, é demonstrar como as ações em torno do processo de reconfiguração da seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional podem ser interpretadas como a construção de um novo começo, de um mundo possível, composto por ofensivas sensíveis no sentido de resistência, ou seja, por práticas afetivas impulsionadas pelas emoções criadoras do impulso vital liberto.

Após a leitura do parágrafo anterior, provavelmente, o leitor se perguntará o que são mundos normalizados, mundos possíveis e ofensiva sensível no sentido de resistir/revidar. Antes de explicarmos essas categorias, a premissa do debate empreendido aqui está na designação das práticas afetivas como ações densificadas pela memória. Na verdade, em certa medida, toda ação do ser humano no mundo preconiza o uso da memória, ou seja, toda ação é orientada por parte de seu passado, atualizado no presente que passa, com vistas ao porvir. Essa constatação está fundamentada em toda a trajetória teórica das categorias de Henri Bergson apresentadas neste estudo. Mas para embasá-la de forma objetiva é importante lembrarmos que,



de acordo com Bergson (2009), as ações das pessoas são decorrentes de escolhas engendradas por sua consciência, e a consciência é essencialmente memória (ponte entre o passado e futuro). Em vista disso, é possível afirmar que toda ação, de algum modo, é norteadada pela memória, seja pela memória lembrança ou pela memória contração.

No caso das práticas afetivas, elas são consideradas, nesta pesquisa, como ações densificadas pela memória contração, porque ensejam reflexão, escolhas, ou seja, a “corporificação reflexiva das emoções”. Sendo assim, as práticas afetivas consideram o potencial cognitivo das pessoas que, em determinadas circunstâncias, conseguem gerir as emoções espontâneas, não apenas devido às imposições sociais, mas também motivadas por seus interesses e atravessamentos sociais, políticos, culturais das trajetórias de suas vidas, compreendidas aqui como a memória, a duração da vida das pessoas. Essa memória da trajetória de vida é atualizada perante uma situação/circunstância que as afeta/as sensibiliza ao ponto de gerar o que Bergson (2011) denomina de “fissura” entre a percepção e a ação. Nessa fissura, o impulso vital promove o intervalo de indeterminação maior, preenchido pela memória contração, na forma de imagens-lembranças análogas à percepção atual do presente sensório-motor. Toda vez que somos lançados nas “regiões” do nosso passado, conforme constatamos anteriormente, as lembranças são atualizadas e, concomitantemente, transformadas no que Bergson (2011) denomina de “coisa presente”, que suscita as sensações, as tonalidades emotivas presentes em sua conformação enquanto lembrança pura. Portanto, as práticas afetivas podem ser consideradas ações em torno de um objetivo comum, densificadas pela memória contração, uma vez que são inspiradas/impulsionadas por lembranças e emoções atualizadas, de acordo com a percepção do indivíduo acerca do presente sensório-motor.

Cabe aqui esclarecer que a atualização da emoção está relacionada à emoção da “coisa presente”, que provavelmente intensificará a emoção provocada pela atmosfera afetiva do presente sensório motor e/ou despertará outro tipo de emoção. Em ambos os casos, as emoções juntamente com as imagens-lembranças/memória contração orientam a reflexão do indivíduo sobre qual ação/reação, ou melhor, qual prática afetiva deve ser adotada após a “fissura”. No âmbito das práticas afetivas é importante destacar que a fissura advém principalmente do forte apelo emocional de um evento/circunstância do mundo/mundo material, com o/a qual o indivíduo é confrontado. Sendo assim, a principal diferença das práticas afetivas em relação as demais ações, densificadas pela memória contração, reside na forte afetação da face sensorial por emoções afloradas durante a percepção do presente sensório-motor. Essas emoções podem ser ressignificadas ou intensificadas, durante a contração da memória (cone invertido) que ocorre na resposta/reação à “fissura”. De qualquer forma, como Wetherell (2012) menciona, as

práticas afetivas derivam de um nítido engajamento afetivo, o qual é densificado pela memória contração.

Na esteira dessas reflexões, de acordo com Bergson (2011), a percepção do presente sensorio motor necessariamente ocupa uma duração. No caso do incêndio do Museu Nacional (conforme observamos), diferentes ritmos de duração podem ser constatados por nossa intuição. Esses ritmos diferentes podem ser explicados pela forma como cada indivíduo percebeu o incêndio, ou seja, o modo pelo qual cada um foi afetado. As diferentes percepções/afetações do desastre estão vinculadas às emoções não apenas da atmosfera afetiva do evento, como também às imagens lembranças e emoções atualizadas no momento em que cada um testemunhava o incêndio, porque como foi algo inesperado, a reação não foi automática. A duração do incêndio, provavelmente, para alguns servidores, pesquisadores e apoiadores da instituição perdura até hoje. Nesse contexto, vale ressaltar que, assim como a duração, as práticas afetivas apresentam ritmos diferentes: “Práticas afetivas se desdobram, tornam-se organizadas, e florescem com ritmos particulares” (Wetherell, 2012, p. 12, tradução nossa)<sup>64</sup>. Para a autora, o curso e o fluxo das práticas afetivas são diferentes, já que algumas podem se consolidar como ciclos de recorrência diários, mensais, anuais, entre outros; o que determinará a duração é a situação, que é influenciada de certa forma pela atmosfera afetiva, isto é, pelo presente sensorio-motor.

No que tange ao incêndio do Museu Nacional, em alguns casos, as reações são compostas por ciclos de práticas afetivas, pois ainda vigoram mesmo após cinco anos do desastre. Entre as motivações para esse ciclo de práticas afetivas, a pesquisa aqui desenvolvida aponta para as imagens lembranças e emoções atualizadas do desastre, que podem ser influenciadas também pela atmosfera afetiva do pós-incêndio, que enseja a alegria da reconstrução. Algumas práticas afetivas do pós-incêndio já foram mencionadas no capítulo dois desta pesquisa, entre elas, o destaque será para as práticas em torno do processo de reconfiguração da SEMEAR, que serão examinadas nas narrativas dos entrevistados, analisadas no capítulo seis.

De acordo com Wetherell (2012, 2014), as práticas afetivas são variáveis, já que elas podem ser flexíveis, canônicas, autoritárias, institucionais, fluídas, altamente visíveis, subversivas, e conformarem a interseccionalidade afetiva. O destaque será para a associação das práticas afetivas subversivas com o impulso vital liberto, o qual proporciona também a criação de mundos possíveis, como explicarei a seguir. Essa questão é importante, porque pretendo demonstrar que as práticas afetivas e/ou interseccionalidade afetiva do processo de reconfiguração da SEMEAR estão circunscritas no contexto de criação de um “mundo

---

<sup>64</sup> “*Affective practices unfurl, become organised, and effloresce with particular rhythms.*” (Wetherell, 2012, p. 12)

possível”, configurando ofensivas sensíveis para a seção após o incêndio. Antes de trilharmos esse caminho, vale esclarecer que o estudo de Lazzarato (2006) alerta para indissociabilidade da memória de Henri Bergson com a filosofia da ação. Nessa perspectiva, o autor explica que o capitalismo contemporâneo deve ser compreendido a partir do uso político da memória, nas sociedades de controle, o qual denominou como “noopolítica”. “A noopolítica (conjunto das técnicas de controle) se exerce sobre os cérebros, atuando em primeiro lugar sobre a atenção, para controlar a memória e sua potência virtual. A modulação da memória será então a função mais importante da noopolítica.” (Lazzarato, 2006, p. 76).

A potência virtual que o autor menciona está relacionada à memória cósmica/ memória pura, nebulosa de reminiscências que se atualiza de acordo com a atenção, ou seja, com a percepção do presente sensório-motor. Em razão disso, o autor explica que o controle da memória enseja primeiramente o controle da atenção, denominada como um esforço, uma abstração de uma sensação nascente, um desejo. E esse desejo que atrai a atenção está associado à afetação do indivíduo com o mundo material, com o mundo que o cerca. Nesse âmbito, segundo Lazzarato (2006), o capitalismo deve ser considerado uma afetação, como um sistema de produção/ expressão de mundos e suas respectivas subjetividades. “Criar e efetuar mundos significa agir sobre as crenças e sobre os desejos, sobre as vontades e inteligências, ou seja, agir sobre os afetos.” (Lazzarato, 2006, p. 31-32).

Dessa forma, na sociedade de controle, consumir não se reduz à compra de um produto ou serviço, mas a adesão a um mundo, motivada principalmente por afetos, presentes nos eventos/circunstâncias que evocam e atualizam memórias, gerando assim a sensação de pertencimento a um grupo, a uma instituição, uma ideologia, uma crença, entre outros. Um exemplo dessa sensação de pertencimento a um mundo pode ser observado em uma simples compra de um tênis Kenner. No caso do meu marido, a compra foi estimulada pelas saudades e lembranças de sua juventude dos anos noventa, atualizadas quando compartilhou comigo, por meio de uma breve narrativa, como o uso do tênis era “uma febre” entre os meninos da sua turma da escola e da rua. Enfim, normalmente, não percebemos que nossas emoções e memórias estão entrelaçadas em nossas escolhas, geralmente reguladas pela sociedade de controle em mundos normalizados regidos pela moral fechada.

As sociedades de controle caracterizam-se assim pela multiplicação da oferta de “mundos” (de consumo, de informação, de trabalho, de lazer). Trata-se porém de mundos lisos, banais, formatados, porque são mundos da maioria, vazios de toda singularidade. Não se trata, de modo algum, dos mundos dos possíveis, do acontecimento (Lazzarato, 2006, p. 101).

Os mundos normalizados são esses mundos vazios descritos pelo autor, no qual nossa “liberdade” é exercida dentro de variáveis já traçadas pelas sociedades de controle. Nesses mundos normalizados, os afetos estão na esfera das emoções superficiais, enquanto as práticas afetivas são resultantes do impulso vital do duplo fechamento da moral fechada. Esse impulso vital, como já verificamos, resulta ora em ações egoístas, guiadas pela inteligência, ora em ações condizentes com a regulação social, orientadas pela função fabuladora operada pela inteligência. Os dois resultados possíveis estão circunscritos na órbita da via adaptativa e utilitária, que não menospreza as emoções, pois, “[...] a vontade humana é sempre compelida à ação por um determinado estado afetivo.” (Maciel Júnior, 2017, p. 188). Mas nesse contexto, as emoções são superficiais, porque elas atuam como um efeito e, em virtude disso, geralmente, não são perceptíveis. Nesse caso, as ações/as criações resultantes desse impulso vital podem ser consideradas práticas afetivas canônicas, porque de certa forma há a “corporificação reflexiva das emoções”, só que direcionadas por convenções adaptativas. De fato, nos mundos normalizados existem criações, mas de acordo com Lazzarato (2006), elas seriam apenas produções voltadas para eficiência e eficácia<sup>65</sup>.

Por outro lado, “os mundos possíveis” consistem na construção de alternativas ao mundo normalizado, em criações que contemplem o todo (aberto), respeitando as singularidades. Nos “mundos possíveis”, segundo Lazzarato (2006), as ações são livres, logo, consistem em criações, invenções, práticas afetivas subversivas oriundas da subjetividade criativa do impulso vital liberto. Nesse impulso, tanto a prática afetiva quanto a interseccionalidade afetiva seriam frutos do engajamento/recrutamento, isto é, da atuação clara da emoção criadora, que mobiliza o querer do indivíduo e o insere no domínio da criação. No caso do impulso vital liberto, conforme expliquei anteriormente, a emoção criadora desencadeia a criação, porque permite que o ser humano ultrapasse a sua condição adaptativa ao compelir a sua vontade em função de um irrefutável estremeamento afetivo. Desse modo, não existe resistência nesse impulso vital, porque é “[...] como se o nosso desejo se visse arrebatado na instância emotiva, a ponto de não mais hesitar, melhor, de não querer mais hesitar” (Maciel Júnior, 2019, p. 198). Nessa esfera, a emoção não é um efeito, porque não está associada às representações objetais ou à resolução de um interesse ou a um hábito social, como as emoções superficiais; ao invés disso, as emoções criadoras são a causa, a motivação, o recrutamento, o arrebatamento que impele à execução de uma atividade criadora, invenção, prática afetiva subversiva e interseccionalidades afetivas.

---

<sup>65</sup> Para se aprofundar nesta questão recomendo a leitura do capítulo três de Lazzarato (2006), especialmente, do exemplo da Propriedade Intelectual, no qual as inovações ocorrem em um escopo de resoluções reguladas.

A emoção criadora impulsiona a retomada do impulso vital liberto, mas isso não significa que as emoções superficiais não estejam presentes durante o processo criativo. Nesse caso, elas atuam apenas como “sensações elementares”. Um exemplo para elucidar essa questão é mencionado no estudo de Maciel Júnior (2017), quando aborda o processo de elaboração de uma obra artística. Nesse processo, segundo o autor, as sensações elementares são agregadas às emoções novas (emoções criadoras) na composição da obra. Essa harmonia com destaque, sobretudo, para a “nota fundamental” dada à criação, é creditada à capacidade notável do artista, que a reproduz em sua obra, considerada fruto/expressão de um arrebatamento.

A ideia de arrebatamento também está presente na concepção de práticas afetivas, quando Wetherell (2014) ressalta o potencial de recrutamento, engajamento e articulação entre diversos fluxos, subjetividades, histórias (memória) que se conjugam para formá-las. O potencial arrebatador/de engajamento é mais evidente na prática afetiva subversiva, algo que, segundo a autora supracitada, expressa a “lógica do poderia ser diferente”. No contexto do pós-incêndio, alguns artistas parecem ter aderido a essa lógica, como por exemplo, o bombeiro e *luthier* Davi Lopes, que utilizou os restos de madeiras do incêndio do Museu Nacional para confeccionar instrumentos musicais. Assim, “uma das portas do Torreão Sul, que já serviu de aposento de D. Pedro II, virou parte de um cavaquinho, um bandolim e um violino. Restos da porta da bilheteria do Museu, de jacarandá, viraram laterais de dois violões” (Música, 2021).<sup>66</sup>. Outro exemplo são as obras e desenhos do artista Vik Muniz, que utilizou as cinzas do Museu Nacional como matéria-prima para a composição de suas produções<sup>67</sup>. Em ambos os exemplos, os artistas certamente foram arrebatados pelas emoções criadoras, que os motivaram a inovarem no uso dos restos do incêndio como matéria-prima, como também impulsionaram o processo criativo.

---

<sup>66</sup> Para mais informações, acesse: <https://www.facebook.com/watch/?v=200552572088756>. O processo de criação e a experiência de Davi Lopes foram registrados em um documentário intitulado: *Fênix o voo de Davi*. O documentário foi produzido em quatro episódios pela Globo Play, lançado no dia 02 de setembro de 2021, e conta com participações especiais de artistas e compositores. A íntegra está disponível apenas para assinantes.

<sup>67</sup> O dinheiro que o artista Vik Muniz recebeu pela venda de suas obras foi doado para as obras de reconstrução do Museu Nacional, para mais informações acesse: <https://www.hypeness.com.br/2019/12/artista-vik-muniz-usa-cinzas-do-museu-nacional-para-recriar-obras-perdidas-no-incendio>

**Figura 14 – Davi Lopes com violões produzidos com os restos de madeira do incêndio**



Fonte: Música (2021).

**Figura 15 – Vik Muniz com algumas obras produzidas com as cinzas do incêndio**



Fonte: Guerra (2020).

É importante ressaltar que o processo criativo das invenções, de acordo com Lazzarato (2006), adquire outra conotação na construção dos mundos possíveis. Nesse âmbito, as invenções estabelecem novos começos, transformações sociais e criações que contemplem as multiplicidades, por meio da atualização da memória (cone invertido) e da cooperação entre os cérebros. “Estar em cooperação deve ser um sentir junto, um afetar junto. A amizade, o sentimento de fraternidade, de compaixão (*pietas*), são a manifestação da relação de empatia que é necessário pressupor para explicar a constituição e a dinâmica da cooperação entre cérebros” (Lazzarato, 2006, p. 132-133). Desta vez é possível observarmos como as emoções estão associadas não apenas à memória e às práticas afetivas, como também ao processo criativo

conjunto dos mundos possíveis. Nessa linha de raciocínio, assim como associei o mundo normalizado com a moral fechada, poderia a construção de mundos possíveis ser associada à moral aberta?

A resposta ao questionamento anterior é complexa, pois, quando a construção dos mundos possíveis é resultante de um processo criativo que busca fomentar o novo, transformações na órbita do todo e criações que abram novos caminhos para as variáveis traçadas, ela é passível de ser associada à moral aberta. Nessa perspectiva, as invenções são consideradas como “um processo de criação de diferença que coloca em xeque, a cada vez, o ser em sua individuação. Toda invenção é ruptura das normas, regras e hábitos que definem o indivíduo e a sociedade” (Lazzarato, 2006, p. 46). Ainda de acordo com o autor, mesmo que a efetivação das invenções seja frutos de agenciamentos espaço-temporais, elas são inesgotáveis, uma vez que podem ser articuladas a partir de novas combinações, novos agenciamentos agora e na eternidade. “A invenção insiste, pela eternidade [...]. Infinita no tempo, ela também é infinita no espaço” (Lazzarato, 2006, p. 47). Essa concepção de invenção está em consonância com o movimento ininterrupto do impulso vital, do nosso alento criador que se manifesta/atualiza de diferentes formas na duração de nossa existência. Mas no bojo da construção dos mundos possíveis, o impulso vital desencadeia criações, práticas afetivas subversivas voltadas para o todo aberto, ou melhor, para a sociedade aberta. No entanto, por outro lado, o processo de apropriação de mundos possíveis pode ser associado à sociedade fechada, na qual o Capitalismo manipula o “afetar junto”, ao aproveitar/direcionar os afetos em torno de uma causa e de identidades, em prol de seus interesses de comercialização e de controle de mundos.

Nesse contexto, é possível observarmos como o afetar, como o sensível se tornou um campo de batalha, porque a produção e a apropriação de mundos possíveis começam com a atração/a mobilização dos afetos/das emoções, ou melhor, com a afetação da face sensorial. Por esse motivo, Lazzarato (2006) destaca que a noopolítica abarca o controle da memória, gestado primeiramente por meio da captação da atenção, operada principalmente pelos afetos, como verificamos neste estudo. Sendo assim, “não há poder contemporâneo que não invista no plano dos afetos, que não dependa deles, que não invente estratégias as mais insidiosas para capturar ou manipular essa dimensão elementar” (Sztulwark, 2023, p. 10).

O agir sobre os afetos é abordado no estudo de Sztulwark (2023), no qual lança o termo “ofensiva sensível” a fim de caracterizar este campo de batalha do sensível, composto basicamente por duas frentes. A primeira frente consiste no neoliberalismo que, conforme Sztulwark (2023), pode ser compreendido como o devir micropolítico do Capitalismo e seus meios de atuar no plano da sensibilidade:

Vale lembrar que, quando falamos de neoliberalismo, referimo-nos a uma forma de capitalismo totalitário, no sentido de seu interesse estar posto nos detalhes específicos dos modos de viver. O âmbito neoliberal não designa, segundo essa definição, um poder meramente exterior, mas uma vontade de organizar a intimidade dos afetos e de governar as estratégias existenciais. (Sztulwark, 2023, p. 72).

Dessa forma, a frente do neoliberalismo visa capturar os afetos, produzir desejos, formatar mundos normalizados e apropriar-se dos mundos possíveis. A segunda frente é representada pelas modalidades e movimentos voltados para revidar os modos de viver do neoliberalismo, a coisificação da vida, de contrapor as variáveis impostas com inovações e construções de mundos possíveis, derivados a partir da mobilização de afetos, isto é, de engajamentos provenientes de emoções criadoras que retomam o impulso vital. Mas o impulso vital liberto, o qual proporciona a produção de invenções/práticas afetivas subversivas com vistas a um futuro desejável, embasado na trajetória/duração da vida do indivíduo. Em suma, o termo ofensiva sensível é empregado por Sztulwark (2023), tanto para caracterizar as estratégias de dominação do neoliberalismo, por meio da manipulação/captação dos afetos, quanto para identificar as ações dos movimentos que nascem na trama sensível do “mal-estar”, para revidarem realidades e modos de vida impostos pela sociedade de controle.

[...] é no terreno do âmbito sensível que devemos inventar e multiplicar os exercícios espirituais de nosso tempo: em relação aos consumos, aos usos do tempo, aos modos de habitar os territórios, às formas de conceber o amor. São exercícios que trabalham as possibilidades de nos desligarmos do poder de controle, que habitam a pergunta sobre quem somos, quem é cada um, partindo de nossos mal-estares. Mapear o mal-estar pode nos levar a deslocamentos significativos, ajudar a dar à luz novas formas de vida, a rascunhar possibilidades desejáveis. (Sztulwark, 2023, p. 78-79).

Entre os exemplos de deslocamentos significativos mencionados por Sztulwark (2023) encontram-se os movimentos feministas e os organismos de direitos humanos, que operam por meio de ofensivas sensíveis, com o objetivo de promoverem transformações sociais, ou seja, de construir mundos possíveis. Esse processo de construção de mundos possíveis, de inovações, como verificamos anteriormente em Lazzarato (2006), são desencadeados a partir do processo de atualização da memória (cone invertido) e da cooperação entre os cérebros, que abarca a fraternidade, a empatia e o afetar junto. A cooperação, na visão de Sztulwark (2023), está relacionada a união de forças para desafiar uma ordem ou realidade. E essa união não preconiza o consenso, mas um objetivo comum, que afeta a todos os envolvidos. A partir dessas reflexões, em que medida seria possível afirmarmos que o processo de reconstrução do Museu Nacional é um exemplo de deslocamento significativo, de construção de um mundo possível da moral aberta, por meio de ofensivas sensíveis que visam revidar o mal-estar ocasionado pelo incêndio?



E essas ofensivas sensíveis não poderiam ser interpretadas também como práticas afetivas subversivas e interseccionalidades afetivas?

Na verdade, o mal-estar ocasionado pelo incêndio, as emoções decorrentes das perdas dos acervos e de pesquisas desenvolvidas ao longo dos 200 anos do Museu Nacional, não é uma fatalidade. Como veremos nas narrativas elaboradas nas entrevistas desta pesquisa, o incêndio era um desastre anunciado, devido à falta de recursos para manutenção da estrutura física do Paço de São Cristóvão. A falta de investimentos e de políticas públicas que contemplem as necessidades das instituições científicas e culturais do país são sintomas de um mal-estar prolongado das políticas nacionais. Portanto, o mal-estar do incêndio pode ser articulado também as prioridades, aos modos de vida impostos pelo neoliberalismo nacional. Além disso, o processo de reconstrução da instituição consiste em uma construção de mundo possível, por meio de ofensivas sensíveis, porque visa revidar principalmente as consequências geradas pelo incêndio, como também o escasso apoio financeiro do governo federal antes e após o desastre. Vale ressaltar que, após a mudança de governo, finalmente o Museu Nacional recebeu a visita do presidente Luís Inácio Da Silva, em março de 2023 <sup>68</sup> e a promessa de repasses financeiros significativos para a sua reabertura.

Outro ponto importante que permite a constatação do processo de reconstrução do Museu Nacional, e, conseqüentemente, do processo de reconfiguração da SEMEAR, como exemplos de construções de mundos possíveis da moral aberta, está relacionado a “união de forças”, ao afetar junto, a mobilização de diversos atores sociais. Como apontei brevemente no capítulo dois desta pesquisa, a reconstrução do Museu Nacional conta com a cooperação de servidores, alunos e pesquisadores da instituição, como também de outras instituições nacionais e internacionais. Todos envolvidos em um único propósito, na reconstrução de um espaço público de memória, cultura, ensino e pesquisa.

As ações, isto é, as ofensivas sensíveis do processo de reconstrução do Museu Nacional podem ser interpretadas como práticas afetivas/interseccionalidades afetivas, porque reverberam uma “agitação em prosseguir”, o engajamento emocional dos atores envolvidos em prol da instituição, motivado certamente por emoções criadoras, para a criação de um novo Paço de São Cristóvão, que só teve a sua fachada preservada e de outras dependências para reestruturação de parte considerável das atividades do Museu Nacional. Ainda que o processo de reconstrução da instituição esteja em uma escala diferente que a paz conquistada após uma guerra, guardada as devidas proporções, ambas têm a mesma finalidade: os interesses da

---

<sup>68</sup> Para mais informações acesse: <https://museunacionalvive.org.br/presidente-lula-e-ministros-vistoriam-obras-no-museu-nacional/>

humanidade. Por esse motivo, podem ser consideradas também como vislumbres da sociedade aberta.

Na configuração da sociedade aberta, o raio de mobilização da emoção criadora é maior, logo, mais indivíduos são transportados para o impulso vital liberto. Desse modo, as diversas práticas afetivas resultantes desse impulso, em um mesmo contexto/situação, têm o potencial de se transformarem em interseccionalidade afetiva. A interseccionalidade afetiva é compreendida, por Wetherell (2012), como um conjunto de práticas afetivas intimamente ligadas a uma atmosfera afetiva de um grupo social. Aliás, no pós-incêndio do Museu Nacional existem iniciativas que congregam diversas práticas afetivas, como o projeto Museu Nacional Vive, o Resgate e o Sistema Colheita da SEMEAR. Assim, a aposta aqui é identificar outra(s) prática (s) afetiva (s) relacionada(s) à SEMEAR, nas entrevistas dos servidores e pesquisadores, como também investigar em que medida o conjunto dessa(s) práticas podem ser interpretadas como interseccionalidade afetiva.

## **4 NARRATIVAS: REFLEXÕES TEÓRICAS E CATEGORIAS DE ANÁLISE**

Este capítulo visa apresentar o caminho traçado para a escolha da narrativa como ferramenta analítica das entrevistas de pesquisa com os servidores e pesquisadores da SEMEAR, acerca do incêndio do Museu Nacional e do processo de reconfiguração da seção. Após esse breve percurso, apresento as principais definições de narrativa, os dois mundos que a conformam (mundo da estória/história e mundo da interação), sua relevância sociocultural e os elementos estruturais que a integram, segundo a concepção de Labov (no prelo), com enfoque para a avaliação, por ser um componente fundamental para identificar como os narradores interpretam e significam as experiências relatadas. Por último, com base nos estudos de Mishler (2002), Bastos (2005) e Fabrício (2006), as narrativas são interpretadas como construções situacionais, influenciadas por elementos socioculturais e interativos, moldadas pelo tempo da experiência, isto é, organizadas de acordo com o final pretendido pelo narrador.

### **4.1 Trançando o caminho de escolha das narrativas**

A escolha da narrativa enquanto ferramenta analítica está vinculada a minha inserção no campo de pesquisa, à jornada acadêmica no doutorado, à possibilidade de traçar paralelos com a memória, especialmente, com a concepção bergsoniana abordada no capítulo anterior, e com um dos diferenciais da narrativa, que consiste em possibilitar a pesquisa dos cenários micros. No caso da presente pesquisa, o cenário micro é o processo de reconfiguração da SEMEAR, mais especificamente, as emoções, memórias e práticas afetivas envolvidas nesse processo, de acordo com a visão dos servidores e pesquisadores entrevistados. Nesse sentido, segundo Bastos (2005), as análises são direcionadas para as práticas de linguagem dos encontros sociais, entre eles, as entrevistas de pesquisa, de forma qualitativa e interpretativa, ou seja, interessadas no que acontece na vida social.

O processo de análise das narrativas, segundo Riessman (1993), envolve o olhar do pesquisador sobre as experiências compartilhadas, olhar que não é neutro, porque “os dados serão sempre filtrados pela mirada do (a) pesquisador (a), e as interpretações guiadas pelas lentes ideológicas de seu contexto sociocultural e histórico.” (Biar; Orton; Bastos, 2021, p. 237). No caso da pesquisa aqui desenvolvida, destaco o meu envolvimento com o campo de pesquisa antes do início das entrevistas. Na verdade, a princípio, a escolha do curso de doutorado em Memória Social foi motivada pelo interesse em compreender o processo de construção da memória da SEMEAR por meio do Sistema Colheita. Mesmo que o tema de estudo tenha

mudado para o processo de reconfiguração da seção, devido à paralização do projeto, reconheço o meu duplo estatuto (participante e pesquisadora), conforme mencionam Biar, Orton e Bastos (2021). Sendo assim, as reflexões realizadas nas análises, certamente, têm a influência do meu olhar como participante do grupo de trabalho, como colaboradora desse processo, como servidora da UFRJ e como frequentadora do Museu Nacional.

A própria escolha da narrativa como ferramenta analítica advém em parte da minha inserção no campo, nas diversas reuniões do Sistema Colheita, quando fui interlocutora de narrativas sobre a seção e o seu acervo antes do incêndio, bem como dos eventos do Museu Nacional de que a SEMEAR participava. Nesse sentido, a seleção da narrativa foi fundamental, por ser o meio pelo qual tive a oportunidade de conhecer os meandros da seção, como também as experiências vivenciadas por seus servidores e alguns pesquisadores. Através das narrativas, eu tomei conhecimento de diversos documentos que não chegaram a ser identificados, alocados no final do acervo e em gavetas de um armário dos quais as chaves foram perdidas, pois não houve tempo nem profissionais capacitados para realizarem o serviço. Devo ressaltar, ainda, as histórias<sup>69</sup> de usuário/a pesquisadores internacionais, como a de uma usuária russa que encontrou a carteira de trabalho da pesquisadora Bertha Lutz. Ainda lembro da narrativa emocionada da ex-chefe da seção acerca do incêndio, principalmente, quando menciona o trabalho dos bolsistas do Colégio Pedro II, que após meses de dedicação, terminaram de tratar o fundo Giralda Seyfert<sup>70</sup>, dois dias antes do desastre. Enfim, as narrativas sempre estiveram muito presentes nas reuniões, nos encontros com os servidores da seção e com os colaboradores. Os relatos emocionados, provavelmente, contribuíram para minha dedicação ao processo de reconfiguração da seção, como também na escolha da narrativa como gênero discursivo privilegiado da pesquisa.

Por último, acredito que seja pertinente esclarecer que os objetivos da pesquisa e as categorias eleitas para as análises das narrativas emergiram da leitura atenta dos próprios dados obtidos, inicialmente, com apenas as entrevistas dos servidores, e, posteriormente, se consolidaram na entrevista com os pesquisadores. Destaco que as orientações da banca de qualificação foram também cruciais nesse processo de seleção. Em razão disso, a narrativa não será examinada pela ótica específica da Sociolinguística Interacional, uma vez que não se trata

---

<sup>69</sup>Assim como Bastos (2015) utilizo as duas terminologias: estórias e histórias. O termo estórias, geralmente, qualifica as narrativas de experiências pessoais, enquanto histórias as narrativas de fatos fictícios ou reais. Contudo, essa diferença não é relevante para as reflexões empreendidas neste estudo. Por esse motivo, os dois termos são empregados de forma intercambiável.

do objetivo desta pesquisa. Desse modo, a narrativa será abordada a partir de contribuições teóricas da Memória Social, da Linguística Aplicada, da Filosofia e das Ciências Sociais.

#### **4.2 Os múltiplos usos e significados das narrativas**

As narrativas estão presentes em nosso cotidiano, seja no âmbito profissional ou pessoal, pois habitam frequentemente nossas diversas interações sociais, como por exemplo: nos encontros com os amigos, nas reuniões de trabalho, nas salas de espera dos consultórios, na própria consulta médica, na fila do supermercado, em entrevistas de emprego, em apresentações públicas, em cartas pessoais, e-mails, nas redes sociais, para os nossos filhos, nas festas, nas discussões políticas, enfim, a lista é infindável. Afinal, como nos pergunta Goffman (1974), qual de nós não tem uma estória para contar, um relato envolvendo um acontecimento/evento passado, presente, futuro ou condicional? Por esse motivo, Georgakopoulou (1997) alega que a narrativa é fundamental na vida humana, crucial para a (re)constituição e interpretação da realidade pessoal, social e cultural. Nesse sentido, Bastos e Biar (2015) enfatizam que estudar as histórias compartilhadas é uma forma de compreender a vida em sociedade, porque na atividade de narrar nós transmitimos o sentido de quem somos e, ao mesmo tempo, construímos nossas relações com os outros e com o mundo que nos cerca.

Os estudos de Riessman (1993, 2008) esclarecem que o termo narrativa abrange muitos significados, porque é empregado de várias formas em diferentes disciplinas; em razão disso, não há uma definição precisa. Entretanto, a maioria das abordagens consideram a narrativa como uma unidade discreta, com começo e fim claros, perceptível no discurso circundante. Ainda de acordo com a autora, essa perspectiva advém em parte da concepção de Aristóteles, que a descreve na obra “Arte Poética”, como uma forma de representar eventos, experiências e emoções, com uma ordem lógica, isto é, com começo, meio e fim. Desde então, muitas abordagens, áreas do conhecimento concordam que a sequência é um elemento necessário, mas não suficiente para enquadrar um discurso como uma narrativa.

As diferentes concepções e pesquisas acerca da narrativa, segundo Georgakopoulou (2006), inviabilizam uma conceituação amplamente aceita. Em vista disso, o objetivo aqui é apresentar apenas as abordagens que fundamentam as análises.

Está longe de ser controverso [...] dizer que a narrativa continua sendo um conceito elusivo, contestado e indeterminado, usado variadamente como uma epistemologia, uma perspectiva metodológica, um antídoto para a pesquisa positivista, um modo de comunicação, um supra gênero, um tipo de texto. De forma mais geral, como uma forma de dar sentido ao mundo, por vezes equiparada à experiência, ao tempo, à história e à própria vida; mais

modestamente, como um tipo específico de discurso com característica textual baseada em convenção (Georgakopoulou, 2006, p. 122, tradução nossa).<sup>71</sup>

A referência “antídoto para pesquisa positivista” está relacionada à virada narrativa que, de acordo com Bastos e Ribeiro (no prelo), despontou no final da década de 60 e intensificou-se nas décadas seguintes. Esse movimento nasceu em decorrência das críticas ao paradigma positivista e quantitativo, mais especificamente, aos modelos tradicionais de pesquisa (formalização, experimentação e quantificação), que não atendiam as demandas de pesquisa das áreas de Ciências Humanas e Sociais. Nesse contexto, segundo Riessman (2008), surgiu o interesse em estudos sobre a linguagem, biografia, inconsciente e no trabalho acadêmico interdisciplinar. Na sequência, a autora alega que a virada narrativa contribuiu para a elaboração de teorias sociais que privilegiam a agência humana e a consciência, logo, a subjetividade do micro (narrativas de experiências pessoais sobre situações específicas) ganhou importância em relação às visões macroestruturais das relações sociais. Essa expansão dos estudos de narrativa, de acordo com Riessman (1993) e Bastos e Biar (2015), pode ser associada não apenas à limitação dos modelos utilizados na Ciências Naturais para a compreensão da vida social, como também ao reconhecimento da narrativa como um princípio organizador da ação humana, ou melhor, como uma “... forma de organização básica da experiência humana, a partir da qual pode-se estudar a vida social em geral.” (Bastos, 2005, p. 2). Portanto, as narrativas proporcionam uma abordagem profícua para os estudos sobre os indivíduos e as comunidades.

A despeito da ausência de uma definição consensual sobre narrativa, sua definição clássica, apresentada no estudo seminal de Labov (1972), será o nosso ponto de partida para introduzir as reflexões teóricas acerca da temática. Nesse contexto, Riessman (2008), Bastos (2005), Bastos e Biar (2015), Georgakopoulou (1997, 2006), Fabrício (2006) e Biar, Orton e Bastos (2021), entre outros, denominam a definição de Labov (1972) como pioneira ou básica, cujos componentes estruturais, que serão apresentados a seguir, conformam o “modelo canônico” das narrativas, ainda utilizado em alguns estudos contemporâneos. Labov (no prelo) define a narrativa como “um método de recapitular experiências passadas combinando uma sequência de orações com uma sequência de eventos que realmente ocorreram” (Labov, no

---

<sup>71</sup> “It is far from controversial [...] to say that narrative remains an elusive, contested and indeterminate concept, variously used as an epistemology, a methodological perspective, an antidote to positivist research, a communication mode, a supra-genre, a text-type. More generally, as a way of making sense of the world, at times equated with experience, time, history and life itself; more modestly, as a specific kind of discourse with conventionalised textual feature.” (Georgakopoulou, 2006, p. 122).

prelo, p. 7-8). Em outras palavras, a narrativa seria um discurso elaborado com o objetivo de compartilhar as experiências vividas segundo a ordem cronológica dos eventos.

A ordenação temporal dos eventos é enfatizada por Labov (no prelo) como fundamental para a interpretação correta dos fatos ocorridos: “... tipicamente, em uma narrativa, as orações são ordenadas em sequência temporal; se a ordem das narrativas for invertida, a sequência temporal inferida na interpretação semântica original será alterada.” (LABOV, no prelo, p. 8). Para exemplificar o que autor menciona, destaco a seguir um trecho da narrativa do pesquisador Paulo, que ocorreu no dia seis de fevereiro de 2023: “*eu fiquei muito impactado. Eu não dormi aquela noite é bem*”. Apenas com esse trecho, sem o restante da narrativa, é possível alterarmos o sentido do enunciado, quando invertermos a ordem. Nesse caso, o não dormir bem deixará de ser a consequência e passará ser a causa. A partir da observação da sequência temporal, Labov (no prelo) aponta também que a narrativa mínima seria composta por duas orações temporalmente ordenadas, isto é, com uma única juntura/encaixe temporal. Essa ordenação temporal das orações é denominada pelo autor supracitado como “orações narrativas”, que constituem o “esqueleto” da narrativa.

Outra questão central, para o autor supracitado, consiste em que toda a narrativa precisa de um ponto, isto é, um propósito para ser contável. “O narrador de uma história sem um ponto, isto é, sem uma razão de ser, sem um propósito, costuma enfrentar ao final da narrativa uma pergunta embaraçosa: E daí?” (Labov, no prelo, p. 15). Assim, o ponto da narrativa está vinculado ao que o autor caracteriza como reportabilidade, associada diretamente a relevância da experiência no contexto da interação. Desse modo, uma experiência só será reportável quando enunciar um ponto que mereça atenção, algo inesperado/extraordinário/ incomum, isto é, um acontecimento que difere do corriqueiro/monótono/habitual, coerente com a interação em curso. Nesse contexto, Bastos (2005) afirma que o ponto é a razão da narrativa, o motivo pelo qual ela é contada, e deverá fazer referência sempre a algo extraordinário. O incêndio do Museu Nacional trata-se de um ponto contável, por ser um acontecimento claramente inesperado e extraordinário. Contudo, a avaliação do que é ou não extraordinário é contingente. Recorro a um exemplo pessoal: Uma mãe, ao contar que seu filho de dois anos e meio falou “batata” durante o lanche em família em uma hamburgueria, a princípio, não será interpretado como algo extraordinário; entretanto, se ela contar que foi a primeira palavra do filho após a perda da habilidade da fala, decorrente do autismo regressivo, os ouvintes, certamente, considerarão a narrativa como contável.

O exemplo acima relata uma situação aparentemente simples, mas com um significado extraordinário, algo inesperado para o quadro de desenvolvimento do meu filho. No entanto,

essa narrativa só terá propósito se for contada em um contexto interacional condizente com a estória. A identificação do momento oportuno para iniciar uma narrativa, ou melhor, ao quando contar determinada estória, está vinculado a perspectiva do narrador como ator social. Essa perspectiva é exposta no estudo de Bastos e Biar (2015), no qual as autoras esclarecem que a emergência das narrativas em situações espontâneas está relacionada às regras organizacionais implícitas à cultura do narrador; a leitura/interpretação dessas regras traduzidas em ações, como a de contar estória, são denominadas como “métodos tácitos” utilizados pelo ator social para interagir em sociedade. Dessa forma, o “ator social sabe em que situações são permitidas/requeridas as histórias; o que pode ou não ser contado em uma situação social.” (Bastos; Biar, 2015, p. 107). Assim, a pertinência da narrativa ao contexto interacional está relacionada aos saberes/atravessamentos socioculturais do narrador adquiridos/circunscritos durante a sua trajetória de vida em sociedade. Cabe aqui uma alusão à moral fechada da teoria bergsoniana, sob a qual as “regras organizacionais” podem ser associadas às obrigações sociais, mais especificamente, as regras de conduta assimiladas na duração da vida do narrador em sociedade. Por mais que as narrativas sejam introduzidas a partir da leitura da situação social, regidas por regras de conduta socioculturais, elas podem ser interpretadas como criações, porque, como Riessman (2008) afirma, as narrativas são representações, ou seja, elas não são uma cópia/descrição fiel das experiências vividas/do passado<sup>72</sup>;

Na esteira dessas reflexões acerca do narrador enquanto “ator social”, vale esclarecer que, assim como na moral fechada de Bergson, os interesses do narrador também são considerados na equação do quando contar determinada estória/história em uma interação social. Nesse ponto, poderia enveredar na discussão da narrativa como *locus* de construção de identidades, mas a meu ver ela será mais profícua na subseção 5.2. Mas a título de esclarecimento para o assunto em pauta, de forma sucinta, a identidade está relacionada ao “*self*”, a construção de quem é o narrador durante a narrativa, aos diversos papéis sociais e discursivos exercidos por ele e aos seus posicionamentos na sociedade. No caso do exemplo anterior, ao contar a história da palavra “batata”, eu estou me construindo discursivamente como mãe de um filho com autismo regressivo que se alegra com as pequenas conquistas dele, porque elas são frutos de uma rotina intensa de terapias e de uma série de esforços empreendidos na sua evolução. Em linhas gerais, segundo Flannery (2011), os interesses do ator social/do narrador circunscribe também o que e quando a história será contada. E estão associados, segundo Riessman (1993),

---

<sup>72</sup>Essas questões serão aprofundadas na seção que trata as narrativas como contrações discursivas da memória.



à sua agência e imaginação, que consistem nas escolhas pessoais sobre o que contar e o como contar:

A agência humana e a imaginação determinam o que é incluído e excluído na narrativização, como os eventos são explorados e o que eles supostamente significam. Indivíduos constroem eventos e ações passadas em narrativas pessoais para reivindicar identidades e construir vidas. (Riessman, 1993, p. 2, tradução nossa)<sup>73</sup>.

Esse contexto de reivindicação de identidades do ator social pode ser associado ao estudo de Labov (no prelo), quando o autor menciona que o ponto da narrativa está relacionado também ao seu propósito, ou seja, ao porquê ela está sendo contada. Para o autor, o componente da narrativa com essa função é a avaliação, qualificada, por ele como não obrigatória na estrutura da narrativa, e, ao mesmo tempo, como o “... elemento mais importante na narrativa depois da oração narrativa básica.” (Labov, no prelo, p. 15). A avaliação, que será abordada mais detalhadamente na próxima seção, no entanto, evita que o narrador enfrente a pergunta: “E daí?”, ao terminar sua narrativa; segundo Labov (no prelo), ao invés disso, o narrador receberá em troca expressões como “É mesmo!” ou semelhantes, que reforçam a reportabilidade da experiência compartilhada em um momento oportuno.

A pertinência do quando e o porquê contar uma história estão relacionados também com os questionamentos/posicionamentos dos interlocutores que despertam/incentivam o narrador a elaborar/contar uma narrativa, influenciados também pela atmosfera afetiva da interação em curso. Para Deus e Pinto (2023), as perguntas de cunho pessoal ou de pesquisa desencadeiam as narrativas. Mas não é qualquer pergunta, conforme Bastos (2015); a pergunta deve ser aberta e direcionada a um tópico específico. Nesta pesquisa, amplio a visão de Deus e Pinto (2023), pois, com base nos estudos de Riessman (2008) e Georgakopoulou (1997), o posicionamento do interlocutor/do ouvinte em relação a um assunto de interesse do narrador pode deflagrar uma narrativa, com o objetivo de compartilhar uma experiência extraordinária/inesperada que conteste, colabore ou reafirme a sua posição/visão de mundo perante o posicionamento do outro (interlocutor/ouvinte). Nesse sentido, vale mencionar que “os indivíduos usam a forma narrativa [discurso narrativo] para lembrar, argumentar, justificar, persuadir, engajar, entreter e até mesmo enganar o público” (Riessman, 2008, p. 8, tradução nossa).<sup>74</sup>

---

<sup>73</sup> “Human agency and imagination determine what gets included and excluded in narrativization, how events plotted, and what they are supposed to mean. Individuals construct past events and actions in personal narratives to claim identities and construct lives” (Riessman, 1993, p. 2).

<sup>74</sup> “Individuals use the narrative form to remember, argue, justify, persuade, engage, entertain, and even mislead na audience” (Riessman, 2008, p. 8).

Outro elemento que pode contribuir para a construção de uma narrativa é a atmosfera afetiva da interação, na qual o ator social está inserido, uma vez que “as reminiscências podem brotar de uma livre associação, da percepção de um odor, de uma paisagem ou mesmo de um nome, os quais revivificam uma história passada” (Le Breton, 2019, p. 47). Nesse contexto, conforme o autor, a lembrança ocorre de forma involuntária; conseqüentemente, o indivíduo pode trazer à tona lembranças de um fracasso, da morte de alguém especial, de um momento doloroso, como também pode recordar um sucesso, um encontro feliz. Como verificamos anteriormente, a simples degustação de uma xícara de café e uma madeleine transportam Proust para as lembranças de sua infância e despertam-lhe o interesse em compartilhar a sua experiência. Nesse prisma, Deus e Pinto (2023) apontam que o interesse em compartilhar uma experiência ocorre, também, quando o narrador se depara com uma situação que desperta emoções e o remete a suas memórias. No entanto, apenas o interesse em contar a lembrança de um evento não é suficiente para desencadear uma narrativa, porque ele precisa estar atrelado ao “saber” do ator social e à reportabilidade da experiência. Em outras palavras, o narrador precisa discernir se o instante presente é oportuno para o compartilhamento da lembrança suscitada, por meio do estímulo advindo da atmosfera afetiva da interação, bem como em que medida a lembrança narrada é digna de nota, isto é, se é contável.

Além disso, a resposta a um questionamento conformará uma narrativa, segundo Bastos (2005) e Riessman (2008), quando o narrador obtiver um turno ou piso conversacional mais longo, para contar/compartilhar a sua experiência. No entanto, Bastos (2005) e Schriffin (no prelo) alertam que começar uma história não é sempre fácil, porque envolve a negociação do turno mais estendido, com os interlocutores/ouvintes. Essa negociação, frequentemente, ocorre em situações espontâneas do nosso cotidiano mas pode acontecer também nas entrevistas de pesquisa, consideradas por Bastos (2005) como eventos de fala que promovem a elaboração de narrativas.

A credibilidade das narrativas, segundo Labov (1997), está associada diretamente à medida em que os ouvintes acreditam que os eventos descritos realmente ocorreram, de forma similar/aproximada com o relato enunciado pelo narrador. Ainda de acordo com o autor, quanto maior a reportabilidade de uma estória/história, menor será a sua credibilidade, e essa dissonância é denominada como “paradoxo da reportabilidade”. “Uma narrativa que faça referência a um evento muito extraordinário provavelmente será muito contável, mas poderá ter pouca credibilidade. É preciso então equilibrar credibilidade e reportabilidade ou oferecer evidências” (Bastos, 2005, p. 3). O caso do incêndio do Museu Nacional não recai no paradoxo

da reportabilidade exatamente por existir diversas evidências do ocorrido; na verdade, ele é uma das exceções, uma vez que agrega tanto reportabilidade quanto credibilidade

Esse esforço para conferir credibilidade, na concepção de Bauman (no prelo), consiste em um comentário metanarrativo sobre a história. “Por metanarração, refiro-me àqueles recursos que indexalizam a narrativa em si ou comentam sobre ela (tais como mensagem, forma e funções gerais e discurso) ou modos de condução do evento narrativo (incluindo os participantes, a organização e a ação)”. (Bauman, no prelo, p.? apud Babcock, 1977). Na sequência, o autor afirma que não há narrativa sem metanarração, demarcada pela mudança do tempo narrativo empreendida pelo narrador. Essa mudança do tempo verbal (passado para o presente) possibilita a referência do narrador a si mesmo ou à sua audiência/ouvintes da interação em curso, a fim de induzi-la a acreditar na história, na veracidade da experiência contada. Portanto, segundo Bauman (no prelo), o comentário metanarrativo tem como função propiciar credibilidade à narrativa e, ao mesmo tempo, conectar o evento narrado ao evento narrativo. Esses eventos, respectivamente, estão relacionados ao que Riessman (2008) e Flannery (2011) denominam como o mundo da estória e o mundo da interação, os quais serão abordados na seção 5.3, dedicada à narrativa como contração discursiva da memória. Nas análises das entrevistas de pesquisa presentes no capítulo seis, encontraremos outros exemplos de metanarração, concebida, nesta pesquisa, como um recurso que evidencia também o tempo como duração e a atualização da imagem-lembrança da teoria bergsoniana.

Em suma, a narrativa é uma construção que organiza a experiência humana, isto é, (re) significa as lembranças de acordo com os sentidos atribuídos pelo narrador no momento da interação com o seu ouvinte. Sendo assim, a narrativa, por meio da reconstrução da experiência, comunica o sentido tanto de quem somos quanto das relações que estabelecemos com os outros e com a sociedade.

### **4.3 Componentes estruturais da narrativa: tipos de avaliação**

O estudo pioneiro de Labov (1972) é resultante de uma experiência realizada por meio de entrevistas de pesquisas, com um grupo específico (moradores negros do Harlem, bairro da periferia de Nova York, de diferentes faixas etárias), nas quais questionou a respeito de experiências pessoais sobre risco de morte. A partir da análise dos dados obtidos, o autor constatou a recorrência de alguns componentes estruturais, bem como identificou a ação complicadora, como componente imprescindível para a configuração de uma narrativa. Esses construtos, segundo Bastos e Ribeiro (no prelo), são denominados de “modelo canônico” das

narrativas, o qual proporciona ao pesquisador um instrumental analítico para abordá-las além do conteúdo/do léxico enunciado. Ainda de acordo com as autoras, mesmo após cinco décadas, o estudo do autor é constantemente referenciado nos trabalhos científicos sobre a temática, seja como um marco, como modelo analítico a partir da seleção de um ou mais componentes.

Apresento, em linhas gerais, os componentes estruturais do modelo laboviano, com aporte de outros autores, como Bastos (2005), Mishler (no prelo), Schiffrin (no prelo) e Linde (1997) com enfoque na avaliação, uma vez que esse componente é recorrente nas análises das narrativas desta pesquisa. Essa escolha está relacionada a possibilidade da avaliação “adentrar, por exemplo, a análise de posicionamentos, emoções e afetos envolvidos na formulação narrativa” (Bastos; Ribeiro, no prelo, p. 2).

O estudo de Labov (no prelo) aponta que as narrativas plenamente desenvolvidas apresentam os seguintes componentes estruturais: resumo, orientação, ação complicadora, avaliação, resultado ou solução e coda. Como mencionei anteriormente, segundo Labov (no prelo), o único elemento obrigatório em uma narrativa é a ação complicadora, que consiste nas orações narrativas que abordam especificamente o evento/a experiência, ou seja, o núcleo da narrativa, o acontecimento, a ação que difere do esperado/do ordinário, ordenada por conexões temporais na fala do narrador. Essas conexões, conforme Bastos (2005), são construídas tipicamente com verbos no passado. Ainda de acordo com a autora, a ação complicadora pode ser interpretada como a estória/história propriamente dita, isto é, o “elemento fundamental para a caracterização de um discurso narrativo” (Bastos; Biar, 2015, p. 106).

Os demais componentes podem estar presentes na narrativa de forma sequencial (resumo, orientação, ação complicadora, avaliação, resultado ou solução e coda) e/ou intercalada, logo, o modelo proposto por Labov (no prelo) têm estrutura flexível. O resumo, de acordo com autor, geralmente, é utilizado na abertura da narrativa, porque trata, como o próprio nome indica, de uma síntese do ponto, do que será compartilhado. Além de introduzir uma narrativa, o estudo de Shiffirin (no prelo) aponta a importância do resumo em uma interação, porque o narrador o utiliza para sinalizar aos participantes/interlocutores que precisará de um turno mais longo para contar a estória. O componente orientação, por sua vez, tem a função de situar/localizar o ouvinte no panorama, no enredo da estória, mais especificamente, no contexto do tempo (quando aconteceu), do lugar (onde), das pessoas envolvidas (quem) e das atividades ou das situações que abarcam o evento narrado. A orientação pode estar presente “juntamente com as primeiras orações narrativas, mas mais comumente há uma seção de orientação composta de orações livres.” (Labov, no prelo, p.?).

O referido estudo é conciso a respeito do componente resultado, considerado como o final da experiência: “... o resultado pode ser visto com a conclusão da série de eventos.” (Labov, no prelo, p.?). No entanto, para o componente coda, o autor dedica uma seção do seu estudo. Ela é constituída também por orações livres, normalmente enunciadas no final das narrativas, como objetivo de indicar que a narrativa terminou. Podem conter observações gerais sobre os eventos mencionados ou os efeitos deles para o narrador. Portanto, a diferença é que o resultado marca o desfecho da experiência compartilhada, enquanto a coda é o arremate, que sinaliza para o ouvinte o fim do turno/da fala do narrador.

Para Ribeiro e Bastos (no prelo) e Bastos (2005), a avaliação é o elemento mais complexo e, ao mesmo tempo, o mais fascinante da estrutura de Labov (1972), porque pode está presente em qualquer instância da narrativa, além de proporcionar a identificação dos posicionamentos, emoções e afetos envolvidos em sua formulação. Por sua vez, Labov (no prelo) considera a avaliação como o componente mais importante da narrativa, após a ação complicadora. Em linhas gerais, a avaliação tem a função de “indicar o ponto ou o sentido da narrativa, sua razão de ser, ou seja, por que a história está sendo contada e o que o narrador está tentando mostrar ou provar” (Labov, no prelo, p.?). O estudo de Fabrício (2006) apresenta reconhecimento similar, ao afirmar que a avaliação expressa o ponto central da narrativa e, ao mesmo tempo, introduz a perspectiva do narrador.

Linde (1997) amplia o escopo da avaliação, ao constatar que ela é um fenômeno da linguagem presente não apenas nas narrativas. A todo o momento o participante da interação constrói, por meio da avaliação, os significados sociais e pessoais do mundo ao seu redor, ou seja, o valor das pessoas, das coisas, das ideologias, dos eventos e das relações, com expressões como “Eu gosto/ não gosto disso”, “Ele é bonito”, “Ela é inteligente”, “Eu concordo/discordo com”, “Essa comida está deliciosa”, entre outras. Dessa forma, “a avaliação pode, portanto, ser vista como uma parte importante da dimensão moral da linguagem, fornecendo indicações da ordem social que o falante reproduz ao posicionar-se.” (Linde, 1997, p. 152, tradução nossa)<sup>75</sup>.

No que tange à narrativa, a compreensão da avaliação como parte da dimensão moral da linguagem repercute nas duas perspectivas da avaliação constatadas por Linde (1997), a saber: referência à reportabilidade e referência às normas sociais. A referência à reportabilidade está em sintonia com o estudo de Labov (no prelo), uma vez que ambos mencionam o vínculo entre a avaliação e a reportabilidade. Para os autores mencionados, a avaliação comunica o ponto/o propósito da narrativa, o qual está relacionado aos eventos reportáveis. Assim, a dimensão

---

<sup>75</sup>“Evaluation may thus be viewed as an important part of the moral dimension of language, providing indication of the social order which the speaker reproduces by assuming.” (Linde, 1997, p. 152).

moral está inserida nesse bojo, porque a avaliação permite ao narrador expressar o seu posicionamento moral, quando explica o propósito dos eventos, destoantes do socialmente aceito/esperado, serem contados na interação em curso. Por esse motivo, as avaliações “sempre nos comunicam que algo foi aterrorizante, perigoso, estranho, selvagem, louco; ou divertido, hilário, maravilhoso; ou, com mais frequência, diferente, incomum, raro – ou seja, que valia a pena ser contado.” (Labov, no prelo, p.?). Essa caracterização emocional indica o ponto da narrativa e, ao mesmo tempo, atribui “carga dramática” ao relato. A “carga dramática” ou o “clima emocional” são mencionados por Bastos (2005) como elementos da avaliação que reiteram a reportabilidade da narrativa.

A outra perspectiva apresentada por Linde (1997) a respeito da avaliação, enquanto componente estrutural da narrativa é a referência às normas sociais. Nesse caso, a implicação da dimensão moral é mais evidente, pois a avaliação é calcada nos julgamentos normativos do narrador, enunciados nos “comentários morais ou demonstrações de como o mundo é, como o mundo deveria ser, qual é o comportamento adequado e o tipo de pessoa que são o falante e o interlocutor” (Linde, 1997, p. 153, tradução nossa)<sup>76</sup>. Nessa conjuntura, a autora enfatiza que as narrativas orais não se resumem ao relato de ações, pois, na verdade, seu cerne é o acordo com o ouvinte acerca dos significados morais dos eventos compartilhados. Esse acordo ocorre por meio da avaliação, quando o narrador busca a validação dos sentidos atribuídos e/ou da relevância dos eventos narrados com o ouvinte. Por esse motivo, a avaliação é interpretada por Linde (1997) como um processo de negociação de significados morais entre o narrador e o ouvinte.

O componente avaliativo, de acordo com Labov (no prelo), pode ser encontrado não apenas após a ação complicadora, como também ao longo da narrativa, em pontos estratégicos para o desenvolvimento de uma argumentação bem elaborada, que contemple o significado (o que quer dizer) de cada evento/episódio compartilhado. Em algumas narrativas, de acordo com Bastos e Biar (2015), a avaliação suspende o fluxo narrativo, para o narrador expressar o propósito do que está contando para o ouvinte. Esse tipo de avaliação é denominado por Labov (no prelo) como avaliação externa; outro tipo identificado pelo autor é a avaliação encaixada e, como o próprio nome sugere, ela não corta o fluxo dos eventos narrados, pois é encaixada/inserida durante o relato. Além dessas avaliações, o estudo de Labov (no prelo) apresenta mais dois tipos: a ação avaliativa e a avaliação por suspensão da ação. Entretanto,

---

<sup>76</sup>“... moral comments or demonstration of the way the world is, the way the world ought to be, what proper behavior, and the kind of people that speaker and addressees are.” (Linde, 1997, p. 153).

apresentarei apenas à segunda, pois não apliquei a primeira nas análises das narrativas dos entrevistados.

As avaliações externas, de acordo com Labov (no prelo), normalmente, suspendem o curso da narrativa a fim de dirigir-se ao ouvinte, com o objetivo de sinalizar o ponto/o propósito da estória contada. Um exemplo de avaliação externa pode ser observado no trecho da narrativa de Paulo:

*É então, assim, quando eu vi o incêndio, a imagem que me chegou, ela dava a percepção de perda. Eu tive, eu tinha, naquele momento uma ideia do que estava sendo perdido, né; como cidadão, como pesquisador e como conhecedor de uma pequena parcela do acervo de outros setores, que não a SEMEAR, a seção. Então, assim, era muita coisa perdida, tá. Mas eu quero destacar, Cássia e Diana, que, assim, não houve surpresa.*

No trecho da narrativa em destaque, é possível identificarmos dois tipos de avaliação externa. A mais evidente é quando Paulo suspende o fluxo da narrativa, para se dirigir diretamente às entrevistadoras em: *“Mas eu quero destacar, Cássia e Diana, que, assim, não houve surpresa”*. O propósito de todo o discurso narrativo anterior fica explícito nesta avaliação, que descreve o incêndio do Museu Nacional como um desastre anunciado que provocou a perda de diversos acervos. Além disso, o posicionamento do narrador como conhecedor do acervo em três instâncias diferentes, indicam para o ouvinte, a dimensão da perda ocasionada pelo desastre: *“Eu tive, eu tinha, naquele momento uma ideia do que estava sendo perdido né; como cidadão, como pesquisador e como conhecedor de uma pequena parcela do acervo de outros setores, que não a Semear, a seção”*.

Esse trecho exemplifica o modo intermediário de avaliação externa, de acordo com o qual, segundo Labov (no prelo), o narrador não interrompe o fluxo narrativo abertamente, mas insere a sua avaliação de forma indireta. “O modo mais simples é o narrador atribuir a si próprio uma observação avaliativa no momento mesmo dos eventos.” (Labov, no prelo, p. 20). No exemplo de Paulo, ele atribuiu a si mesmo uma pequena noção/ideia, da quantidade e da relevância dos acervos perdidos, não apenas da Semear, como de outros setores do Museu Nacional, no momento que tomou conhecimento do incêndio.

Outro tipo de avaliação é a avaliação encaixada, conforme Bastos e Biar (2015), essa avaliação é orquestrada pelo narrador por meio de recursos expressivos, com o objetivo de não interromper o fluxo dos eventos narrados e, simultaneamente, introduzir dramaticidade ao relato. Além de reiterar a reportabilidade da narrativa, conforme mencionei anteriormente, a dramaticidade tem a função de indicar para o ouvinte como os acontecimentos/os eventos

devem ser compreendidos. Assim, a ótica do narrador acerca dos eventos pode ser expressa na “carga dramática” da avaliação encaixada; nesse posicionamento afetivo do narrador, tanto as suas emoções quanto seus atravessamentos socioculturais (referências às normas sociais) são nítidos.

Para preservar a continuidade do fluxo narrativo, por meio da avaliação encaixada, o narrador deve “... mostrar sentimentos como se os tivesse sentido e expressado no momento mesmo dos eventos narrados, em vez de endereçá-los ao ouvinte no presente, fora do tempo da narrativa.” (Labov, no prelo, p. 21). No trecho em destaque da narrativa de Jorge, é possível identificarmos seu nervosismo, no tempo da narrativa, assim que tomou conhecimento da dimensão do incêndio do Museu Nacional. Por esse motivo, ele solicita a ajuda do seu irmão para levá-lo até o local: *“O meu irmão também tinha acabado de receber a notícia, é, não tinha nem condição de dirigir. Pedi para o meu irmão me levar, porque já comecei a ficar muito nervoso.”*. Além da emoção de Jorge, a elocução “não tinha nem condição de dirigir” aponta, de forma indireta, uma referência às normas sociais do estudo de Linde (1997). Nesse caso, a norma social implícita na narrativa é que os condutores não devem dirigir sob efeito de fortes emoções, para evitar acidentes. Ao solicitar a ajuda do seu irmão, Jorge reconhece seu estado emocional, segue a orientação social e adota a postura de motorista responsável.

Um outro modo de encaixar a avaliação, segundo Labov (no prelo), é por intermédio da reprodução do que o narrador teria proferido a outra pessoa, na ocasião dos eventos relatados. No trecho a seguir da narrativa de Jorge, ele encaixa a sua avaliação acerca do incêndio, mais especificamente, a sua surpresa com a proporção do desastre, quando menciona a sua resposta à mensagem do grupo dos amigos do trabalho, citando os problemas recorrentes do Museu Nacional: *“... E aí já a mensagem dizia assim: nosso museu está queimando. E aí eu falei assim: “ah que isso cara, que foi, qual é o problema agora?” Tipo, aí eu também falei, “Oh, mas está sempre queimando aqui, está sempre tendo problema...”*”.

O último modo de encaixar a avaliação na narrativa, de acordo Labov (no prelo), consiste na inserção de um personagem que avalie, no lugar do narrador, as ações ou os eventos compartilhados. Ainda de acordo com o autor, esse recurso confere mais força dramática a avaliação encaixada. No trecho em destaque, Paulo encaixa a avaliação de uma das pesquisadoras do Museu Nacional, a respeito da carga dramática do incêndio;

*E eu percebi, que quando eu comecei a minha apresentação [...]. Eu percebi que duas pessoas saíram da sala, e duas pessoas que eu conheço lá do Museu, e que pensei que estavam ali interessadas em ouvir. E aí quando eu saí, elas estavam lá fora, eu fui conversar com elas: “Olha eu senti sua falta lá dentro”. “Paulo, eu não tenho condições de ouvir falar do Museu Nacional. Eu não tenho condições de ver falar do que foi, do que se*



*perdeu”. Então, essas pessoas estão ainda né muito comovidas, isso tem uns três anos, ainda muito comovidas e ainda assim muito impactadas, né.*

O recurso do personagem no exemplo de avaliação encaixada (em negrito) é utilizado por Paulo para atribuir mais carga dramática à narrativa. E para justificar a sua avaliação anterior acerca das dificuldades de algumas pessoas em lembrarem do desastre, das perdas sofridas e de reverem as imagens do incêndio, sobretudo, para comunicar ao ouvinte como o incêndio ainda comove e impacta essas pessoas. É importante esclarecer que a técnica de inserção de personagem pode ser associada também a introdução do diálogo construído de Tannen (no prelo), que será abordado brevemente na subseção 5.1.

A avaliação por suspensão da ação, como o próprio nome sugere, implica na suspensão da ação complicadora. Contudo, Labov (no prelo) alerta que a suspensão não é breve, pois ela é elaborada com frases, o que proporciona a atenção do ouvinte para essa parte da narrativa e, ao mesmo tempo, sinaliza a conexão da avaliação com o ponto da narrativa. “Quando isso é feito com habilidade, a atenção do ouvinte também fica em suspenso e a resolução vem com muito mais força” (Labov, no prelo, p. 23). No trecho a seguir da narrativa de Gustavo, é possível identificarmos dois tipos claros de avaliação, uma externa (AE) e outra por suspensão da ação (ASA). O trecho a seguir é uma parte da narrativa que aborda a reação do narrador ao receber a notícia do incêndio; anteriormente, ele mencionara que o fogo começou localizado:

*Então eu achei que ia ser debelado, né. É uma coisa que eu sempre lembrava. Ah, eu sabia que o Museu estava sujeito a incêndio sem dúvida, né. Eu tinha informações sobre o estado da rede elétrica, da fiação, que a qualquer momento alguém iria esquecer uma cafeteira ligada e ia ter um incidente, só que eu lembrava sempre do incêndio de 1942, na época da gestão da professora Heloísa, que foram queimadas algumas salas. Mas conseguiram debelar o incêndio com os recursos da época, né. Isso gerou um certo trauma né, um certo impacto na sociedade. Mas a destruição foi relativamente pequena. Então eu imaginava, ah, vai acabar acontecendo, mas a á setenta e tantos anos, depois é capaz de ser uma coisa pontual, né. Então, foi um choque né, eu não, eu não imaginava que pudesse chegar aquele nível assim de destruição completa né.*

Esse trecho será retomado no sexto capítulo para uma análise mais completa, porque o objetivo aqui é apenas identificar os componentes avaliativos. Sendo assim, é possível observarmos logo no início, a avaliação externa com a interrupção do fluxo narrativo. O narrador utiliza o recurso da avaliação externa para comunicar que estava ciente dos problemas da infraestrutura elétrica do Museu Nacional, antes do desastre. Por sua vez, a avaliação por suspensão da ação ocorre em seguida (segmentos em negrito), quando o narrador compartilha a lembrança de outro incêndio na instituição, em 1942, debelado com os recursos da época, com o objetivo de expor a sua surpresa com a destruição ocasionada após mais de setenta anos.

Essa avaliação confere credibilidade para o seu relato inicial de que o fogo seria debelado, como também atesta dramaticidade ao desastre relatado e à narrativa (o choque de Gustavo com a dimensão da destruição ocasionada pelo incêndio).

#### **4.4 A narrativa como construção e o tempo narrativo**

O estudo de Labov (1972), mesmo que ainda seja reconhecido como pioneiro, ao lançar luz para a relevância das narrativas e seus componentes estruturais, sofre inúmeras críticas. Bastos (2005) destaca a visão da narrativa como uma estrutura autônoma e descontextualizada como a mais contundente, “o que limita a sua força analítica e seu potencial como lócus privilegiado para entender o mundo que nos cerca” (Bastos, 2005, p. 6). A descontextualização implica desconsiderar a perspectiva do narrador como um ator social e a dimensão moral da narrativa, bem como a influência do contexto interacional. Nesse prisma, o estudo de Labov (no prelo) é restritivo ao considerar a narrativa como “método de recapitular experiências passadas”, uma vez que deve ser compreendida, de acordo com Riessman (2008), Bastos (2005) e Bastos e Biar (2015), entre outros, como uma construção situada influenciada por aspectos socioculturais e interativos. Essa compreensão é compartilhada também por Fabrício (2006), que descreve a narrativa como um ato atrelado ao processo de produção de sentidos para a vida social. A produção de sentidos da narrativa envolve não apenas os atravessamentos socioculturais do narrador, como também a negociação de significados entre o narrador e o ouvinte/audiência no aqui e agora da interação. Em suma, a narrativa é uma construção elaborada por um ator social, que se posiciona moralmente, ao organizar as experiências e interpretá-las de acordo com as suas crenças, dúvidas e emoções circunscritas nas relações sociais estabelecidas tanto na sua trajetória de vida quanto na interação em curso.

O tempo cronológico das narrativas do estudo de Labov (1972) também é criticado por Riessman (2008) e Fabrício (2006), porque, para as autoras, as narrativas não são reproduções sequenciais exatas do que aconteceu, mas construções e criações, que se moldam de acordo com o contexto interativo e sociocultural (propósitos da narrativa e reivindicações dos papéis sociais do narrador). Por esse motivo, a estória contada não seguirá a ordem cronológica dos eventos, porque o curso será direcionado pelos interesses do narrador e pelas negociações de sentido com a audiência. Essas ressignificações e mudanças no curso da estória, a cada vez que são compartilhadas, estão relacionadas à concepção do tempo narrativo como o tempo da experiência e não como o tempo cronológico.

Ao contrário do tempo cronológico – no qual os eventos são interpretados como independentes com ordenação lógica – o tempo da experiência, proposto por Mishler (2002), o concebe como uma sucessão linear de instantes, ou seja, como duração. A partir dessa premissa, o autor argumenta que as narrativas são governadas pelo modo como terminam, isto é, por seu “sentido de final”. Desse modo, o enredo da narrativa é definido por sua coerência com o final pretendido; por mais que a ordenação temporal esteja presente, ela está a serviço apenas da organização da apresentação dos eventos para tornar a estória palatável/compreensível para o ouvinte e não como norteadora da fala. Em outras palavras, a sequência cronológica dos eventos não direciona/estrutura a narrativa, mas o tempo da experiência, o qual condiz com os significados atribuídos pelo narrador após o término dela e negociados na interação em curso. Assim, na concepção direcionada pelo “sentido de final”, os enredos das narrativas são construídos retrospectivamente e possibilitam ao narrador “modos de reinterpretar os significados de eventos passados em termos de consequências posteriores, por meio das quais eles redefinem quem são e revisam os enredos de suas histórias de vidas.” (Mishler, 2002, p. 104).

A visão laboviana da sequência cronológica dos enredos das narrativas, segundo Mishler (2002), parte do pressuposto científico da quantificação do tempo (especialização temporal), que subordina o papel da temporalidade a abstrações lógicas. E, acrescento, desvincula a narrativa das conformações do contexto interativo, das transformações do narrador em sua trajetória de vida e, sobretudo, da memória como criação. Em relação à memória, Mishler (2002) explica que o passado “não está gravado em pedra”, em uma citação a Ricoeur (1980), posto que não é imutável, pois os significados das experiências e eventos são constantemente reenquadrados pelos contextos da vida em curso. Uma crítica similar ao estudo de Labov (1972) é elaborada por Bastos (2005), que ressalta a omissão do vínculo da narrativa com a memória, aspecto considerado pela autora e que será objeto de discussão na seção 5.3, que aborda a narrativa como contração discursiva da memória, em congruência com a teoria bergsoniana.

Por ora, observarmos que a maleabilidade da memória e a crítica ao tempo linear presentes no estudo de Mishler (2002) dialogam com a concepção de Bergson (2011) sobre o tempo como duração e a memória enquanto uma contração da virtualidade do passado. A contração do passado, isto é, a sua lembrança hoje será atualizada no porvir, devido à mudança de contexto e/ou reposicionamento pessoal e dos outros em nossas redes de relações. Por essa razão, em alguns casos, é possível identificar o “ponto de virada” nas narrativas, descrito por Mishler (2002) como uma característica recorrente nos relatos em entrevistas que consideram incidentes, como algo repentino e inesperado. Os incidentes que provocam mudanças na forma

de agir, bem como na percepção sobre si próprio e da sociedade, são denominados como ponto de virada. Sendo assim, pretende-se examinar, nas análises das narrativas, em que medida o incêndio é enunciado enquanto um ponto de virada para os entrevistados, sob o efeito de quais emoções, e, especialmente, em que medida essas emoções desencadeiam práticas afetivas em torno do processo de reconfiguração da SEMEAR.

Em suma, as críticas abordadas obviamente não invalidam a importância e o uso do estudo de Labov (1972) para as análises das narrativas, uma vez que indicam algumas limitações, que podem ser ultrapassadas por meio da integração de outras perspectivas para a análise de narrativas, como veremos a seguir. Em razão disso, as análises desenvolvidas no capítulo seis contêm a indicação do componente avaliação do autor, como também o ponto de virada de Mishler (2002) e outras categorias que ampliam o escopo analítico, ao englobarem a dimensão moral e o contexto interativo das narrativas nas entrevistas de pesquisa.

## 5 ANÁLISES DAS NARRATIVAS: PERSPECTIVAS, CATEGORIAS E CONSTRUÇÃO DO *CORPUS* DA PESQUISA

Neste capítulo, apresento as demais categorias empregadas nas análises das narrativas, como também desenvolvo duas reflexões iniciais, calcadas nas contribuições dos autores que integram os capítulos três e quatro, no que concerne à relação entre narrativa, memória, emoções e práticas afetivas. A primeira reflexão consiste em considerar a narrativa como contração discursiva da memória, ao atualizar o passado por meio da linguagem, em consonância com os interesses da interação em curso. Por sua vez, a segunda trata da interpretação da narrativa como uma prática afetiva discursiva, com o potencial de envolver emocionalmente a audiência, enganar e/ou mobilizar sujeitos em torno de uma causa.

As análises das narrativas, de modo geral, não são neutras, pois atestam uma parte da perspectiva de mundo tanto do narrador quanto do analista. Na verdade, segundo Bastos e Biar (2015), as análises são de natureza qualitativa e interpretativa, pois não é possível desvinculá-las do olhar do pesquisador, bem como do caráter situacional (local) e circunstancial dos conhecimentos produzidos. Em razão disso, as autoras alertam que, embora a análise almeje observar recorrências e compor interpretações, ela não deve simplificar o discurso narrativo e tampouco generalizá-lo. Além disso, Bastos e Biar (2015) afirmam que as análises das narrativas são produtivas para examinar a fala gerada em diferentes contextos, desde interações cotidianas, institucionais até em entrevistas de pesquisa e grupos focais.

Por serem de natureza qualitativa, as análises basicamente são norteadas por escolhas metodológicas do pesquisador, desde os parâmetros estruturais analíticos, categorias empregadas, até o modo de construção do *corpus*. Em relação aos parâmetros, Riessman (1993) elenca três vertentes, que podem ser congregadas de acordo com os interesses do pesquisador. A primeira é a vertente estruturalista de Labov (1972), abordada anteriormente; nesse caso, o analista se dedica a compreender as propriedades estruturais da narrativa, ou seja, como os narradores constroem as histórias e como interpretam os significados das experiências por meio da avaliação.

A segunda vertente é denominada por Riessman (1993) como um método clássico para análise da dramaticidade, aplicado em diversos tipos de narrativa. Esse método é proveniente do estudo de Burke (1945), o qual sugere a análise de cinco elementos empregados pelo narrador a fim de elaborar uma narrativa persuasiva, a saber: ato, cena, agentes, agência e propósito. Esses elementos aparecem de alguma forma nas respostas do narrador a cinco

perguntas: O que é feito (ato), quando e onde é feito (cena), quem fez (agente), como fez (agência) e porque fez (propósito).

A abordagem apresentada por Gee (1996) constitui a terceira vertente, que preconiza a compreensão de como uma estória é contada. Essa linha, conforme Riessman (1993), fundamentada na tradição sociolinguística, analisa os aspectos intrínsecos aos enunciados do discurso narrativo, como: as mudanças de tonalidade, pausas, ênfases, entre outros aspectos que permitam a interpretação qualitativa dos dados, realizada por meio da análise específica de estrofes e/ ou unidades poéticas da narrativa. Cabe aqui esclarecer que mesclarei, nas análises do capítulo seis, as perspectivas de Labov (no prelo), com a identificação das avaliações elaborados pelos entrevistados, e de Gee (1996), no que concerne a relação dos discursos locais com os globais.

Por ser uma etapa interpretativa, Riessman (1993) caracteriza a transcrição das narrativas como incompleta, parcial e seletiva. No entanto, para representar o máximo possível do contexto comunicativo da narrativa, o processo de transcrição contempla não só as expressões verbais, como também os gestos, as entonações, as hesitações, entre outras pistas empregadas pelos participantes para a construção de significados. Essas pistas foram denominadas por Gumperz (2013) como convenções de contextualização: “traços linguísticos que contribuem para a sinalização de pressuposições contextuais” (Gumperz, 2013, p. 152). Elas podem ser de diferentes naturezas: linguísticas, a exemplo das mudanças de código, de dialeto e de estilo, paralinguísticas, como o tempo de fala, as repetições, hesitações e pausas, prosódicas (entonação, cadência e tom), e não verbais (olhares, gestos e posturas). Para Gumperz (2013), por um lado, o uso das convenções depende do repertório linguístico dos participantes, circunscrito por suas trajetórias sócio-históricas. Por outro, a sua interpretação está subjugada ao valor sinalizador das pistas, que deriva do reconhecimento tácito dos seus possíveis significados por parte dos participantes à luz da interação em curso. Deste modo, o compartilhamento das interpretações depende do conhecimento prévio do valor das convenções por parte dos participantes de uma dada interação: “quando os indivíduos não compartilham da mesma experiência prévia, cultural, ou comunicativa, podem ocorrer diferentes interpretações e inferências” (Witkowski, 2013, p. 90).

Nesse contexto, é importante esclarecer que as transcrições das entrevistas dos servidores e dos pesquisadores foram realizadas por mim, após a escuta atenta e repetida das gravações. E as convenções, ou seja, as pistas de contextualização só foram empregadas nos trechos utilizados nas análises do próximo capítulo, a fim de tornar a leitura mais clara, principalmente para quem não está familiarizado(a) com as convenções. O modelo proposto por Bastos e Biar

(2015) foi adotado para as transcrições das entrevistas e as convenções aplicadas, com os seus respectivos significados, estão organizadas em um quadro no Anexo A. Em relação a coleta dos dados, a técnica da gravação foi utilizada nas entrevistas - que foram conduzidas por mim, com a colaboração da minha orientadora em três das quatro entrevistas realizadas - sendo duas gravadas só em áudio, e outras duas em vídeo e áudio por meio da ferramenta “*Google Meet*”. Essa ferramenta foi escolhida devido à facilidade de acesso e familiaridade dos entrevistados em manuseá-la. No que diz respeito às categorias analíticas, duas já foram abordadas anteriormente, o ponto de virada e a avaliação; as demais serão explicitadas a seguir no escopo da entrevista e da construção de identidades.

### **5.1 As entrevistas como *locus* de coconstrução de narrativas**

O estudo de Mishler (no prelo) reconhece as entrevistas de pesquisa como *locus* de produção de narrativas, desde que sejam concebidas como eventos comunicativos locais e situados em contextos específicos, nos quais as narrativas são coconstruídas a partir da interação entre os entrevistadores e entrevistados. Essas coconstruções, segundo Riessman (2008) e Fabrício (2006), estão vinculadas às negociações de sentido que ocorrem durante a interação, as quais reverberam um conjunto de expectativas associadas, sobretudo, a dimensão moral e aos interesses dos participantes.

Nesse contexto, como em qualquer interação oral, a interpretação dos enunciados está atrelada, também, ao monitoramento mútuo, quando os participantes se concentram nas “mensagens corporificadas”, ou seja, nos gestos e expressões faciais. Tais mensagens, segundo Goffman (2013), são reações corporais que emitem mensagens para o outro como, por exemplo: de aprovação, discordância, embaraço, tédio, interesse, entre outras. Durante a interação, elas são reconhecíveis graças às pistas de contextualização e podem interferir no rumo dela. Ainda de acordo com Goffman (2013), a interação é coconstruída na situação social, definida como:

[...] o ambiente que proporciona possibilidades de monitoramento, qualquer lugar em que o indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão “presentes”, e para quem os outros indivíduos estão acessíveis de forma semelhante (Goffman, 2013, p. 17).

Na situação social de entrevista de pesquisa, as convenções sociais que organizam o encontro e os papéis pré-determinados (entrevistado e entrevistador) geram um ambiente mais propício ao monitoramento. Ainda que seja um evento de fala regulado por perguntas e respostas, no qual em vias de regra há uma relação assimétrica entre o entrevistador e o entrevistado - visto que o primeiro, normalmente, segundo Mishler (no prelo), controla os

objetivos do evento e o uso contingente dos dados - a entrevista é conduzida por ambos os participantes; por isso, Santos (2013) alega que a entrevista é uma construção discursiva coparticipativa. Assim, a escolha “[...] do tópico, dos entrevistados, das perguntas e respostas ou até mesmo da interpretação, é um processo interacional e ativo. [...] A entrevista como um todo é uma coconstrução da qual entrevistador e entrevistado participam e ativam relações.” (Rollember, 2013, p. 41).

A partir das reflexões de Santos (2013), Rollember (2013) e Mishler (no prelo), as narrativas que emergem em entrevistas de pesquisa podem ser compreendidas como uma produção conjunta do entrevistado e entrevistador, na qual o que e como conversam são elementos fundamentais para as análises. As escolhas sobre o que contar surgem ao longo da conversa, sendo direcionadas pelo objetivo da entrevista, pelos interesses do entrevistado e pela condução da entrevista. O ‘como’ contar é fruto da interseção das duas forças: dimensão moral e interativa.

A dimensão moral, conforme verificamos anteriormente, está relacionada tanto à agência qualificada dos participantes quanto à força da expectativa/estrutura social. Portanto, engloba desde os posicionamentos morais do narrador até as ideologias amplamente circulantes da sociedade que atuam na atividade dinâmica do aqui e agora. Dessa forma, a dimensão moral é perceptível na análise do discurso micro (situado em um contexto específico) e macro (referência às normas, leis, rituais, regras socialmente, culturalmente e historicamente constituídos, preceitos institucionais, entre outros, expressos na língua em uso). Segundo Gee (1999) e Erickson (2004), ambos estão diretamente associados à fala, seja de forma explícita ou subliminar.

A conexão entre “*Discourse big D*” (Discurso macro) e “*discourse little d*” (Discurso micro), conforme ressalta Erickson (2004), pode ser examinada sob três ângulos: global para o local, local para o global e de influência mútua (nas duas direções). Na concepção de Gee (1999), a influência mútua é uma tendência, uma vez que apontam para o modo como a linguagem está integrada aos elementos das práticas sociais (exemplo: formas de pensamento, ações e sentimentos). Diante disso, o escopo desta pesquisa abrange a influência mútua nos discursos construídos nas narrativas dos entrevistados, no modo como o global (Museu Nacional) incide sobre o discurso local (SEMEAR), principalmente, em como os entrevistados enunciam o incêndio da instituição e, conseqüentemente, a perda do acervo documental da seção. E como o discurso local reflete o global, quer dizer, em como os desdobramentos do incêndio na SEMEAR indicam alguns desafios enfrentados também pelo Museu Nacional, como a elaboração da política de gestão de acervo da instituição e a falta de recursos humanos



e financeiros.

Em relação a incidência da força interativa, a categoria avaliação, segundo Linde (1997), comunica não apenas o posicionamento moral do narrador no contexto micro perante os discursos macros, como também, de forma implícita, a negociação de sentido entre o entrevistado/narrador e o entrevistador/ouvinte. Essa negociação é perceptível de forma mais efetiva nas avaliações externas, mas pode ser identificada nas avaliações encaixadas; seja, por exemplo, por meio das concordâncias orais/gestuais do entrevistador/ouvinte que incentivem a continuação do relato, seja por meio de estranhamento/discordância gestual e/ou perguntas, empregados com o objetivo de solicitar esclarecimentos ou questionar o sentido atribuído pelo narrador. É importante esclarecer que os exemplos mencionados de como o entrevistador pode interagir com o entrevistado - e, assim, contribuir para a construção da narrativa - são utilizados pelo entrevistador ao longo da narrativa, mas o objetivo aqui foi destacar o outro lado analítico da avaliação, o que suscita a validação do entrevistador/ouvinte.

Outros recursos podem ser empregados durante a interação a fim de estabelecerem o envolvimento do entrevistador/do ouvinte com a narrativa. O estudo de Tannen (no prelo) indica o uso de repetições, de imagens, e do diálogo construído para narrar a experiência.

Tais formas linguísticas são utilizadas como recursos estilísticos e estratégias discursivas próprias da interação na oralidade [...] fazemos uso destes recursos para sinalizarmos um grau de "envolvimento" para com os nossos interlocutores. A esse conceito subjaz o entendimento que, ao conversarmos ou narrarmos uma história, selecionamos uma gama de sentidos e sons que sinalizam atenção e interesse voltados para o outro [...]. Assim, falas do dia a dia sinalizam diferentes graus de interesse comum, atenção e envolvimento entre os falantes. Os sons contêm musicalidade, ritmo, assonâncias presentes nas reiteraões e repetições. E é no diálogo construído que o som e o sentido ganham vida através da performance do narrador ao criar ou recriar uma cena (Tannen, no prelo, p.?)

O diálogo construído é um termo lançado por Tannen (no prelo) para contemplar os diferentes tipos de (re)criações que são mencionadas nas conversas e nas narrativas. Essas recriações são inseridas nas narrativas a partir da tentativa do narrador em reproduzir uma fala/conversa inerente ao contexto do evento compartilhado. A autora enfatiza que a reprodução exata dessa fala ou conversa é impossível, uma vez que “tudo pode ser movido de um lugar para outro sem ser mudado, exceto a fala” (Tannen, no prelo, p.?). Além disso, aponta que não existe fala/conversa relatada, mas sim construída criativamente, porque a inserção de qualquer diálogo na narrativa estará sempre subjugada às interpretações<sup>77</sup> da experiência por parte do

---

<sup>77</sup> Na última seção deste capítulo esclareço que de acordo com concepção bergsoniana de memória, no lugar do termo interpretação pode-se utilizar atualização.

narrador, durante a dinamicidade da interação em curso. Nas análises das entrevistas de pesquisa, há diálogos construídos nas narrativas, mas o que precipitou a sua seleção como categoria analítica foi a sua relação com a concepção bergsoniana de memória. Em linhas gerais, essa relação reside no uso do diálogo construído como um recurso narrativo, que insere/envolve a entrevistadora e o ouvinte no mundo da estória criado pelo narrador, e, ao mesmo tempo, reitera as emoções e os sentidos atribuídos por ele à experiência compartilhada no aqui e agora da interação<sup>78</sup>.

## 5.2 Narrativa como construção de identidades: footing e agência

O viés analítico que considera a narrativa como um evento comunicativo de construção de identidades, cujo interesse reside no que as estórias contam sobre o eu do narrador, segundo Georgakopoulou (2006), têm se expandido nos últimos anos. Neste viés, é nos detalhes da narrativa que as identidades são flexionadas, retrabalhadas e invocadas de forma sutil. Desse modo, a dimensão performativa da narrativa consiste no que o narrador como ator social faz ao narrar, em como ele se constrói discursivamente na interação em curso. Essa construção, conforme Fabrício (2006), implica a fabricação de identidades sociais com contornos “ficcionalis e metafóricos”, que consubstanciam uma nova explicação causal para os eventos narrativizados. Em outras palavras, a perspectiva da narrativa como uma construção discursiva de identidades sociais possibilita a expansão das análises, uma vez que a vinculação a essas identidades influenciará diretamente nas escolhas sobre o que contar e no modo como o narrador compartilha a experiência em uma determinada interação.

Quem conta uma história, o faz para alguém, posicionando-se com relação a esse alguém, com relação a si mesmo e com relação àquilo que está sendo dito. Deixa também uma impressão neste interlocutor. Tal característica torna a narrativa um lugar privilegiado de apresentação do “eu”, ou seja, de quem somos no mundo social. (Fabrício, 2006, p. 201)

A apresentação de “quem somos no mundo social”, de acordo com Bastos (2005), está vinculada tanto às afiliações a categorias sociais (profissão, religião, gênero, classe social, formação acadêmica, entre outros), quanto às questões de ordem pessoal (qualificações e qualidades). Assim, “ao contar estórias, situamos os outros e a nós mesmos numa rede de relações sociais, crenças, valores; ou seja, ao contar estórias, estamos construindo identidade” (Bastos, 2005, p. 81). Nesse âmbito, Bastos e Biar (2015) indicam o uso de algumas noções

---

<sup>78</sup>Esta observação acerca do diálogo construído será discutida nas análises do próximo capítulo, quando sinalizo o seu uso e implicações.

como posicionamento, alinhamento e agência, denominadas aqui de categorias, para viabilizar a análise das identidades do narrador e dos personagens construídos durante a narrativa.

Em relação ao posicionamento, os estudos de Georgakopoulou (1997), Cruz e Bastos (2015) e Bamberg (1997) elencam três níveis de práticas discursivas adotadas pelos narradores. O primeiro nível é o posicionamento do narrador enquanto personagem da estória, isto é, qual o papel que ele desempenha no enredo, como por exemplo, protagonista ou antagonista, vítima ou algoz. Nas narrativas de experiências pessoais, os narradores geralmente ocupam o papel discursivo de protagonista; segundo Labov (no prelo), nesses casos, o ponto da estória costuma ser o auto engrandecimento. Mas pode ocorrer também ao longo da narrativa, como consta no estudo de Schiffrin (no prelo). Nesse nível, conforme Cruz e Bastos (2015), é possível identificar não apenas os personagens da narrativa como também o assunto/o tópico da narrativa que, a meu ver, justificará o(s) papel/papéis discursivo(s) assumido(s) pelo narrador no mundo da estória.

O segundo nível envolve o posicionamento do narrador em relação à audiência, quais papéis sociais e qualificações pessoais ele reivindica no ato de narrar. Nesse nível, de acordo com Cruz e Bastos (2015), o analista consegue vislumbrar os efeitos que o narrador deseja promover com a narrativa durante a interação, ou seja, como ele deseja ser reconhecido pela audiência. Ainda de acordo com as autoras, nesse nível, a audiência adquire o status de participante do evento narrativo, influenciando o rumo da narração. Por último, o terceiro nível consiste na articulação dos dois primeiros, como o narrador se posiciona como personagem na estória, quais relações são enunciadas, bem como quais identidades ele reconhece para si e assume perante a audiência. Desse modo, consiste em “uma tentativa por parte do narrador de definir o seu *self* para si e para os outros” (Cruz; Bastos, 2015, p. 372). Nas entrevistas de pesquisa, o terceiro nível foi o mais frequente nas narrativas dos entrevistados.

O alinhamento consiste em outra categoria relevante para esta pesquisa, posto que nos auxilia a investigar como os entrevistados se posicionam diante da entrevistadora, diante de si mesmos e face ao tópico em curso, no caso, o incêndio e seus desdobramentos. Segundo Ribeiro e Garcez (2013), o conceito de alinhamento, ou melhor, de *footing* foi introduzido por Goffman em um estudo publicado em 1979, no qual o termo é apresentado como complementar ao conceito de enquadre<sup>79</sup> no discurso. “*Footing* representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção” (Ribeiro; Garcez, 2013, p. 107). Os *footings* podem ser identificados,

---

<sup>79</sup> Enquadre é definido por Ribeiro e Garcez (2013) como a metagemagem situada em todo enunciado, que organiza o discurso e orienta os participantes da interação.

por exemplo, por meio das alternâncias de marcadores de som (altura, volume, ritmo e timbre) enunciadas por meio de um conjunto de convenções de contextualização. Para Goffman (2013), os participantes de qualquer interação mudam constantemente seu *footing* enquanto falam, por se tratar de uma característica comum à fala natural. Então, qual a importância do *footing* para a análise das narrativas e para a presente pesquisa?

A análise de *footings* permite:

[...] olhar para o desempenho das identidades sociais e linguísticas dos participantes em uma situação de interação face a face: como essas identidades emergem, como se constituem e como se alteram no fluxo do discurso e da interação, como afetam de forma sutil, porém definitiva, a ação em curso (Ribeiro; Garcez, 2013, p. 108).

No que tange às narrativas, como já foi abordado anteriormente, *performances* são encenadas durante o relato das experiências, que são reinterpretadas no ato de narrar conforme o interesse situacional. Observar as mudanças de alinhamento/*footing* possibilita identificar quais relações são estabelecidas pelo narrador com a estória e com seus respectivos personagens, bem como a identidade construída para si e para o ouvinte (no presente caso, a entrevistadora). Para a pesquisa aqui desenvolvida, os *footings* contribuem para a compreensão de quais são os papéis sociais atrelados às emoções indexicalizadas na narrativa dos entrevistados.

A última categoria analítica é a agência, identificada nas narrativas dos entrevistados. No que concerne a definição de agência, a pesquisa de Ahearn (2001) elenca diversas correntes teóricas e conclui que não há um consenso para o termo. Por esse motivo, a autora propõe que a agência seja compreendida como capacidade sociocultural mediada de agir. A partir dessa reflexão, ela traça a diferença entre as duas perspectivas de ação do indivíduo na sociedade que são: ação como ator e ação como agente. Para Ahearn (2001), o ator exerce ação direcionado ou governado por regras; no caso, não apresenta iniciativa própria, só age de acordo com o roteiro/o solicitado, enquanto o agente desempenha uma ação no exercício do poder, com a capacidade de provocar efeitos (negativos e positivos) e, em alguns casos, de (re) construir o mundo. Em síntese, a agência possibilita inferir como o narrador atribuí a si próprio a responsabilidade, o crédito ou a culpa por um determinado evento/ação; esse julgamento é calcado nas normas socioculturais e nas interpretações pessoais, que podem ser ressignificadas durante a interação. Nas análises do próximo capítulo, a agência lança luz sobre a atuação e iniciativas dos entrevistados no processo de reconfiguração da SEMEAR.

### 5.3 A narrativa como contração discursiva da memória e prática afetiva discursiva

A proposta desta seção é apresentar os dois mundos que conformam a narrativa - o mundo da interação e o mundo da estória/narrativa - e relacioná-los com a concepção de memória de Bergson (2011) e, sobretudo, ancorar as reflexões que embasam a concepção da narrativa como contração discursiva da memória. A partir dessa perspectiva, objetivo assinalar que as tonalidades afetivas da lembrança evocada também são atualizadas no momento do relato, geralmente em consonância com as emoções do contexto interativo. Além disso, pretendo demonstrar, de forma introdutória, o potencial da narrativa em atuar como prática afetiva densificada pela memória, ao mobilizar ações do narrador ou/e do ouvinte/da audiência em torno de uma causa, por meio do engajamento emocional.

Os estudos de Flannery (2011) e Riessman (2008) indicam que a narrativa é composta por dois mundos, o mundo da interação e o mundo da estória/narrativa. O primeiro mundo, como o próprio nome sugere, consiste na relação interacional do narrador com o seu ouvinte, no qual “a presença ou ausência das manifestações dos ouvintes terão impacto nos enunciados do narrador. É nesse sentido que dizemos que as narrativas são necessariamente co-construídas.” (Bastos, 2005, p. 9). Outra autora que apresenta reconhecimento semelhante é Georgakopoulou (1997), ao afirmar que todas as narrativas são uma criação conjunta. As manifestações dos ouvintes são perceptíveis por meio do monitoramento de face durante a interação e contribuem para a forma como a narrativa será contada. Esse é o mundo onde ocorre a construção da atmosfera afetiva, associada ao contexto do relato, que envolve o lugar/o ambiente, a relação com o(s) ouvinte(s), o próprio estado emocional do narrador e como ele (re) significa, especificamente no momento da narrativa, a experiência/a lembrança contada. Assim, a narrativa sobre o incêndio do Museu Nacional em uma entrevista em 2021 certamente seria diferente hoje, uma vez que a “cada recontagem, ou, a cada performance narrativa, há, necessariamente, adaptações ao contexto e aos ouvintes. Além disso, são construções de um narrador em diferentes momentos de sua experiência” (Bastos, 2005, p. 82). Em outras palavras, a narrativa é uma construção em diferentes momentos da duração da vida do narrador, que atualiza as suas lembranças em consonância com o presente sensório-motor da interação.

A associação da narrativa à teoria de Bergson (2011) contempla o papel das normas sociais. Cabe aqui lembrar que as normas sociais estão circunscritas na própria trajetória de vida do narrador, em sua duração, na sua convivência na sociedade de moral fechada e pelo hábito de cumprimento do dever, os quais conformam os atravessamentos socioculturais e hábitos morais do narrador, traduzidos em posicionamentos durante a narrativa. Esses

posicionamentos, geralmente, sinalizam as obrigações sociais/os discursos macros apropriados pelo narrador, como também as suas identidades, os seus papéis sociais e os vínculos de pertencimento que estabelece durante a narrativa. Além disso, os posicionamentos são frutos também das transformações pessoais do narrador, engendradas por sua inteligência e intuição na duração de sua vida perante os estímulos do mundo material.

Os estímulos do mundo material ocorrem no presente sensório-motor do narrador, no qual a sua face sensorial percebe o movimento das imagens do mundo material e, ao mesmo tempo, é afetada por esses movimentos, porque, segundo Bergson (2011), não existe percepção sem afecção. Desse modo, o mundo da interação está circunscrito no presente-sensório motor do narrador, no qual a atmosfera afetiva do encontro e o ouvinte afetam o narrador durante sua observação sobre o que ocorre na interação. Assim, a percepção da face sensorial envolve o ambiente, o monitoramento de face e as negociações de sentido dos enunciados entre o ouvinte e o narrador, sendo os dois últimos intermediados pelos estados afetivos/emoções suscitados na interação. As emoções são afloradas durante a construção da narrativa, tanto nas reações do ouvinte ao se identificar/concordar ou não com a estória e com a forma como o narrador a compartilha, quanto no narrador ao contá-la e ao perceber também as reações do ouvinte. Essas emoções associadas às afecções do ambiente e do contexto pessoal do narrador direcionam o rumo da narrativa.

Falamos sobre nossa experiência passada guiados pelo filtro de nossas emoções, o que nos leva a frequentemente transformar e recriar essa experiência. É nesse sentido que cada vez que contamos uma estória podemos estar tanto transformando nossas lembranças, quanto solidificando determinadas interpretações e formas de relatá-las. Essas interpretações e formulações discursivas muitas vezes passam a ser a nossa memória do que aconteceu. (Bastos, 2005, p. 79).

Ao analisarmos as considerações de Bastos (2005) à luz da teoria de Bergson (2011), identificamos duas dissonâncias. A primeira é em relação a seleção das lembranças. Esse processo está vinculado à contração da memória, inerente ao mundo da estória, que será abordado a seguir. Mas, para a questão em pauta, é importante esclarecer que as percepções da face sensorial do presente sensório-motor influenciam no que será selecionado como lembrança, qual sua face útil para a interação em curso.

As percepções da face sensorial no mundo da interação contemplam as emoções do evento comunicativo como um todo; já a emoção do narrador, da forma como Bastos (2005) menciona em “nossas emoções”, à primeira vista, parece ser algo apenas intrínseco a ele. Dessa forma, não ficam claras as influências externas que contribuem para o surgimento desses sentimentos/dessa emoções, isto é, os estímulos do mundo material, como cheiros, sons,

expressões faciais, contribuições, interrupções e emoções do ouvinte. Essas influências externas despertam reações imediatas, graças à atuação da memória lembrança, uma vez que a resposta automática a esses estímulos, aos estados afetivos gerados, como por exemplo, a raiva, a angústia, a alegria, a empatia, podem ser expressos por meio do choro, do sorriso, aumento da tonalidade da voz, entre outras pistas de contextualização durante a interação. A memória lembrança sobre como agir e reagir no mundo da interação das narrativas, normalmente, está alinhada ao comportamento esperado em determinadas situações circunscritos pelas normas/obrigações socioculturais. Em suma, as ações e reações do mundo da interação, frequentemente, ocorrem de forma espontânea, ao ponto do narrador e do ouvinte não se atentarem para os efeitos das influências externas, ou melhor, das afecções envolvidas e como a memória lembrança é acionada durante a interação. Portanto, uma releitura de Bastos (2005) sob o enfoque da visão bergsoniana resultaria em tal formulação: Falamos sobre nossa experiência passada guiados pelo filtro de nossas emoções circunscritas ao contexto interativo, do presente sensório-motor, o que nos leva a frequentemente transformar e recriar essa experiência.

A segunda dissonância está associada diretamente ao processo de contração da memória, que ocorre no outro mundo da narrativa, o mundo da estória. No mundo da estória, de acordo com Riessman (2008) e Flannery (2011), o narrador se constrói discursivamente assim como os outros personagens. Além disso, é neste mundo que ele também cria relações sociais, projeções, episódios, lugares, momentos, movimentos e afetos que são atualizados quando a narrativa é enunciada no aqui e agora da interação. A divergência de Bastos (2005) com a teoria de Bergson (2011) reside no uso da palavra “interpretação” em: “cada vez que contamos uma estória podemos estar [...] solidificando determinadas interpretações e formas de relatá-las. Essas interpretações e formulações discursivas muitas vezes passam a ser a nossa memória do que aconteceu” (Bastos, 2005, p. 79). O termo interpretação também é empregado por Lawler (2014), quando menciona que as narrativas são interpretações da memória. Na teoria de Bergson (2011), na ilustração do cone invertido, o que ocorre não é uma interpretação da memória cósmica, mas uma contração, uma atualização da memória de acordo com as necessidades de resposta da face motora do indivíduo no presente, com vistas ao porvir. A memória pura/cósmica não pode ser interpretada, porque ela transcende a experiência e não é possível dimensioná-la. Portanto, o narrador nunca terá acesso a sua plenitude, uma vez que a memória pura/cósmica é uma nebulosa/virtualidade em constante formação. Em suma, a memória contração gera uma imagem-lembrança a partir do processo de atualização da memória cósmica, engendrado pelo esforço de rememoração do narrador que ocorre no presente

sensorio motor, ou melhor, no mundo da interação. “Na atualização de um virtual ocorre uma diferenciação, que é verdadeiramente uma criação.” (Maciel Júnior, 2017, p. 68). Sendo assim, a narrativa não é compreendida aqui como uma interpretação da memória, mas como uma contração dela. Isso significa que a experiência/a lembrança nunca será reproduzida como ocorreu de fato pois ela sempre será atualizada no mundo da estória de acordo com as percepções do mundo da interação.

Nesse cenário, a narrativa é considerada como uma criação. Mesmo que não utilizem a teoria de Bergson (2011), Riessman (2008) e Fabrício (2006) reconhecem que a narrativa não é o reflexo do espelho, mas um recriar e um reexperimentar constante. Esse reexperimentar/recriar ocorre inclusive com as experiências autobiográficas, de eventos marcantes da nossa duração, como por exemplo: nascimento, escolha de profissão, casamento, entre outras, contadas com mais frequência. As recontagens dessas narrativas podem, no máximo, imprimir uma certa ordem aos fatos narrados, mas não podem se “solidificar” como a memória do que aconteceu, porque o enredo sempre será construído/atualizado a partir da contração da memória em um determinado contexto interativo/presente sensorio-motor. De fato, como afirma Riessman (2008), existe uma relação complexa entre a narrativa, o tempo (interpretado aqui como duração) e a memória:

Existe, é claro, uma relação complicada entre narrativa, tempo e memória, pois revisamos e editamos [atualizamos] o passado lembrado para adequar-se às nossas identidades no presente. De uma forma dinâmica, então, a narrativa constitui a experiência passada ao mesmo tempo em que fornece maneiras para os indivíduos darem sentido ao passado. (Riessman, 2008, p. 8, tradução nossa)<sup>80</sup>

O sentido ao passado e o reexperimentar da narrativa, indicados por Riessman (2008) e Fabrício (2006), estão atrelados também às emoções afloradas durante a narrativa, que permeiam o mundo da estória e o mundo da interação. Isso quer dizer que, no mundo da estória, quando o narrador está se construindo discursivamente por meio da contração da memória, as tonalidades afetivas intrínsecas à imagem lembrança são atualizadas no momento do relato. Esse processo de atualização, normalmente, gera emoções compatíveis com as circunscritas no mundo da interação<sup>81</sup>, mas podem despertar também emoções divergentes. A confluência das emoções implícitas nos dois mundos contribui para o que narrador reexperimente a experiência,

---

<sup>80</sup>“*There is, of course, a complicated relationship between narrative, time, and memory for we revise and edit the remembered past to square with our identities in the present. In a dynamic way then, narrative constitutes past experience at the same time as it provides ways for individuals to make sense of the past*”. (Riessman, 2008, p. 8)

<sup>81</sup> As emoções do mundo da interação são provenientes da afecção da atmosfera afetiva do encontro, isto é, pelo modo como o ambiente e a interação entre os participantes (narrador e ouvinte/audiência) afetam, promovem estados afetivos/emoções.



ou seja, atualize os seus sentimentos em relação à lembrança compartilhada. É importante salientar que o reexperimentar ou a atribuição de sentido evocado pela narrativa não será igual ao experimentar do presente sensório-motor pois, por mais que aflorem emoções semelhantes, elas são vivenciadas em intensidades diferentes. Além de emoções semelhantes, o reexperimentar da narrativa pode proporcionar emoções diferentes. Nesse caso, enquanto narradores da experiência, “podemos rever e criticar as nossas atuações passadas, veiculando atitudes e emoções em relação a elas” (Bastos, 2005, p. 72). Um exemplo marcante de ressignificação da experiência é o ponto de virada de Mishler (2002), quando o narrador atualiza a experiência sob outra visão, ou seja, atribui um novo significado ao seu passado, com base nos seus efeitos e na concepção atual da experiência. Esse novo significado, normalmente, enseja emoções diferentes no narrador durante o relato. Portanto, o reexperimentar da narrativa está relacionado não apenas à atualização da lembrança/da experiência como também das emoções do narrador. E a cada recontagem, a atualização de ambas será promovida, porque a narrativa é compreendida aqui como uma contração discursiva da memória, isto é, uma criação da experiência desenvolvida com base nos estímulos e interesses do presente sensório-motor, que norteiam também o modo em que é enunciada em uma determinada situação na duração da vida do narrador.

Em retrospecto, com base em todas as discussões empreendidas até aqui, os estímulos e os interesse do presente sensório motor abarcam: o propósito da narrativa, a atmosfera afetiva do encontro, as normas/obrigações socioculturais, os estados afetivos/emoções, o tipo de relação entre os participantes, as negociações de sentido entre o narrador e o ouvinte durante a interação, os interesses do narrador na construção de sua identidade como ator social (como deseja ser reconhecido), os interesses da audiência (orientados também pelos objetivos do encontro/da interação, principalmente, no caso das entrevistas de pesquisa), e em como o narrador percebe a experiência de acordo com as suas transformações na duração da vida.

Todos esses estímulos e interesses complexificam o processo de contração da memória na narrativa e, ao mesmo tempo, guiam o salto do narrador nas regiões do seu passado na construção do mundo da estória. Além disso, norteiam o modo como ele compartilha a lembrança, o ritmo que confere à experiência, porque “ao narrativizarmos a experiência reproduzimos e verbalizamos o nosso próprio modelar do fluxo do tempo” (Fabrício, 2006, p. 196)<sup>82</sup>. E esse modelar do fluxo do tempo será diferente a cada recontagem e, ainda que ocorra a tentativa de reproduzir a interação nos mesmos moldes, ela será realizada em momentos

---

<sup>82</sup> Nesse ponto é inevitável a analogia ao tempo da experiência de Mishler (2002), responsável por conduzir o fluxo da narrativa, conforme abordei anteriormente.

distintos na duração da vida do narrador e do ouvinte, adquirindo outras implicações (significados) e desdobramentos. Assim, o modelar do fluxo do tempo, interpretado aqui como a percepção do ritmo da duração da experiência, altera toda a dinâmica tanto do mundo da interação, quanto do mundo da estória, uma vez que estão interligados. Desse modo, provavelmente, ocorrerão outras intervenções, reações, emoções, faces úteis da lembrança, como também supressões e/ou acréscimos no enredo.

O estudo de Bauman (no prelo) corrobora com essa perspectiva, quando examina a relação da performance do narrador com o contexto, ao analisar três versões diferentes da mesma história sobre “a árvore de mel”; ao longo dos anos<sup>83</sup>. Nessas versões, trechos do enredo foram alterados e alguns receberam acréscimos, porque o narrador foi aperfeiçoando a forma de contar a história. Esse aperfeiçoamento está relacionado ao novo papel social do narrador, que passou a ser reconhecido como um contador público de histórias, e a audiência, que foi diversificada e ampliada. No exemplo suscitado, a narrativização da experiência foi alterada de acordo com as percepções das estratégias de envolvimento e demandas da audiência e, sobretudo, pela transformação de identidade do narrador, “sua percepção de si mesmo passou de alguém que nunca se via como contador de histórias para alguém que é, de modo proeminente, um contador de histórias, sempre responsável pela exibição plena de sua competência” (Bauman, no prelo, p.?). Tais mudanças de percepção do narrador culminaram em performances narrativas distintas.

Um ponto que merece destaque é a transformação da identidade do narrador no exemplo de Bauman (no prelo). As transformações do narrador já foram mencionadas ao longo desta explanação e nesse bojo devem ser inseridas também as transformações dos ouvintes, quando há recontagens para a mesma audiência. Mas o que desejo destacar aqui é o vínculo dessas transformações com a teoria de Bergson (2006) posto que, para o autor, as mudanças são constantes e se acumulam como “bola de neve” na duração da nossa existência. Entretanto, não identificamos as mudanças com frequência, porque “é cômodo não prestar atenção a essa mudança ininterrupta e só notá-la quando se torna grande o suficiente para imprimir uma nova atitude ao corpo, uma nova direção à atenção” (Bergson, 2006, p. 2). Outro autor que segue essa linha de raciocínio em relação as transformações é Mishler (2002); a única diferença é o seu enfoque para a narrativa: “Pontos de virada são exemplos especialmente marcantes de algo que ocorre o tempo todo, isto é, do processo contínuo no qual nos engajamos para reconstruir os significados de nossas experiências passadas e para refazer a nós mesmos de modos grandes

---

<sup>83</sup> As narrativas foram gravadas, de acordo com Bauman (no prelo), em 1971, 1979 e 1982.

e pequenos.” (Mishler, 2002, p. 110). A partir dessas reflexões, é possível inferirmos que, ao narrarmos, atualizamos os significados das nossas experiências e, ao mesmo tempo, nos damos conta das nossas constantes transformações, desde as mais simples até as mais complexas e marcantes, como as mudanças de identidade.

De acordo com Bergson (2006), o acúmulo das transformações conforma a nossa trajetória de vida (duração) e direciona os nossos desejos e ações, logo, “é com nosso passado inteiro, inclusive com nossa curvatura de alma original, que desejamos, queremos, agimos” (Bergson, 2006, p. 48). Na verdade, quando nos pautamos na concepção de Bergson (2006), qualquer ação no mundo é direcionada, em certa medida, pelo passado do indivíduo. No caso da narrativa, ela pode ser interpretada também como uma ação, porque segundo Austin (1990), ao utilizarmos a linguagem, agimos sobre o mundo. Nesse contexto, segundo Pinto (2019) e Riessman (2008), ao narrarmos estamos nos construindo discursivamente para o outro e agindo sobre o outro<sup>84</sup>. Deste modo, a narrativa será considerada, nesta pesquisa, assim como a prática afetiva, como uma ação densificada pela memória.

Além de ser considerada uma ação, o que já preconiza o uso do passado, a narrativa apresenta outro atenuante, o qual a solidifica como ação densificada pela memória: a condição de estabelecer discursivamente uma ponte entre o passado, o presente e o futuro em uma interação, por meio da contração da memória, ou seja, da atualização da experiência do narrador com vistas ao porvir. Essa reflexão foi formulada a partir do debate elaborado até aqui associado ao estudo de Bamberg (2006), no qual o autor aponta a narrativa como uma reação ao passado (precedente imediato da interação em curso) orientada para o futuro, porque antecipa uma resposta do público ao que está sendo contado. Em outros termos, a narrativa promove o esforço de rememoração do narrador, a partir dos estímulos e interesses de um determinado evento comunicativo. Ao atualizar a experiência vivenciada no passado, no presente da interação, com um objetivo futuro - que pode ser desde uma projeção de identidade, desejos e/ou de reação da audiência, até para fundamentar um projeto a ser desenvolvido – a narrativa desempenha o papel de elo discursivo temporal, ou melhor, de ação densificada pela memória. A partir dessa compreensão, outra questão emerge: pode a narrativa também ser interpretada como uma prática afetiva, uma vez que também está circunscrita em uma atmosfera afetiva?

A atmosfera afetiva é apenas uma característica da prática afetiva, como já verificamos no capítulo três, já que ela abarca o envolvimento emocional e, sobretudo, a agência reflexiva do indivíduo enraizada nos atravessamentos socioculturais de sua trajetória de vida e

---

<sup>84</sup> Em relação à figura do outro, me refiro à duas interpretações: outro na relação entre interlocutor e narrador e o outro que toma conhecimento do discurso construído na narrativa.

negociações de sentido. Em suma, segundo Wetherell (2012), a prática afetiva é uma “corporificação reflexiva das emoções” expressa em comportamentos, discursos e ações. Em relação ao discurso, Wetherell (2012, 2013) aborda a interposição entre os afetos e os discursos denominada como práticas afetivas discursivas. Nesse cenário, a autora refuta o antagonismo estabelecido em torno do afeto e do discurso nos estudos sociais estruturalistas, os quais concebem a percepção dos afetos/ das emoções como domínio do inconsciente e do automático. E a linguagem é vista como domínio do cognitivo e do consciente; para Wetherell (2012), essas distinções são enganosas, porque o afeto e o discurso estão entrelaçados: “uma prática afetivo-discursiva ... [emerge] junto com atos complexos de posicionamento do sujeito [...]. Esta é uma atividade relacional conjunta, coordenada, na qual o afeto e o discurso se entrelaçam” (Wetherell, 2013, p. 363, tradução nossa)<sup>85</sup>. Sendo assim, a noção de prática afetiva discursiva, segundo Glapka (2019), é complexa e dinâmica, uma vez que mescla sentimentos, emoções e pensamentos contingenciados em um discurso. Contudo, é importante esclarecer que apenas a presença de emoções em um discurso não o caracteriza como uma prática afetiva discursiva. Essa designação será aplicada quando o discurso expressar como as emoções/os afetos do indivíduo são traduzidos em posicionamentos/agenciamentos, isto é, em como as emoções são incorporadas nas ações/ nas práticas sociais.

No que concerne à narrativa, à primeira vista, ela pode ser interpretada como prática afetiva discursiva, uma vez que atualiza, ao mesmo tempo, as lembranças e as emoções do narrador, em um determinado contexto interativo, ou seja, em uma atmosfera afetiva, na qual ele se posiciona como ator social. Entretanto, nem toda narrativa pode ser interpretada como uma prática afetiva discursiva porque, para receber essa qualificação, a narrativa precisa justificar um posicionamento afetivo e/ou promover engajamento emocional em torno de uma causa/de uma prática social. Tal entendimento foi fundamentado nas considerações de Wetherell (2012) acerca da prática afetiva discursiva, associadas às quatro funções da narrativa indicadas no estudo de Riessman (2008), que considero pertinentes para a discussão em tela. Entre as sete funções da narrativa indicadas por Riessman (2008), destaco: a argumentação, o envolvimento, a enganação e a motivação da audiência<sup>86</sup>.

---

<sup>85</sup> “... an affective–discursive practice emerging along with complex acts of subject position in rather than, say, an emotion moving to ‘land’ on one individual. This is joint, coordinated, relational activity in which affect and discourse twine together.” (Wetherell, 2013, p. 363)

<sup>86</sup> A título de esclarecimento, as outras três funções são: rememoração de acordo com as identidades atuais do presente da narrativa (abordada anteriormente), persuasão da audiência em relação à veracidade da história, e a de entretenimento em uma interação cotidiana.

A argumentação tem a função de defender um ponto de vista a fim de justificar as ações do narrador ou do personagem da estória. Para exemplificar, Riessman (2008) cita o exemplo dos dramas de tribunal, onde os advogados ordenam/organizam os fatos do caso, com o propósito de fazerem reivindicações que favoreçam os seus clientes. O envolvimento, como o próprio nome sugere, visa a envolver a audiência com a experiência do narrador, assim “as narrativas nos convidam como ouvintes, leitores e espectadores a entrar na perspectiva do narrador [...] e nos move emocionalmente por meio da identificação imaginativa” (Riessman, 2008, p. 9, tradução nossa)<sup>87</sup>. Sendo assim, no âmbito da narrativa enquanto prática afetiva discursiva, o envolvimento será compreendido como envolvimento emocional. Por sua vez, a enganação, segundo a autora supracitada, é uma função geralmente negligenciada, que denuncia o uso da narrativa para interesses escusos:

Um trabalho “fraudulento” é realizado pelo contador de histórias para dissuadir os ouvintes a pensarem que o falante é responsável por más ações. Precisamente por causa de seu poder de persuasão, as narrativas são construídas por políticos para enganar propositalmente a população [...] a invasão do Iraque em 2003, por exemplo; como muitos já observaram, os governos de Bush e Blair montaram uma história a partir de fatos problemáticos que persuadiram uma população temerosa - por um tempo (Riessman, 2008, p. 9, tradução nossa)<sup>88</sup>.

O exemplo da invasão do Iraque destaca o uso político da narrativa para enganar a população. Essa função está em consonância com a observação de Wetherell (2012) que aborda o uso das práticas afetivas discursivas na construção de categorias de objetos cheios de ódio em um discurso político, ou no discurso de um grupo de extrema direita. Além de enganar e promover o discurso de ódio, não apenas de cunho político, como também social (ao segregar/discriminar etnias, classes, condições fisiológicas/neurológicas e sexuais), a narrativa enquanto prática afetiva discursiva pode estimular/desencadear outras práticas afetivas (com efeitos negativos e positivos). Essa questão está relacionada a última função da narrativa, mencionada por Riessman (2008), o seu potencial de mobilizar outras pessoas para a ação de mudança social progressiva. Para exemplificar, a autora cita os movimentos de resistência do século XX (movimentos pelos direitos civis, feministas e dos diversos gêneros sexuais), que “nasceram quando indivíduos se sentaram juntos e contaram histórias sobre pequenos momentos de

---

<sup>87</sup> “Narratives invite us as listeners, readers, and viewers to enter the perspective of the narrator [...] and moves use motionally through imaginative identification.” (Riessman, 2008, p. 9)

<sup>88</sup> “A “conjob” is accomplished by story teller to dissuade listeners from thinking that the speaker is responsible for misdeeds. Precisely because of their persuasive power, narratives are constructed by politicians to purpose fully mislead the populace [...] the invasion of Iraq in 2003, for instance; as many have now observed, the Bush an Blair government scobbled together a storyline from problematic facts that persuaded a fearful population - for a time.” (Riessman, 2008, p. 9).

discriminação. As semelhanças nas histórias criaram pertencimento de grupo e prepararam o terreno para a ação coletiva” (Riessman, 2008, p. 9, tradução nossa)<sup>89</sup>. Cabe esclarecer que a autora aponta apenas os efeitos positivos, mas nesta pesquisa amplio o escopo para os efeitos negativos, gerados pelo potencial de mobilização da narrativa enquanto práticas afetivas discursivas. Além disso, no exemplo dos movimentos de resistência, verificamos também como a narrativa viabilizou a interseccionalidade afetiva em torno das causas.

A confluência entre as quatro funções da narrativa que destaquei contribuem para a sua interpretação como prática afetiva discursiva, que apresenta como diferencial para as demais narrativas o nítido engajamento emocional do narrador. Nesse caso, a argumentação será empregada pelo narrador, geralmente, para justificar a ação e/ou seu posicionamento na experiência compartilhada, como resposta a um apelo emocional de uma causa em que acredita/apoia, ou uma ação que será praticada tendo-a como fundamento. Um exemplo da atuação da narrativa como prática afetiva discursiva, com efeitos positivos, consiste nas narrativas das funcionárias da Campanha Mulheres do Resgate, promovida pelo Museu Nacional, em homenagem ao Dia Internacional das Mulheres em 2019. As narrativas das pesquisadoras e funcionárias que atuaram na retirada das peças/artefatos dos escombros do Paço de São Cristóvão podem ser consideradas práticas afetivas discursivas, porque apontam para o forte envolvimento emocional com a instituição e, concomitantemente, justificam a participação delas no processo de Resgate, ao ponto de não se verem fazendo outra atividade<sup>90</sup>.

Outro ponto importante, no que concerne à confluência das quatro funções, é que a narrativa enquanto prática afetiva discursiva terá sempre como intento o envolvimento emocional/a identificação da audiência, seja para validar a experiência, motivar práticas afetivas semelhantes e/ou enganá-la. Essas duas últimas funções podem ser excludentes ou concomitantes, o que dependerá do contexto em análise. Um exemplo nacional que retrata a narrativa como prática afetiva discursiva com função de enganar e, ao mesmo tempo, motivar a sua audiência, ocorreu em oito de janeiro de 2023, quando o Congresso Nacional foi invadido por apoiadores do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. As narrativas contraditórias em relação a eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva provocaram o engajamento emocional ao ponto de motivarem/desencadearem práticas afetivas extremistas, como a depredação de patrimônios públicos e a chacota dos poderes constitucionais.

---

<sup>89</sup> “*were born as individuals sat together and told stories about small moments of discrimination. Commonalities in the stories created group belonging and set the stage for collective action.*” (Riessman, 2008, p. 9).

<sup>90</sup>Para mais informações: PINHEIRO, Thais M.; DEUS, Cássia C. R. D; PINTO, Diana de S. O incêndio do Museu Nacional nas narrativas das “mulheres do resgate”: desdobramentos e perspectivas. **Interthesis**. Florianópolis, v. 18, p. 01-20, jan./dez. 2021.

Em suma, a narrativa pode ser interpretada como uma contração discursiva da memória porque a sua elaboração envolve o ato de lembrar, realizado por meio da contração da memória, que consiste na atualização da experiência de acordo com as influências e interesses do presente sensorio-motor, conformado em um momento específico da duração da vida do narrador. Essa atualização da experiência e das tonalidades afetivas, no presente da interação, com vistas às projeções de identidades/ações e/ou reações da audiência, agregada à concepção do discurso narrativo como uma ação sobre o mundo influenciada pelo passado, a qualificam como uma ação densificada pela memória. A narrativa enquanto ação densificada pela memória apresenta potencial para ser interpretada também como uma prática afetiva discursiva. Tal perspectiva só será possível quando a narrativa for empregada com o objetivo de justificar envolvimento emocional do narrador e/ou promover o engajamento da audiência com uma determinada causa. Nesse contexto, emerge um questionamento, que será abordado no próximo capítulo: Em que medida as narrativas desta pesquisa podem ser consideradas práticas afetivas discursivas?

#### **5.4 Construção do *corpus*: aspectos metodológicos e perfil dos entrevistados**

Nesta seção apresento o processo que trilhei para a construção do *corpus*, isto é, os aspectos metodológicos e as escolhas engendradas em relação às entrevistas. Sendo assim, esta seção está organizada em duas subseções. Na primeira subseção, apresento os instrumentos e caminhos adotados na elaboração do mapeamento dos pesquisadores da SEMEAR, que possibilitou a identificação dos contatos para o envio do questionário semiestruturado (APÊNDICE C). Esse questionário traça o perfil dos pesquisadores da SEMEAR, e, ao mesmo tempo, permitiu selecionar dois participantes para as entrevistas de pesquisa. Os resultados desse questionário, intitulado “Perfil dos pesquisadores da SEMEAR”, podem ser consultados no Apêndice D. Na segunda subseção, justifico a escolha de manter os nomes da maioria dos entrevistados e descrevo brevemente o contexto das entrevistas realizadas, bem como o perfil dos participantes.

##### **5.4.1 Construção do *corpus*: aspectos metodológicos**

O *corpus* da pesquisa é constituído por dois grupos de entrevistados; o primeiro abrange os servidores da SEMEAR: Jorge Dias da Silva Junior (Arquivista e atual coordenador da SEMEAR) e Gustavo Alves Cardoso Moreira (Historiador). O segundo grupo é composto por dois pesquisadores da SEMEAR: Paulo Rogério Marques Sily e Mariana Moraes de Oliveira

Sombrio. Os integrantes dos dois grupos participaram da entrevista de pesquisa realizada por mim e assinaram o termo de consentimento livre esclarecido (TCLE), aprovado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)<sup>91</sup>, no qual autorizam a divulgação de suas identidades e o conteúdo de suas entrevistas. As entrevistas seguiram inicialmente o roteiro pré-estabelecido de perguntas (APÊNDICES E e F), mas durante a interação, outras foram formuladas.

Os dois pesquisadores entrevistados foram selecionados entre os identificados no mapeamento, o qual foi acrescido com os pesquisadores indicados pelo chefe da SEMEAR que, ao responderem o questionário “Perfil dos usuários da SEMEAR” (APÊNDICE C), se prontificaram a contribuir por meio de entrevistas de pesquisa online<sup>92</sup>. Apenas cinco pesquisadores foram indicados diretamente pelo chefe da SEMEAR, porque contribuíram com o envio da documentação consultada, de forma voluntária, logo após o incêndio. Entre eles, três responderam ao questionário “Perfil dos usuários da SEMEAR”, no qual concordaram em participar da entrevista de pesquisa. É importante esclarecer que somente dois pesquisadores foram selecionados após o processo denominado de mapeamento devido ao tempo disponível para o término desta pesquisa. Ressalto, porém, que os dados coletados nesse processo serão úteis para futuras pesquisas no que tange ao processo de reconfiguração da SEMEAR.

Vale explicar que processo de mapeamento envolve várias etapas: a primeira consistiu em determinar a temática prioritária da planilha da seção, que registra as pesquisas realizadas no período de 2002 a 2017, a fim de identificar quais pesquisadores seriam contatados para doarem a documentação consultada no acervo e, ao mesmo tempo, consultados para eventual participação na presente pesquisa. Desse modo, o coordenador da Seção indicou o tema Museu Nacional como fundamental para o atendimento das pesquisas recorrentes. A partir desse recorte, o universo de 870 registros de pesquisa foi reduzido para 136 registros do tema Museu Nacional.

Na segunda etapa do mapeamento, elaborei uma planilha em Excel com os 167 registros do recorte temático; além dos campos originários da tabela da SEMEAR (assunto, data e nome do pesquisador), adicionei os campos instituição, e-mail e *link* do currículo *lattes* (APÊNDICE A). Na terceira etapa, caracterizada pelas pesquisas, determinamos que a busca nominal dos pesquisadores fosse realizada na plataforma *Lattes*; caso o e-mail não estivesse registrado no currículo, as fontes consultadas seriam o site da instituição de vinculação profissional e as

---

<sup>91</sup>Número da aprovação no CONEP: 56325722.8.0000.5285

<sup>92</sup> Até o fechamento desta etapa da pesquisa, em novembro de 2023, entre os 19 pesquisadores que responderam ao questionário, 14 demonstraram interesse em colaborar, quatro negaram a participação e um não respondeu.



publicações científicas. Para os casos não localizados na plataforma *lattes*, com registro de nome completo, optei pela busca no Google com aspas, pois a ideia inicial era utilizar as redes sociais *Facebook* e *Instagram*, mas não foi possível recorrer a esses recursos, devido à impossibilidade de associar os nomes aos perfis. Uma parte do mapeamento, sem a identificação completa dos pesquisadores, pode ser consultada no Apêndice A, enquanto um modelo da planilha utilizada nessa etapa, segue abaixo:

**Quadro 2 – Modelo da planilha do mapeamento**

Nome do pesquisador	E-mail	Instituição	Assunto pesquisado na SEMEAR	Lattes	Data da pesquisa	Observações
Maria Alice	XXX	XXXXXX	Museu Nacional - Divulgação Científica	XXX	XXX	XXX

**Fonte:** A autora (2024).

A última etapa do mapeamento abarca o envio das solicitações de doação dos documentos consultados e de resposta ao questionário semiestruturado (Perfil dos Pesquisadores da SEMEAR). As solicitações foram enviadas na mesma mensagem, encaminhada para o e-mail de cada pesquisador, com cópia para o e-mail da SEMEAR. É importante mencionar que tanto o texto das solicitações (APÊNDICE B) quanto o questionário (APÊNDICE C) foram cancelados pelos servidores da seção. O questionário teve o objetivo de traçar o perfil básico da amostra dos pesquisadores, bem como a relevância do acervo da SEMEAR para as pesquisas realizadas e, sobretudo, angariar participantes para as entrevistas. A ferramenta utilizada na elaboração foi o Google formulários, devido à praticidade e à possibilidade de compilação dos resultados em tabela. Entre as onze perguntas do questionário semiestruturado, apenas duas, referentes ao nome e à instituição, não foram estruturadas; as demais foram formuladas com opções condizentes aos interesses da pesquisa, dentre elas, algumas com alternativa do campo ‘outros’, para preenchimento livre dos pesquisadores.

É importante esclarecer que as inconsistências encontradas durante o mapeamento dos pesquisadores da temática ‘Museu Nacional’ resultaram na redução do quantitativo de pesquisadores que receberam as solicitações via e-mail. Primeiramente, alguns registros da planilha, elaborada por servidores da SEMEAR, estavam equivocados ou incompletos, seja com o nome do setor no lugar do pesquisador ou apenas com os nomes iniciais ou nomes abreviados, como exemplo: Antônio Carlos. Nesses casos, é impossível identificar o pesquisador tanto nos resultados da plataforma *lattes* quanto nas redes sociais. Outro aspecto que contribuiu para a redução da população foi a repetição do nome de nove pesquisadores, que

consultaram o acervo, alguns com quatro ocorrências. Por esses motivos, a população do tema Museu Nacional foi reduzida de 136 para 97 registros; dentre eles, 34 não foram localizados. Sendo assim, o total de 63 pesquisadores foram identificados, dentre os quais 27 receberam e-mail via plataforma *lattes*, que limita o envio a cinco e-mails por dia, e 36 por e-mails recuperados nas buscas. Entre os 63 pesquisadores que receberam as solicitações por e-mail, apenas 15 responderam ao questionário. Ao somarmos o resultado do mapeamento com os quatro pesquisadores, indicados pelo chefe da SEMEAR, que também responderam ao questionário, no total temos 19 respostas.

O primeiro critério empregado para a seleção dos entrevistados foi a disponibilidade para a entrevista virtual. De acordo com os resultados do questionário (APÊNDICE D), 14 pesquisadores demonstraram interesse em participar da entrevista virtual, um não respondeu e quatro recusaram. O segundo critério adotado para a seleção dos dois pesquisadores desta pesquisa foi a doação de documentos à SEMEAR. Sendo assim, o universo de 14 pesquisadores foi reduzido para oito, uma vez que entre os nove que doaram documentação, um pesquisador não aceitou participar da entrevista de pesquisa. O terceiro critério foi a quantidade de registros de consultas ao acervo na planilha da seção, que foi utilizada como base para o mapeamento. Entre os oito pesquisadores, um obteve quatro registros de consulta, o pesquisador Paulo Rogério Marques Sily, o qual integrava a equipe multidisciplinar de reconfiguração da SEMEAR. Outras duas pesquisadoras obtiveram mais de um registro na planilha, entre elas, a pesquisadora Mariana Moraes de Oliveira Sombrio, selecionada para entrevista por não ser funcionária do Museu Nacional e por ter respondido que os documentos da SEMEAR foram fundamentais para sua pesquisa. Dessa forma, os quatro entrevistados desta pesquisa consistem em dois servidores da SEMEAR e dois pesquisadores externos.

#### 5.4.2 Construção do *corpus*: perfil dos entrevistados

As escolhas desenham um mundo possível, porque implicam na seleção de um passado e na aposta em um futuro. Portanto, de acordo com Gondar (2016), independentemente da perspectiva adotada, as escolhas no campo da Memória Social estão alicerçadas com comprometimento ético-político. A partir dessa concepção, a simples proposta desta pesquisa em investigar em que medida a atualização da memória e das emoções acerca do incêndio do Museu Nacional opera como propulsora para práticas afetivas e/ou interseccionalidades afetivas em torno do processo de reconfiguração da SEMEAR, ou seja, para construção de um mundo possível para seção após o desastre, já está circunscrita por uma posição política e ética.

Entre as escolhas da pesquisa empírica, uma em especial merece esclarecimentos, a decisão de manter os nomes dos entrevistados. O estudo de Sugiura, Wiles e Pope (2017) debate sobre o que é público e privado nas pesquisas científicas online, e uma das recomendações dos autores é a preservação da identidade dos participantes, a fim de mitigar problemas oriundos da exposição de seus posicionamentos. Diante disso, cabe ao pesquisador empregar medidas que evitem a identificação, como a retirada ou omissão de dados. No entanto, os autores reconhecem que o anonimato completo não é garantido, e, em alguns casos, a identidade é revelada nas publicações, após o consentimento explícito dos participantes. Esse é o caso desta pesquisa, posto que a maioria dos participantes estão cientes e de acordo com a divulgação dos seus nomes.

O consentimento de três participantes em divulgar os seus nomes advém, provavelmente, do reconhecimento da relevância dos seus papéis sociais de “funcionário do Museu Nacional” e de “pesquisador”, uma vez que conformam uma parte do que são, ou melhor, constituem o *self* deles; além disso, a divulgação das identidades confere credibilidade aos relatos. De qualquer forma, não seria possível manter o anonimato dos servidores da SEMEAR, uma vez que apenas eles dois atuam na seção e seus nomes estão registrados no site de acesso público do Museu Nacional. No que concerne aos pesquisadores, o nome do Paulo Sily também poderia ser associado à sua narrativa, devido à menção que ele faz de sua tese publicada pela editora da UFRJ e, principalmente, por sua participação como coordenador do Programa de Iniciação Científica do Pedro II com o Museu Nacional (PIC-júnior). Apenas a identidade da pesquisadora denominada Mariana foi passível de ser mantida em completo anonimato, conforme consta no TCLE assinado por ela.

A primeira entrevista, do grupo dos servidores, foi concedida por Jorge Dias da Silva Junior, no dia 26 de outubro de 2021, em sua casa, e foi gravada com um gravador de voz. O entrevistado, com idade de 41 anos no momento da entrevista, é Arquivista, formado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em 2003. Após a sua graduação, atuou como arquivista contratado na Petrobrás, depois no Banco Pactual e na Petrobrás Distribuidora. Ele ingressou no serviço público, em 2010, como Arquivista da Universidade Federal de Minas Gerais. Em 2013, tomou posse como Arquivista no Museu Nacional, lotado na SEMEAR. E assumiu a coordenação da seção, após o afastamento por motivos de saúde e posterior aposentadoria da ex-chefe, em 2020. Além disso, obteve o grau de mestre em Gestão de Documentos e Arquivos pela UNIRIO, em 2019. A segunda entrevista foi realizada, virtualmente, com Gustavo Alves Cardoso Moreira, no dia 18 de fevereiro de 2022, por meio da ferramenta “*google meet*”, que permite gravação de áudio e vídeo. Com idade de 55 anos no

momento da entrevista, a sua formação em História foi concluída em 1993, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Desde 1999, atua como servidor público, no cargo de docente na Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEE). Antes do Museu Nacional, trabalhava também como docente concursado na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME). Para tomar posse, em 2008, como Arquivista do Museu Nacional, lotado na SEMEAR, só manteve a matrícula de professor na SEE. Durante a sua atuação como docente, continuou os seus estudos e, em 2005, obteve o grau de Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Em 2014, já no Museu Nacional, obteve o grau de doutor em História pela mesma instituição do mestrado. O tempo de duração das entrevistas foi de, respectivamente, 14 e 19 minutos. A segunda teve duração maior e contou com a participação da orientadora da tese, o que implicou no acréscimo de mais perguntas, não contempladas no roteiro.

Vale explicitar que para as entrevistas dos pesquisadores foi elaborado outro roteiro de perguntas, o qual pode ser consultado no Apêndice F. As entrevistas com os pesquisadores foram realizadas virtualmente, por meio da ferramenta “*Google meet*”, e contaram com a participação da orientadora da tese. A primeira entrevista, a mais longa de todas desta pesquisa, totalizando 38 minutos de duração, foi concedida por Paulo Rogério Marques Sily, no dia seis de fevereiro de 2023. Devido ao problema de configuração do meu notebook, só foi possível gravar o áudio. O pesquisador, no momento da entrevista, estava com a idade de 61 anos. Sua formação em Licenciatura em História foi concluída em 1983, na Universidade Federal Fluminense (UFF). Na mesma instituição, obteve o grau de Mestre em Educação, em 1994. Nesse ano, ingressou como professor de História no Colégio Pedro II, onde ministrou aulas até a sua aposentadoria em 2013. Durante a sua atuação como professor do Colégio Pedro II, concluiu o seu doutorado em Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 2012, com a tese intitulada como: “*Casa de ciência, casa de educação: ações educativas do Museu Nacional (1818 - 1935)*”. O seu interesse pelo tema contribuiu para o seu grande engajamento na promoção do Programa de Iniciação Científica do Colégio Pedro II com o Museu Nacional, denominado PIC Júnior, que entrou em vigor em 2000 e permanece ativo até o momento e do qual foi orientador e coordenador, desde o seu início até 2012. Após a sua aposentadoria, atuou como professor substituto na UERJ, no período de 2013 até 2015. Atualmente, participa do Grupo de Pesquisa em História da Educação (NEPHE/UERJ). A segunda entrevista foi realizada com a pesquisadora denominada Mariana, em 20 de abril de 2023, com duração de 23 minutos.

Ainda em relação às entrevistas, destaco o vínculo de amizade com o pesquisador Paulo Rogério Marques Sily, estabelecido nas diversas reuniões do grupo de trabalho de reconfiguração da SEMEAR, o qual nós dois integramos como colaboradores externos. Além dele, o arquivista Jorge Dias da Silva Junior também se tornou um amigo de trabalho, devido à convivência durante o projeto Colheita, interrompido desde 2019, e aos contatos posteriores que contribuíram para esta pesquisa. Por esse motivo, a entrevista de pesquisa ocorreu em sua casa, no período que consegui visitar o Rio de Janeiro, pois na época, eu morava em outro estado.

## 6 SEMEANDO ENTRE CINZAS: MEMÓRIAS, EMOÇÕES E PRÁTICAS AFETIVAS NAS NARRATIVAS SOBRE O PROCESSO DE RECONFIGURAÇÃO

As tonalidades das emoções dos entrevistados em relação ao incêndio do Museu Nacional, bem como as lembranças enunciadas na construção das narrativas serão abordadas neste capítulo. Desse modo, apresentarei às análises das narrativas em três eixos temáticos, alinhavados com os objetivos desta pesquisa, em consonância com as categorias analíticas indicadas no capítulo anterior e com as reflexões tecidas no capítulo três, acerca da teoria de Henri Bergson, práticas afetivas, interseccionalidade afetiva e mundos possíveis.

Entre os três eixos, dois foram inspirados nas duas primeiras perguntas, presentes no roteiro das entrevistas dos dois grupos (servidores e pesquisadores), a saber: *Qual foi a sua reação ao receber a notícia do incêndio? Quando você se lembra do incêndio hoje, quais emoções você sente?*. Essas perguntas se desdobraram, respectivamente nos seguintes eixos: “O incêndio do Museu Nacional e da SEMEAR” e “Tonalidades afetivas das perdas do incêndio”. O terceiro eixo, denominado como “Práticas afetivas do processo de reconfiguração da SEMEAR”, foi formulado a partir de duas perguntas, retiradas dos roteiros de entrevistas tanto dos servidores, quanto dos pesquisadores, que são respectivamente: *Como está o processo de reconfiguração do acervo hoje? O que te motivou a doar os documentos consultados para reconfiguração da SEMEAR?*. Vale ressaltar que o primeiro e o segundo eixo foram subdivididos em subseções, com o propósito de organizar as análises.

### 6.1 O incêndio do museu nacional e da semear: “*eu vi a minha sala queimar*”

Este eixo contempla as narrativas elaboradas em resposta à primeira pergunta feita aos participantes, a qual teve como intento suscitar lembranças sobre o incêndio do Museu Nacional e, sobretudo, compreender quais foram as reações dos participantes quando tomaram conhecimento do desastre. Sendo assim, a proposta deste eixo é identificar a forma como os entrevistados organizam a experiência do incêndio, quais lembranças, emoções e identidades são enunciadas nas narrativas, com ênfase para o elo entre as lembranças e as emoções, isto é, como ambas são atualizadas no momento do relato. Esse processo de atualização da memória e das emoções será enfatizado ao longo das análises deste eixo, como também nos outros dois, uma vez que consiste em um dos objetivos específicos desta pesquisa.

Após a leitura atenta das narrativas dos quatro entrevistados, observei pontos convergentes (tristeza, indignação, crítica às políticas públicas, entre outros), como também

lembranças singulares evocadas durante a construção dos discursos. Com o objetivo de organizar as análises, este eixo está subdividido em três subseções, e cada uma contará com segmentos específicos retirados das transcrições completas, a saber: Confrontação com o incêndio, Vínculos com o Museu Nacional e Condições pré-existentes que contribuíram para o incêndio. Essas três subseções comunicam os significados atribuídos ao desastre, e como essa experiência é marcante para os participantes, ao ponto de ainda sensibilizá-los no momento da entrevista.

### 6.1.1 Confrontação com o incêndio do Museu Nacional: “*então foi um choque, né*”

Nesta subseção analiso os trechos sobre a confrontação dos participantes com o incêndio, com o propósito de identificar o elo entre as lembranças e as emoções, como ambas são atualizadas durante os relatos. Em relação à carga dramática das narrativas, a tristeza, o inconformismo e a revolta são comunicadas por meio das escolhas lexicais (desespero, bizarro, perplexidade, choque, impactado, grandioso, pesado, entre outras), pistas de contextualização verbais (seleção lexical e sintática) e não verbais (ênfases, falas lentas, mudanças nas tonalidades voz embargada, olhos marejados, olhar para lado, rosto franzido, entre outras). Além disso, as avaliações externas e encaixadas, bem como os diálogos construídos, indicam como os participantes qualificam e significam a experiência do incêndio.

#### Excerto 1 - O incêndio do Museu Nacional e da SEMEAR para Jorge

- 1 Cássia *Bom, qual foi a sua reação ao receber a notícia do incêndio?*  
 ((braços cruzados))
- 2 Jorge *Então, eu estava: em casa, na verdade, estava mexendo no carro era domingo↓, e*  
 3 *eu recebi a mensagem no grupo que eu tenho dos= amigos= do= trabalho= do=*  
 4 *Museu. [...]*  
 [...]
- 11 *[...] e tipo, uns trinta, quarenta minutos depois*  
 12 *que começou o incêndio, eu estava chegando lá↑. Chegando lá↑, me deparei*  
 13 *com vários amigos meus do trabalho num desespero só↑. [...]*  
 [...]
- 16 *Mas eu vi: <a minha sala queimar>.*  
 ((voz embargada))
- 17 *Eu vi: <meu ambiente de trabalho pegar fogo>*  
 18 *Depois eu até falei para algumas pessoas, que foi <um dos dias mais tristes da*  
 19 *minha vida>. Tipo falando aqui isso com você, eu vejo a cena agora↑ aqui na*  
 ((mexeu a cabeça de cima para baixo))
- 20 *minha frente*↑. *É bizarro, foi muito*↓. *Não quero que ninguém passe por isso*↓...

**Fonte:** A autora (2024).

A passagem selecionada da narrativa de Jorge aborda a confrontação dele com incêndio do Museu Nacional. Ao acompanhar o incêndio *in loco*, a angústia, o desespero e a tristeza, ao se deparar com o seu local de trabalho sendo queimado, ajudam a construir os sentimentos coletivos, experienciados/compartilhados também por seus colegas de trabalho, em: “*me deparei com vários amigos meus do trabalho num desespero só*” (linhas 13 e 14). A ênfase (sublinhado)<sup>93</sup> e o uso da palavra “desespero”, como também o aumento da entonação em “só” indexicalizam a intensidade das emoções não só dos seus amigos, como também de outros funcionários/servidores da instituição, pois, provavelmente, o sentimento de dor, desespero e perda foi coletivo.

A confrontação com as labaredas em seu local de trabalho, ou seja, com a perda da SEMEAR é enunciada nas linhas 16 e 17: “*Mas eu vi: <a minha sala queimar >*” e “*Eu vi: <meu ambiente de trabalho pegar fogo>*”. Os alongamentos nos dois enunciados de “*eu vi:*”, sinalizados pelos dois pontos, sugerem uma hesitação ou dificuldade para relatar o ocorrido face ao seu estado emocional. Por sua vez, o uso da fala lenta, com o reforço prosódico em cada palavra, em ambos os trechos, acompanhados das pistas de contextualização não verbais de suas lágrimas contidas e da voz embargada (linhas 16 e 17 do segmento), ressaltam o forte elo afetivo do narrador para com o local.

A tristeza de Jorge é palpável; segundo Le Breton (2019), o sentimento e a emoção nascem quando o sujeito avalia de forma intuitiva ou provisória a situação em que se encontra. No relato de Jorge, ele confere mais carga dramática à experiência do incêndio, por meio da avaliação encaixada, em: “*foi <um dos dias mais tristes da minha vida>*” (linhas 18 e 19). Nessa avaliação, Jorge enuncia como elaborou o significado do dia do desastre, ao tentar reproduzir o que teria proferido para outras pessoas após o incêndio. O efeito de intensidade da carga dramática advém da fala mais lenta e do reforço prosódico atraindo, assim, a atenção da entrevistadora e, sobretudo, transmitindo a sua dor. Além disso, as escolhas lexicais (desde o uso do advérbio ‘mais’ para intensificar a coloração da sua tristeza, e a associação como um dos dias mais marcantes e tristes de sua vida) assinalam o significado moral do incêndio como uma experiência penosa.

---

<sup>93</sup> Cabe salientar que todas as marcações nos discursos, tais como sublinhado, seta para cima, seta para baixo, entre outras, consistem em convenções utilizadas nas transcrições. Nesta pesquisa adoto o modelo de Bastos e Biar (2015). A relação das convenções empregadas, juntamente com seus respectivos significados, pode ser consultada no Anexo A.



Outra avaliação que contribui para a interpretação da experiência do incêndio como um episódio penoso na vida de Jorge é proferida em: “*Não quero que ninguém passe por isso*↓...” (linhas 20 e 21). Nessa avaliação externa há a mudança de tempo verbal do passado para o presente com o uso de “quero”; logo, o narrador sai do mundo estória para elaborar o seu desejo no mundo da interação, no qual emprega uma expressão utilizada quando algo terrível nos acomete, e por isso não desejamos a mesma dor para os outros. O uso da ênfase em ninguém sugere exatamente isso, e a tonalidade baixa em “isso”, sinalizada com a seta, reforça mais uma vez a dor da experiência do incêndio.

É notório o entendimento de como as emoções estão entrelaçadas às lembranças de Jorge sobre o incêndio nesse segmento, desde o desespero de seus amigos, até a sua própria tristeza e o lamento ao recordar as imagens de sua sala queimando. A vivacidade da lembrança, do Museu Nacional e, conseqüentemente, da SEMEAR pegando fogo, é enunciada pelo narrador em: “*Tipo falando aqui isso com você, eu vejo a cena agora*↑*aqui na minha frente*↑” (linha 19). A cena, a qual o narrador se refere com ênfase, pode ser interpretada como um desenho da imagem lembrança, de quando presenciou o incêndio *in loco*. De acordo com Bergson (2011), uma das formas de armazenar o passado é por meio das imagens lembranças pessoais, que “desenham todos os acontecimentos dele com seu contorno, sua cor e seu lugar no tempo” (Bergson, 2011, p. 97). Ainda segundo o autor, a reprodução fiel do passado (memória cósmica/pura) em imagem lembrança é impossível, logo, apenas desenhamos novamente a imagem, que se atualiza de acordo com o presente sensório-motor. Assim, o enunciado “*eu vejo a cena agora* ↑*aqui na minha frente*↑” aponta para a atualização da lembrança no momento do relato, enunciada com a tonalidade de algo que: “*é bizarro, foi muito*↓” (linha 20). Por outro lado, ao fazer uso do verbo no presente e no passado, de forma consecutiva, ele remete ao tempo fluído ininterrupto da duração de Henri Bergson, em que o passado coexiste com o presente que passa. Essa coexistência fica mais nítida quando acionamos a virtualidade do passado, sempre atualizada com a percepção do presente. A alternância temporal dos verbos reafirma que não apenas as lembranças, como também as emoções, são atualizadas durante a narrativa. O primeiro tempo verbal selecionado em “é bizarro” sugere a presentificação do sentimento de Jorge, nesse caso, derivado da experiência do incêndio no aqui e agora da interação. E, ainda, a escolha lexical “bizarro” destaca o incomum, estranho e assustador da imagem lembrança, assim como traduz ao mesmo tempo como o narrador interpreta e vivencia o incêndio.

Ainda no que concernem às imagens lembranças do incêndio do Museu Nacional, as narrativas de Gustavo, Paulo e Mariana também utilizam o passado do verbo ver, em diversos trechos. O uso recorrente de “vi” nos discursos indica como suscitamos as lembranças por meio

de imagens, atualizadas quando compartilhamos nossas experiências, no aqui e agora da interação (o cone invertido de Henri Bergson no presente sensorio motor). Além disso, os narradores se posicionam como testemunhas do incêndio, que começou localizado e se alastrou até atingir a “*a destruição completa*”, como enuncia Gustavo a seguir:

### Excerto 2 – O incêndio do Museu Nacional e da SEMEAR para Gustavo

- 1 Cássia *Qual foi sua reação a receber a notícia do incêndio, Gustavo?*  
 Gustavo *((pausa de 5 segundos, coloca a mão direita na sobrancelha e franze o rosto))*  
 2 *Olha eu: eu estava em casa ↓ ... uma coisa de perplexidade né, porque eu vi*  
*((mexe na barba com a mão esquerda))*  
 3 *<o fogo muito localizado> e vi eu vi os helicópteros chegando né, os helicópteros*  
*((coça a nuca com a mão esquerda e franze o rosto))*  
 4 *que no final não tiveram água suficiente. Então eu achei que iria ser debelado*  
 5 *né... [...]*  
 [...] *((fecha os olhos))* *((abre os olhos))*  
 8 *[...] Só que eu lembrava sempre do incêndio de 1942, na época da*  
 9 *gestão da professora Heloísa, que foram queimadas algumas salas. Mas*  
 10 *conseguiram debelar o incêndio com os recursos da época né. Isso gerou um*  
*((balança a cabeça em sinal de confirmação))*  
 11 *certo trauma né, um certo: um certo impacto na sociedade. Mas a destruição*  
 12 *foi relativamente pequena. Então eu imaginava, ah vai acabar acontecendo,*  
*((arregala os olhos))*  
 13 *mas a setenta e tantos anos depois é capaz de ser uma coisa pontual né. Então:*  
*((olha para baixo))* *((arregala os olhos))*  
 14 *então foi um choque né, eu não, eu não imaginava que pudesse chegar aquele*  
*((olhos marejados))*  
 15 *nível assim de destruição completa né. [...]*

**Fonte:** A autora (2024).

No segmento em tela, a resposta de Gustavo é precedida, por uma pausa: “*((pausa de 5 segundos; coloca a mão direita na sobrancelha e franze o rosto))*” (linha 2). De acordo com Le Breton (2019), uma palavra ou silêncio em uma interação nunca são neutros, pois sempre manifestam uma atitude moral e significados. A pausa prolongada sugere um certo receio, incômodo e/ou tristeza em lembrar do incêndio, interpretação que adquire mais força quando articulamos às pistas não verbais: a mão na sobrancelha e o rosto franzido. Em seguida, a primeira reação do narrador com a notícia do incêndio é expressa em “*uma coisa de perplexidade né*” (linhas 2); o reforço prosódico e a escolha lexical apontam para a surpresa de Gustavo que ficou sem reação perante a proporção inesperada do incêndio. Como ele próprio relata, “*< eu vi o fogo muito localizado>*” (linhas 3 e 4). Aqui a fala lenta e o uso do reforço prosódico em “localizado” sinalizam a ênfase em como o incêndio começou no Museu Nacional.

O fogo localizado, logo no início do incêndio, despertou a expectativa do narrador de seu arrefecimento. Essa expectativa fica clara em dois momentos na narrativa: o primeiro engloba os enunciados sobre os helicópteros (“*eu vi eu vi os helicópteros chegando né*” (linha 3)). Nesse trecho, a repetição do “eu vi” indica que o desenho da imagem lembrança dos helicópteros é evocado, como também a ênfase dramática de Tannen (no prelo). A carga dramática conferida à lembrança dos helicópteros, provavelmente, está vinculada à frustração da expectativa de conterem o fogo “*os helicópteros que no final não tiveram água suficiente*” (linhas 3 e 4). Essa elocução sobre a falta de água dos helicópteros destaca a ironia da situação.

Em seguida, Gustavo discorre sobre a sua expectativa, ao tecer uma avaliação externa intermediária: “*Então eu achei que ia ser debelado né...*” (linhas 4 e 5). Na avaliação externa intermediária, segundo Labov (no prelo), o narrador não interrompe o fluxo narrativo de forma abrupta, mas de forma indireta, ao atribuir, normalmente, a si próprio uma observação avaliativa acerca dos eventos que está contando. Dessa forma, no trecho em destaque, Gustavo busca validar com a entrevistadora a sua percepção inicial, de que o fogo seria “debelado”. A escolha lexical de debelado comunica a mensagem de erradicado e dominado; por sua vez, o uso do reforço prosódico na mesma palavra, bem como as pistas não verbais de coçar a nuca e franzir o rosto (linhas 4 e 5), indiciam um certo desconforto e/ou insatisfação com o desfecho. E um reconhecimento de que as expectativas iniciais dele eram equivocadas.

O segundo momento que denota a expectativa de debelarem o incêndio e, sobretudo, o inconformismo com o desastre ocorre quando o narrador menciona acontecimentos vividos por tabela, na avaliação por suspensão da ação. Esses acontecimentos, segundo Pollak (1992), são experienciados pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer; pois mesmo que não os tenha vivenciado, ela se identifica com determinado passado, devido a sua relevância transmitida pela socialização política ou histórica. No caso da narrativa de Gustavo, ele se lembra do incêndio que aconteceu na instituição, em 1942, em um espaço-tempo longínquo do início de sua atuação no Museu Nacional:

*[...] Só que eu lembrava sempre do incêndio de 1942, na época da gestão da professora Heloísa, que foram queimadas algumas salas. Mas conseguiram debelar o incêndio com os recursos da época né. Isso gerou um certo trauma né, um certo: um certo impacto na sociedade Mas a destruição foi relativamente pequena. Então eu imaginava, ah vai acabar acontecendo, mas a setenta e tantos anos depois é capaz de ser uma coisa pontual né. Então: então foi um choque né, eu não, eu não, imaginava que pudesse chegar aquele nível assim de destruição completa né. [...]* (Excerto 2, linhas 8-15).

A avaliação por suspensão da ação elaborada por Gustavo, ao mencionar a memória herdada pelo convívio com os servidores da instituição, consubstancia o seu discurso sobre a

expectativa do fogo ser debelado, além de expressar que mesmo tendo queimado apenas “algumas salas”, o episódio gerou “*um certo trauma*” (linhas 10 e 11) e “*um certo impacto na sociedade*” (linhas 15 e 16). Assim, as escolhas lexicais, o alongamento da vogal (um certo:), a repetição e os reforços prosódicos empregados indexicalizam a repercussão negativa do incêndio de 1942, tanto para os servidores, quanto para a sociedade. A lembrança dessa experiência justifica também a surpresa do narrador com a proporção do incêndio de 2018, pois elabora uma avaliação encaixada para expressá-la, quando menciona: “*Então eu imaginava, ah vai acabar acontecendo, mas há setenta e tantos anos depois é capaz de ser uma coisa pontual né*” (linhas 12 e 13). Nesse caso, Gustavo comunica para o ouvinte, através do componente avaliativo, que não estava alheio aos problemas de infraestrutura da instituição, os quais, provavelmente, desencadeariam em algum momento outro incêndio, que seria “pontual”.

O posicionamento afetivo do narrador fica explícito nessa avaliação, uma vez que comunica a sua surpresa e seu inconformismo com a proporção do incêndio. Essa interpretação é pautada também no uso dos reforços prosódicos, que sinalizam a ênfase ao tempo decorrido do incêndio, de 1942, como também a expectativa inicial do narrador em relação à notícia do incêndio, de 2018. E no arregalar de olhos (pista não verbal, linha 13), enfatizando o espanto com o incêndio que extrapolou o esperado em sua perspectiva. É interessante sublinhar que o narrador parece compactuar com o “trauma”, por meio das convenções de balançar a cabeça em sinal de confirmação, após a fala de “*um certo trauma*” (linha 11), e a repetição de “*um certo*” (linha 10 e 11). Portanto, podemos considerar que a tristeza advinda do “trauma” do incêndio de 1942 é uma emoção de tabela, que é “[...] a emoção projetada sobre algo que não se experienciou em primeira pessoa, mas adquire-se pelos elos afetivos.” (Deus; Pinto, 2023, p. 13).

As emoções de Gustavo em relação ao incêndio são então explicitadas e nomeadas, em: “*Então: então foi um choque né, eu não, eu não imaginava que pudesse chegar aquele nível assim de destruição completa né*” (linhas 13 a 15). No trecho em destaque, o narrador constrói discursivamente as suas emoções por meio das escolhas lexicais, reforços prosódicos, repetição e, especialmente, por meio de seu olhar. As escolhas lexicais com reforço prosódico em “*choque*” e “*não imaginava*”, assim como a repetição de “*eu não*” e o arregalar dos olhos (pista não verbal, linha 15 do segmento), sugerem a dramaticidade do espanto de Gustavo com a proporção do incêndio. O inconformismo é perceptível no fragmento “*que pudesse chegar aquele nível assim de destruição completa né*” (linhas 19 e 20), o uso de “*aquele nível*”, e os reforços prosódicos em “*destruição completa*” indicam tanto a insatisfação do narrador, quanto

o alcance do incêndio. A tristeza do narrador é demarcada no discurso por meio das pistas de contextualização não verbais do seu olhar para baixo e olhos marejados (linhas 13 e 14).

A rapidez, a surpresa e a tristeza com o incêndio presentes no discurso de Gustavo podem ser observadas também no discurso de Mariana:

### Excerto 3 – O incêndio do Museu Nacional e da SEMEAR para Mariana

- 1 Cássia *Qual foi a sua reação ao receber a notícia do incêndio?*  
 2 Mariana *Ah, então. Eu estava em casa, eu estava na minha casa. E passou no jornal, né?*  
 3 *Começou a transmitir ao vivo o incêndio. E eu não lembro se eu estava assistindo*  
 4 *a televisão e vi ou se o meu marido me chamou, esse detalhe eu estou esquecendo.*  
*(olhar fixo na câmera)*  
 5 *Mas eu lembro que eu vi. E: eu falei assim: “Nossa, o Museu Nacional está*  
 6 *pegando fogo↓”. E eu pesquisei muito↑ no Museu Nacional. [...]*  
 7 *[...]. E: eu lembro que eu fiquei assistindo.*  
 8 *Aí eu falei para o meu marido, eu comentei com ele:, eu estava sentada no sofá*  
*((olha para direita, com os olhos levemente marejados))*  
 9 *e ele em pé: “Gente está pegando fogo↑”. E, eu lembro, rapidamente de estar numa*  
*((Sinaliza um intervalo curto e depois longo)) ((estala dedo da mão direita))*  
 10 *pontinha, estava inteiro. Foi assim, foi muito rápido. Eu lembro que eu assistia a*  
*((gesticula choro com as duas mãos fechadas))*  
 11 *televisão, eu chorei ↑ assistindo aquilo ...> Eu lembro que eu assistia televisão<,*  
*((olha para direita))*  
 12 *eu chorei ↑. É: foi muito pesado [...]*

**Fonte:** A autora (2024).

No segmento em destaque, observamos dois pontos chaves que norteiam a narrativa de Mariana em resposta à primeira pergunta. O primeiro ponto, conforme sinalizei anteriormente, é a menção intrínseca à imagem lembrança da teoria bergsoniana, que pode ser constatada nos enunciados elaborados com o verbo “vi” (linhas 4 e 5). A diferença para os demais participantes é que Mariana menciona o verbo “vi” sempre com reforço prosódico, alinhando-se como testemunha ocular, que acompanhou o incêndio ao vivo, de forma remota por meio de uma rede de televisão. O segundo ponto chave são as tonalidades afetivas (surpresa e tristeza) que demarcam a sua confrontação com a notícia do incêndio, principalmente, quando emprega o recurso de diálogo construído e a repetição da elocução “eu chorei” (linhas 11 e 12), com pistas de contextualização verbais e não verbais.

No que tange à concepção de diálogo construído, de acordo com Tannen (no prelo), a reprodução exata de qualquer diálogo durante uma narrativa é praticamente impossível. Nesses casos, os narradores, na verdade, estão recriando ou criando o diálogo para o ouvinte, com objetivo de envolvê-lo com a estória. A impossibilidade de reproduzir fielmente um diálogo durante a narrativa está diretamente relacionada ao processo de atualização da memória, porque

de acordo com a teoria de Henri Bergson, nossas lembranças são sempre atualizadas de acordo com o presente sensorial motor, ou seja, com o contexto interativo circunscrito em uma atmosfera afetiva. Portanto, toda menção a um diálogo será uma criação/construção, uma vez que consiste em uma tentativa de recriar uma cena/lembrança.

A partir dessas premissas, o diálogo construído elaborado por Mariana na seguinte elocução: “*Nossa, o Museu Nacional está pegando fogo*↓” (linhas 5 e 6), na verdade, é uma recriação de sua interação como marido quando tomou conhecimento do incêndio. Essa iniciativa é retomada em: “*Gente está pegando fogo*” (linha 9). Em ambos os diálogos construídos, a narradora suscita a lembrança da sua confrontação com a notícia do incêndio e, ao mesmo tempo, expressa a sua surpresa e tristeza com o incêndio. De fato, as lembranças e as emoções são concomitantemente atualizadas nesses diálogos. Por um lado, as escolhas lexicais de “Nossa” e “Gente”, interjeições que sugerem a constatação de algo inesperado, acompanhadas com reforço prosódico (sublinhado), enfatizam a surpresa da narradora com o desastre. Por outro, a coloração da tristeza é perceptível nas mudanças de tonalidade na palavra “fogo”; na linha 6, a seta para baixo indica tonalidade descendente, o que indexicaliza um tom de desolação/tristeza, enquanto na linha 9, a palavra “fogo” foi pronunciada com tonalidade ascendente (seta para cima) e acompanhada das pistas de contextualização não verbais (olha para direita, com os olhos levemente marejados – linha 9 do segmento); nesse caso, as pistas indicam o desespero de Mariana com o incêndio.

A surpresa de Mariana não se restringe apenas à ocorrência do incêndio, porque ela menciona também o seu espanto, assim como Gustavo, em relação à rapidez da destruição: “*E, eu lembro, rapidamente de estar numa pontinha, estava inteiro. Foi assim, foi muito rápido*” (linhas 9 e 10). O emprego do diminutivo “pontinha” com reforço prosódico (sublinhado) são escolhas que sugerem sua concepção acerca do fogo inicial do incêndio como insignificante, ou seja, que poderia ser contido. No entanto, contrapondo a sua expectativa inicial, “rapidamente” o Paço de São Cristóvão foi tomado por “inteiro”. As pistas de contextualização não verbais do segmento (linhas 9 e 10), gesticulação de intervalo curto e longo para ilustrar a extensão do incêndio, bem como o estalar dos dedos, quando tece a sua avaliação encaixada para qualificar o incêndio como “*muito rápido*”, conferem mais dramaticidade ao relato, uma vez que os gestos estão atrelados aos significados dos enunciados.

A tristeza de Mariana é enunciada novamente, quando declara abertamente que chorou ao acompanhar a notícia do incêndio, em: “*eu chorei* ↑ *assistindo aquilo* ... [...] *eu chorei* ↑. *É: foi muito pesado*” (linhas 11 e 12). No trecho em destaque, a ênfase na tristeza que ela sentiu com a experiência é construída por meio da repetição do vocábulo “chorei”, e do aumento da

tonalidade (seta para cima) nas duas ocorrências. A forma como Mariana se refere ao incêndio, com a escolha lexical de “aquilo” para não o nomear, também reforça a sua dor. Além disso, as pistas de contextualização não verbais - gesticulação do choro e o olhar para direita (linhas 11 e 12 do segmento), essa última interpretada aqui como um refugio para conter suas emoções - substanciam a tristeza da narradora.

Há também a mudança do tempo verbal em: “*É: foi muito pesado*” (linha 12). Assim como Jorge, quando caracteriza o incêndio como algo bizarro, a pesquisadora Mariana também altera o tempo verbal de forma consecutiva (É/foi), construindo uma ponte entre o presente (mundo da interação) e o passado (mundo da estória), quando qualifica o desastre como “muito pesado”. Essa mudança temporal, assim como verificamos na análise da narrativa de Jorge, sinaliza o tempo fluído, isto é, a duração da teoria de Henri Bergson e, ao mesmo tempo, como as lembranças e emoções são atualizadas durante a narrativa. Os reforçadores prosódicos em *muito* e *pesado* salientam a dor da narradora, que encara, até o momento da narrativa, o incêndio como uma experiência difícil de suportar.

No segmento em tela reconhecemos o movimento denominado de rotação por Bergson (2011), conforme apresentado no capítulo três desta pesquisa, pois toda lembrança implica em esquecimento. No processo de atualização da memória, alguns detalhes são esquecidos, enquanto outros são lembrados de forma vívida. Na elocução: “*E eu não lembro se eu estava assistindo a televisão e vi ou se o meu marido me chamou, esse detalhe eu estou esquecendo*” (linhas 3 e 4), a narradora não consegue se lembrar de como soube do incêndio, se foi ela que viu a notícia ou se foi o marido que a avisou. Entretanto, Mariana lembra que estava sentada no sofá, provavelmente atônita, e o marido em pé, quando comenta sobre o incêndio com ele: “*Aí eu falei para o meu marido, eu comentei com ele; eu estava sentada no sofá e ele em pé: “Gente está pegando fogo↓”*” (linhas 8 e 9).

O movimento de rotação de Bergson (2011) também pode ser identificado na narrativa de Paulo, nas linhas 12 e 13 do excerto 4, quando ele enuncia que não tem certeza como tomou conhecimento do incêndio. Contudo, o segmento a seguir destaca o momento de confrontação de Paulo, como incêndio do Museu Nacional:

#### Excerto 4 – O incêndio do Museu Nacional e da SEMEAR para Paulo

- |       |        |  |
|-------|--------|--|
| 1     | Cássia | <i>Eu gostaria de começar perguntando, qual foi a sua reação ao receber a</i>          |
| 2     |        | <i>notícia do incêndio?</i>  |
| [...] |        |  |
| 6     | Paulo  | <i>[...] É: olha a: sensação imediata que eu tive foi um</i>                           |
|       |        | <i>((olhos marejados))</i> <span style="float: right;"><i>((voz embargada))</i></span> |
| 7     |        | <i>impacto muito grande, que foi um pouco misturado de &lt;tristeza&gt; e de</i>       |





embargada e olhar para o lado esquerdo), das pistas paralinguísticas (ênfases, fala lenta e aumento de tonalidade) e das escolhas lexicais (impacto muito grande, impactado, tristeza e indignação). A fala lenta em “<tristeza>”, acompanhada da voz embargada, sinalizam como a lembrança do incêndio é dolorosa para Paulo, mesmo após tanto tempo, e consubstanciam a concepção de que memória e as emoções são atualizadas quando os narradores elaboram/enunciam a experiência. Além da tristeza, o narrador expressa também a sua “indignação” com o desastre, tonalidade emotiva que permeará a sua narrativa durante toda a entrevista. Paulo, assim como Gustavo e Mariana, menciona a rapidez do incêndio, só que de forma implícita em: “*eu vi a imagem o palácio já estava tomado né.*” (linha 12). As escolhas lexicais de “já” com reforço prosódico, aplicado também no vocábulo “tomado”, nos permitem inferir que a progressão do incêndio no Palácio / Paço de São Cristóvão, na concepção de Paulo, também foi rápida.

Em seguida, Paulo elabora avaliações encaixadas acerca do incêndio, o descrevendo como algo impactante e grandioso, como em: “*e: quando eu vi aquilo eu fiquei muito impactado e:[..]. E:,e assim, era a sensação de uma coisa tão grandiosa, um incêndio tão grandioso↑*” (linhas 10 até 12). Tanto “impacto” (linha 7) e “impactado”, quanto “grandiosa” e “grandioso”, são enunciados com ênfase (sublinhado) pelo narrador, pistas que denotam como ele chama atenção do ouvinte, para os significados que atribui ao incêndio. Esses significados estão atrelados diretamente à perda dos acervos; a relevância do patrimônio perdido é algo evidente, inclusive a palavra “perda” e suas variações são sempre enunciadas pelo narrador, com recurso de ênfase ou tonalidade descendente (linhas 18, 49, 51 e 53); em ambos os casos, as pistas verbais e a repetição do vocábulo reforçam o seu sofrimento.

Diante de todas as análises apresentadas nesta subseção de confrontação com o incêndio, observamos que a coloração da tristeza permeia todas as narrativas, especialmente, no discurso construído por Jorge. A carga dramática foi maior, por ele ter acompanhado *in loco* a destruição do seu ambiente de trabalho. Cabe destacar que, nesse momento de sua narrativa, eu precisei conter as minhas emoções, para manter a minha face e continuar com a entrevista. Outra tonalidade afetiva presente nos discursos de Gustavo, Mariana e Paulo foi a surpresa com a rapidez do incêndio, algo que também senti quando acompanhei o incêndio em tempo real pela televisão. Nesse caso, talvez, por ter acompanhado o incêndio *in loco*, a duração do desastre para Jorge, provavelmente, foi maior. A indignação verbalizada por Paulo e indicada por Gustavo, quando ele se lembra de incêndio contido em 1942, é outra coloração marcante. Além disso, identificamos, ao longo das análises, o elo indissociável entre as lembranças e as emoções, e como ambas são atualizadas durante a construção do fluxo narrativo.

### 6.1.2 Vínculos com o Museu Nacional: “*eu tive oportunidade de experimentar o Museu Nacional em diversas condições*”

Nesta subseção destaco os vínculos estabelecidos pelos participantes com o Museu Nacional, especialmente, os alinhamentos (*footings*), uma vez que propiciam a análise das identidades sociais; em outras palavras, os papéis construídos localmente nos discursos construídos acerca da experiência do incêndio. Esses papéis sociais e discursivos nos ajudam a compreender as relações de pertencimento, como também as tonalidades afetivas das performances dos entrevistados.

No que concerne aos pesquisadores, na íntegra da entrevista de Paulo, verificamos que os alinhamentos de cidadão e, principalmente, de pesquisador e de coordenador de projeto de iniciação científica, em parceria com Museu Nacional, constituem uma parcela considerável da sua narrativa. Contudo, reproduzo apenas um trecho da narrativa, com o objetivo de sintetizar as análises. Esse critério será aplicado também na análise das narrativas de Mariana, que, posteriormente, em resposta à outra pergunta da entrevista de pesquisa, destaca o seu alinhamento como “professora” a ser explorado no próximo eixo. Em suma, a subseção “vínculos com o Museu Nacional” não pretende explorar todos os alinhamentos, mas contemplar os que compõem este eixo.

No trecho a seguir, extraído da entrevista de Jorge, observamos os *footings* de funcionário: “*Eu me deparei com vários amigos meus do trabalho num desespero só↑. Mas eu vi: <a minha sala queimar>. Eu vi:<meu ambiente de trabalho pegar fogo>” (linhas 12 até 17). Nesse trecho, Jorge utiliza os pronomes possessivos (meus, minha e meu) para enfatizar o seu vínculo de pertencimento institucional. Os pronomes possessivos indexicalizam relação de posse, no caso do discurso de Jorge, enunciam também o seu elo afetivo com o Museu Nacional, reforçado com as pistas de contextualização não verbais (olhos marejados e voz embargada, linha 16 e 17 do primeiro excerto). Além disso, a escolha lexical de “amigos”, ao invés de “colegas”, denota que o ambiente de trabalho do Museu Nacional era salutar, uma vez que lhe proporcionou criar vínculos de amizade com outros servidores. Portanto, o vínculo de pertencimento afetivo com a instituição confere mais carga dramática ao relato.*

Outro alinhamento é o de irmão, presente na narrativa elaborada em resposta à primeira pergunta da entrevista de pesquisa, quando Jorge menciona: “*Pedi para o meu irmão me levar*”. Esse alinhamento sugere solidariedade/fraternidade familiar para tratar de assuntos de cunho profissional, assim como o grau de consternação do narrador com a notícia, que precisou da ajuda de um ente querido para ser transportado até o local do incêndio.

Os *footings* de historiador e funcionário de Gustavo podem ser identificados no mesmo trecho: “*Só que eu lembrava sempre do incêndio de 1942, na época da gestão da professora Heloísa, que foram queimadas algumas salas. Mas conseguiram debelar o incêndio com os recursos da época né. Isso gerou um certo trauma né ...*” (linhas 8 até 11). O alinhamento como funcionário conhecedor da instituição é perceptível desde o momento em que menciona a experiência, como se a tivesse vivenciado, e na forma como compactua com a tristeza, em suas palavras, do “*certo trauma né*” (linha 11) gerado pelo episódio. Por outro lado, o alinhamento como historiador está implícito ao suscitar a lembrança de um evento análogo ao desastre, principalmente, quando faz referência ao ano exato do incêndio “1942” e ao especificar, com ênfase, quem estava na coordenação da instituição em “*na época da gestão da professora Heloísa*” (linha 9), a primeira diretora do Museu Nacional. Os alinhamentos de Gustavo corroboram sua percepção inicial de que o incêndio seria debelado e denotam uma crítica aos recursos à época do incêndio, os quais foram insuficientes para impedir o desastre. Além disso, indicam também a integração, ou melhor, o elo afetivo do narrador com a instituição, ao ponto de lembrar e experienciar algo sem ter vivido, isto é, por tabela.

O elo afetivo com o Museu Nacional também está presente nas narrativas dos pesquisadores; enquanto Paulo menciona explicitamente a sua relação de pertencimento em três esferas diferentes - como cidadão, coordenador de projeto de iniciação científica e pesquisador –, Mariana alinha-se como pesquisadora e historiadora. Um aspecto interessante e singular na narrativa de Mariana, como veremos a seguir, é seu encantamento com o acervo da instituição:

#### Excerto 5 – Vínculos da Mariana com o Museu Nacional

6 Mariana [...] *E eu pesquisei muito*↑ *no Museu Nacional. Desde a iniciação*  
 7 *científica, >no mestrado, no doutorado<. [...]*  
 [...]
   
 12 [...] *É: foi muito pesado, porque eu me lembro muito*↑ *também das*  
 13 *primeiras vezes que eu entrei. Tenho uma lembrança de ver aquela quantidade*  
 14 *de gavetinhas, que tinha nos corredores, de vários armários com muitas*↑  
 15 *gavetinhas pequenininhas. E a vontade de abrir todas elas, mas eu tinha que fingir*  
 ((dá um sorriso em direção a câmera))  
 16 *que não queria abrir todas as gavetinhas poder mexer >andar até a sala aonde*  
 17 *you ia, tal, e ver só o que você tinha pedido ali para ver<. Mas a vontade era de*  
 18 *abrir tudo*↑. *Entrar em todos os quadradinhos de biombo ali, que tinham nas*  
 19 *divisões. Então, para mim, era uma lembrança muito vívida de tudo que tinha ali*  
 20 *dentro. Na verdade, eu demorei* ↑ *para conhecer a exposição de fato. E eu conheci*  
 21 *o fundo muito antes. A primeira vez que eu fui ao museu, eu entrei por trás. [...]*  
 22 [...] *E eu fiz muito esse*  
 23 *caminho, de entrar ali por trás, e ir até a seção de arquivo, principalmente. [...]*  
 [...]
   
 25 *Nacional, que estava lá no começo, e foi ela que me atendeu bastante ali. É: então,*  
 26 *assim, eu eu eu lembrava muito de que era muito*↑ *mais*↑ *do que uma exposição*

27 *que estava ali, na frente, exposta assim. Então, é: eu tinha noção do tamanho das*  
 28 *coleções, do arquivo de documentos que estavam ali dentro. [...]*  
 29 *[...] Eu lembro que muitos colegas lembraram de mim, mandaram*  
 30 *mensagens, porque eu estudei história - também assim como vocês. Então, um*  
 31 *monte de gente foi pesquisar lugares diversos, e eu pesquisava no Museu Nacional.*

**Fonte:** A autora (2024)

No segmento acima, Mariana alinha-se como pesquisadora do acervo do Museu Nacional, desde o início da sua formação acadêmica superior, a qual abrange a iniciação científica na graduação, o mestrado e o doutorado (linhas 6 e 7). A trajetória de pesquisadora na instituição começou cedo, o que a permitiu conhecer parte dos diversos acervos e a reserva técnica antes das exposições, como também desenvolver um elo afetivo ao longo dos anos. Antes de analisarmos essas questões, cabe destacar que, em sua narrativa, ela nos conta que fora introduzida no universo de pesquisa da instituição quando nova e que suas primeiras lembranças adquirem uma coloração de fascinação e deslumbramento:

*eu me lembro muito↑ também das primeiras vezes que eu entrei. Tenho uma lembrança de ver aquela quantidade de gavetinhas, que tinha nos corredores, de vários armários com muitas↑ gavetinhas pequeninhas. E a vontade de abrir todas elas, mas eu tinha que fingir que não queria abrir todas as gavetinhas poder mexer [...]Mas a vontade era de abrir tudo↑. Entrar em todos os quadradinhos de biombo ali, que tinham nas divisões. Então, para mim, era uma lembrança muito vivida de tudo que tinha ali dentro. (Excerto 5, linhas 12-20).*

No trecho em destaque, Mariana faz alusão às diversas “gavetinhas” dos corredores, como também de “*muitas↑ gavetinhas pequeninhas*” de “*vários armários*”. O uso do diminutivo de gavetas, com respectivo reforço prosódico em todas as ocorrências, aponta como a narradora se transporta para um cenário fantástico, quase infantil, quando se lembra da diversidade e da dimensão dos acervos, assim como a xícara de chá transporta Proust para a sua infância. O encantamento com os acervos do Museu Nacional é evidente quando Mariana explica a necessidade de “*fingir*” que, não tinha interesse em abrir todas as “gavetinhas”, para manter a sua performance de pesquisadora. As escolhas lexicais e a pista de contextualização não verbal - sorriso em direção a câmera (linha16), construindo cumplicidade com as ouvintes também pesquisadoras, ao compartilhar o seu segredo de querer abrir tudo - conferem certo ar mágico ao Museu Nacional, com muitos tesouros a serem explorados. Além disso, desvela o elo afetivo da narradora que, perante a riqueza dos acervos, alinha-se como uma pesquisadora deslumbrada, curiosa, com desejo de desbravá-los.

As imagens lembranças de suas primeiras visitas ao Museu Nacional, ainda nesse segmento, com todas as “gavetinhas” e os “quadradinhos” de biombo, são atualizadas no

momento da narrativa, ao ponto de Mariana afirmar que “*era uma lembrança muito vívida de tudo que tinha ali dentro*”. A vivacidade dessas imagens lembranças podem ser associadas também à atualização das emoções da narradora, uma vez que ela comunica abertamente, sem mitigação, a sua fascinação e o seu encantamento com os acervos. Essa “lembrança muito vívida” corrobora também para o alinhamento de Mariana como uma pesquisadora conhecedora dos acervos, o “que tinha ali dentro”, sobretudo, os acervos do “fundo”, como destaca a seguir: “*Na verdade, eu demorei ↑ para conhecer a exposição de fato. E eu conheci o fundo muito antes. A primeira vez que eu fui ao museu, eu entrei por trás. [...]*” (linhas 20 e 21).

A explicação de Mariana, no trecho acima, ao afirmar ter demorado para “*conhecer a exposição de fato*”, porque conheceu o “*fundo muito antes*”, acompanhada dos reforços prosódicos, reafirmam e destacam o seu alinhamento de pesquisadora comprometida e dedicada. As escolhas lexicais, com ênfase em “*muito antes*”, expressam que seu interesse, por muito tempo, se concentrou apenas nos acervos do “fundo”, dos bastidores, isto é, nos acervos das reservas técnicas do Museu Nacional. Esse “fundo” só podia ser acessado por servidores e pesquisadores, enquanto o que a exposição era aberta a toda a sociedade. Desse modo, a narradora constrói o acesso “trás” da exposição como um privilégio inerente ao seu papel social de pesquisadora. Mariana valoriza o seu papel de pesquisadora, ao ponto de declarar que o desempenha desde a sua primeira visita ao Museu Nacional.

Outra questão relevante está na ênfase de Mariana às suas visitas frequentes, principalmente, até a SEMEAR, pelo caminho de “trás”, em: “*E eu fiz muito esse caminho, de entrar ali por trás, e ir até a seção de arquivo, principalmente*” (linhas 22 e 23). No entanto, a SEMEAR sempre esteve aberta ao público, e o seu acesso poderia ser feito também “pela frente”. Portanto, mais uma vez o seu status de pesquisadora é acionado, o qual nos permite inferir não apenas o seu conhecimento do “fundo”, como também a sua familiaridade com a instituição, com os servidores e pesquisadores, provavelmente, devido aos seus longos anos de pesquisa.

Os alinhamentos enunciados ao longo da narrativa de Mariana conferem credibilidade a avaliação encaixada elaborada: “*É: então, assim, eu eu eu lembrava muito de que era muito ↑ mais ↑ do que uma exposição que estava ali, na frente, exposta assim. Então, é: eu tinha noção do tamanho das coleções, do arquivo de documentos que estavam ali dentro.*” (linhas 29 até 31). As repetições de “eu”, as tonalidades ascendentes e os reforços prosódicos destacam o tom de tristeza de Mariana, que conhecia a dimensão e a diversidade dos acervos do “fundo”, das coleções das reservas técnicas e dos documentos da SEMEAR, uma vez que era uma pesquisadora assídua desde a sua iniciação científica. Essa compreensão da dimensão da perda

ocasionada pelo incêndio, devido aos alinhamentos, ou melhor, aos vínculos de pertencimento estabelecidos com a instituição, também pode ser observada na narrativa de Paulo:

#### Excerto 6 – Vínculos de Paulo com o Museu Nacional

17 [...] *É: eu não sei se cabe, eu falar um pouco da*  
 18 *minha experiência com o Museu, mas eu fui é: eu tive a oportunidade de*  
 19 *experimentar o Museu em diversas é: condições. Uma como visitante cidadão,*  
 20 *depois como coordenador de projeto de iniciação científica do Colégio Pedro II,*  
 21 *com o Museu Nacional, que foi um projeto que coordenei por treze anos. E nesses*  
 22 *treze anos, esse projeto, ele me permitiu conhecer a pesquisa ou as pesquisas que*  
 23 *eram desenvolvidas, tanto nas seções quanto nos setores do Museu Nacional. [...]*  
 [...]
 30 *Então, eu conheci um lado do Museu Nacional, que quem conhece é quem está*  
 31 *ligado à pesquisa. O cidadão comum não tem esse acesso↑, né. [...]*  
 [...]
 39 [...] *Então, essa foi a segunda oportunidade↓. E a*  
 40 *terceira foi quando eu busquei o Museu Nacional com o acervo documental*  
 41 *para minha tese de doutorado. Eu esta-, eu praticamente entrei no Museu*  
 42 *Nacional como acervo documental para minha tese de doutorado. Eu esta – eu*  
 43 *praticamente entrei no Museu Nacional, assim para essa pesquisa em dois*  
 44 *mil e nove. E fiz essa pesquisa até praticamente concluir a tese em 2012, né.*  
 45 *>Ela agora inclusive está disponível pela plataforma da UFRJ<. É: então, assim,*  
     *((voz embargada, olha para o lado esquerdo))*  
 46 *quando euvi o incêndio ..., a imagem que me chegou, ela dava a percepção de*  
     *((voz embargada, olhos com lágrimas))*  
 47 *perda↓. Eu tive, eu tinha, naquele momento uma ideia do que estava sendo*  
     *((voz falha trêmula))*  
 48 *perdido, né, como cidadão, como pesquisador e como conhecedor de uma*  
 49 *pequena parcela do acervo de outros setores, que não a SEMEAR, a seção. Então,*  
     *((bufada))*  
 50 *assim, era muita coisa perdida, Hh, tá.*

**Fonte:** A autora (2024).

No excerto em tela, extraído da narrativa de Paulo, a dimensão da perda dos acervos é relacionada ao conhecimento em três instâncias diferentes, que o concedem “... uma *ideia do que estava sendo perdido*” (linhas 47 e 48). As três instâncias citadas por Paulo, na verdade, podem ser analisadas como três *footings* que o narrador assume durante a narrativa, a saber: o primeiro como cidadão, o segundo como coordenador de projeto de iniciação científica e o terceiro como pesquisador. Esses alinhamentos são enunciados ao longo do segmento (linhas 17 até 51) e, em conjunto, operam para sua performance de *expert*, de conhecedor em todos os níveis da instituição. Sendo assim, o destaque aqui será para o trecho a seguir, porque sintetiza os alinhamentos mencionados: “*Eu tive, eu tinha, naquele momento uma ideia do que estava sendo perdido, né, como cidadão, como pesquisador e como conhecedor de uma pequena parcela do acervo de outros setores, que não a SEMEAR, a seção.*” (linhas 47 a 49).

O alinhamento como cidadão, frequentador do espaço, não é desenvolvido no segmento em análise. Entretanto, o narrador não deixa de mencioná-lo, uma vez que o incêndio atingiu o patrimônio de todos os cidadãos, papel que também o representa. Por outro lado, o alinhamento de coordenador de projeto de iniciação científica, mais especificamente do PIC Júnior, fruto da parceria de estágio do Colégio Pedro II com o Museu Nacional, é mencionado diversas vezes durante a entrevista. A repetição desse alinhamento veicula como foi uma experiência marcante e importante em sua trajetória profissional e pessoal. Além disso, a agência e o protagonismo de Paulo como coordenador do projeto por 13 anos, enunciada em: “... *foi um projeto que coordenei por treze anos. E nesses treze anos, esse projeto, ele me permitiu conhecer à pesquisa ou às pesquisas que eram desenvolvidas, tanto nas seções quanto nos setores do Museu Nacional. [...]*” (linhas 22 até 25), justifica/atesta o seu amplo conhecimento das pesquisas de diversas áreas da instituição.

O último alinhamento enunciado pelo narrador é o de pesquisador (linhas 43 a 46), quando explica que ficou na SEMEAR consultando os documentos para elaboração da sua tese, desde 2009 até a conclusão da sua pesquisa, em 2012. O reconhecimento da pesquisa desenvolvida é explicitado por Paulo: “>*Ela agora inclusive está disponível pela plataforma da UFRJ*<” (linha 54). Posteriormente, em outro segmento, o narrador abordará novamente a repercussão positiva de sua pesquisa. No momento, apenas com o referido enunciado, é possível notarmos que, mesmo por meio de fala mais acelerada (uso da convenção ><), o narrador ressalta a validação da sua pesquisa de doutorado pela UFRJ, instituição de grande destaque no cenário acadêmico nacional e responsável também pelo Museu Nacional. Outro *footing* é o de historiador, enunciado por ele ao citar os documentos da época da alocação do Museu no Paço de São Cristóvão; tal alinhamento será explorado na próxima subseção.

Em suma, os papéis performatizados ao longo das narrativas, como o de servidor, historiador, pesquisador, coordenador de projeto, entre outros, salientam os vínculos de pertencimento com o Museu Nacional, as lembranças e as tonalidades afetivas afloradas na construção dos discursos dos entrevistados. E atribuem *status* de expertise e credibilidade para dimensionarem o impacto da perda dos acervos em suas vidas profissionais, pessoais, bem como para as pesquisas científicas e para a sociedade.

### 6.1.3 Condições pré-existentes que contribuíram para o incêndio: “*tragédia muito anunciada*”

Ao organizarem as experiências acerca do incêndio do Museu Nacional, os participantes empregaram nas narrativas o recurso de avaliação de Labov (no prelo) e o diálogo construído

de Tannen (no prelo), a fim de tecerem críticas tanto em relação às condições estruturais do Paço de São Cristóvão, quanto à falta de investimentos. Essas críticas locais apontam para problemas globais, como o descaso das políticas públicas com os patrimônios nacionais, entre outras questões que serão abordadas nesta subseção. Sendo assim, o objetivo aqui é apontar, segundo a ótica dos entrevistados durante as narrativas, os fatores que contribuíram para o incêndio do Museu Nacional:

**Excerto 7 – Condições pré-existentes que contribuíram para o incêndio segundo Jorge**

- 4            *[...] E aí já a mensagem dizia assim: nosso Museu tá queimando↓*  
               *((descruza os braços)),*  
 5            *E aí eu: falei assim: ah que isso cara, que foi, qual é o problema agora↑?*  
 6            *Tipo, aí eu também falei: Oh, mas está sempre queimando aqui, está sempre*  
 7            *tendo problema↓ Aí um amigo nosso falou assim: <é, Jorge é sério está pegando*  
 8            *fogo>. [...]*

**Fonte:** A autora (2024).

No segmento em tela, Jorge recria o diálogo estabelecido por mensagem com seus amigos e, ao mesmo tempo, indexicaliza os problemas estruturais do Museu Nacional. De fato, o que fica mais explícito no diálogo construído é a incredulidade, sua surpresa em relação ao desastre: “*Oh, mas está sempre queimando aqui, está sempre tendo problema↓*” (linhas 6 e 7). Além de expressar a sua incredulidade, com a ênfase (sublinhado) na interjeição “oh”, ele insere também uma avaliação encaixada como justificativa, indicando que os problemas derivados da falta de infraestrutura eram frequentes na instituição e, por esse motivo, inicialmente, não encarou o incêndio como algo sério.

Nesse contexto, tanto a narrativa do funcionário Gustavo, quanto da pesquisadora Mariana apontam a surpresa de ambos com o incêndio, mesmo sabendo que a instituição estava suscetível a algum incidente, devido às condições estruturais inadequadas:

**Excerto 8 – Condições pré-existentes que contribuíram para o incêndio segundo Gustavo**

- ((mexe a mão esquerda para frente e para trás))*  
 8            *Ah eu sabia que o Museu estava sujeito a incêndio↓ sem dúvida né. Eu tinha*  
 9            *informações sobre o estado da rede elétrica, da fiação, que a qualquer momento*  
               *((respira fundo e franze o rosto))((fecha os olhos)).*  
 10           *alguém iria esquecer uma cafeteira ligada e ia ter um... um incidente. [...]*

**Fonte:** A autora (2024).

**Excerto 9 – Condições pré-existentes que contribuíram para o incêndio segundo Mariana**

- 42           *Eu conhecia o museu ali também, e essa parte ali de trás, assim a gente sabia de*



43 *algumas questões de necessidade mesmo, de ver mesmo vazamento e fio. Vê que*  
*com as duas mãos, em sentido contrário e olha para cima))*  
 44 *a instalação elétrica em alguns lugares não era adequada. Ouvia os*  
 45 *pesquisadores, os técnicos que me atendiam falando, que faz dez anos*  
 46 *que está tentando trocar o ar-condicionado ou alguma coisa desse tipo.*  
 47 *Então, é: era... acho que ninguém esperava que acontecesse no fim mesmo.*  
 48 *Mas era uma tragédia muito anunciada, um pouco... e eu sabia ↑disso.*  
 49 *É difícil também, você pensa assim: Nossa, eu sabia↑. Eu escutei muitas vezes,*  
 50 *falarem: “Nossa, um dia vai chover. Já choveu aqui dentro. Já não sei o que.”*  
 51 *E você fica com aquela sensação de que todo mundo sabia↑... .*

**Fonte:** A autora (2024).

O discurso de Gustavo, por meio da avaliação externa, sinaliza seu conhecimento sobre a falta de infraestrutura elétrica do Museu Nacional antes do incêndio, ao mencionar: “*Eu tinha informações sobre o estado da rede elétrica, da fiação, que a qualquer momento alguém iria esquecer uma cafeteira ligada e ia ter um [...] incidente*” (linhas 9 até 11), o que deixava a instituição suscetível a acidentes. Como expliquei no capítulo dois desta pesquisa, o incêndio do Museu Nacional começou com curto-circuito em um aparelho de ar-condicionado do auditório; provavelmente, por esse motivo, o discurso da pesquisadora Mariana coloca em destaque também a questão elétrica. Contudo, ela ressalta não só os problemas da rede elétrica, como também a falta de reposição dos aparelhos de ar-condicionado, o que sugere a falta de recursos da instituição para atender às demandas dos setores, ambos explícitos em: “*Vê que a instalação elétrica em alguns lugares não era adequada. Ouvia os pesquisadores, os técnicos que me atendiam falando, que faz dez anos que está tentando trocar o ar-condicionado ou alguma coisa desse tipo*” (linhas 43 até 46)

No segmento anterior, a pesquisadora Mariana elabora uma avaliação encaixada, que faz menção às reclamações de pesquisadores e técnicos, para subsidiar a sua crítica em relação aos problemas de infraestrutura da instituição. A pista de contextualização não verbal (*gesticula com as duas mãos, em sentido contrário e olha para cima*) nas linhas 43 e 44, quando menciona a instalação elétrica, em conjunto com as ênfases em “*vê*” e “*não era adequada*”, sugerem que a fiação em alguns lugares ficava exposta e que a narradora foi testemunha ocular desse fato. O alinhamento como pesquisadora conhecedora da instituição “por trás” (linha 42), ou seja, a parte não exposta ao público, chancela o seu argumento de testemunha ocular dos problemas estruturais, citado também em: “*de ver mesmo vazamento e fio*” (linha 43).

Em relação aos vazamentos, Mariana emprega o recurso do diálogo construído: “*Eu escutei muitas vezes, falarem: “Nossa, um dia vai chover. Já choveu aqui dentro. Já não sei o que”*”. (linhas 49 e 50). A criação da cena/lembrança dos servidores enunciando os prováveis

riscos de inundações das coleções, bem como o fato de terem enfrentado vazamentos de chuva nos setores, explicitam os problemas estruturais e reforçam a o alinhamento de Mariana, como pesquisadora que frequentava regularmente a instituição e, em razão disso, conhecia as adversidades dos bastidores, ou seja, os aspectos menos visíveis ao público. Esse alinhamento é reafirmado ao longo da narrativa de Mariana, principalmente, no trecho a seguir, com a repetição de “*eu sabia* ↑”:*“Mas era uma tragédia muito anunciada, um pouco... e eu sabia ↑disso. É difícil também, você pensa assim: Nossa, eu sabia↑[...]E você fica com aquela sensação de que todo mundo sabia↑...”* (linhas 47 até 51).

No trecho em destaque, o alinhamento de pesquisadora que conhecia as dificuldades dos bastidores da instituição é enfatizado com aumento da tonalidade (seta para cima) em “*eu sabia* ↑ *disso*”. Essa pista verbal em “sabia” é repetida mais duas vezes no discurso, sendo que na segunda ocorrência a narradora faz menção a “todo mundo”, provavelmente, não apenas os servidores e pesquisadores, como também os órgãos responsáveis pelos investimentos na instituição. Por esse motivo, Mariana afirma que o incêndio era “*uma tragédia muito anunciada*” (linha 48). Entretanto, mesmo a tragédia sendo algo absolutamente previsível, Mariana expõe a surpresa com o incêndio: “*acho que ninguém esperava que acontecesse no fim mesmo*” (linha 47); nesse enunciado o vocábulo fim, com reforço prosódico (sublinhado) comunica que a destruição ocasionada pelo desastre foi inesperada.

Essa “sensação” que Mariana menciona de que “todo mundo sabia” me sensibilizou enquanto cidadã, frequentadora do Museu Nacional e funcionária da UFRJ, nesse momento da entrevista, assim como agora, enquanto escrevo esta análise, pois o fato de nada ter feito pela situação da instituição me incomoda, porque eu tinha noção, “eu sabia”, mesmo tendo consciência de que, provavelmente, qualquer reclamação ou ajuda à associação aos Amigos do Museu não teria evitado o desastre. Ainda assim, não consigo evitar o pensamento do “se” e concordar com Mariana, pois todos que sabiam poderiam ter feito algo.

Face às análises do discurso de Mariana, acredito que sua narrativa possa ser interpretada como uma prática afetiva discursiva, uma vez que cumpre a função tanto de justificar o seu envolvimento emocional/posicionamento de inconformismo com o incêndio, quanto de promover a identificação com a audiência para validar a experiência compartilhada, ou seja, o seu engajamento e percepções. Nesse contexto, a narrativa de Paulo, no que concerne aos problemas estruturais do Museu Nacional, também pode ser interpretada como uma prática afetiva discursiva, não só por justificar o seu posicionamento de indignação com elementos históricos e atuais, mas, principalmente, porque declara abertamente, no seu discurso local,

questões globais, como a desvalorização da Cultura e da Ciência, problemas recorrentes ao longo dos anos no Brasil, e cotidianos para quem trabalha em órgãos públicos.

**Excerto 10 – Condições pré-existentes que contribuíram para o incêndio segundo Paulo**

62 [...] Então, assim, é: quando eu  
 63 caminhava ali pelo prédio, a gente: aquilo ali é um prédio do século, eu creio  
 64 que ele é do século XVIII para XIX, porque ele foi doado no início do século  
 65 XIX, né. E quando, ele vai para lá 1892, na gestão de Ledislau Netto, a  
 66 documentação que existia<sup>↑</sup>, não sei se ainda existe, o Ledislau Netto e depois o  
 67 Batista Lacerda, eles diziam <sup>↑</sup>, “Esse prédio não é um prédio para o museu  
 68 Na- para o museu, tá. Por uma série de razões, tá, e uma delas eram o risco de  
 69 um incêndio, né. Era um prédio praticamente de madeira, piso de madeira, teto  
 70 de madeira, quando a gente pisava no assoalho de alguns andares ali do museu.  
 71 Não sei se Diana teve essa oportunidade de percorrer ali, o madeirame rangia  
 72 e balançava Hh, em alguns lugares, né. Então, é: se isso já acontecia em 1892,  
 73 quando Ledislau Netto era diretor do Museu, > ele já observava que aquele  
 74 prédio não era adequado< Ele era, foi o que eles conseguiram na época para  
 75 sair da Praça da República, do Campo de Santana. É:... imagina isso no  
 76 século XXI, em um prédio que não tinha manutenção, né. E aí a indignação  
 77 vêm pelo descaso, pela falta de cuidado com a cultura, com o patrimônio, com  
 78 a pesquisa, com a Ciência. É isso, né, então, assim, tudo isso misturado. Eu  
 ((voz embargada)).  
 79 agora falando, eu ainda sinto uma emoção que é a mistura de tudo isso <sup>↑</sup>

**Fonte:** A autora (2024).

No segmento em tela, ao citar os documentos da época da alocação do Museu no Palácio/Paço de São Cristóvão, de 1892, e ao trazer para o seu discurso as críticas outrora elaboradas por Ledislau Netto e Batista Lacerda, no que tange à estrutura física do prédio, Paulo se alinha como historiador, que conhece a trajetória da instituição desde a sua fundação.

O narrador emprega o diálogo construído, em: ““Esse prédio não é um prédio para o museu N - para o museu, tá”” (linhas 66 e 67). Ao inserir a fala de personagens de renome, ex-diretores da instituição, para destacar que, desde a época da transferência do museu para o Paço de São Cristóvão, o edifício já era considerado impróprio, ele chancela e atribui credibilidade ao fato narrado. Entre os motivos, o narrador enuncia apenas o risco de “incêndio” (linha 69), com o reforço prosódico. Esse reforço sugere certa ironia em sua avaliação, assim como as outras ênfases no vocábulo madeira, no trecho a seguir:

[...] Era um prédio praticamente de madeira, piso de madeira, teto de madeira, quando a gente pisava no assoalho de alguns andares ali do museu. Não sei se Diana teve essa oportunidade de percorrer ali, o madeirame rangia e balançava Hh, em alguns lugares, né. Então, é: se isso já acontecia em 1892, quando Ledislau Netto era diretor do Museu, > ele já observava que aquele prédio não era adequado< [...] É:... imagina isso no século XXI, em um prédio que não tinha manutenção, né. E aí a indignação (Excerto 10, linhas 69-76).

As ênfases em “*madeira*” destacam como a infraestrutura do prédio era frágil, inflamável, suscetível a incêndios, incompatível com as necessidades de uma instituição museal. As críticas à infraestrutura continuam, quando Paulo elabora uma avaliação externa e chama atenção de uma das ouvintes, no caso de Diana, para verificar se ela teve a oportunidade de testemunhar as condições do assoalho do Museu Nacional: “*Não sei se Diana teve essa oportunidade de percorrer ali, o madeirame rangia e balançava **Hh**, em alguns lugares, né*” (linha 71). Nessa avaliação externa, Paulo nos comunica, por meio das escolhas lexicais (“rangia” e “balançava”) e seus respectivos reforços prosódicos (sublinhado), como a infraestrutura estava comprometida em alguns lugares e como carecia de manutenção. A convenção **Hh**, segundo o modelo adotado de Bastos e Biar (2015), foi empregada para sinalizar a bufada do narrador, indicando ainda mais seu inconformismo com a situação da infraestrutura do prédio.

O discurso local de Paulo em relação ao incêndio do Museu Nacional aponta também para questões macros, como a desvalorização da cultura e da Ciência no Brasil, em: “*E aí a indignação vem pelo descaso, pela falta de cuidado com a cultura, com o patrimônio, com a pesquisa, com a Ciência. É isso, né, então, assim, tudo isso misturado. Eu agora falando, eu ainda sinto uma emoção que é a mistura de tudo isso ↑*” (linhas 76 até 80). Nessa avaliação encaixada, Paulo expressa que a sua indignação com o incêndio está associada ao “descaso” e a falta de “cuidado” com o Museu Nacional. O desdém não se restringe à instituição, como o narrador deixa claro, na medida em que ele engloba os patrimônios nacionais, a cultura, as pesquisas e a Ciência. Como verificamos nas análises anteriores, a falta de investimentos e a precarização dos serviços públicos foram responsáveis diretos pelo desastre.

As emoções e as lembranças de Paulo são atualizadas, quando ele enuncia: “*Eu agora falando, eu ainda sinto uma emoção que é a mistura de tudo isso ↑*” (linha 78 até 80). Na elocução em destaque, o narrador altera o tempo verbal do passado para o presente (sinto), demarcando a sua saída do mundo da estória para mundo da interação. Nesse caso, Paulo autoavalia os seus sentimentos no momento em que está finalizando o compartilhamento da experiência. Além disso, o advérbio “ainda” circunscreve que as suas emoções de indignação e tristeza permanecem, ou seja, são sentidas/atualizadas no momento do relato, e como são frutos (“mistura”) de todas as questões macros e locais expostas.

Em suma, as narrativas locais de Jorge, Gustavo, Mariana e Paulo, apontam para os frequentes problemas macros da instituição Museu Nacional<sup>94</sup>, de conhecimento geral, relativos à falta de manutenção do prédio, resultantes dos baixos investimentos do governo federal na

<sup>94</sup> Para mais informações a respeito dos problemas de manutenção do Museu Nacional, antes do incêndio, acesse: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45398964>

área de museus e patrimônio no país. Entretanto, nenhum deles tomara a proporção do incêndio, do dia 2 setembro de 2018.

## **6.2 Tonalidades afetivas das perdas do incêndio: “tristeza associada a tudo aquilo que a gente perdeu”**

Em linhas gerais, este eixo visa lançar luz para as tonalidades afetivas circunscritas nos significados ou ressignificados atribuídos pelos entrevistados às consequências ocasionadas pelo incêndio. Em outras palavras, o propósito deste eixo é identificar nas narrativas as emoções afloradas com as lembranças acerca das perdas do desastre, especialmente, no tange ao acervo da SEMEAR. Desse modo, este eixo será subdividido em duas subseções: tonalidades afetivas das perdas do Museu Nacional e tonalidades afetivas das perdas da SEMEAR. É importante esclarecer que este eixo complementa o anterior, a fim de responder um dos objetivos específicos desta pesquisa, a saber: “Identificar as lembranças e emoções suscitadas nas narrativas dos entrevistados, acerca do incêndio do Museu Nacional e da SEMEAR, atentando para como ambas são atualizadas no momento do relato”. Portanto, as análises sobre como os entrevistados organizam a experiência do incêndio do Museu Nacional e da SEMEAR abarcam desde as reações a notícia até os efeitos conferidos ao desastre, esses últimos serão o foco deste eixo.

### **6.2.1 Tonalidades afetivas das perdas do Museu Nacional: “houve a perda de vida, de partes de vidas inteiras dedicadas aquele Museu”**

Nesta subseção, como o próprio título sugere, a proposta é identificar quais as tonalidades afetivas das lembranças evocadas acerca das consequências do incêndio, ou seja, como os entrevistados enunciam os efeitos do desastre, na esfera institucional e pessoal. Essa questão já foi contemplada parcialmente no eixo anterior, por esse motivo, analisarei apenas os segmentos de um funcionário e de um pesquisador. O critério empregado para a escolha do excerto foi selecionar um segmento com forte referência pessoal, em relação ao desastre, e com menção aos efeitos no âmbito institucional. Nesse contexto, o segmento a seguir da narrativa de Jorge é proeminente:

#### **Excerto 11 – Tonalidades afetivas das perdas do Museu Nacional no discurso de Jorge**

21 Cássia *E qual assim, quando você lembra do incêndio hoje, quais emoções você sente?*

22 Jorge *Caramba↓ é... tristeza, assim, acho que no primeiro momento é tristeza. E: mas ao*  
 23 *mesmo tempo se me bate a tristeza↓, você lembra do Museu=antes=de=queimar.*  
 24 *Assim: é uma coisa automática, eu lembro do incêndio, depois automaticamente:*  
 25 *Acho acho que pode ser um sistema de defesa minha, de tentar vê ele antes, de*  
 26 *algum momento <porque: foi muito traumático>, essa ruptura na vida de todo*  
 27 *mundo que trabalhava e estudava no Museu...*

**Fonte:** A autora (2024).

No excerto em tela, Jorge inicia sua estória com uma interjeição, acompanhada pela descida de entonação e pausa não medida, em: “*Caramba↓ é... tristeza*” (linha 23). Talvez esse início esteja associado à dificuldade em descrever ou de identificar quais emoções são afloradas com a lembrança do desastre. Contudo, Jorge nomeia a sua emoção proeminente, a tristeza, enunciada com ênfase duas vezes: “*é... tristeza, assim, acho que no primeiro momento é tristeza*” (linha 23). Cabe destacar que o emprego do recurso discursivo da repetição que, conforme anuncia Tannen (no prelo), ajuda a imprimir maior dramaticidade ao evento narrado.

O segmento é atravessado pela tonalidade afetiva da tristeza e, ao mesmo tempo, pelo seu enfrentamento por meio da imagem-lembrança do Museu Nacional antes de queimar: “*E: mas ao mesmo tempo se me bate a tristeza↓, você lembra=do Museu=antes=de=queimar.*” (linhas 23 e 24). Além disso, a imagem lembrança do Museu antes do incêndio é acionada, como Jorge explica, de forma automática: “*Assim: é uma coisa automática, eu lembro do incêndio, depois automaticamente:*” (linha 25). Por um lado, essa reação sugere uma forma de encarar a realidade do incêndio com esperança. Por outro, pode representar também a dificuldade em aceitar o incêndio; logo, suscitar a referida imagem-lembrança seria um mecanismo de defesa.

Na verdade, o próprio narrador reconhece que a imagem-lembrança antes do incêndio funciona como mecanismo de defesa, ao empregar a avaliação encaixada em: “*Acho acho que pode ser um sistema de defesa↓ minha, de tentar vê ele antes, de algum momento*” (linhas 26 e 27). A repetição e a escolha lexical de “*acho*” podem ser interpretadas como um bloqueio ou receio, em alegar que ele se lembra do Museu Nacional antes do incêndio como mecanismo de defesa. Ao passo que a descida de entonação na locução “*sistema de defesa↓*” aponta para certa vulnerabilidade do narrador em reconhecer essa possibilidade. Enquanto a ênfase em “*vê*” indica mais uma vez como o narrador atualiza a memória acerca do Museu Nacional, por meio da imagem, interpretada aqui à luz da teoria de Berson (2011), como imagem lembrança. Esse seria um desenho/traço da realidade passada da instituição em “*algum momento*” antes do incêndio. Além disso, o “*vê*” aponta para o sentido da visão, uma referência que nos proporciona as bases perceptíveis da realidade que nos conforma, isto é, a comprovação ocular da veracidade dos acontecimentos. Nesse sentido, o narrador provavelmente utilizou o recurso da visão em

seu discurso, conforme mencionei anteriormente, para conferir também credibilidade ao desenho da imagem lembrança suscitado de sua sala incendiada.

O ponto de virada de Mishler (2002), explicado anteriormente, encontra-se na avaliação encaixada do trecho: “<porque foi muito traumático>, essa ruptura na na vida de todo mundo que trabalhava e estudava no Museu.”(linhas 27 e 28). As pistas de contextualização do trecho destacado, principalmente a fala lenta associada à ênfase “<porque foi muito traumático>”, e as escolhas lexicais (traumático e ruptura) contribuem para a interpretação do incêndio como um ponto de virada para Jorge e, provavelmente, para os outros personagens que menciona na narrativa. Para Jorge, o incêndio assumiu um tom “traumático” e alterou, ou melhor, ocasionou uma “ruptura” na vida dos funcionários/servidores e estudantes do Museu Nacional. Essa ruptura pode ser interpretada como uma quebra das redes de significados, emoções e sentimentos nutridos ao longo dos anos pela instituição.

Ainda em relação aos efeitos do incêndio no âmbito institucional, o segmento a seguir de Paulo ressalta também a ruptura abordada por Jorge; a diferença é que ele a enuncia como perda de vidas inteiras:

#### **Excerto 12 – Tonalidades afetivas das perdas do Museu Nacional no discurso de Paulo**

- 76 Cássia *Essa é a minha próxima pergunta inclusive. Quando você lembra do incêndio*  
 77 *hoje, agora, quais emoções você sente?*
- Paulo *((voz embargada)) ((olha para o lado esquerdo))*
- 78 *Olha Cássia: é ainda de tristeza↓ e de emoção é: fico emocionado↓ porque além*  
*((voz embargada e lágrimas nos olhos))*
- 79 *disso, eu acho que tem uma dimensão fora a dimensão da perda, é: de uma*  
 80 *memória, a perda é: <houve a perda de vida, de partes de vidas inteiras>*  
*((voz embargada))*
- 81 *dedicadas aquele museu, aquelas pesquisas ali. É: eu vi, conheço pessoas, que eu*  
 82 *acho, que eu posso dizer que ainda não se restabeleceram ... do impacto que*  
 83 *aquelas imagens e o que aconteceu, como toda perda né, provoca. Em parte,*  
 84 *pessoas que ainda hoje não conseguem lidar com isso. Eu vou contar um caso,*  
 85 *eu fui convidado para apresentar um trabalho da minha tese, uma parte da tese,*  
 86 *em um encontro que teve no Museu Histórico Nacional, que era um museu –uma*  
 87 *semana de museus, se eu não me engano, uma atividade assim. E tinha vários*  
 88 *professores e funcionários do museu, presentes, né. E eu percebi que quando eu*  
 89 *comecei minha apresentação, que era eu e mais duas pessoas, que não eram do*  
 90 *Museu Nacional, mas da comissão de outros museus. Eu percebi que duas pessoas*  
 91 *sairam da sala, e duas pessoas que eu conheço lá do museu, que pensei que*  
 92 *estavam ali interessadas em ouvir. E aí quando eu saí, elas estavam lá fora, e eu*  
 93 *fui conversar com elas: “Olha, eu senti sua falta lá dentro”. “Paulo, eu não tenho*  
 94 *condições de ver falar do que foi: do que se perdeu”. Então, essas pessoas estão,*  
 95 *ainda né, muito movidas, isso tem uns três anos, ainda muito movidas e ainda*  
*((voz esganiçada))*
- 96 *assim muito impactadas, né. Então, assim para mim é: eu eu acho que eu encerrei*  
 97 *com uma palavra, que ela expressa um pouco; assim, eu acho que foi um grande*

98 *desastre sabe, um grande desastre. [...]*

**Fonte:** A autora (2024)

No excerto em análise, a comoção com as perdas do incêndio é enunciada por Paulo, com tons de tristeza, desolação e inconformismo. Na concepção do pesquisador, as perdas ocasionadas pelo incêndio não se restringem aos acervos, porque abarcam também o trabalho imaterial, a dedicação dos pesquisadores e dos funcionários/servidores ao longo dos anos com as pesquisas desenvolvidas na instituição. Nesse sentido, Paulo incorpora no seu discurso, o recurso do diálogo construído de Tannen (no prelo), para contextualizar que ainda tem pessoas do Museu Nacional sensibilizadas com o incêndio, o qual qualificou como “um grande desastre”.

A pergunta que desencadeia a narrativa de Paulo foi formulada para examinar um dos objetivos desta pesquisa, observar como as lembranças e as emoções são atualizadas no momento do relato. De qualquer forma, por mais que o pesquisador conceda uma resposta semelhante aos demais, ao afirmar que sente tristeza, o discurso de Paulo é o único que demarca esse processo de atualização, devido à escolha lexical e outras pistas de contextualização, como podemos verificar no trecho a seguir:

*Olha Cássia: é ainda de tristeza↓ e de emoção é: fico emocionado↓ porque além disso, eu acho que tem uma dimensão fora a dimensão da perda, é: de uma memória, a perda é: <houve a perda de vida, de partes de vidas inteiras> dedicadas aquele museu, aquelas pesquisas ali. (Excerto 12, linhas 78-81)*

A escolha lexical de “ainda”, advérbio temporal que significa até agora, acompanhada com a tonalidade baixa em tristeza e emocionado, bem como o reforço prosódico em emoção e as pistas de contextualização não verbais (voz embargada, lágrimas nos olhos e olhar para o lado esquerdo, linhas 78, 79 e 81 do excerto), substancializam a concepção de que as emoções de Paulo foram atualizadas durante a narrativa. Outra tonalidade afetiva implícita no discurso do pesquisador é a desolação com as perdas, com a perda “de uma memória” e, especialmente, com a perda de “partes de vida”, como explica em: “<houve a perda de vida, de partes de vidas inteiras> dedicadas aquele museu, aquelas pesquisas ali.” (linha 80). A fala lenta e os reforços prosódicos conferem mais dramaticidade ao ponto que considero como um dos mais emotivos de toda a entrevista de Paulo. Ao incluir a “perda de partes de vidas inteiras”, no bojo das consequências do incêndio, Paulo lança luz para o trabalho imaterial, ou melhor, para a dedicação, invisível ao público externo, de inúmeros profissionais às pesquisas desenvolvidas ao longo dos 200 anos do Museu Nacional. É interessante notarmos que a escolha de “partes



de vidas inteiras”, abrange tanto os profissionais atuais como os que se aposentaram, ambos importantes para construção da memória institucional. Contudo, é importante esclarecer que a referência de Paulo à perda “de uma memória” está relacionada às perdas dos acervos, os quais possuíam artefatos, fósseis e obras que também integravam a memória de eras, de períodos históricos e de culturas diferentes.

O impacto das perdas é realçado por Paulo, quando menciona que conhece pessoas da instituição que ainda não se restabeleceram, por não conseguirem encarar o que aconteceu, em: *“É: eu vi, conheço pessoas, que eu posso dizer que ainda não se restabeleceram ... do impacto que aquelas imagens e o que aconteceu, como toda perda né, provoca”* (linhas 81 até 83). Essa avaliação encaixada expressa o inconformismo e o sofrimento, desses personagens citados pelo narrador, com o incêndio e suas consequências. Outra questão relevante é a menção do narrador “aquelas imagens”, o uso do pronome demonstrativo “aquelas” é empregado para referir-se ao incêndio; nesse contexto, essa escolha lexical confere um tom depreciativo, o qual expressa o desejo dele não querer nomeá-las/ qualificá-las. Além disso, a palavra “imagens” é interpretada nesta pesquisa, como “imagens-lembranças” do incêndio que, certamente, estão atreladas a dor ainda não superada.

Em seguida, Paulo introduz o compartilhamento de outra experiência/lembrança pessoal/profissional alinhada ao escopo da narrativa em curso, que começa em: *“Eu vou contar um caso”* (linha 84). Essa expressão, de acordo com Schiffirin (no prelo), anuncia o início de uma narrativa. No caso do discurso de Paulo, ela demarca o início de outra estória que ilustrará como ele constrói o sentido da intensa perda, na qual os personagens não conseguem sustentar a participação em uma apresentação de um colega, devido à intensidade do trauma. Dessa forma, no relato da estória em questão, Paulo emprega o diálogo construído em: *““Olha, eu senti sua falta lá dentro”. “Paulo, eu não tenho condições de ver falar do que foi: do que se perdeu””* (linhas 88 a 96). Assim, o diálogo construído por Paulo salienta a tristeza, a angústia e o sofrimento de duas pessoas do Museu Nacional que não tiveram condições de prestigiar a sua palestra, porque não queriam lembrar do incêndio e do que se perdeu. Após o diálogo construído, Paulo retorna ao mundo da interação, quando elabora outra avaliação encaixada, em: *“essas pessoas estão, ainda né, muito movidas, isso tem uns três anos, ainda muito movidas e ainda assim muito impactadas, né”* (linhas 93 e 94). A locução “muito movidas” enfatiza como essas pessoas ainda estão sensíveis e entristecidas com o desastre. Nesse ponto, eu fiquei emocionada, precisei conter minhas lágrimas, porque me lembrei de uma amiga do Museu Nacional, que ainda não consegue elaborar a experiência do desastre. E como o incêndio afetou a sua saúde mental e física, ao ponto de antecipar sua aposentaria.

Portanto, nesta subseção foi possível observarmos que o incêndio ocasionou perdas materiais (destruição do Paço e dos acervos) e imateriais, como o trabalho desenvolvido pelos servidores e pesquisadores, ao longo da trajetória de 200 anos do Museu Nacional. Além disso, desencadeou rupturas, isto é, desorganização de redes materiais e simbólicas de todos que trabalhavam e estudavam na instituição. As tonalidades afetivas de tristeza e sofrimento estão presentes nas análises dos discursos, bem como a imagem-lembrança da teoria Bergson (2011), só que com conotações diferentes. No caso de Jorge, a imagem-lembrança da instituição antes do incêndio funciona como um mecanismo de autodefesa para enfrentar o desastre. Ao seguir a teoria bergsoniana podemos refletir que a imagem lembrança antes do incêndio atua como uma inspiração para o narrador resistir à duração do incêndio, algo que perdura com as consequências diárias da perda documental da seção. Em contrapartida, no discurso de Paulo, a imagem-lembrança do incêndio ainda atua como fonte de sofrimento e angústia para algumas pessoas da instituição, sugerindo que a duração do desastre ainda persiste, e atualiza o luto/ a dor em relação a tudo que foi perdido.

### 6.2.2 Tonalidades afetivas das perdas da SEMEAR: “*porque a SEMEAR [...] reunia a memória institucional*”

O objetivo desta subseção é destacar as tonalidades afetivas circunscritas nas lembranças acerca do acervo da SEMEAR, isto é, como os entrevistados significam a perda do acervo da seção.

#### Excerto 13– Tonalidades afetivas das perdas da SEMEAR no discurso de Gustavo

- 18 Cássia *E quando você se lembra do incêndio hoje, quais emoções você sente?*  
 ((apoia a cabeça na mão esquerda))
- 19 Gustavo *É: uma tristeza associada a tudo aquilo que a gente perdeu, né, porque eu conhecia*  
 20 *bastante o nosso acervo em particular né. Então eu sabia o quanto existe existiam*  
 21 *ali de peças realmente únicas, né [...]*  
 [...]
- 26 *((franze o rosto e balança a cabeça de talvez, ainda esteja no Museu Imperial. Mas tem: assim elementos daquele acervo um lado para o outro))*
- 27 *que estão perdidos para sempre. Eu penso no fundo que era muito pouco conhecido*  
 28 *conhecido, Nilo e Lysia Bernardes, eles eram do Departamento de Geologia. O*  
 29 *casal simplesmente, eles fotografaram a América do Sul inteira né [...]*  
 [...]
- 31 *[...] Com certeza*  
 ((pausa mais longa, engole em seco e fecha os olhos))
- 32 *tinham muitas caixas né, esse tipo de material está perdido para sempre. É os*  
 33 *trabalhos manuscritos, é ... dentro do- dentro do fundo Antropologia, tinha seção*  
 34 *Antropologia e Etnologia. Então, trabalhos muito antigos sobre os povos indígenas*

- 35 *do Brasil né, assim talvez sobre a maioria dos povos indígenas do Brasil. E:*  
 36 *muito trabalho ali manuscrito que nunca foi digitalizado, isso aí ... A lista seria*  
 37 *infinita se eu ficasse descrevendo aqui né ...*  
 38 Cássia *Entendi*  
*((franzi totalmente o rosto))*  
 39 Gustavo *É um negócio deprimente mesmo, fazer fazer esse fazer esse inventário↓*

**Fonte:** A autora (2024).

O segmento extraído da narrativa de Gustavo é marcado pela tonalidade da tristeza, da desolação e do lamento, que estão atrelados, sobretudo, à perda do acervo da SEMEAR: “*É: uma tristeza associada a tudo aquilo que a gente perdeu, né*” (linha 19). Nesse trecho, o narrador inicia a sua fala com um prolongamento em “*É:*”, que pode sinalizar certa dificuldade ou hesitação em abordar o assunto. Em seguida, ele emprega o reforço prosódico na palavra que qualifica os seus sentimentos, “*tristeza*”, em concomitância, ele a exprime por meio dos seus gestos de apoiar a cabeça na sua mão e de fechar os olhos. O apoiar da cabeça do narrador (linha 19), durante a entrevista, me afetou, pois sinalizava a sensação de uma grande desolação ao se referir ao que foi perdido com o incêndio.

Outro ponto que merece destaque, identificado também no eixo anterior, é o uso de tempos verbais distintos em “*existe existiam ali*” (linhas 20 e 21), pois mais uma vez verificamos o uso do presente e do passado de forma sequencial, que pode ser associado a duas questões teóricas expostas anteriormente: ao tempo como duração em Bergson (2011) e à atualização da experiência no ato de narrar. Portanto, a lembrança do que existia no acervo se prolonga no presente da narrativa, composto pelo mundo da estória, orientado pelo passado puro, e o mundo da interação conduzido pelo contexto que “*contrai*” o passado, ou melhor, o atualiza de acordo com as percepções/interesses do narrador no momento que narra a sua estória. Como o interesse do Gustavo era narrar o que tinha no acervo perdido, ele atualiza o tempo do verbo do presente da narrativa para o passado, a fim de se realinhar com o mundo da estória.

O narrador repete a elocução “*perdido(s) para sempre*” acompanhada do mesmo reforço prosódico usado nas linhas 27 e 32, por meio dos quais comunica a gravidade da perda dos documentos. Entre eles, Gustavo destaca dois fundos, o primeiro “*que era muito pouco conhecido Nilo e Lysia Bernardes [...] O casal, simplesmente, eles fotografaram a América do Sul inteira né [...] Com certeza tinham muitas caixas né, esse tipo de material está perdido para sempre” (linhas 27 até 32). Em conversas anteriores com Gustavo, ele já havia mencionado o mesmo fundo, como as fotos eram interessantes para pesquisas e para a história geográfica do continente, uma vez que registravam formações geológicas diferentes, além de*

algumas que não existem mais. O reconhecimento da importância do fundo perdido, que não chegou ao conhecimento público, sensibilizou o narrador ao ponto de ele tentar reprimir /controlar as suas emoções por meio das pistas de contextualização não verbais (linhas 26, 32 e 39): pausa longa, o engolir em seco e o fechar dos olhos. Entretanto, essas pistas nos permitem inferir a vivacidade da tonalidade da tristeza e da desolação de Gustavo.

Outro fundo citado pelo narrador é o de Antropologia, especificamente, a seção Antropologia e Etnologia, que continha manuscritos sobre os povos indígenas do Brasil. A abrangência e relevância desses manuscritos é enunciada: “*então trabalhos muito antigos sobre os povos indígenas do Brasil né, assim talvez sobre a <maioria dos povos indígenas do Brasil>. E: muito trabalho ali manuscrito que nunca foi digitalizado, isso aí*” (linhas 34 a 36). Os reforços prosódicos em “povos indígenas”, como também a fala mais lenta ao complementar que seriam manuscritos sobre “*<a maioria dos povos indígenas do Brasil>*” ressaltam a dimensão/impacto da perda de registros antigos de parte da nossa cultura, especialmente sobre a diversidade dos povos indígenas do nosso país, no período das pesquisas etnológicas.

No final do excerto, quando se refere à dificuldade de fazer o inventário do acervo perdido, encontramos o gesto e as escolhas lexicais mais emblemáticos do segmento em análise: “*É um negócio deprimente mesmo, faze:r fazer esse fazer esse inventário*↓” (linha 39). Nesse trecho, Gustavo utiliza a palavra “deprimente”, com reforço prosódico, para reforçar a ideia de ser algo que provoca tristeza e depressão. A palavra “deprimente” é antecedida pelo franzir de rosto mais forte durante toda a entrevista (linha 39 do segmento) e sucedida pelo alongamento da vogal em “faze:r”, a repetição de “fazer esse” e a tonalidade descendente em “*inventário*”, todas pistas reforçam a coloração dramática da tarefa do inventário do acervo perdido.

Entre os fundos da SEMEAR mencionados por Gustavo, a relevância do acervo etnográfico dos povos indígenas também é enunciada pela pesquisadora Mariana. O discurso local da pesquisadora aborda também questões globais, uma vez que, ao elencar algumas perdas da SEMEAR, ela qualifica o incêndio como uma marca na história da instituição:

#### **Excerto 14 – Tonalidades afetivas das perdas da SEMEAR no discurso de Mariana**

- 55 Cássia *E hoje, Mariana, quando você lembra do incêndio, quais emoções você sente hoje?*  
 56 Mariana *É triste. É muito triste. Eu acho que... Vários acervos muito importantes. Mas eu*  
 57 *falo muito isso nas minhas aulas.*  
 [...]
   
 59 *Então eu sempre passo pelos museus do século XIX. Uma coisa que... O Museu*  
 60 *Nacional sempre está lá, nas aulas. E eu sempre resalto o incêndio, a perda do*  
 61 *arquivo. É uma coisa que a gente não esquece. Não esquece por ter frequentado*  
 62 *muito ali o ambiente. E aí eu também sempre comento muito o tanto que era um*  
 63 *museu de história indígena no Brasil. Porque coleções de etnologia sem fim. Pouco*

64 *estudadas. E aí eu sempre lembro, os meus alunos, faço essa relação de que era um*  
 65 *museu popular, um museu frequentado. Um museu barato, um museu popular. Um*  
 66 *museu que abrigava coleções de história indígena, que poderiam proporcionar*  
 67 *várias pesquisas. [...]*  
 [...]
   
 80 *[...] Então, eu acho que... É aquela coisa que vira... O incêndio*  
 81 *também vai virar uma marca sempre quando se fala do museu. Agora, antes eu*  
 82 *eu falava nas aulas ou nas apresentações do Museu Nacional, do arquivo da Bertha*  
 83 *Lutz, que foi com quem eu trabalhei ali, bastante no museu e tal. Falava, sei lá, das*  
 84 *pesquisadoras que eu pesquisei que visitaram o museu e tal.*  
 [...]
   
 86 *E agora, o incêndio, eu acho que entrou nessa linha de pensamento*  
 87 *sobre o museu. O incêndio... Não tem como, né? Virou uma marca muito forte ali,*  
 88 *na história da instituição e tal.*

**Fonte:** A autora (2024).

No segmento extraído da entrevista de Mariana, a partir do seu alinhamento inicial como professora, ela aborda a relevância do acervo da SEMEAR e, ao mesmo tempo, do Museu Nacional, instituição cultural popular, com acervos sobre a história indígena do Brasil, “*que poderiam proporcionar várias pesquisas*” (linhas 66 e 67). Posteriormente, a pesquisadora, durante a elaboração da sua narrativa, atualiza as suas lembranças acerca do descaso com a instituição ao longo dos anos e, ao mesmo tempo, projeta o incêndio como um marco na história da instituição.

Assim como os demais entrevistados, Mariana enuncia que sente tristeza como tonalidade afetiva, quando se lembra do incêndio no momento da narrativa. Entre os diversos acervos perdidos no desastre, a narradora destaca o arquivo, ou seja, o acervo da SEMEAR, em: “*O Museu Nacional sempre está lá, nas aulas. E eu sempre ressalto o incêndio, a perda do arquivo. É uma coisa que a gente não esquece. Não esquece por ter frequentado muito ali o ambiente.*” (linhas 59 até 62). Na órbita do incêndio, Mariana ressalta sempre “a perda do arquivo”, o destaque para SEMEAR está implicado no seu alinhamento como pesquisadora, “por ter frequentado muito ali o ambiente”. As diversas pesquisas realizadas no acervo da SEMEAR justificam o não esquecimento da seção em suas aulas, o que denota também o seu elo afetivo, construído ao longo das suas diversas visitas ao acervo.

Em seguida, na elaboração do discurso micro sobre a relevância das coleções etnológicas da SEMEAR “*pouco estudadas*”, Mariana qualifica o Museu Nacional como um “*museu popular*”, um “*museu barato*”, na avaliação encaixada a seguir: “*museu popular, um museu frequentado. Um museu barato, um museu popular. Um museu que abrigava coleções de história indígena, que poderiam proporcionar várias pesquisas*”. (linhas 65 até 67), enfatizando seu papel social de difusão/promoção cultural do Museu Nacional, que

contemplava a população como um todo. Além disso, esse segmento destaca o papel da instituição como um lugar de memória, segundo Nora (1993), uma vez que abrigava coleções etnológicas únicas sobre a história dos povos indígenas do Brasil. A relevância dessas coleções é algo imensurável, pois, de acordo com a avaliação de Mariana, “*poderiam proporcionar várias pesquisas*”.

Outra coleção da SEMEAR presente no discurso de Mariana é a coleção da Bertha Lutz. Conforme expliquei no capítulo dois desta pesquisa, essa coleção obteve o título de Memória do Mundo junto à UNESCO, devido a sua relevância científica internacional e na construção do movimento feminista no Brasil. Após o incêndio, a organização concedeu-lhe, pela primeira vez, um Registro Nacional do Brasil de Patrimônio Documental Perdido ou Desaparecido. O discurso de Mariana ressalta a importância da coleção para suas pesquisas e seu nível de aprofundamento, “*foi com quem eu trabalhei ali, bastante no museu e tal*” (linha 83).

Após o desastre, Mariana colocou o incêndio no mesmo patamar que o acervo da Bertha Lutz, por considerá-lo uma “marca” na história da instituição, que será sempre lembrado quando mencionar o Museu Nacional em suas aulas. A alusão do incêndio a “uma marca” é realizada duas vezes durante o discurso, como podemos observar a seguir: “*O incêndio também vai virar uma marca sempre quando se fala do museu [...]. O incêndio não tem como, né? virou uma marca muito forte ali, na história da instituição e tal.*” (linhas 80, 81, 87 e 88). A repetição e caracterização do incêndio como “uma marca” indexalizam como a narradora qualifica o desastre, ou melhor, como ela projeta o incêndio como um marco na história do Museu Nacional, durante a construção da narrativa. Essa projeção/aposta é elaborada com base no processo de atualização das suas lembranças acerca do descaso enfrentado pela instituição, ao longo dos anos, que contribuiu para o incêndio. Dessa forma, denota como a experiência do incêndio é ressignificada a partir de um enquadre pessimista e de desesperança de Mariana, no aqui e agora da narrativa, em relação ao passado da instituição que carrega uma história grandiosa da nação, não valorizada, lançando simultaneamente uma aposta no porvir do Museu Nacional.

A importância dos documentos da SEMEAR também é enunciada na narrativa de Paulo, contudo, o pesquisador salienta que a perda desses documentos desencadeou a perda da memória institucional, como podemos observar no segmento a seguir:

**Excerto 15 – Tonalidades afetivas das perdas da SEMEAR no discurso de Paulo**

- 106 Paulo *Tá, e é: como é uma tese, um trabalho científico, as referências documentais estão*  
 107 *na tese, em notas de rodapé. Então, é: quando eu vi isso acontecer, eu pensei,*  
 108 *“poxa, isso não poderia mais ser feito, entende? Não pode mais ser feito, a memória*

109 *Institucional, porque a SEMEAR, acho que vocês sabem disso, ela reunia a*  
 ((voz embargada))  
 110 *memória institucional ... tá. Então, assim, perdeu-se a memória de uma*  
 111 *instituição, todas são muito importantes. Mas o Museu Nacional, para o Império,*  
 112 *principalmente, dentro da República. No Império, o Museu Nacional era um órgão*  
 113 *de Estado. Os relatórios, que estavam é: que eu consultei, anuais dos diretores,*  
 114 *<eram obrigatórios> por ordem do governo imperial. [...]*  
 115 *[...] “Nada entra e sai do Museu Nacional sem*  
 ((voz embargada)) ((olhos marejados,  
 116 *registro”. Esses registros se perderam, acabou. Isso é só na SEMEAR, fora outras*  
 voz embargada))  
 117 *pesquisas que tinham ali, porque o Museu Nacional tinha 200 anos, pesquisas que*  
 118 *tem 200 anos né de continuidade.[...]*

**Fonte:** A autora (2024).

No segmento em tela, Paulo alerta que a sua tese de doutorado não poderia mais ser desenvolvida, devido à destruição do acervo da SEMEAR, o qual representava a “memória institucional” do Museu Nacional. Na construção do seu discurso local sobre a relevância do acervo da SEMEAR, o narrador enfatiza o valor da instituição, considerada no Império como um órgão do Estado brasileiro. Os tons de tristeza e desolação estão implicados no seu discurso, quando menciona que os documentos da SEMEAR, se perderam, bem como os registros de outras pesquisas desenvolvidas ao longo dos 200 do Museu Nacional.

O fluxo da narrativa é interrompido, quando Paulo elabora uma avaliação externa, com a elocução “*acho que vocês sabem disso*” (linha 109), com o objetivo de certificar-se que as entrevistadoras tinham o conhecimento de que o acervo da SEMEAR reunia documentos que constituíam a memória institucional do Museu Nacional. E que esse acervo se perdeu, como destaca na avaliação encaixada: “*Então, assim, perdeu-se a memória de uma instituição.*” (linhas 110 e 111). Os reforços prosódicos na avaliação enfatizam a relevância da perda do acervo da SEMEAR para a instituição, como também conferem dramaticidade ao discurso.

A relevância do acervo da SEMEAR é abordada novamente, quando o narrador cita os relatórios técnicos salvaguardados na seção, que abarcavam o período do Império e da República. No período do Império, como Paulo enfatiza com reforços prosódicos, o Museu Nacional era reconhecido como órgão do Estado, em: “*No Império, o Museu Nacional era um órgão de Estado.*” (linhas 113). Esse reconhecimento, conseqüentemente, outorga valor histórico nacional aos documentos desse período da SEMEAR e, ao mesmo tempo, desvela o alinhamento de Paulo como historiador.

Outro alinhamento presente na narrativa de Paulo é o de pesquisador, como podemos observar nos enunciados a seguir: “*Os relatórios, que estavam é: que eu consultei, anuais dos diretores <eram obrigatórios> por ordem do governo imperial, entendeu. “Nada entra e sai*

*do Museu Nacional sem registro*” (linhas 114 a 115). Na verdade, quando Paulo explica que consultou os “anuais dos diretores”, e que esses eram obrigatórios, com fala lenta (entre <>), ele alinha-se como pesquisador e historiador, que conhece a documentação histórica e a importância da instituição no Brasil. O diálogo construído, ao tentar reproduzir o teor de um dos documentos consultados, ou melhor, ao recriar a ordem que: “*Nada entra e sai do Museu Nacional sem registro*” (linha 115), comunica a abrangência e a riqueza do acervo da SEMEAR, bem como reafirma o seu papel como memória institucional.

Nas análises desta subseção identificamos as tonalidades afetivas de tristeza e desolação em relação à perda do acervo da SEMEAR, qualificado por Paulo como memória institucional, com documentos que remontam a época do Império e da República. Entre os acervos da seção, Gustavo e Mariana ressaltaram a perda da coleção etnológica, com manuscritos importantes sobre a história dos povos indígenas no Brasil, pois muitos não foram sequer consultados e/ou digitalizados. No que concerne às narrativas de Paulo e Mariana, verificamos que, durante a construção do discurso local sobre o acervo da SEMEAR, os pesquisadores elaboraram considerações globais em relação ao Museu Nacional, com destaque para o reconhecimento do incêndio como “*uma marca*” na história de um museu popular, que ocasionou a perda de pesquisas realizadas ao longo dos seus 200 anos.

### **6.3 Práticas afetivas do processo de reconfiguração da semear: “*ainda tem gente querendo ajudar*”**

Os eixos anteriores contemplaram o objetivo específico de identificar as lembranças e emoções suscitadas nos relatos dos entrevistados sobre a experiência do incêndio, com ênfase para como ambas são atualizadas durante a narrativa. Dessa forma, neste eixo, pretendo contemplar os dois objetivos específicos que integram esta pesquisa. O primeiro consiste em apontar as práticas afetivas e/ou interseccionalidades afetivas enunciadas nas narrativas dos entrevistados, no que concerne ao processo de reconfiguração da SEMEAR. O segundo visa investigar em que medida essas práticas afetivas são impulsionadas pelas emoções e lembranças acerca da experiência do incêndio. Portanto, esses dois objetivos convergem para a compreensão do vínculo entre as emoções, lembranças e práticas afetivas no escopo do processo de construção de um mundo possível para SEMEAR após o incêndio. Diante dessa perspectiva, este eixo não será subdividido em subseções. Entretanto, como as práticas afetivas do discurso de Jorge não estão concentradas em uma única narrativa, elas serão apresentadas em segmentos diferentes.



**Excerto 16 – Práticas afetivas do processo de reconfiguração da SEMEAR na narrativa do Jorge**

79 Cássia *E como está o processo de reconfiguração do acervo hoje?*  
 80 Jorge *Então, do acervo a gente tem a parte do acervo fotográfico que foi incorporado,*  
 81 *que é o que a gente tá tratando. E a gente vem paralelamente trabalhando:*  
 82 *ah de uma forma bem até lenta, >na recuperação do que foi perdido< através dos*  
 83 *pesquisadores. A gente vem recebendo algumas remessas é é pouco a pouco a*  
 84 *gente vem recebendo alguns e-mails. Alguns pesquisadores estão enviando bastante*  
 85 *material, e graças a Deus↑, com tudo nomeado, tudo codificado e um material*  
 86 *bastante rico. A gente sabe que é pouco diante do que a gente perdeu↓, ma:s ah ↑,*  
 87 *acho que na: depois de alguns anos, ainda tem gente querendo ajudar e disposta↑ a*  
 88 *((fixa o olhar na entrevistadora e esboça um sorriso))*  
 89 *nos ajudar, isso é <bastante gratificante>. E são esses dois desafios. E tem um que:*  
 90 *esse realmente ainda está parado que é o documento queimado↓. Eu juntamente*  
 91 *com a Ana Luísa, a gente desenvolveu uma pesquisa < de tratamento do documento*  
 92 *queimado, para recuperação da informação>. A gente teve um <contato com um*  
 93 *((balança a cabeça para os lados))*  
 94 *uma equipe alemã e tudo>. >Mas aí veio a pandemia, as coisas não avançaram<.*  
 95 *A gente espera que numa perspectiva futura, a gente consiga retomar esse contato,*  
 96 *para também ver se a gente recupera algum <daqueles documentos que foram*  
 97 *((olha para baixo))*  
 98 *queimados lá>. Enfim, essa é a perspectiva que a gente teve↓, mas precisa de*  
 99 *financiamento e apoio.*

**Fonte:** A autora (2024).

Jorge cita algumas ações do processo de reconfiguração em andamento. Entre elas, as doações dos pesquisadores dos documentos consultados e a iniciativa de tratamento da documentação queimada que são interpretadas, nesta pesquisa, como práticas afetivas, que contribuem para construção de um mundo possível para a seção após o incêndio. Antes de enveredarmos nas explicações que justificam essa análise, cabe destacar que a simples identificação dessas ações já contempla um dos objetivos deste eixo. Entretanto, o segundo objetivo deste eixo, que visa compreender em que medida as lembranças e emoções do incêndio incentivam as práticas afetivas desse processo de reconfiguração, não poderá ser avaliado no que tange às doações dos documentos. Portanto, essa questão será analisada apenas nos discursos dos pesquisadores.

O trabalho paralelo de recuperação dos documentos perdidos, por meio da doação dos pesquisadores, é mencionado por Jorge em: “E a gente vem paralelamente trabalhando: “ah de uma forma bem até lenta, >na recuperação do que foi perdido< através dos pesquisadores” (linhas 81 e 82). O reforço prosódico na palavra “lenta” revela a falta de profissionais na seção para desenvolverem a atividade; em razão disso, Jorge solicitou a minha colaboração nessa etapa. A falta de servidores na seção denuncia questões macros, como a falta de servidores na instituição e no serviço público como um todo, devido à falta de investimentos no setor.

Apesar da morosidade do processo de recuperação da documentação da SEMEAR, Jorge destaca o recebimento de muitos documentos, em: “*Alguns pesquisadores estão enviando bastante material [...] um material muito rico*” (linhas 84 e 85). A avaliação encaixada do narrador, com a locução “*um material muito rico*”, indica a relevância das doações para o processo de reconfiguração da seção, mesmo tendo noção que serão poucos perante a quantidade de documentos perdidos no desastre. O reconhecimento da iniciativa é mais explícito no seguinte enunciado: “*depois de alguns anos, ainda tem gente querendo ajudar e disposta a nos ajudar, isso é <bastante gratificante>*” (linha 87 e 88). O reforço prosódico em “ajudar” e a repetição lexical, como também o aumento da tonalidade em “disposta” (uso da seta), sugerem como o narrador valoriza tanto a disponibilidade, quanto a contribuição dos pesquisadores.

As doações dos pesquisadores poderiam passar despercebidas em outro cenário, contudo, no âmbito do pós-incêndio elas adquirem uma projeção maior, uma vez que são fundamentais para o resgate de parte não apenas da documentação, como da memória da SEMEAR e da instituição; como verificamos nas análises anteriores, o acervo da seção era conformado por documentos que constituíam a memória institucional do Museu Nacional. Dessa forma, as doações são interpretadas, nesta pesquisa, como práticas afetivas. Segundo Wetherell (2014), elas são resultantes do momento em que ocorre a articulação entre diversos fluxos: emoções, relações, histórias e contextos, no(s) sujeito(s) envolvido(s). Nesta pesquisa, a memória perpassa todos os fluxos que se entrelaçam para formar o que a autora denomina de momento, episódio ou atmosfera afetiva.

A locução “atmosfera afetiva” é condizente com o discurso de Jorge a respeito das doações dos pesquisadores. O envio dos documentos consultados, mesmo após “alguns anos” depois do incêndio, a princípio, pode ser compreendido pela relação de apreço com o Museu Nacional e a seção, mobilizados pela comoção gerada com o incêndio. Essas questões serão aprofundadas nas análises das narrativas dos pesquisadores, ainda nesta seção. Entretanto, quando Jorge alega que as contribuições são gratificantes: “*isso é bastante gratificante*” (linha 88), ele se alinha como uma pessoa muito satisfeita com as doações dos pesquisadores e com a minha contribuição, visto que a pista de contextualização não verbal que antecede ao enunciado, “((fixa o olhar na entrevistadora e esboça um sorriso))” confirma esse reconhecimento e cumplicidade.

A segunda prática afetiva consiste na iniciativa de tratamento do acervo queimado, que desde a época da entrevista, não teve avanços em sua implementação. O incômodo de Jorge com a paralisação da iniciativa é explícito, por meio do uso do advérbio de tempo “ainda” e do

reforço prosódico em “parado,” no trecho da narrativa a seguir: “[...] *E tem um que: esse realmente ainda está parado que é o documento queimado*↓” (linhas 88 e 89). A descida de entonação em queimado pode denotar a tristeza em lembrar e/ou em mencionar o estado dos documentos após o incêndio. É provável que o inconformismo com a situação desses documentos tenha estimulado Jorge a tomar a iniciativa<sup>95</sup>, em conjunto com outra funcionária do Museu Nacional, de desenvolver uma pesquisa “<*de tratamento do documento queimado, para recuperação da informação*>” (linhas 90 e 91), para a qual estabeleceram “<*contato com um uma equipe alemã e tudo*>” (linha 92). Nos dois trechos em destaque, o narrador utiliza o recurso da fala lenta e do reforço prosódico nas palavras significativas das ações, a fim de ressaltar a relevância da iniciativa. Além disso, Jorge elabora um autoelogio, uma vez que, a despeito dos entraves institucionais, de uma instituição pública do porte do Museu, ele toma a iniciativa de juntar-se com uma colega, com o propósito de arregimentar uma equipe estrangeira de renome para auxiliá-lo na atividade de recuperação dos documentos queimados.

A pandemia é apontada por Jorge como o principal motivo para a interrupção da proposta de tratamento do acervo queimado. Assim, a ênfase em pandemia, bem como a fala rápida quando faz menção a ela “>*Mas aí veio a pandemia, as coisas não avançaram.* <” (linhas 93 e 94), juntamente com a pista de contextualização não verbal “((balança a cabeça para os lados))” (linha 94), sugerem o aborrecimento de Jorge com a situação. A fala rápida também pode ser associada ao desejo do narrador em não se aprofundar na experiência da pandemia, que frustrou os seus planos. Em razão disso, ele imprime um tom de esperança, isto é, de expectativa em conseguir retomar o contato com a equipe alemã, para recuperar parte dos documentos queimados: “*A gente espera que numa perspectiva futura, a gente consiga retomar esse contato.*” (linhas 93).

O discurso construído por Jorge acerca do tratamento dos documentos queimados circunscreve os seus alinhamentos, ora como cidadão, que teve os seus planos frustrados em decorrência da pandemia de Covid-19, situação que atingiu a população mundial, com diversos desdobramentos socioeconômicos; ora como servidor público, consciente das profundas limitações orçamentárias da instituição, contra as quais se posiciona explicitamente, evocando outros alinhamentos, tais como o de arquivista empenhado, pesquisador resolutivo e articulador de parceria internacional para desenvolver, em colaboração com a sua colega de trabalho e “equipe alemã”, a iniciativa de recuperação de parte desses documentos. Ao assumir a

---

<sup>95</sup> Jorge menciona o pronome pessoal “Eu” para destacar que a iniciativa de tratar os documentos queimados partiu dele e da outra funcionária do Museu (Ana Luísa). Aqui a agência do narrador é evidente, mas não será explorada neste momento.

responsabilidade por essa iniciativa, Jorge reivindica o papel de protagonista, que pode ser interpretado como uma agência. Conforme expliquei anteriormente, segundo Ahearn (2001), a agência pode expressar culpa ou responsabilidade sobre os efeitos negativos ou positivos de um evento. No caso do discurso de Jorge, os efeitos negativos do incêndio, como a perda do acervo que desencadeou a sua tristeza, desolação e lamento, foram transformados em agência, ou seja, na articulação de uma ação construtiva/ prática afetiva imbuída de esperança.

Aliás, o que possibilita a interpretação da iniciativa de tratamento do acervo queimado como uma prática afetiva? Primeiro, a busca por apoio na instituição parte exclusivamente de Jorge que, junto com Ana Luísa,<sup>96</sup> recorre à parceria com uma equipe alemã, especializada no tratamento de documentos queimados. Outro aspecto é a esperança em recuperar algo físico do acervo sinistrado que, mesmo contrariando as expectativas de restauração, sobrevida e utilidade desse material, aponta para um elo afetivo com o objeto, ou melhor, com o acervo físico teoricamente perdido. Por último, a própria iniciativa de Jorge representa o que Wetherell (2014) denomina de “momento de recrutamento”, quando ocorre a confluência entre diversos componentes (mencionados anteriormente), que pode convergir para “a lógica da prática do poder ser diferente”. Assim, é possível afirmar que o ato de “tratamento dos documentos queimados” se conforma como um tipo de ofensiva sensível às consequências do incêndio, como uma luta atávica pelo acervo, associada a um grau alto de pertencimento à seção e à instituição. Portanto, a iniciativa de fazer algo inovador por conta própria, a esperança de recuperar algo físico do acervo queimado e a busca por parceria internacional, com o propósito de desafiar a realidade imposta ao acervo pelo incêndio, indicam um “episódio/momento afetivo”, isto é, uma prática afetiva subversiva.

Outra prática afetiva do processo de reconfiguração da SEMEAR enunciada por Jorge, durante a entrevista, pode ser observada no segmento a seguir:

#### **Excerto 17 – Prática afetiva do processo de reconfiguração da SEMEAR na narrativa do Jorge**

- 144 Cássia *Vocês estão inseridos em algum projeto dentro dessa*  
 145 Jorge *É a gente*  
 146 Cássia *reestruturação do Museu Nacional?*  
 147 Jorge *A gente está: participando dos grupos de trabalho da: confecção da política de*  
 148 *acervos do Museu, e: são vários GTs de preservação digital, de política de acervo,*  
 149 *>de entrada e saída de material<, enfim são vários...*  
 150 Cássia *Mas já existia essa preocupação antes?*  
 151 Jorge *Não, isso tudo começou pós-incêndio↑ e a gente tem participado ativamente,*

<sup>96</sup> Ana Luíza Castro do Amaral é Mestre em Memória Social, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) – 2017. Possui graduação em Museologia pela Unirio – 2011. Atua como Técnica em Restauração do Museu Nacional, onde exerce a função de Chefe do Laboratório Central de Conservação e Restauração.

- 152 dentro dos textos que estão sendo elaborados, até porque muitos deles falam da  
 153 ((levanta as mãos com a palma para cima))  
 154 questão dos documentos de arquivo né. [...]  
 155 [...] A gente tem ajudado a construir essa política de acervos, que eu  
 156 acho que vai ser uma coisa inédita. No sentido, primeiro para UFRJ, >a UFRJ não  
 157 tem política de documentação<. E segundo, de um <Museu de História Natural  
 158 do Brasil>, na América Latina que eu acho, no Brasil certeza que não tem. Na  
 159 América Latina não posso precisar, de um tratamento para política de acervo de  
 160 uma História Natural de Antropologia [...]  
 161 [...] Vai ser uma coisa assim: bastante é interessante.
- 162 quando a gente conseguir publicar

**Fonte:** A autora (2024).

No segmento em tela, o discurso local construído por Jorge assinala uma questão macro no âmbito institucional, que consiste na construção colaborativa, com a participação de diversos setores do Museu Nacional, inclusive da SEMEAR, da política de acervo da instituição. Essa política é considerada, nas análises a seguir, como um desdobramento do incêndio que simboliza um compromisso público com a salvaguarda do acervo. Desse modo, por ser uma atividade que conta com o engajamento de vários agentes, sensibilizados pelas perdas do incêndio, em torno de um único objetivo, a iniciativa é caracterizada, nesta pesquisa, como uma interseccionalidade afetiva. Essa interseccionalidade afetiva contribuí diretamente para o processo de reconfiguração da SEMEAR, uma vez que norteará as decisões sobre preservação, conservação e acesso aos documentos da seção. A empolgação de Jorge e o seu agenciamento, no escopo da elaboração da política de acervo, possibilitam a interpretação do seu discurso como uma prática afetiva discursiva.

A implicação de Jorge na elaboração da política de acervo é enunciada em: “a gente tem participado ativamente, dentro dos textos que estão sendo elaborados, até porque muitos deles falam da questão dos documentos de arquivo né” (linhas 151 a 153). Observamos, aqui, o alinhamento de arquivista competente enunciado e reiterado por Jorge, principalmente por meio do reforço prosódico em “documentos de arquivo” e do uso da interjeição “né”. O posicionamento de arquivista implicado enfatiza o domínio técnico em relação aos documentos de arquivo e justifica a sua participação ativa na produção dos “textos” da política de acervo. Dessa forma, o alinhamento é empregado para respaldar a sua atuação, ou melhor, o seu agenciamento como um dos responsáveis pela elaboração dessa política, o que consubstancia a interpretação do seu discurso como uma prática afetiva discursiva. Essa prática é regida pelo tom de animação/empolgação circunscrito, principalmente, na avaliação encaixada que enuncia

o provável ineditismo da iniciativa. A política de acervo, em desenvolvimento, é avaliada por Jorge como “inédita” (linha 156) e ainda:

*No sentido, primeiro para UFRJ, >a UFRJ não tem política de documentação<. E segundo, de um<Museu de História Natural do Brasil>, na América Latina↑ que eu acho, no Brasil certeza↑ que não tem. Na América Latina não posso precisar. [...] Vai ser uma coisa assim: bastante é interessante, quando a gente conseguir publicar” (Excerto 17, linhas 157-162).*

No trecho em destaque, a implicação e a empolgação de Jorge são expressas por meio das pistas de contextualização de ênfase e das escolhas lexicais, como “bastante” e “interessante”. Essa política simboliza uma mudança de postura por parte do corpo social da instituição, em relação à preocupação com a preservação dos dados de pesquisa, das coleções e dos documentos, que deixa de ser uma responsabilidade setorial para se tornar uma responsabilidade institucional. Jorge é categórico quando afirma: “Não, isso tudo começou pós-incêndio↑” (linha 151), para se referir à formação dos diversos grupos de trabalho para a elaboração da política de acervo. Assim, a partir da perspectiva de Jorge, é possível afirmar que o incêndio representa um ponto de virada para a instituição, uma vez que as perdas ocasionadas pelo desastre geraram essa mobilização coletiva a fim de instituir a política de gestão de acervo. Nesse contexto, conforme Padilha (2014), a política deve ser divulgada como um documento público que esclareça as técnicas e critérios adotados, isto é, de que forma o Museu assume a responsabilidade de salvaguarda dos acervos. A salvaguarda do acervo, de acordo com Padilha (2014), abrange a aquisição, a preservação, o uso e o descarte dos acervos.

O breve esclarecimento acerca da política de acervo visa a explicitar a complexidade de sua elaboração, como o próprio relato de Jorge assinala em “são vários GTs de preservação digital, de política de acervo, de >entrada e saída de material<, enfim são vários” (linhas 148 e 149). Mas o ponto central aqui é argumentar que, provavelmente a tristeza, o medo e o senso de dever em preservar os acervos, derivados do incêndio, impulsionaram a mobilização de diversos atores em prol da política de acervo. Esse viés interpretativo está em consonância com o conceito de interseccionalidade afetiva de Wetherell (2012), já abordado no capítulo três. Desse modo, é possível identificar a elaboração da política de acervo do Museu Nacional com o que a autora supracitada associa à “mobilização de repertórios amplos e diversos de práticas afetivas”. Portanto, a capacidade de engajamento emocional e profissional de diversos atores, no contexto do pós-incêndio, para o desenvolvimento de algo complexo que incidirá sobre os futuros rumos da gestão dos acervos da instituição e, ao mesmo tempo, determina um compromisso público com a sociedade, nos fornecem, preliminarmente, subsídios para

considerar que o processo de elaboração da política de acervo do Museu Nacional pode ser um exemplo de interseccionalidade afetiva, que norteará os rumos do processo de reconfiguração do acervo da SEMEAR.

**Excerto 18 - Práticas afetivas do processo de reconfiguração da SEMEAR na narrativa do Gustavo**

- 151 Cássia *E como é que você se sente em relação a esses pesquisadores que estão doando*  
 152 *os documentos para SEMEAR? Como é que você vê essa iniciativa deles? Esse*  
 153 *retorno?*  
*((mão atrás da nuca))*  
 154 Gustavo *Ah, nós ficamos muito agradecidos obviamente né, porque*  
 155 *eles estão fornecendo a única oportunidade que a gente tem de reconstruir*  
 156 *parcialmente o que existia...*

**Fonte:** A autora (2024).

A narrativa de Gustavo possui apenas um elemento que pode ser interpretado como prática afetiva, as doações realizadas pelos pesquisadores dos documentos consultados no acervo da seção. Assim, no segmento acima, o narrador enuncia a importância das doações para a reconstrução do acervo e a sua gratidão pela iniciativa: “*nós ficamos muito agradecidos obviamente né, porque eles estão fornecendo a única oportunidade que a gente tem de reconstruir parcialmente o que existia...*” (linha 154 até 156). No trecho em destaque, a gratidão é enfatizada pelo advérbio muito e a sua obviedade está associada ao fato de os pesquisadores estarem possibilitando a “única oportunidade” de Gustavo e de Jorge reaverem, ou melhor, resgatarem uma parte do acervo perdido. Por esse motivo, o uso do reforço prosódico em “única”, como também em “reconstruir”. A escolha lexical de “única” destaca a singularidade da doação dos pesquisadores, enquanto o uso de “reconstruir” também demarca o processo atual da seção de reconfiguração, imposto como desdobramento das consequências do incêndio.

Em relação às análises das práticas afetivas, de acordo com Wetherell (2022), elas centram-se no emocional, em como ele aparece na vida social e tenta acompanhar o que os participantes fazem. No que tange às doações, observamos, no discurso de Gustavo, alguns afetos, como a gratidão e a esperança em reconstruírem uma parcela do acervo perdido, bem como, de forma indireta, a empatia e a solidariedade dos pesquisadores com a situação da SEMEAR após o incêndio.

Os servidores Jorge e Gustavo enunciaram a importância das doações dos documentos pelos pesquisadores da SEMEAR para o processo de reconfiguração da seção. A solidariedade dos pesquisadores entrevistados e, sobretudo, sua motivação para participarem desse processo serão observadas nos próximos segmentos:

**Excerto 19 – Prática afetiva do processo de reconfiguração da SEMEAR na narrativa do Paulo**

- 119 Cássia *Paulo, o que te motivou, assim, a doar os documentos para o processo de*  
 120 *reconfiguração da SEMEAR?*  
 121 Paulo *Olha é:, eu estou devolvendo né, eu estou prestando conta, ao mesmo tempo, e*  
 122 *devolvendo aquilo que me beneficiou enquanto pesquisador, para é escrever*  
 123 *minha tese, conhecer e tornar público. [...]*  
 [...]  
 131 *[...] Ela já estava publicada na UERJ, no banco de teses da*  
*((dá de ombros))*  
 132 *UERJ, então sabe↑ queria referência, estava lá. Mas eu queria que ela fosse*  
 133 *publicada, principalmente, pela UFRJ, >eu achei bom que fosse< porque é isso,*  
 134 *era uma forma de homenagear o Museu e de trazer ao público, devolver ao*  
 135 *((voz falha))*  
 136 *público alguma coisa, alguns fragmentos do que está perdido né. É uma*  
 137 *possibilidade, como você: que se interessa por isso, como o Jorge, e outros que*  
 138 *estão interessados nesse resgate, né de um patrimônio perdido, né, [...]*  
 139 *[..]. Eu entro com uma parcela*  
*disso, né. Mas é uma forma de contribuir para que essa memória não se perca, né.*

**Fonte:** A autora (2024).

O discurso construído por Paulo, no segmento acima, circunscreve o ato da doação como um dever social enquanto cidadão e pesquisador. E destaca a relevância da publicação de sua tese pela UFRJ, instituição a qual O Museu Nacional está vinculado, para divulgação pública dos documentos consultados da SEMEAR, e como uma homenagem ao museu após o incêndio. Esses documentos são considerados por Paulo como fragmentos do patrimônio perdido e, ao mesmo tempo, como uma forma de manter a memória desse acervo e do Museu Nacional vivas.

No início do seu discurso, Paulo alinha-se como pesquisador, em: “*Olha é:, eu estou devolvendo né, eu estou prestando conta, ao mesmo tempo, e devolvendo aquilo que me beneficiou enquanto pesquisador, para é escrever minha tese, conhecer e tornar público.*” (linhas 121 a 123). Esse alinhamento permeia toda a narrativa de Paulo, e respalda as suas observações acerca da documentação perdida do acervo da SEMEAR. Na verdade, na ótica de Paulo, esses documentos, ou melhor, fragmentos da SEMEAR não são seus, eles pertencem a seção, por isso ele nomeia o ato da doação como uma devolução, uma ação considerada natural, mediante as circunstâncias da SEMEAR após o incêndio.

Ainda em relação ao trecho em destaque, uma tonalidade afetiva implícita no discurso de Paulo é a gratidão, especialmente, quando reconhece que os documentos da SEMEAR o beneficiaram, ou seja, forneceram subsídios para a escrita da sua tese. O senso de dever do ato de doação, quer dizer, da devolução dos documentos, mencionado anteriormente, é nítido no emprego da locução “*prestando conta*”; nesse ponto, Paulo alinha-se como cidadão consciente que a documentação da SEMEAR é um bem público. Assim, a doação (devolução) expressa o



seu comprometimento enquanto cidadão e pesquisador em “*tornar público*”, trazer ao conhecimento de todos a documentação consultada.

O desejo de Paulo de que a sua tese fosse publicada pela UFRJ denota não apenas o prestígio da sua pesquisa pela instituição mantenedora do Museu Nacional, como também o seu interesse em homenagear à instituição, como ele verbaliza a seguir: “*Mas eu queria que ela fosse publicada, principalmente, pela UFRJ, [...] porque é isso era uma forma de homenagear o Museu e de trazer ao público, devolver ao público alguma coisa, alguns fragmentos do que está perdido né*” (linhas 132 a 135). Novamente, no trecho em destaque, o pesquisador reafirma o censo de dever inerente ao ato de devolver e trazer/divulgar ao público, os documentos da SEMEAR utilizados em sua tese. Nesses enunciados, Paulo não menciona abertamente o incêndio do Museu Nacional, mas é perceptível que a sua intenção em homenagear a instituição, bem como a qualificação da documentação devolvida como “fragmentos”, estão relacionadas à lembrança do desastre. Essa qualificação empregada por Paulo desvela tanto seu conhecimento em relação à dimensão do acervo da seção, quanto o valor da documentação devolvida como resquícios/vestigios do que outrora fora o acervo da SEMEAR. A coloração da tristeza de Paulo é mais contundente na pista de contextualização não verbal (voz falha) quando faz menção ao acervo perdido (linha 135), o que indica a sua dificuldade, a sua dor em lembrar das perdas ocasionadas pelo desastre.

A doação/devolução desses fragmentos, na concepção de Paulo, está associada ao processo de resgate do “*patrimônio perdido*” da seção, que conta com diferentes agentes. Essa questão é enunciada pelo narrador, quando elabora a avaliação externa, em: “*É uma possibilidade, como você:, que se interessa por isso, como o Jorge, e outros que estão interessados nesse resgate né de um patrimônio perdido né [...]. Eu entro com uma parcela disso, né. Mas é uma forma de contribuir para que essa memória não se perca, né.*” (linhas 135 até 139). A avaliação externa de Paulo visa destacar a relevância dos documentos doados, qualificados como “*patrimônio*” e, ao mesmo tempo, declarar a sua agência, como colaborador direto do resgate do patrimônio perdido da SEMEAR, gerando cumplicidade com a entrevistadora e com os personagens envolvidos nesse processo. A escolha lexical de “resgate” é interessante porque caracteriza a recuperação não apenas dos fragmentos/ documentos da seção, mas se refere implicitamente a todas as iniciativas de recuperação de patrimônio perdido do Museu Nacional, como, por exemplo, o resgate de acervos dos escombros do Paço. Dessa forma, Paulo está participando com “*uma parcela*” desse processo macro.

Nesse ponto da narrativa de Paulo, eu fiquei emocionada, porque me lembrei de todas as reuniões do projeto Colheita, que tinha como objetivo reunir, tratar e divulgar parte da

documentação perdida, como também os seus desdobramentos. Com a paralização do projeto, o trabalho que Jorge e Gustavo estão fazendo, no qual estou contribuindo, de solicitar as doações dos documentos consultados para cada pesquisador é lento; contudo, como menciona Paulo: “*é uma forma de contribuir para que essa memória não se perca, né*” (linha 139). No enunciado em destaque, o pesquisador elabora uma avaliação encaixada ao reconhecer a importância da doação/devolução dos documentos consultados, para recuperação de uma parcela da memória da SEMEAR e, conseqüentemente, de uma parcela da memória institucional.

O reconhecimento da doação dos documentos consultados, como uma devolução, que contribuí para o processo de reconfiguração da SEMEAR, pode ser observado também no discurso construído por Mariana, no segmento a seguir:

**Excerto 20 – Prática afetiva do processo de reconfiguração da SEMEAR na narrativa da Mariana**

- 92 Cássia *E falando mais especificamente da SEMEAR, dos documentos, como você mesma*  
 93 *comentou, que você consultou da Berta Lutz, enfim, da outra pesquisadora, o que*  
 94 *o que te motivou a doar esses documentos consultados para esse processo de*  
 95 *de reconfiguração da SEMEAR?*
- 96 Mariana *Olha, eu acho que toda a formação que a gente teve ali enquanto historiadores,*  
 97 *acho que vai bastante no sentido de entender que aquilo é público. [...]*  
 [...] *[...] <Mas não tinha essa relação de que era algo privado>.*  
 108 *Então, quando pegou fogo e tal, a ideia de retornar o que a gente tinha fotografado*  
 109 *não era nem um pouco difícil. A gente fotografou para facilitar nosso trabalho, mas*  
 110 *não que eu não possa... Eu sei que às vezes tem esse tipo de pensamento,*  
 111 *não, é o meu material, não sei o que, mas não passava muito por aí, passava mais*  
 112 *pelo... “Que sorte que a gente fotografou uma parte e dá para reconstituir alguma*  
 113 *coisa.” Então, sei lá, eu acho que... Eu vi muito nesse sentido. É uma situação assim,*  
 114 *eram os documentos da instituição, a gente fotografou, então a gente devolveu, sei*  
 115 *lá, para a gente, sabe? Não tinha muita essa relação de posse do material, era mais*  
 116 *uma sorte mesmo, eu acho, uma sorte de ter muita coisa fotografada.*
- 117 Cássia *E essa lembrança também do incêndio contribuiu para você fazer essas*  
 118 *doações?*
- 119 Mariana *Claro, não é? Depois que o fogo foi pegando, pegando, e a gente viu que tinha*  
 120 *queimado tudo, pelo menos as pessoas que são mais próximas de mim, [...]*  
 121 *[...] acho que a primeira coisa foi meio que assim, não,*  
 122 *vamos organizar para juntar o que a gente tem, passar o que a gente tem de volta,*  
 123 *para os pesquisadores da instituição. Para mim não teve muita dúvida, assim, não,*  
 124 *de que a gente viu, falou, “não, a gente tem um monte de coisa, a gente pode passar*  
 125 *para refazer o acervo na medida do possível, assim”. Com certeza, já desde o*  
 126 *momento que a gente estava vendo ali o incêndio, pensando,” nossa, eu tenho umas*  
 127 *coisas aqui guardadas, tal, que dá para, pode ajudar, salvar, né, pode ajudar a*  
 128 *organizar de novo, assim, tal.” [...]*

**Fonte:** A autora (2024).

O excerto extraído da entrevista da Mariana trata sobre as motivações implicadas nas

doações dos documentos fotografados, em suas pesquisas, para a SEMEAR. Assim como Paulo, a pesquisadora qualifica a doação como uma devolução de documentos à instituição. Dessa forma, refuta a relação de posse com os documentos doados e, ao mesmo tempo, considera uma “sorte” ter uma quantidade substancial de parte do acervo perdido no incêndio, para poder “ajudar”, ou seja, contribuir com o processo de reconfiguração da seção. Além disso, no discurso construído pela pesquisadora é nítido como as lembranças do incêndio, bem como a esperança em reconstruir parte desse acervo foram propulsoras para a doação/devolução da documentação, motivações que estão em consonância com a hipótese inicial desta pesquisa.

No início do segmento em análise, Mariana alinha-se como historiadora formada também pelo Museu Nacional, em: *“Olha, eu acho que toda a formação que a gente teve ali enquanto historiadores, acho que vai bastante no sentido de entender que aquilo é público.”* (linhas 96 e 97). A experiência adquirida ao longo dos anos como historiadora na instituição, segundo Mariana, possibilitou a sua compreensão de que os documentos utilizados em sua pesquisa são bens públicos. Por esse motivo, ela afirma que: *“Então, quando pegou fogo e tal, a ideia de retornar o que a gente tinha fotografado não era nem um pouco difícil.”* Nesse ponto, a narradora comunica que durante o incêndio, não foi *“nem um pouco difícil”* a ideia de “retornar”, ou seja, devolver a documentação. Essa locução, *“nem um pouco difícil”*, sugere que perante o desastre, a doação/devolução foi algo natural. Em seguida, Mariana menciona que não *“tinha muita essa relação de posse do material”* (linha 115), como pode acontecer com outros pesquisadores. Cabe aqui esclarecer que, durante a etapa de solicitar por e-mail doações para SEMEAR e participação nesta pesquisa, um pesquisador respondeu que iria consultar o seu orientador a respeito da doação, porque provavelmente publicaria um artigo com essa documentação. Sendo assim, podemos observar que a doação/devolução como algo natural e senso de dever não se aplica a todos os pesquisadores. De certo, o envolvimento emocional desenvolvido ao longo dos anos de atuação na instituição, seja como pesquisador (a), historiador e/ou coordenador de projeto de iniciação científica, pode ser associado a prática afetiva da doação dos documentos.

Nesse contexto, Mariana afirma que a oportunidade de poder devolver “muita coisa fotografada”, para poder *“reconstituir alguma coisa”* do acervo, foi uma questão de “sorte”, em: *“Que sorte que a gente fotografou uma parte e dá para reconstituir alguma coisa. [...]É uma situação assim, eram os documentos da instituição, a gente fotografou, então a gente devolveu, [...]era mais uma sorte mesmo, eu acho, uma sorte de ter muita coisa fotografada.”* (linhas 112 até 116). O vocábulo “sorte”, repetido três vezes, sempre com reforço prosódico, sugere que Mariana encara/significa a quantidade de documentação fotografada em suas

pesquisas como algo bom, favorável à reconstrução do acervo da seção. Sendo assim, o emprego de “sorte” comunica implicitamente o sentimento de gratidão da pesquisadora por poder “ajudar” e, ao mesmo tempo, imprime o tom de “esperança” em relação ao futuro da seção.

Quando questionada se a lembrança do incêndio contribuiu para doação dos documentos, Mariana responde: *“Claro, não é? Depois que o fogo foi pegando, pegando, e a gente viu que tinha queimado tudo, [...] acho que a primeira coisa foi meio que assim, não, vamos organizar para juntar o que a gente tem, passar o que a gente tem de volta, para os pesquisadores da instituição.”* (linhas 121 até 123). A imagem-lembrança do incêndio, circunscrita no discurso em: *“a gente viu tinha queimado tudo”* (grifo nosso), inclusive o ritmo de sua duração quando repete *“pegando”*, segundo Mariana, obviamente constitui a principal motivação para as doações/devoluções dos documentos. Essa iniciativa foi sua primeira reação e de pessoas próximas, inicialmente, para ajudar os *“pesquisadores da instituição”*, o que sugere empatia com a situação dos seus pares. Por sua vez, a contribuição para o acervo da SEMEAR é comunicada no diálogo construído a seguir: *“não, a gente tem um monte de coisa, a gente pode passar para refazer o acervo na medida do possível, assim”*. (linhas 124 e 125). Nesse diálogo, Mariana, assim como Paulo, reconhece a importância das doações/devoluções para a reconfiguração do acervo. Mais uma vez, verificamos também o tom de esperança implícito nessa prática afetiva. Outra tonalidade afetiva presente na narrativa de Mariana é a solidariedade, observada, principalmente, no trecho a seguir: *“Eu tenho coisas aqui guardadas, tal, que dá para, poder ajudar, salvar, né, pode ajudar a organizar de novo, assim, tal”* (linhas 126 até 128). A repetição do vocábulo “ajudar” consubstancia a coloração de solidariedade, e pode também ser interpretada como um sinal de esperança, pois aponta para um caminho de “salvar” alguma coisa, ou melhor, de construir um mundo possível para a seção após o incêndio.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

o que nos afeta é o que rompe com a mesmidade em que vivemos; a mesmidade não nos impressiona ou nos marca. O que nos afeta é antes um encontro, uma palavra nova, uma experiência singular (Gondar, 2015, p. 25).

O percurso desta tese foi marcado por experiências singulares, desde o incêndio do Museu Nacional até os encontros pessoais e teóricos que determinaram os rumos da pesquisa desenvolvida. Desse modo, abordo de forma abrangente as afetações desse percurso, que abarcam as lembranças e emoções implicadas tanto na escolha do tema quanto nos direcionamentos teóricos e nas entrevistas. Em paralelo, destaco os resultados alcançados, em consonância com os objetivos específicos propostos na introdução, assim como indico futuros encaminhamentos e possíveis desdobramentos das reflexões engendradas nesta pesquisa.

A imagem lembrança do Museu Nacional sendo consumido pelas chamas ainda permanece vívida. Toda vez que comento ou escrevo sobre o desastre, essa imagem é evocada e atualizada, bem como as tonalidades de tristeza e de desolação com a destruição ocasionada. Por um lado, as perdas provocadas pelo incêndio são inestimáveis tanto no âmbito material quanto no imaterial, uma vez que os acervos consumidos pelo fogo continham coleções únicas, construídas a partir da dedicação de inúmeros servidores, pesquisadores e colaboradores, ao longo dos duzentos anos da instituição. Por outro lado, o desastre propiciou oportunidades de criar conhecimentos, acervos, exposições, reestruturação do Paço de São Cristóvão, novas parcerias institucionais, pesquisas e colaborações científicas. A partir dessa reflexão, a imagem-lembrança do incêndio aflora também a tonalidade da esperança em um porvir grandioso para a instituição.

O processo de reconfiguração da Seção de Memória e Arquivo está circunscrito por esse cenário de destruição e criação, que mobiliza servidores, pesquisadores, colaboradores, órgãos nacionais e internacionais. No que diz respeito a minha inserção no campo de pesquisa, conforme expliquei na introdução, o encontro com a ex-chefe da SEMEAR foi crucial. Ele aconteceu em uma reunião improvisada no dia seguinte ao incêndio, no qual a coloração da desolação e da tristeza da Bibliotecária Maria das Graças, profissional que admiro, em conjunto, com a atmosfera afetiva do desastre e a imagem lembrança presenciada horas antes da reunião, me afetaram ao ponto de mobilizarem o meu querer em prol da seção, ou seja, de me voluntariar como colaboradora. A imagem lembrança que mencionei é constituída pela fumaça saindo da faixa do Paço de São Cristóvão - que outrora fora o local que abrigava as coleções expostas,

reservas técnicas, laboratórios, auditório, salas de aula, a maioria das seções e dos setores do Museu Nacional - diversas pessoas chorando e o cheiro forte de queimado.

Assim, o encontro com a ex-chefe da SEMEAR marcou o início da minha jornada no campo de estudo, a princípio como participante do grupo de trabalho do sistema Colheita. O grupo de trabalho era composto por servidores da SEMEAR e colaboradores externos de diferentes áreas do conhecimento (arquivistas, bibliotecários, historiadores, arqueólogos, restauradores, entre outros). A proposta do Sistema Colheita é agregar as doações dos documentos consultados pelos pesquisadores da SEMEAR e seus desdobramentos (artigos, projetos, teses, dados científicos, entre outros). Vale esclarecer que a ideia do Colheita, a qual proporcionou a criação do grupo de trabalho, surgiu a partir da iniciativa dos pesquisadores em doarem os documentos consultados para SEMEAR<sup>97</sup>, inclusive foi a partir das solicitações de outras doações que redirecionei a pesquisa desta tese.

A participação no grupo de trabalho da SEMEAR me incentivou a ingressar no doutorado em Memória Social, porque desejava compreender o processo de construção coletiva do Colheita à luz dos conhecimentos da área. Desde o projeto de pesquisa, escolhi a linha de Linguagem e Memória, posto que o processo de construção consistia em algo novo, com apenas a proposta do projeto como fonte de pesquisa. Em vista disso, constatei que apenas com entrevistas conseguiria obter dados para desenvolvê-la. O interesse em estudar o elo entre a memória e as emoções também constava no projeto de pesquisa, interesse que surgiu à medida que participava das reuniões do grupo de trabalho. Nessas reuniões, observei que os relatos dos participantes eram imbuídos de emoções. Ao lembrarem-se da seção antes do incêndio, esboçavam a alegria com o trabalho dos bolsistas do PIC-Júnior, com o projeto para angariar recursos que estava em andamento ou com as diversas pesquisas realizadas na seção. Em contrapartida, quando evocavam as lembranças do incêndio, os semblantes dos participantes mudavam, os olhares se perdiam e lágrimas surgiam. A partir dessas observações, a proposta inicial da pesquisa era compreender as relações das lembranças e emoções com o processo de construção coletiva do Colheita. Contudo, após a interrupção das atividades do grupo de trabalho, devido à pandemia de COVID-19, foi necessário redirecionar o rumo da pesquisa.

Após a interrupção das atividades do grupo de trabalho do Colheita, eu pensei em mudar o tema da tese, mas seguindo a orientação da professora Diana Pinto, eu voltei o meu olhar

---

<sup>97</sup> Para mais informações sobre esse processo de criação do projeto Colheita recomendo: DEUS, Cássia Costa R. D. de; PINTO, Diana de Souza. O projeto de reconfiguração da seção de memória e arquivo do Museu Nacional na perspectiva da informação e da memória. **Informação e Informação**, Londrina, v. 26, n. 2, p. 1-25, abr./jun. 2021. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/informacao/>. Acesso em: 9 jul. 2021.

novamente para o campo de pesquisa em que já estava envolvida desde 2018. Desde então, apenas redirecionei a análise que gostaria de fazer com o Colheita para o processo de reconfiguração da SEMEAR, que não parou após a pandemia. Nesse período, conforme expliquei na introdução, o atual chefe da seção me designou a atividade de obter outras doações de documentos com os pesquisadores que consultaram o acervo. Essa atividade despertou uma autorreflexão, que desencadeou a questão norteadora desta pesquisa, a saber: Em que medida as lembranças e emoções do incêndio impulsionam ações, ou melhor, práticas afetivas em torno do processo de reconfiguração da SEMEAR?

Ao refletir sobre minha participação no grupo de trabalho da SEMEAR, percebi que estava vinculada às lembranças do incêndio, do Paço de São Cristóvão após o incêndio, do encontro com a ex-chefe da seção, à atmosfera afetiva do desastre e, especialmente, à oportunidade de contribuir com o processo de reconstrução da seção e do Museu Nacional. Essa autorreflexão possibilitou a formulação da questão norteadora da presente pesquisa, que especificou o tipo de ações a serem investigadas, ou seja, as práticas afetivas. Os estudos de Margaret Wetherell acerca das práticas afetivas despertaram o meu interesse em pesquisar ações que não seriam decorrentes do cumprimento de obrigações sociais/morais ou demandas de trabalho, mas sim do engajamento emocional, semelhante ao meu, ao atuar como colaboradora da SEMEAR. Dessa forma, a tríade: memória, emoções e práticas afetivas, que fundamenta esta pesquisa, foi estabelecida.

Após a mudança de rumo, a teoria de Maurice Halbwachs, a meu ver, não me parecia a mais apropriada para as associações teóricas da tríade, sobretudo no que concerne às emoções. Nesse período de redefinição, a aula da professora Jô Gondar sobre a teoria de Henri Bergson descortinou um caminho teórico desafiador e, ao mesmo tempo, viável para a construção teórica pretendida<sup>98</sup>, que até o momento não fora abordada em estudos anteriores. Por esse motivo, as relações teóricas entre memória, emoções e práticas afetivas, constituem um dos objetivos específicos desta pesquisa. Essa construção teórica, por ser inovadora e embrionária, está sujeita a aperfeiçoamentos; contudo, acredito que esta pesquisa esboça um arcabouço teórico promissor para novas discussões no campo da Memória Social. Além disso, o percurso teórico que subsidia a tríade foi suficiente para o desenvolvimento das análises apresentadas no sexto capítulo e na “chegada” às respostas aos demais objetivos específicos traçados na introdução. O termo chegada é uma alusão a um trecho de um poema que diz: “Não preciso do fim para chegar” (Barros, 2016, p. 52). Esse trecho trouxe paz para o meu ímpeto criador que gostaria

---

<sup>98</sup> Abordo o contexto e a importância dessa aula no posfácio.

de ter se aprofundado mais nas relações teóricas da tríade e está consonância com o sentimento de que está pesquisa não terminou, pois, na verdade, ela abre caminhos a serem explorados. Antes de abordá-los, apresentarei brevemente os resultados alcançados.

Em relação à teoria de Henri Bergson, elaborei, no capítulo três, um longo percurso teórico com o objetivo de explicar os vínculos entre as noções do autor e, principalmente, a linha de raciocínio que resultou na interpretação das práticas e interseccionalidades afetivas como ações densificadas pela memória, na construção de mundos possíveis. O delinear dessa interpretação, ou melhor, dessa concepção, advém do interesse em demonstrar como as práticas e interseccionalidades afetivas em torno do processo de reconfiguração da SEMEAR são direcionadas pelo processo de atualização da memória (cone invertido), desencadeado pelo impulso vital liberto, que é retomado pelas emoções criadoras. As emoções criadoras, como indiquei no referido capítulo, estão circunscritas à atmosfera afetiva do contexto do pós-incêndio da instituição, mais especificamente, da seção, no desafio de construir/criar um acervo a partir das cinzas, que contemple o todo no escopo da moral aberta, ou seja, toda a sociedade. Nessa perspectiva o processo de reconfiguração da SEMEAR é interpretado também como construção de um mundo possível, conformado por ofensivas sensíveis, isto é, práticas afetivas, que têm a função de resistir à destruição ocasionada pelo incêndio.

Essas questões, assim como o percurso teórico em torno das narrativas e as categorias analíticas exploradas nos capítulos quatro e cinco desta tese, direcionaram e subsidiaram as análises das entrevistas dos participantes desta pesquisa. A narrativa foi eleita como gênero discursivo e interpretada nesta pesquisa como uma contração discursiva da memória. Essa reflexão teórica foi alinhada à teoria de Henri Bergson e embasada nos estudos de Bastos (2005), Bastos e Biar (2015), Riessman (2008), entre outros. Foi elaborada com o propósito de justificar a escolha da narrativa como gênero discursivo das análises e, principalmente, para facilitar o reconhecimento do processo de atualização das lembranças e das emoções durante o relato dos entrevistados. Além disso, apresentei a narrativa como prática afetiva discursiva, a partir dos estudos de Wetherell (2012) e de Glapka (2019), uma concepção que também reforça o vínculo da narrativa com a pesquisa desenvolvida e constituí uma das categorias identificadas nas análises das narrativas dos entrevistados.

As análises das narrativas dos entrevistados foram elaboradas no sexto capítulo. Nos eixos “Incêndio do Museu Nacional e da SEMEAR” e “Tonalidades afetivas das perdas”, as análises explicitam as lembranças e emoções presentes nas narrativas dos entrevistados em relação ao desastre, que constituem o segundo objetivo específico desta pesquisa. As tonalidades afetivas de tristeza, desolação, inconformismo, indignação e espanto foram



identificadas nas narrativas. Os relatos dos entrevistados sobre como tomaram conhecimento do desastre me afetaram, porque assim como eles, eu também me surpreendi com a rapidez do incêndio e me entristeci com as cenas de destruição. Entre as lembranças suscitadas, a mais emblemática foi a lembrança do funcionário Jorge Dias, que relatou ter presenciado a sua sala sendo queimada e qualificou a experiência como bizarra, algo incomum e estranho. Nesse momento de elaboração do significado da experiência, como apontei nas análises, o seu discurso atesta o processo atualização das lembranças e emoções. Aliás, esse processo pode ser observado ao longo das análises dos entrevistados, destacando o vínculo indissociável entre as emoções e a memória no *corpus*.

Nas avaliações elaboradas pelos entrevistados sobre o desastre, todos apontam os problemas estruturais do Museu Nacional antes do incêndio, qualificado com uma “tragédia anunciada” por Mariana. Nesse cenário, Paulo indica as condições impróprias do Paço de São Cristóvão desde a alocação da instituição, enquanto Mariana, Jorge e Gustavo enfatizam os problemas elétricos. Os discursos locais dos entrevistados sobre esses problemas sinalizam questões macros, como a falta investimentos, fruto do descaso com os serviços públicos e patrimônios culturais, engendrado principalmente nos últimos anos pela política nacional. Além disso, no bojo dessas análises, os discursos de Mariana e Paulo são identificados como práticas afetivas discursivas, pois justificam o envolvimento/posicionamento de indignação com o incêndio e, ao mesmo tempo, promovem a identificação da pesquisadora (audiência) com a experiência e as percepções compartilhadas. Assim como os pesquisadores, penso que o desastre poderia ter sido evitado, e acredito que a ausência de políticas públicas relativas aos patrimônios culturais contribuíram para o incêndio.

No que concerne às perdas provocadas pelo incêndio, a narrativa de Paulo apresenta como diferencial a lembrança da “perda de vidas inteiras” dedicadas às pesquisas desenvolvidas ao longo da trajetória da instituição. Desse modo, ele lança luz para o trabalho de inúmeros servidores e pesquisadores, geralmente, invisível para a sociedade. O pesquisador menciona também a perda da memória institucional, salvaguardada na SEMEAR, destacando assim a importância do acervo da seção. Os discursos de Gustavo e Mariana lembram dos manuscritos sobre os povos indígenas do Brasil, da coleção etnográfica da SEMEAR, alguns nunca consultados, logo, irrecuperáveis. Enfim, as tonalidades de tristeza e desolação com as perdas são preponderantes nos discursos dos entrevistados. Nesse breve panorama dos dois primeiros eixos das análises, observamos como as lembranças do incêndio estão imbuídas de emoções, ou melhor, o elo indissociável entre elas.

As análises do terceiro eixo, “Práticas afetivas do processo de reconfiguração da SEMEAR”, abarcam as demandas do terceiro e do quarto objetivo específico desta pesquisa, posto que identificam as práticas e interseccionalidade afetivas circunscritas nesse processo. Ao mesmo tempo, exploram as emoções implicadas nas lembranças do incêndio que as impulsionam. Dessa forma, foi possível observar nas narrativas dos entrevistados duas práticas afetivas e uma interseccionalidade afetiva vinculadas ao processo reconfiguração da SEMEAR, a saber: Doações dos pesquisadores dos documentos consultados em suas pesquisas no acervo da seção, projeto de tratamento dos documentos queimados e a política de acervo do Museu Nacional. Nesse cenário, a conjunção das duas primeiras pode ser interpretada como uma interseccionalidade afetiva em prol da SEMEAR, porque congrega diversas práticas afetivas operadas por diferentes agentes em uma determinada atmosfera afetiva, no caso, a recuperação/resgate de parte do acervo perdido no desastre, seja por tratamento ou doações.

Cabe ressaltar que as doações dos documentos pelos pesquisadores foi um ponto comum nas narrativas dos servidores e fator responsável por deflagrar a questão norteadora desta pesquisa, como mencionei anteriormente. Por esses motivos, a prática afetiva das doações dos documentos foi investigada nas entrevistas dos pesquisadores. No que concerne a essa prática, verificamos, nos discursos construídos pelos pesquisadores, que foi impulsionada, principalmente, pela imagem-lembrança do incêndio e pela esperança em “refazer, “reconstruir”, “salvar” e “resgatar” “alguma coisa” do acervo da seção. Outro aspecto relevante é a motivação do envolvimento dos pesquisadores com essa prática afetiva, que consiste no senso de dever de restituir ou “devolver” à seção, o Museu e à sociedade, parte do patrimônio destruído no incêndio.

O senso de dever dos pesquisadores sugere algumas interpretações sobre o tipo de emoções que impulsionam a prática afetiva das doações dos documentos. Por um lado, as doações são frutos de emoções superficiais porque os pesquisadores a caracterizam como um “dever” por ser uma documentação pública; assim estaria circunscrita no âmbito do exercício das obrigações morais impostas pela sociedade. Por outro lado, é viável entender que são emoções criadoras, uma vez que o “senso de dever” pode ser atrelado ao seu engajamento com o todo; em outras palavras, o “senso de dever” é derivado do interesse em compartilhar com o todo, isto é, com o público, com a sociedade, os fragmentos da memória deste acervo. Assim, o “senso de dever” advém de um irrefutável estremecimento afetivo, desejo de contribuir com a criação de um novo acervo para a seção, que mobiliza o querer dos pesquisadores ao ponto de torná-lo um dever. De fato, considero que as doações dos documentos consultados são impulsionadas por emoções criadoras, pois havia a opção de escolha em contribuir ou não. No

entanto, para os entrevistados, essa opção nunca existiu, devido ao seu engajamento emocional com as perdas da SEMEAR e com o processo de reconfiguração da seção. Nesse contexto, as doações são interpretadas como práticas afetivas subversivas, primeiramente, pelo engajamento emocional implicado nessa ação e, principalmente, por essas doações contrariarem a realidade de destruição imposta pelo incêndio. Sendo assim, observamos as tonalidades afetivas de solidariedade e empatia. Outra tonalidade afetiva associada a essa prática afetiva é a gratidão, pois nas narrativas dos pesquisadores, reconhecem tanto a importância desses documentos em suas pesquisas quanto a oportunidade de poderem contribuir com “uma parcela” desse processo de reconfiguração do acervo.

O tom de gratidão também esteve presente nas narrativas dos servidores quando mencionaram essa prática. A bem da verdade, as lembranças do incêndio permeiam também o discurso de Jorge em relação ao projeto de tratamento dos documentos queimados e à política de acervos. Entre as tonalidades afetivas do seu discurso, a mais proeminente foi a esperança, tanto na esfera pessoal em recuperar algo considerado perdido, os documentos queimados, quanto na esfera institucional na elaboração da política de acervo, assumindo o compromisso público de salvaguardar todos os acervos do Museu Nacional, inclusive a SEMEAR. Portanto, as práticas afetivas e/ou interseccionalidades afetivas do processo de reconfiguração podem ser interpretadas como ofensivas sensíveis contra as consequências do incêndio, em prol de um futuro, de um porvir, de um mundo possível para a SEMEAR.

No que tange à análise das entrevistas, acredito que há outras questões que merecem investigação posterior, como o apagamento da memória, principalmente, no trecho da entrevista de Paulo Sily, ao mencionar as gavetas do armário que não foram abertas. Outro ponto a ser explorado é o debate acerca da inclusão dos documentos do período pós-incêndio no novo acervo da SEMEAR, porque esses documentos constituem parte da memória institucional. A princípio, nos discursos dos servidores, apenas identifiquei o desejo, mas não resoluções nesse sentido. Outras questões que cabem maior aprofundamento: a relevância da documentação doada pelos pesquisadores, no prisma de vestígios, restos e rastros, a partir da perspectiva de resistência ao esquecimento e a importância do Programa de Iniciação Científica do Pedro II com o Museu Nacional (PIC-júnior), na formação de pesquisadores no Brasil.

As discussões teóricas desenvolvidas nesta pesquisa, como as relações da memória, emoções e práticas afetivas, podem subsidiar outros estudos no campo da Memória Social em diversas temáticas. Por exemplo, no escopo da pandemia, ao analisar os desdobramentos sociais, com bases nas memórias e nos meios encontrados, ou seja, nas práticas afetivas/ofensivas sensíveis utilizadas para resistir aos efeitos do isolamento social, na

construção de um mundo possível durante a pandemia e pós-pandêmico. No que concerne à concepção da narrativa como contração discursiva da memória e, sobretudo, como prática afetiva discursiva, as discussões podem ser ampliadas, pois configuram um campo de estudos diverso, potencialmente gerador de debates em diferentes áreas<sup>99</sup>, especialmente, no campo da Memória Social<sup>100</sup>. Nessa perspectiva, tenho interesse em desenvolver uma pesquisa referente às mães atípicas, mais especificamente, em que medida as memórias do diagnóstico e das experiências vivenciadas com os filhos impulsionam a conformação de redes de apoio e práticas afetivas discursivas em prol dos direitos dos autistas.

Diante dessas perspectivas de pesquisa, os constructos teóricos e a pesquisa empírica apresentados nesta tese são uma imagem configurada a partir da conjunção de ideias, entrevistas e reflexões concebidas em uma determinada atmosfera afetiva, circunscrita por um contexto pessoal, político e social da duração da vida da pesquisadora, como também de todos que contribuíram para este processo de construção. Os caminhos indicados nestas considerações finais apontam como as temáticas abordadas são profícuas e, conseqüentemente, podem ser desenvolvidas sob outro giro interpretativo do caleidoscópio da Memória Social. No prisma do impulso vital liberto, o meu olhar sobre os encaminhamentos da presente pesquisa se transformará, de acordo com as mudanças do meu ser na duração da vida, e suscitará a criação de novos rumos. E os leitores e as leitoras desta tese podem se sentir inspirados em criar outros direcionamentos para as discussões empreendidas.

Em suma, as práticas afetivas/ofensivas sensíveis do processo de construção de um mundo possível para SEMEAR, com base nas reflexões desenvolvidas, são motivadas por emoções criadoras. Nesse cenário, uma última analogia parece-me relevante: a comparação da emoção criadora com a ideia de emoção ativa de Didi-Huberman (2021); para o autor, as emoções têm o potencial de transformar o mundo, desde que sejam convertidas em pensamentos e ações. Além disso, o autor alega que as emoções têm um poder ou ‘são’ um poder de transformação. “Transformação da memória em desejo, do passado [memória cósmica/pura] em futuro, ou então da tristeza em alegria” (Didi-Huberman, 2021, p. 44). No âmbito do pós-incêndio do Museu Nacional e da SEMEAR, as emoções criadoras impulsionam práticas e interseccionalidades afetivas que visam transformar a tristeza das perdas e da destruição, em alegria, com as peças recuperadas dos escombros, com a recuperação de parte dos documentos

---

<sup>99</sup>Na área de Ciência da Informação, as práticas afetivas discursivas podem ser analisadas, por exemplo, sobre viés da desinformação e *fake news*, bem como no campo da proliferação de informações e comportamentos sustentáveis, entre outros.

<sup>100</sup>No campo da Memória social podem contribuir na identificação das lembranças e emoções que desencadeiam as práticas afetivas discursivas, em diferentes cenários, como o político, religioso, acadêmico, entre outros.

queimados, com a reconfiguração do acervo, com a retomada das pesquisas e aulas, com a reforma dos jardins, com restauração da fachada, e finalmente com a reabertura da instituição ao público.

## POSFÁCIO

Quando tudo for escuro  
e nada iluminar,  
quando tudo for incerto  
e você só duvidar...  
É hora do recomeço.  
Recomece a ACREDITAR.  
(Bessa, 2018)

O mar sempre me acalmou, as ondas arrebentando e se formando novamente, conformando um ciclo sem fim de recomeços. Talvez, por esse motivo, no momento que me vi perdida e por um fio de quebrar, eu tenha recorrido ao mar, para afundar as minhas frustrações com a vida, com a tese, com as perdas... A ideia de sumir na imensidão azul do mar me atingiu como uma onda voraz, consumiu a minha mente. Mas essa onda se desfez com a imagem lembrança dos meus filhos, com a esperança de um novo amanhecer no horizonte e de um recomeço.

A palavra recomeço marcou a minha trajetória durante a elaboração desta tese, na verdade, a vida é feita de recomeços. Nesse contexto, de acordo com a teoria de Henri Bergson, a vida é um fluxo contínuo de constantes transformações. Essas transformações moldam o nosso ser na duração da vida, na minha ótica, constituem também marcos de recomeços. Eu precisei recomeçar a estudar no doutorado, recomeçar a minha pesquisa após o advento da Pandemia, recomeçar a minha vida e da minha família em uma cidade no interior da Bahia, recomeçar o estudo da teoria bergsoniana, recomeçar após o diagnóstico do autismo de meu filho caçula, recomeçar a minha relação com o meu filho, recomeçar os estudos da minha filha duas vezes, recomeçar a minha rotina com a inclusão de diversas terapias, recomeçar a minha vida no Rio de Janeiro, recomeçar a escrita da tese inúmeras vezes, recomeçar a lutar com o plano de saúde, recomeçar a acreditar que seria possível chegar o dia da defesa desta pesquisa.

Quando ingressei no doutorado, a oportunidade de recomeçar os meus estudos era empolgante. Eu fui uma aluna dedicada que imprimia todos os textos, marcava tudo que achava importante, que adorava assistir às aulas, especialmente, da disciplina de Memória Social II, ministrada pelos professores Francisco e Diana. Eu aprendi tanto nessa disciplina; ela descortinou o campo da Memória Social, pelo qual me encantei. Como sinto saudades daqueles dias, naquela época eu era outra pessoa, com outros sonhos e objetivos, e a vida era mais simples, mais leve. Mas não voltaria, porque hoje após diversos recomeços, eu vejo como evolui em todos os aspectos da minha vida. Hoje valorizo as pequenas conquistas, os pequenos gestos de empatia e amor.

A pandemia do COVID 19, em 2020, afetou diversas áreas da sociedade em nível global, com destaque para a saúde pública ocasionando a contaminação de milhares de pessoas e a perda de inúmeras vidas. Na área social, a pandemia exacerbou as desigualdades existentes, incluindo disparidades de acesso à saúde, emprego, educação e moradia. No campo psicológico, não é possível dimensionar as consequências do isolamento social, a perda inesperada de familiares e amigos, a sensação de impotência, o medo de contaminação, a incerteza sobre os rumos da pandemia e do amanhã. A pandemia impeliu a sociedade a vários recomeços, desde a forma de se relacionar, cuidar, trabalhar, estudar, comprar, comer, entre outros. No meu caso, por um lado, durante a pandemia eu recebi a notícia maravilhosa de que eu iria ter um filho; a ideia de recomeçar tudo novamente, a princípio, me aterrorizou, mas a expectativa com sua chegada a suplantou. No entanto, no meio do caos da pandemia, eu saía para as consultas e ultras com muito medo e não pude compartilhar a evolução da gravidez com a minha mãe, parentes e amigos. Por outro lado, a minha pesquisa foi totalmente afetada pela pandemia, pois o projeto do sistema de informação Colheita da SEMEAR, do qual participei como colaboradora do grupo de trabalho desde 2018, foi interrompido e, até o momento, não retomado. Em razão disso, em 2021, eu precisei encarar a realidade e recomeçar a pesquisa sobre outro recorte dentro do processo de reconfiguração da SEMEAR. Na época cheguei a cogitar em mudar totalmente de rota, mas fui orientada a não fazer isso, porque já estava envolvida com a temática desde o início do doutorado, inclusive eu ingressei e escolhi<sup>101</sup> o doutorado em Memória Social pensando em como compreender o processo de construção do Colheita à luz da memória e das emoções.

Uma curiosidade, o meu primeiro contato com a teoria de Henri Bergson foi durante a preparação para o processo seletivo do doutorado, do Programada de Pós-graduação em Memória Social da Unirio. A prova continha três questões, o candidato poderia escolher duas para responder. Uma das questões era sobre a teoria bergsoniana, eu não a respondi, porque estava muito insegura e não tinha entendido a categoria de duração. A princípio, nunca imaginei enveredar por essa perspectiva teórica, tanto que no meu projeto, nos trabalhos finais e nos artigos publicados sempre utilizei a teoria de Maurice Halbwachs, autor recorrente nas bibliografias das disciplinas que cursei. O que me motivou a sair da minha zona de conforto e encarar o desafio de abordar a teoria bergsoniana foi a aula da professora Jô Gondar, em janeiro de 2021, na disciplina “Fundamentos e Perspectivas em Memória Social”, ministrada pelos

---

<sup>101</sup> Em 2018 fui aprovada em dois cursos de pós-graduação o de Memória Social da UNIRIO e o curso de História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia da UFRJ. No entanto, eu optei pelo da UNIRIO, devido ao meu tema de pesquisa.

professores Eliezer Silva e Johanna Gondar, na qual participei como ouvinte. Essa aula emblemática ocorreu em um momento oportuno da minha pesquisa, porque aconteceu exatamente durante o meu processo de mudança de direcionamento do tema. A lembrança mais vívida dessa aula é a imagem do meu rascunho com vários rabiscos e ideias, enquanto assistia às explicações sobre a teoria bergsoniana. Após essa aula, eu precisei recomeçar o estudo da teoria de Henri Bergson, mas desta vez foi necessário me aprofundar e tentar compreender minimamente as suas categorias.

Nesse período de redefinição de rota, mais especificamente em abril de 2021, enquanto elaborava a minha apresentação da disciplina Seminários de Pesquisa, eu recebi uma notícia que abalou a minha pesquisa e, principalmente, a minha família. O meu marido, militar da Marinha, recebeu a sua nomeação para ser delegado da Capitania dos Portos de Ilhéus na Bahia. Em três meses precisamos nos organizar para nos mudarmos para uma cidade pequena, sem família e amigos. A minha filha Maria Alice, com cinco anos, foi a que mais sentiu. Seu choro e questionamentos me marcaram; o meu filho Guilherme, com 10 meses, não pode desenvolver vínculos familiares, uma vez que acabara de estabelecer contato com a família, devido ao recente arrefecimento da pandemia do COVID 19. Enfim, em julho de 2021, me mudei com meu marido, filhos e apenas malas de roupas para recomeçar em Ilhéus, rumo a uma adaptação difícil e dolorosa. Eu lembro de escrever o relatório de estágio supervisionado em cima de uma tábua de passar roupa, do choro frequente no chuveiro, das brigas por pequenas coisas, como a falta de vacina de COVID19 para Maria Alice, entre outras situações complicadas. No período de adaptação que durou quatro meses, eu produzi muito pouco, sobretudo, porque precisei acompanhar minha filha nas aulas online da escola, pois ela teve muitas dificuldades em recomeçar nesta modalidade enquanto a turma estava no presencial.

Em dezembro me estabilizei emocionalmente, organizei os meus horários de estudo e quando iria recomeçar o capítulo três desta pesquisa, eu recebi uma das piores notícias da minha vida. No momento, estou com dificuldades de escrever, os meus olhos estão com lágrimas, pois lembrar desse dia ainda é muito doloroso. No dia 6 de abril, eu fui chamada na escola do Guilherme. A coordenadora pedagógica começou a descrever suas dificuldades de socialização e, na mesma hora, eu identifiquei traços do espectro autista. Como vivíamos só nós quatro, a única coisa que percebemos antes da reunião era que ele recentemente não respondia mais aos chamados pelo seu nome. Não irei entrar em detalhes para não atualizar as lembranças difíceis que se seguiram. Meu filho fora diagnosticado com autismo regressivo, nível três de suporte. O meu filho falava mamãe, papai, vovó, mama, ele dava tchau, batia palmas, mandava beijo e abraçava. Infelizmente, ele perdeu uma a uma todas as habilidades, mesmo com as terapias



intensivas, que conseguimos depois de muita luta com o plano de saúde em Ilhéus. Essa, sem dúvidas, foi a pior fase da minha vida. Vi meu filho regredindo sem poder fazer nada. O sentimento de impotência me corrói até hoje, ao ponto de não conseguir ver seus vídeos antes da bendita “poda neural”, responsável por todas as perdas. Diante dessa situação, a escrita da tese ficou parada, porque eu só conseguia chorar na frente do computador.

Após o diagnóstico do autismo, eu comecei um período de luto, que ainda está sendo superado. Mesmo assim, eu precisei recomeçar a minha relação com o meu filho, porque o Guilherme não era mais uma criança neurotípica, com o desenvolvimento esperado para sua idade. Desde as regressões, sua idade comportamental e intelectual corresponde a um bebê de oito meses. Eu precisei reconhecer o meu filho como atípico e a mim, como mãe atípica, que precisa recomeçar todos os dias a luta pelos seus direitos e a rotina intensiva de terapias, bem como ignorar o preconceito e os julgamentos constantes infligidos pela sociedade, em situações rotineiras, como uma simples fila de mercado, em um ônibus, em uma loja de material escolar, entre outras.

De fato, todas essas questões com o meu filho abalam o meu psicológico e muitas vezes inviabilizaram a continuação desta pesquisa. A fase de improdutividade acadêmica após o diagnóstico durou até o início de meu tratamento psicológico, em agosto de 2022, indicado por minha orientadora. No mês seguinte, eu recomecei a teoria de Henri Bergson, e o desafio de conseguir entendê-la foi fundamental para mudar o meu foco. Supreendentemente, eu encontrei alento quando compreendi que as mudanças são constantes, as memórias se atualizam, e a minha vida é um fluxo contínuo. Ao aplicar essas premissas na minha vida, eu encaro a situação do meu filho com mais esperança, porque assim como ele perdeu as habilidades, o seu quadro pode mudar com as terapias, as lembranças que me machucam hoje, certamente, serão resignificadas no futuro, e esta fase dolorosa e cansativa um dia vai passar. O capítulo três desta pesquisa foi o mais difícil de escrever, mas, ao mesmo tempo, foi mais prazeroso; por mais que tenha cometido um erro de interpretação, corrigido gentilmente pela professora Jô Gondar na qualificação, eu tenho orgulho do pouco que consegui abstrair da teoria de Henri Bergson.

O caminho até qualificação foi árduo, porque eu precisei me acostumar com a privação constante de sono, devido às madrugadas de serenata e pulos na cama do Guilherme. O sono dele é irregular até hoje, o que prejudica o seu desenvolvimento e a minha sanidade mental. Além disso, outra questão pessoal que precisei enfrentar foi a incerteza de retorno para o Rio de Janeiro, o que me angustiava demais, posto que existia a possibilidade do meu marido ser

transferido para Salvador. A confirmação do retorno para o Rio de Janeiro só saiu dias antes da qualificação, em março de 2023.

O sonhado retorno para o Rio de Janeiro, na verdade, desorganizou totalmente a minha rotina de estudos, porque foram necessários vários recomeços. Eu precisei recomeçar, no meio do ano letivo, a adaptação do Guilherme e da Maria Alice na escola, minha filha teve e ainda está com dificuldades de acompanhar a turma. Eu precisei recomeçar a minha luta com o plano de saúde, que me desestrutura emocionalmente a cada ligação, para conseguir as terapias do Guilherme. Mesmo após liminar concedida, ainda não conseguimos as terapias indicadas pela rede credenciada, e o plano não emite cartas de reembolso. Desde dezembro de 2023 começamos a pagar algumas terapias, caso contrário, não conseguiria retomar a escrita da tese. Eu precisei recomeçar no trabalho em novembro, depois de ficar afastada por quatro anos e seis meses, devido à licença do doutorado e gestante. Eu precisei recomeçar a rotina da vida, que ainda está sofrendo alterações, de acordo com as terapias do Guilherme. Eu precisei recomeçar mais uma vez a minha pesquisa, porque enfrentei um hiato de três meses após o meu retorno para o Rio de Janeiro.

Todos os recomeços vividos contribuíram para o atraso desta tese e, ao mesmo tempo, me concederam resiliência para conseguir apresentar esta versão. A trajetória não foi fácil, porque foi marcada por transformações pessoais, que afetaram também a pesquisa, interrompida e retomada por diversas vezes. Eu escrevo esse texto com a sensação de que poderia ter me aprofundado mais em algumas questões, contudo, eu aprendi nesta jornada que fazemos o possível. Assim como o incêndio do Museu Nacional proporcionou a oportunidade de vários recomeços a partir das cinzas, inclusive para SEMEAR, objeto desta pesquisa. Eu acredito que esta tese representa recomeços na minha vida pessoal e acadêmica.

## REFERÊNCIAS

- AHEARN, Laura M. Language and agency. **Annual Review Anthropology**, v. 30, p.109–137, 2001.
- ANDERSON, Ben. Affective atmosphere. **Emotion, space and society**, n. 2, p. 77-81, 2009.
- ASSMAN, Aleida. Armazenadores. *In*: ASSMAN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: EdUNICAMP, 2011. p. 367-435.
- AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer: palavras em ação**. Tradução e apresentação de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BABCOCK, Barbara. The story in the story: metanarration in folk narrative. *In*: Bauman, Richard. (org.). **Verbal art as performance**. New York: Waveland Press, 1977.
- BAMBERG, Michael. Positioning between structure and performance. **Journal of Narrative and Life Story**, v. 7, n. 4, p. 335-342, 1997.
- BAMBERG, Michael. **Stories: big or small. Why do we care?**. Narrative Inquiry, v. 16, n. 1, p. 139–147, 2006.
- BARROS, Manoel. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- BASTOS, Liliana Cabral. Contando estórias em contextos espontâneos: uma introdução aos estudos da narrativa. **Calidoscópico**, v. 3, n. 2, p. 74-81, 2005
- BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **Delta**, v. 31, p. 97-126, 2015. Edição especial.
- BAUMAN, Richard. “Darei mais detalhes agora, com certeza”: variação narrativa e alteração de contexto na contação de histórias tradicionais. *In*: RIBEIRO, Branca Telles; BASTOS, Liliana Cabral (org.). **Como e por que contamos histórias na vida social?: estudos interdisciplinares em análise da narrativa**. São Paulo: Parábola, [202?]. No prelo.
- BAUMAN, Thereza. Exposição reúne relíquias arqueológicas do Museu Nacional na Caixa Cultural Rio de Janeiro. [Entrevista cedida a]. **Museu Nacional**, Rio de Janeiro, set. 2019. Disponível em: [https://www.museunacional.uffj.br/destaques/santo\\_antonio.html](https://www.museunacional.uffj.br/destaques/santo_antonio.html). Acesso em: 30 ago. 2021.
- BERGSON, Henri. **A energia espiritual**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BERGSON, Henri. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. São Paulo: Edipro, 2020. *E-book*.
- BERGSON, Henri. **Evolução criadora**. São Paulo: Lebooks, 2022. *E-book*.
- BERGSON, Henri. **La pensée et le mouvant: essais et conférences**. Paris: Les Presses universitaires de France, 1969.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BERGSON, Henri. **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BESSA, Bráulio. Recomece. **Pensador**, 2018. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MjM2NjI3Nw/>. Acesso em: 28 fev. 2024.

BIAR, Liana de Andrade; ORTON, Naomi; BASTOS, Liliana Cabral. A pesquisa brasileira em análise de narrativa em tempos de “pós-verdade”. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, v. 21, n. 2, p. 231-251.

BRASIL. **Decreto nº 19.801, de 27 de março de 1931**. Dá novo regulamento no Museu Nacional. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1931. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19801-27-marco-1931-504017-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 11 mar. 2022.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 8.689, de 16 de janeiro de 1946**. Incorpora o Museu Nacional à Universidade do Brasil e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1946. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/De18689.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De18689.htm). Acesso em: 10 mar. 2022.

BRASIL. **Lei n.º 452, de 5 de julho de 1937**. Organiza a Universidade do Brasil. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1937. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-452-5-julho-1937-398060-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BRASIL. **Lei n.º 4.759, de 20 de agosto de 1965**. Dispõe sobre a denominação e qualificação das universidades e escolas técnicas federais. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1965. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4759-20-agosto-1965-368906-norma-pl.html>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BRASIL. **Regulamento nº 123, de 3 de fevereiro de 1842**. Dá ao Museu Nacional uma organização. Brasília, DF: Câmara dos Deputados. Coleção das Leis do Império, 1842. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/regula/1824-1899/regulamento-123-3-fevereiro-1842-560833-publicacaooriginal-84039-pe.html>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BURKE, Kenneth. Introduction: the five key terms of dramatism. In: BURKE, Kenneth. (org.). **A grammar of motives**. New York: Prentice Hall, 1945. p. xv – xviii.

CRUZ, Claudia Almada Gavina da.; BASTOS, Liliana Cabral. Histórias de uma obesa: a teoria dos posicionamentos e a (re)construção discursiva das identidades. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 15, n. 3, p. 367-384, set./dez. 2015.

DAMÁSIO, Antônio R. **The feeling of what happens**: body and emotion in the making of consciousness. New York: Harcourt Brace and Company, 1999.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. **A Casa do Imperador**: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional. 2007. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em:

<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss210.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2022.

DEULEZE, Gilles. **Bergsonismo**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

DEUS, Cássia Costa Rocha Daniel de. **O setor de energia eólica no Brasil**: mapeamento das tendências de pesquisa. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Disponível em:

[http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/867/1/cassia%20costa%20rocha\\_mestrado\\_2014.pdf](http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/867/1/cassia%20costa%20rocha_mestrado_2014.pdf). Acesso em: 20 jan. 2024.

DEUS, Cássia Costa R. D. de; PINTO, Diana de Souza. O projeto de reconfiguração da seção de memória e arquivo do Museu Nacional na perspectiva da informação e da memória.

**Informação e Informação**, Londrina, v. 26, n. 2, p. 1-25, abr./jun. 2021. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/informacao/>. Acesso em: 9 jul. 2021.

DEUS, Cássia Costa R. D. de; PINTO, Diana de Souza. Semeando entre as cinzas do Museu Nacional/UFRJ: memórias e narrativas sobre o Colheita. **Fórum Linguístico**, Santa Catarina, v. 20, n. 3, p. 9055-9070, jul./set. 2023. Disponível:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/86145/54437>. Acesso em: 10 out. 2023.

DIAS, Bianca; MING, Fernanda; HENRIQUE, Gabriela. O que se sabe sobre o incêndio do Museu Nacional. **Fala Universidades**. 5 set. Estevão2018. Disponível em:

<https://falauniversidades.com.br/incendio-do-museu-nacional-causa>. Acesso em: 10 jun. 2021.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?** São Paulo: Editora 34, 2021.

DOMINGUES, Mauro; SILVEIRA, Mariana Monteiro da; ELIAS, Aluf Alba V. **Relatório visita técnica ao Museu Nacional UFRJ**: acervo atingido pelo fogo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 17 abr. 2019.

DOMINGUES, Mauro; SILVEIRA, Mariana Monteiro da; ELIAS, Aluf Alba V. **Relatório visita técnica ao Museu Nacional UFRJ**: acervo fotográfico e equipamentos. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1 abr. 2019.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. O Museu Nacional: ciência e educação numa história institucional brasileira. **Horizonte Antropológico**, Porto Alegre, ano 25, n. 53, p. 359-384, jan./abr. 2019.

ERICKSON, Frederick. **Talk and social theory**. Cambridge: Polity, 2004.

FABIAN, Johannes. Colecionando pensamentos: sobre os atos de colecionar. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 59-73, abr. 2010.

FABRE, Daniel. Le patrimoine porte par l'émotion. *In*: FABRE, Daniel(org.). **Émotions patrimoniales**. Paris: MSH, 2013, p. 13-98.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Narrativização da experiência: o triunfo da ordem sobre o acaso. *In*: MAGALHÃES, Izabela; CORACINI, Maria José; GRIGOLETTO, Marisa. (org.). **Práticas identitárias: língua e discurso**. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 191-210.

FACHADA principal do Museu Nacional está restaurada. **Museu Nacional Vive**, Rio de Janeiro, 02 set. 2022. Disponível em: <https://museunacionalvive.org.br/fachada-principal-do-museu-nacional-esta-restaurada/>. Acesso em: 10 set. 2022.

FLANNERY, Mércia Regina de Santana. Reflexões sobre as abordagens linguísticas para o estudo da narrativa oral. **Letras de Hoje**, v. 46, n. 11, p. 112-119, 2011.

FRENKEL, Eliane Ezagui. **Famílias no Museu Nacional**. 2012. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: [www.museunacional.ufrj.br/semear/docs/Teses\\_dissertacoes\\_tcc/Dissertacao\\_FRENKEL.pdf](http://www.museunacional.ufrj.br/semear/docs/Teses_dissertacoes_tcc/Dissertacao_FRENKEL.pdf). Acesso em: 28 fev. 2022.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Apagar os rastros, recolher os restos. *In*: SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (org.). **Walter Benjamin: rastro, aura e história**. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. p. 27-38.

GLAPKA, Ewa. Critical affect studies: on applying discourse analysis in research on affect, body. **Discourse & Society**, v. 30, n. 6, p. 600-621, 2019.

GEE, Jean Paul. **An introduction to discourse analysis**. London: Routledge, 1999.

GEE, Jean Paul. **Social linguistics and literacies: ideology in discourses**. London/New York: Routledge, 1996.

GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Narrative. *In*: ZIENKOWSKI, Jan; ÖSTMAN, Jan-Ola.; VERSCHUEREN, Jef. (org.). **Discursive pragmatics: handbook of pragmatics highlights**. Amsterdã: John Benjamins, 1997. p. 190-207.

GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Thinking big with small stories in narrative and identity analysis. **Narrative Inquiry**, v. 16, n. 1, p. 122-130, 2006.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Doutrina das cores**. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

GOFFMAN, Erving. Footing. *In*: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

GOFFMAN, Erving. **Frame analysis: an essay on the organization of experience**. New York: Haper & Row, 1974.

GONDAR, Jô. Cinco Proposições sobre Memória Social. **Morpheus**, [Rio de Janeiro], v. 15, n. 9, p. 19-40, 2016. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/morpheus/article/view/5475/4929>. Acesso em: 15 jun. 2021.

GONDAR, Jô. Conversa com a professora Jô Gondar sobre Henri Bergson. **YouTube**. Programa de Pós-Graduação em Memória Social, 20 dez. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PKHxBgKmeI8&t=1640s>. Acesso em: 20 jan. 2022.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva e memória social. **Morpheus**, [Rio de Janeiro], v. 7, n. 13, 2008. Disponível em: <http://seer.unirio.br/morpheus/article/view/4815>. Acesso em: 21 jul. 2021.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre Memória Social. *In*: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (org.). **O que é memória social**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2005. p. 11-26.

GUERRA, Yara. Vik Muniz usa cinzas do Museu Nacional para reproduzir obras perdidas. **Casa Abril**, 2 dez. 2019. Disponível em: <https://casa.abril.com.br/arte/vik-muniz-usa-cinzas-do-museu-nacional-para-reproduzir-obras-perdidas>. Acesso em: 20 jan. 2024.

GUMPERZ, John J. Convenções de Contextualização. *In*: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. **The managed heart**: commercialization of human feeling. Berkeley: University of California Press, 1983.

KELLNER, A. W. A. Carta aberta aos presidentiáveis. **Museu Nacional**. Rio de Janeiro, 16 out. 2018. Disponível em: [https://museunacional.ufrj.br/destaques/carta\\_aberta.html](https://museunacional.ufrj.br/destaques/carta_aberta.html). Acesso em: 28 de out. 2021.

LABOV, Willian. A transformação da experiência em sintaxe narrativa. *In*: RIBEIRO, Branca Telles; BASTOS, Liliana Cabral (org.). **Como e por que contamos histórias na vida social?**: estudos interdisciplinares em análise da narrativa. São Paulo: Parábola, [202?]. No prelo.

LABOV, Willian. Some further steps in narrative analysis. **Journal of Narrative and Life History**, v. 7, p. 395-415, 1997.

LABOV, Willian. The isolation of contextual styles. *In*: LABOV, Willian. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, Willian. The transformation of experience in narrative syntax. *In*: LABOV, Willian. **Language in the inner city**: studies in the black english vernacular. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1979. p. 354-396.

LADEIRA, Wânia Terezinha. Teoria e métodos de pesquisa qualitativa em Sociolinguística Interacional. **Revista de Ciências Humanas**, v. 7, n. 1, p. 43-56, 2007.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LAWLER, Steph. Stories, Memories, Identities. *In*: LAWLER, Steph (org). **Identity: sociological perspectives**. Cambridge: Polity Press, 2014.

LE BRETON, David. **Antropologia das emoções**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

LINDE, Charlotte. Evaluation as linguistic structure and social practice. *In*: GUNNARSSON, Brett Louise; LINELL, Per; NORDBERG, Bengt (org.). **The construction of professional discourse**. London: Longman, 1997. p. 151-172.

LINDE, Charlotte. **Working in the past: narrative and institutional memory**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

MACIEL JÚNIOR, Auterives. **O todo aberto: duração e subjetividade em Henri Bergson**. Rio de Janeiro: Arquimedes, 2017.

MISHLER, Elliot G. A análise da narrativa em entrevistas. *In*: RIBEIRO, Branca Telles; BASTOS, Liliana Cabral (org.). Como e por que contamos histórias na vida social?: estudos interdisciplinares em análise da narrativa. São Paulo: Parábola, [202?]. No prelo.

MISHLER, Elliot G. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. *In*: LOPES, Luiz Paulo da Moita; BASTOS, Lilian Cabral (org.). **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado das letras, 2002. p. 97–119.

MISHLER, Elliot G. **Storylines: craftartists, narratives of identity**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1999.

MONTERASTELLI, Alessandra. Museu Nacional terá R\$ 90 milhões via Lei Rouanet e reabrirá as portas em 2026. **Folha de São Paulo**, 9 dez. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/12/museu-nacional-tera-r-90-milhoes-via-lei-rouanet-e-reabrira-as-portas-em-2026.shtml>. Acesso em: 20 jan. 2024.

MUNIZ, Mariana. Incêndio que destruiu o Museu Nacional não foi criminoso, conclui PF. **Veja**. 6 jul. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/incendio-que-destruiu-o-museu-nacional-nao-foi-criminoso-conclui-pf/>. Acesso em: 25 mar. 2022.

MÜNTEFERING, Michelle. Saudação: Ministra adjunta no Ministério Federal das Relações Externas da Alemanha. *In*: CARVALHO, Cláudia Rodrigues. **500 dias de Resgate: memória, coragem e imagem**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2021. (Série Livros Digital, 22). Disponível em: [https://www.museunacional.ufrj.br/destaques/docs/500\\_dias\\_resgate/livreto\\_500\\_dias\\_de\\_resgate.pdf](https://www.museunacional.ufrj.br/destaques/docs/500_dias_resgate/livreto_500_dias_de_resgate.pdf). Acesso em: 18 dez. 2021.

MUSEU NACIONAL (Brasil). SEÇÃO DE MEMÓRIA E ARQUIVO. **Objetivos**. Disponível em: <https://www.museunacional.ufrj.br/semear/objetivos.html>. Acesso em: 21 mar. 2022.

MUSEU NACIONAL (Brasil). **Organograma**. Disponível em: <https://www.museunacional.ufrj.br/dir/omuseu/organograma.html>. Acesso em: 20 mar. 2022.



MUSEU Nacional apresenta primeira exposição após incêndio. **Veja**, São Paulo, 16 jan. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/museu-nacional-apresenta-primeira-exposicao-apos-incendio/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

MUSEU NACIONAL VIVE. **Apresentação**. Rio de Janeiro: Museu Nacional Vive, [2020]. 1 imagem de satélite, color. Disponível em: <https://museunacionalvive.org.br/apresentacao/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

MUSEU NACIONAL VIVE. Presidente Lula e ministros vistoriam obras no museu nacional. **Museu Nacional Vive**, 24 mar. 2023. Disponível em: <https://museunacionalvive.org.br/presidente-lula-e-ministros-vistoriam-obras-no-museu-nacional/>. Acesso em: 20 jan. 2024.

MÚSICA das cinzas: Filme mostra instrumentos feitos com madeira que resistiu ao fogo no Museu Nacional. **G1**. 28 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/08/29/musica-das-cinzas-filme-mostra-instrumentos-feitos-com-madeira-que-resistiu-ao-fogo-no-museu-nacional.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2024.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p.7-28, dez. 1993.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação museológica e gestão de acervo**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 2014. (Coleção Estudos Museológicos, v. 2).

PINHEIRO, Thais M.; DEUS, Cássia C. R. D; PINTO, Diana de S. O incêndio do Museu Nacional nas narrativas das “mulheres do resgate”: desdobramentos e perspectivas. **Interthesis**. Florianópolis, v. 18, p. 01-20, jan./dez. 2021.

PINTO, Diana de Souza. Noções de contexto. **Memória e Linguagem**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 25 abr. 2019. 1 áudio (55 min.).

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, [s.l.], v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POSSEBON, Ennio Lamoglia. **A teoria das cores de Goethe hoje**. 2009. Tese (Doutorado em Design e Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: [https://teses.usp.br/index.php?option=com\\_jumi&fileid=17&Itemid=160&id=F7A3E2E6012F&lang=pt-br](https://teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=17&Itemid=160&id=F7A3E2E6012F&lang=pt-br). Acesso em: 10 set. 2022.

RAMPTON, Ben. **Interactional sociolinguistics**. Working papers in urban language e literacies, 2017.

RIBEIRO, Branca Telles; BASTOS, Liliana Cabral (org.). **Como e por que contamos histórias na vida social?: estudos interdisciplinares em análise da narrativa**. São Paulo: Parábola, [202?]. No prelo.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

RICOUER, Paul. Narrative time. **Critical Inquiry**, Chicago, v. 7, n. 11, p. 169-190, 1980.

RIESSMAN, Catherine. **Narrative analysis**. London: Sage, 1993.

RIESSMAN, Catherine. **Narrative methods for the human sciences**. New York: Sage, 2008.

ROLLEMBERG, Ana Tereza V. Machado. Entrevistas de pesquisa: oportunidades de coconstrução de significados. *In*: BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos (org.). **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Quartet: Rio de Janeiro, 2013. p. 37-48.

ROSSI, Paolo. Lembrar e esquecer. Tradução: Nilson Molin. *In*: ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. São Paulo: EdUNESP, 2010. p. 15-38.

SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. O Museu Nacional e seu papel na história das ciências e da saúde no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 12, p. 1-5, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/V5GfSxW89Nk66H4tLXxZr7N/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SAMPAIO, Jana. Incêndio gera protestos e tumultos na área do museu e no centro do Rio. **Veja**. 3 set. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/incendio-gera-protestos-e-tumultos-na-area-do-museu-e-no-centro-do-rio>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SANTOS, Maria José Veloso da Cosa; ESTEVÃO, Silvia Ninita de Moura. A preservação do acervo arquivístico do Museu Nacional e sua importância para a memória da instituição. *In*: OLIVEIRA, A. J. B. (org.). **A universidade e os múltiplos olhares de si mesma**. Rio de Janeiro: SiBI/UFRJ, 2007. p. 191-203.

SANTOS, Silvana; VENÂNCIO, Renato. Arquivos institucionais e memória da Universidade Federal de Minas Gerais: um estudo dos arquivos de arquitetura. *In*: NASCIMENTO, Adalson; MORENO, Andrea (org.). **Universidade, memória e patrimônio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015. p. 59-82.

SANTOS, William Soares dos. Análise de narrativa e entrevista na pesquisa qualitativa. *In*: BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos (org.). **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Quartet: Rio de Janeiro, 2013. p. 21-36.

SCHIFFRIN, Deborah. Como uma história diz o que significa e o que faz. *In*: RIBEIRO, Branca Telles; BASTOS, Liliana Cabral (org.). **Como e por que contamos histórias na vida social?**: estudos interdisciplinares em análise da narrativa. São Paulo: Parábola, [202?]. No prelo.

SEÇÃO DE MEMÓRIA E ARQUIVO DO MUSEU NACIONAL (Brasil). **Incêndio do Museu Nacional**. 1942, 1 fotografia. Coleção Iconográfica.

SILVA JÚNIOR, Jorge Dias da. **Recomendações para reconfiguração do acervo da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional após o incêndio**. 2019. Dissertação (Mestrado em Gestão de Documentos e Arquivos) - Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: [http://www.unirio.br/ppgarq/tccs/turma-2017/silva-junior-jorge-dias-da-recomendacoes-para-reconfiguracao-do-acervo-da-secao-de-memoria-e-arquivo-do-museu-nacional-apos-o-incendio/at\\_download/file](http://www.unirio.br/ppgarq/tccs/turma-2017/silva-junior-jorge-dias-da-recomendacoes-para-reconfiguracao-do-acervo-da-secao-de-memoria-e-arquivo-do-museu-nacional-apos-o-incendio/at_download/file). Acesso em: 20 mar. 2022.

SILVA JÚNIOR, Jorge Dias da; MOREIRA, Gustavo Alves Cardoso. **SEMEAR digital: acervo iconográfico**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, [2019].

SILVEIRA, Daniel. Incêndio que destruiu o Museu Nacional começou no ar-condicionado do auditório, diz laudo da PF. **G1 Rio**. 04 abr. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/07/06/incendio-que-destruiu-museu-nacional-comecou-em-aparelho-de-ar-condicionado-afirma-pf.ghtml>. Acesso em: 11 mar. 2022.

SOUZA FILHO, Maria das Graças Freitas. SEMEAR. *In*: SOUZA FILHO, Maria das Graças Freitas. **Apresentação interna do Museu Nacional**. Rio de Janeiro, 2018.

SUGIURA, Lisa; WILES, Rosemary; Pope, Catherine. Ethical challenges in online research: public/private perceptions. **Research Ethics**, v. 13, n. 3-4, p. 184-199, 2017.

SZTULWARK, Diego. **A ofensiva sensível: neoliberalismo, populismo e o reverso da política**. Tradução de Gabriel Bueno da Costa. São Paulo: Elefante, 2023.

TANEN, Deborah. “Oh, voz que fala, que é tão doce”: construindo diálogo na conversa. Tradução Diana Souza Pinto, Tâmara de Souza Campos, Branca Telles Ribeiro. *In*: RIBEIRO, Branca Telles; BASTOS, Liliana Cabral (org.). **Como e por que contamos histórias na vida social?: estudos interdisciplinares em análise da narrativa**. São Paulo: Parábola, [202?]. No prelo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (Brasil). **Museu Nacional Vive**. Disponível em: <https://ufrj.br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-e-acoes/museu-nacional-vive/>. Acesso em: 23 ago. 2021.

VIEIRA, Mariane Aparecida do Nascimento. Inventário das perdas de pesquisas discentes em Programas de Pós-Graduação do Museu Nacional. **Ventilando acervos**, Florianópolis, v. 1, p. 90-108, set. 2019. Edição especial. Disponível em: <https://ventilandoacervos.museus.gov.br/v-especial-n-1-set-2019/>. Acesso em: 23 ago. 2021.

VIEIRA, Mariane Aparecida do Nascimento. O fogo e o patrimônio: aproximações e distanciamentos entre os incêndios do Museu Nacional (Rio de Janeiro, Brasil) e a Catedral Notre - Dame (Paris, França). *In*: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 32., 2020, Rio de Janeiro. [Anais]. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.32rba.abant.org.br/arquivo/downloadpublic>. Acesso em: 13 jun. 2021.

WETHERELL, Margaret. **Affect and emotion: a new social science understanding**. London: Sage, 2012.

WETHERELL, Margaret. Feeling rules, atmospheres and affective practice: some reflections on the analysis of emotional episodes. *In*: MAXWELL, Claire; AGGLETON, Peter. **Privilege, agency and affect: understanding the production and effects of actions**. London: Palgrave Macmillan, 2013. p. 221-239.

WETHERELL, Margaret. Trends in the turn to affect: a social psychological critique. **Body e Society**, Michigan, v. 21, n. 2, p. 1- 28, dec. 2014.

WITKOWSKI, Rejane. A Sociolinguística e suas principais correntes de estudo. **Centro Universitário Leonardo da Vinci**, 24 nov. 2013. Disponível em: <https://publicacao.uniasselvi.com.br>. Acesso em: 20 jul. 2019,

WORMS, FRÉDÉRIC. A concepção bergsoniana do tempo. **Dois pontos**: revista dos departamentos de Filosofia da Universidade Federal do Paraná e da Universidade Federal de São Carlos, Paraná, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 129-149, [maio] 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/1922/1607>. Acesso em: 25 set. 2022.

WORMS, FRÉDÉRIC. **Bergson ou os dois sentidos da vida**. São Paulo: Editora Unifesp, 2010.

## APÊNDICE A - EXEMPLO DO MAPEAMENTO DE PESQUISADORES

**Quadro 3 - Mapeamento de pesquisadores**

<b>Nome do pesquisador</b>	<b>E-mail</b>	<b>Instituição</b>	<b>Assunto pesquisado na SEMEAR</b>	<b>Lattes</b>	<b>Data da pesquisa</b>	<b>Observações</b>
Katarina KXXXX	kxxx@evaklabin.org.br	Eva Klabin	Museu Nacional - Acervo de Paleobotânica	<a href="http://lattes.cnpq.br/04536689429763XX">http://lattes.cnpq.br/04536689429763XX</a>	25/01/2012	Lattes sem e-mail - localizei em artigo
Verona Campos XXXX	vXXXX@ufmg.br	Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes	Museu Nacional - Divulgação Científica	<a href="http://lattes.cnpq.br/99168438681999XX">http://lattes.cnpq.br/99168438681999XX</a>	07/01/2013	Lattes sem e-mail - localizei e em artigo
Silvia Barreiros XXXX	s_XXX@yahoo.com.br	Museu Nacional/UFRJ, Setor de Antropologia Biológica	Museu Nacional - Botocudos - 1870-1890	<a href="http://lattes.cnpq.br/5149701777708XX">http://lattes.cnpq.br/5149701777708XX</a>	08/03/2013	Lattes sem e-mail – localizei no site do MN
Rene Gomes	-	-	Museu Nacional - História das coleções	Muitas opções com o mesmo nome	05/01/2015	Não foi possível identificar o pesquisador

OBS: Esta planilha é apenas um recorte do mapeamento dos pesquisadores. O objetivo deste apêndice é demonstrar o modelo elaborado e as informações coletadas. Cabe esclarecer que o uso do X é para manter em sigilo a identidade dos pesquisadores.



## **APÊNDICE B – TEXTO DAS SOLICITAÇÕES DE DOAÇÕES PARA SEMEAR E DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA**

Prezado Pesquisador XXXX, boa tarde.

Em nome da equipe da Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR) do Museu Nacional, que nos lê em cópia, venho solicitar a sua colaboração com o processo de reconfiguração do acervo físico destruído pelo incêndio de dois de setembro de 2018. Caso ainda possua em formato digital os documentos utilizados em sua pesquisa, por favor, peço que nos envie por e-mail. Além disso, faço convite para que participe da pesquisa intitulada “Perfil dos pesquisadores da SEMEAR”, parte integrante da tese de doutorado em elaboração por Cássia C. R. D. de Deus (Bibliotecária da Universidade Federal do Rio de Janeiro), no curso de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, sob a orientação da Prof. Dra. Diana de Souza Pinto.

A pesquisa da tese tem o objetivo de contribuir diretamente com o processo de reconfiguração da SEMEAR à luz de reflexões acerca da Memória, bem como traçar os seus vínculos com as emoções afloradas com o incêndio e posteriores desdobramentos.

O link para responder o questionário é: <https://forms.gle/mBF6noxYJ4F2H3d69>

Tempo médio para respondê-lo: 5 minutos

Sua participação é essencial para a pesquisa!

Agradecemos sua colaboração.

Atenciosamente,

Cássia C. R. D. de Deus

Doutoranda do curso de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO/UFRJ

**APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO PERFIL DOS PESQUISADORES DA SEMEAR****1 Nome**

---

**2 Gênero**

( ) Feminino

( ) Masculino

**3 Faixa etária?**

( ) Até 18 anos.

( ) 19 a 24 anos.

( ) 25 a 34 anos.

( ) 35 a 44 anos.

( ) 45 a 54 anos.

( ) 55 a 64 anos.

( ) 65 ou mais.

**4 Escolaridade?**

( ) Ensino fundamental

( ) Ensino médio

( ) Ensino Superior

( ) Pós-graduação

**5 Qual o objetivo/motivo da consulta aos documentos doados?**

( ) Pesquisa pessoal

( ) Pesquisa para fins acadêmicos



- Pesquisa para fins profissionais
- Pesquisa para produção de material audiovisual
- Outro. Qual?

**6 Os documentos consultados na SEMEAR contribuíram para sua pesquisa?**

- Não contribuíram.
- Contribuíram parcialmente.
- Contribuíram.
- Contribuíram muito.
- Fundamentais para pesquisa.

**7 Quando consultou o acervo da SEMEAR, qual era o seu vínculo profissional/institucional com o Museu Nacional?**

- Nenhum.
- Estagiário.
- Estudante do curso de pós-graduação do Museu Nacional.
- Servidor.
- Colaborador externo em pesquisa científica.
- Terceirizado.
- Outro (Especificar: \_\_\_\_\_)

**8 Qual o seu vínculo profissional/institucional atual com o Museu Nacional?**

- Nenhum
- Estagiário (a)
- Estudante do curso de pós-graduação do Museu Nacional
- Servidor (a)

- Colaborador externo em pesquisa científica
- Terceirizado (a)
- Aposentado (a)
- Outro (Especificar: \_\_\_\_\_)

**9 Como tomou conhecimento sobre o incêndio do Museu Nacional?**

- Acompanhei ao vivo pela televisão
- Por notícia no rádio
- Redes Sociais
- Notícia em jornal impresso no dia seguinte
- Notícia em telejornal no dia seguinte
- Familiar ou amigo me alertou presencialmente
- Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**10 Gostaria de participar de uma entrevista de pesquisa online, de acordo com a sua disponibilidade?**

- Sim    Não

## APÊNDICE D – RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO

No total, 68 e-mails foram enviados com o questionário “Perfil dos pesquisadores da SEMEAR”, sendo 63 para pesquisadores mapeados e cinco para pesquisadores indicados pelo chefe da Seção, porque doaram documentos logo após o incêndio. Entretanto, apenas 19 pesquisadores responderam ao questionário, entre eles, 15 do mapeamento e 4 dos indicados. Após a primeira pergunta de identificação nominal, os participantes responderam à questão sobre o gênero, cujo resultado foi de 12 mulheres e sete homens. Os demais resultados serão apresentados em quadros, acompanhados das respectivas perguntas, a seguir:

### Qual faixa etária?

**Quadro 4 – Faixa etária dos pesquisadores do questionário**

<b>Intervalo de faixa etária</b>	<b>Total de pesquisadores</b>
18 a 24 anos	0
25 a 34 anos	7
35 a 44 anos	4
45 a 54 anos	2
55 a 64 anos	3
65 ou mais	3

Fonte: A autora (2024).

### Qual afiliação?

**Quadro 5 – Afiliação dos pesquisadores do questionário**

<b>Instituições</b>	<b>Total de pesquisadores</b>
Universidades públicas	14
Universidades privadas	2
Fundação Getúlio Vargas	1
Colégio Pedro II	1
Quiprocó filmes	1

Fonte: A autora (2024).

### Qual escolaridade?

A quarta pergunta do questionário, que trata sobre o nível de escolaridade dos pesquisadores, obteve 100% para a opção pós-graduação.

**Qual o objetivo/motivo da consulta aos documentos doados?**

**Quadro 6 – Objetivos da consulta aos documentos doados para SEMEAR**

<b>Objetivos</b>	<b>Total de pesquisadores</b>
Fins acadêmicos	17
Fins profissionais	1
Não respondeu	1

**Fonte:** A autora (2024).

**Os documentos consultados na SEMEAR contribuíram para sua pesquisa?**

**Quadro 7 – Contribuição dos documentos consultados.**

<b>Contribuição dos documentos consultados</b>	<b>Total de pesquisadores</b>
Fundamentais	9
Contribuíram muito	3
Contribuíram	4
Contribuíram parcialmente	2
Não contribuíram	0

**Fonte:** A autora (2024).

**Quando consultou o acervo da SEMEAR, qual era o seu vínculo profissional/institucional com o Museu Nacional?**

**Quadro 8 – Vinculação ao Museu Nacional na época da pesquisa**

<b>Vinculação ao MN quando consultaram o acervo</b>	<b>Total de pesquisadores</b>
Servidor	3
Estudante de pós-graduação UFRJ	4
Aluno de graduação UFRJ	1
Estagiário do MN	1
Colaborador externo	2
Nenhum	8

**Fonte:** A autora (2024).

**Qual o seu vínculo profissional/institucional atual com o Museu Nacional?**

**Quadro 9 – Vínculo atual dos pesquisadores do questionário**

<b>Vinculação</b>	<b>Total de pesquisadores</b>
Servidor do MN	3
Colaborador externo do MN	3
Aposentado do MN	1
Nenhum	12

**Fonte:** A autora (2024).

**Como tomou conhecimento sobre o incêndio do Museu Nacional?**

**Quadro 10 – Como os pesquisadores tomaram conhecimento sobre o incêndio**

<b>Meio que tomou conhecimento sobre o incêndio</b>	<b>Total de pesquisadores</b>
Televisão	12
Familiar ou amigo me alertou presencialmente	3
Redes sociais	1
Outros	3

**Fonte:** A autora (2024).

**Gostaria de participar de uma entrevista de pesquisa online, de acordo com a sua disponibilidade?**

**Quadro 11 – Participação dos pesquisadores em entrevista online**

<b>Participação em entrevista online</b>	<b>Total de pesquisadores</b>
Aceitaram	14
Recusaram	4
Não respondeu	1

**Fonte:** A autora (2024).

## **APÊNDICE E – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS SERVIDORES**

- 1 Qual foi a sua reação ao receber a notícia do incêndio?
  
- 2 Quando você lembra do incêndio hoje, quais emoções você sente?
  
- 3 Na sua perspectiva quais são os desdobramentos do incêndio para a SEMEAR?
  
- 4 Quais são os principais desafios para o processo de reestruturação da SEMEAR?
  
- 5 Como está o processo de reestruturação da SEMEAR hoje?
  
- 6 O acervo da SEMEAR deve contemplar a memória do período pós-incêndio? De que forma?
  
- 7 Em que medida o incêndio modificou o reconhecimento da SEMEAR?

## **APÊNDICE F – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS PESQUISADORES**

1 Qual foi a sua reação ao receber a notícia do incêndio?

2 Quando você lembra do incêndio hoje, quais emoções você sente?

3 O que te motivou a doar os documentos consultados para reconfiguração da SEMEAR?

(Em que medida as lembranças relativas ao incêndio contribuíram para a doação dos documentos? - Essa pergunta só será realizada caso o pesquisador não mencione o incêndio na resposta anterior)

## ANEXO A - CONVENÇÕES ADOTADAS NAS TRANSCRIÇÕES

Quadro 12 - Convenções de transcrição.

Símbolos	Significados
...	Pausa não medida
-	Parada súbita
=	Eloquções contíguas, enunciadas sem pausa entre elas
<u>Sublinhado</u>	Ênfase
<b>MAIÚSCULA</b>	Fala em voz alta ou com muita ênfase
<palavra>	Fala mais lenta
> palavra<	Fala mais rápida
:	Alongamentos
(( ))	Comentário do analista, descrição de atividade não verbal
<b>Hh</b>	Aspiração ou riso
↑	Subida de entonação
↓	Descida de entonação

Fonte: Adaptado de Bastos e Biar (2015).